

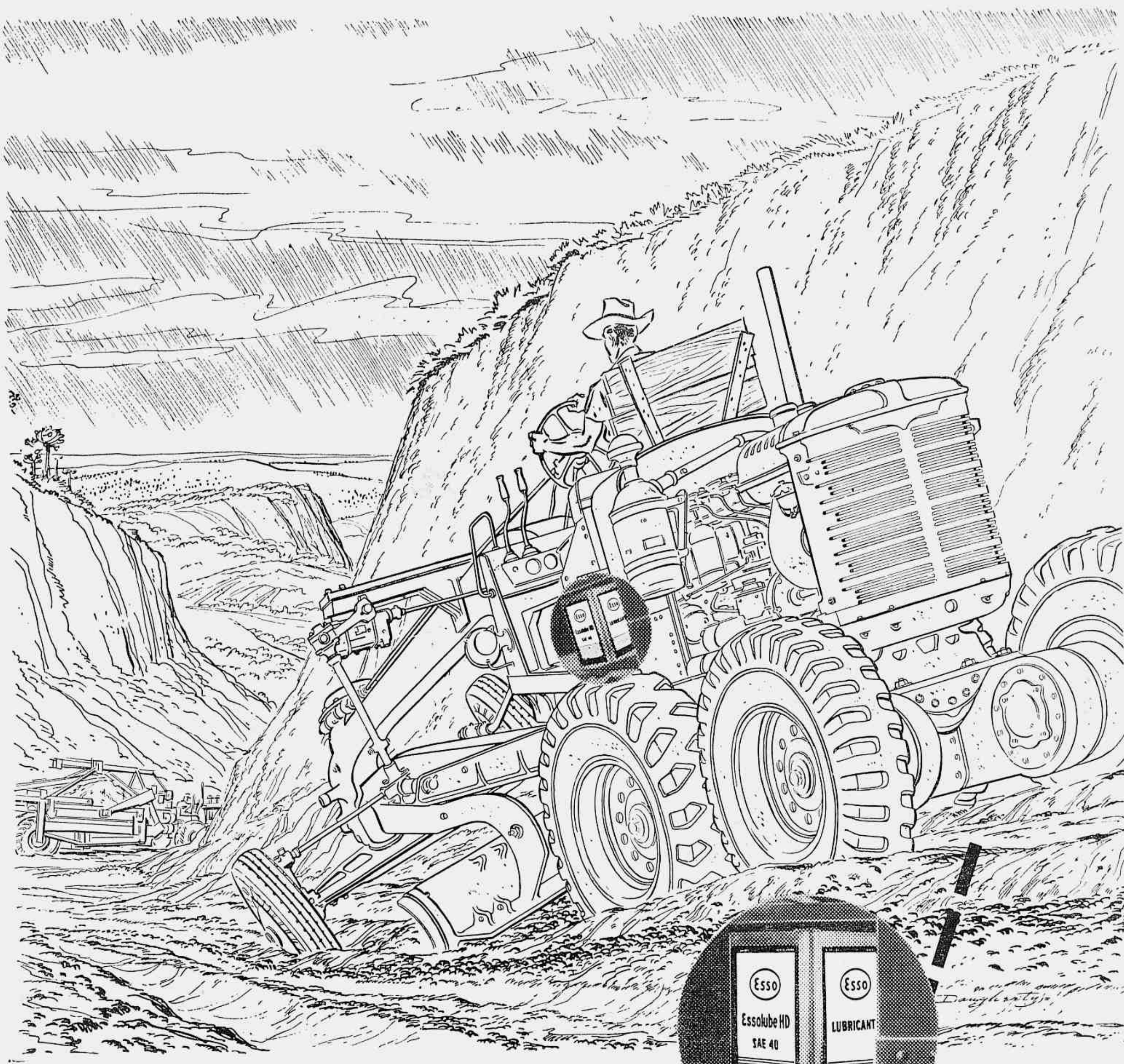
REVISTA DA SEMANA



N.º 15 — 9-4-49

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL





O Passageiro Sem Estação de Destino...

No lombo de todas estas máquinas que passam abrindo caminhos no Leste, no Oeste, no Norte ou no Sul, sente-se a presença de um passageiro que avança sem hora marcada, nem estação de destino: é o progresso do Brasil. Todas as máquinas são seus veículos: as que rompem montanhas e abrem estradas, as que reviram a terra e a semeiam, as que captam a força das cachoeiras e as que se movem nas fábricas ou nas rodovias. Para todas elas, é preciso petróleo, muitos produtos de petróleo. São esses produtos, aperfeiçoados em milhares de experiências ou obtidos após onerosas pesquisas, que a Organização Esso põe ao alcance de todos, onde quer que deles se precise.



Esso

*Esso a serviço
do Progresso*

★

**STANDARD
OIL COMPANY
OF BRAZIL**

A ILHA DO SONHO E DA ESPERANÇA

O grande navio pejado de gente vai transpondo a barra à luz do crepúsculo. Ele vem lá da Europa, com mil deslocados que a desgraça da guerra expulsou de seus lares para o hemisfério do sul.

Crianças coradas, com roupas de pobres, mulheres velhas que a Polônia perdeu para contar aos meninos as lendas locais, conversam com os homens de olhos azuis, olhando o crepúsculo, a beleza da terra, as montanhas pontudas a ocultar o sol, um poema de cores que a Natureza desenha inspirando os pintores à luz do arrebol.

O Brasil é bonito, uma flor na estufa, na calma divina de país tropical; mas para onde eles vão, apinhados no "deck", a fitar aturdidos a imensa baía, a serra dos Órgãos, arranha-céus da Avenida, as praias distantes, ornadas de prédios, de brancas areias, acenando-lhes paz? Que destino os aguarda em terras ignotas, onde outrora vibrava do índio o boré? Outrora era a guerra, com o ataque das flechas, os heróicos tamoiós do grande Aimbiré, repelindo da terra o estrangeiro atrevido que vinha de longe tomar-lhes de assalto o seu Pindorama, matar o pagé.

Mas agora o Brasil, generoso e culto, estende à Europa os braços cristãos num anseio de paz, de amizade e perdão, e recebe em seu seio, com sorrisos de festa, o próprio inimigo que lutou contra ele em Monte Castelo. Esquecer o passado e tratar do presente em favor do futuro é a maior lei de Deus. E assim este solo é refúgio aos que sofrem as torturas da guerra, as misérias da vida, que a sorte maldraza cruelmente lhes deu.

As velhinhas, mulheres, crianças e velhos, moços e homens vão para a ilha das Flores, ante-sala florida de uma vida melhor. E todos se acolhem a hospedarias modestas, mas limpas, decentes, onde sobram alimentos, onde podem fumar, tomar os seus banhos nas praias tranquilas e pescar os peixinhos como esporte inocente de gente que vem dar destino aos seus dias tão cheios de dor.

São centenas, milhares, de imigrantes da Europa, camponeses, pintores, mecânicos, tipógrafos, ferreiros, profissões honestas de que tanto precisa o Brasil lutador.

Nos primeiros instantes toda aquela babel de línguas diversas, parecia aumentar a incerteza da vida, aumentando a tristeza de um destino infeliz. Melancólicos, silentes, na penumbra da noite, os tangidos da Europa, das pátrias distantes, que o Atlântico separa, não têm idéia, não vêem mais nada senão a sorte adversa que os esmaga no exílio, sem clareiras à frente, os sonhos desfeitos, esperanças perdidas.

Mas no dia seguinte, ao clarão da alvorada, os pássaros cantando os hinos de glória que Deus ensinou, todo aquele que aflito indagava inquieto que seria da sorte em país tão bizarro, começava a gostar desta terra bendita, onde a paz se constrói sem matar inimigos, sem assassinios em massa, sem pavor e sem ódios, todo mundo cuidando de cumprir um programa, construindo com amor o futuro geral, para o bem do Brasil.

Tomando contacto com o ambiente florido, emigrantes sombrios já têm nos lábios um sorriso de fé. Seus filhinhos insontes já brincam na grama, já correm na praia, felizes, sadios, sem temer bombardeios, fuzilamentos, morticínios, ataques aéreos, matando crianças, destruindo cidades, mutilando ferozes populações indefesas em cidades abertas.

Na ilha das Flores se respira harmonia, saúde, alegria, para as vítimas da guerra; e depois de um estágio, quarentena suave, lá vão eles embora, ocupando um ofício, na lavoura ou na fábrica, conforme seus méritos e valor pessoal. Mas deixam na ilha um pouco do ser, sentindo saudades dos dias vividos entre banhos de mar, entre gente educada, entre guardas decentes, entre flores e pássaros da terra bendita, generosa e louça. E todos se lembram que o mundo de agora podia tomar essa ilha das Flores como exemplo de paz, de amor e perdão, construindo-se de vez uma pátria perfeita, um lugar abençoado, sem utópicos enganos, maior e mais belo que a república de Platão, os sonhos de Campanella, ou de Tomaz Morus. Uma terra feliz, onde todos se entendam, onde todos trabalhem, sem ódio, de guerra, sem choques políticos, sem matar para viver.

No pátio engramado crianças alacres parecem pardais discutindo onde vão colocar os seusinhos no próximo verão. E os velhos sorriem vendo os meninos de cabecinhas louras que o sol vai dourando de leve calor, como prêmios do céu. E no dia seguinte centenas se vão para ocupar ofícios que a terra lhes dá, e os que ficam na ilha aguardam tranquilos, confiantes e certos de que está perto o dia feliz de uma vida melhor que aquela da Europa que as ruínas da guerra deixaram para sempre.

Na ilha do Sonho, da Esperança e da Fé eles ficam saudosos pelos que lá se foram, e nas preces a Deus suas almas se unem, pedindo que a guerra jamais volte ao mundo, e os homens se entendam, se amem e protejam, numa vida feliz, de harmonia e progresso como esta que vivem neste imenso Brasil, hospitaleiro e fecundo.

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

A ilha do sonho e da esperança (Renato de Alencar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	38

REPORTAGENS

A decadência do Trampolim do Diabo (W. Guarnieri)	4/ 6
Os milagres da ciência humana (Harold Green)	16/17
Os monstros do tablado (Péricles Leal) ...	28/33

CARICATURA

O mundo manca e a mula murcha	7
Bom humor	11

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	51

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

BIOGRAFIA

A vida de Dalton	14
------------------------	----

NOVELA

Amar nunca foi crime	15
----------------------------	----

RÁDIO

Broadcast	18
-----------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
De Hollywood	20
Cocktail	21
Robes modernos	23
Cada cabeça	24
A uva como elemento útil à beleza feminina	25
As saias variam	34
Para os dias de festa	35
Blusas	36
Detalhes e novidades	36/37
Week-end na cozinha	37
Reuniões elegantes	39
Tardes de outono	40/41
Prático e elegante	43
Conversa de grã-finas (Maria Mercedes) ..	43

MÚSICA

Ballet da Juventude (Roberto Lyra Filho) ..	46
---	----

TEATRO

O Teatro Experimental do Negro (José Fomm)	48
--	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	49
--	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

CINEMA

Cine-revista (Leon Eliachar)	56/57
------------------------------------	-------

CONTOS

Nem uma flor (Hercília Lins)	22
Vingança (R. Paraíso Rocha)	42

ARTES PLÁSTICAS

.....	58
-------	----

ILUSTRADORES

Orlando Matos
Jerônimo Ribeiro
Renato Sousa

NOSSA CAPA

E' da formosa e talentosa artista Maureen O'Hara, "estrêla" da 20th Century-Fox, a foto que ilustra esta edição da REVISTA DA SEMANA



A DECADÊNCIA DO "TRAMPOLIM DO DIABO"

FALANDO A VILLORESI E ASCARI ★ UMA REPOR-
TAGEM QUE NÃO FOI FEITA ★ RESPOSTAS
ARRANCADAS A FERRO

De W. GUARNIERI para a REVISTA DA SEMANA

A prova automobilística denominada "Circuito da Gávea", que há alguns anos atrás despertava enorme interesse entre os aficionados desse esporte entre nós e aguçava a curiosidade, aliás plenamente justificada, de um grande público, chegando a atrair consideráveis multidões àquele local, as quais se organizavam em caravanas, realizando verdadeiros bivaques noturnos, às vésperas das corridas, para se situarem em boas condições de assistilas no dia seguinte — decorreu este ano praticamente num ambiente de desinteresse por parte dos amantes dos esportes de sensação, aqui no Rio.

As razões dessa atitude do público apreciador de espetáculos desse gênero têm sido explicadas de várias maneiras, inclusive pela evidente desvantagem em que, ultimamente, se vêm apresentando os volantes nacionais, pilotando carros na maioria com motores reconicionados. Outros fazem referência ao desinteresse das grandes fábricas produtoras de máquinas de corridas em promover a vinda de "ases" internacionais, como acontecia antes, no período de pré-guerra, em que esses industriais se esforçavam para conquistar as primeiras colocações para seus carros, o que constituía, sem dúvida, fator de boa publicidade para a organização comercial fabricante do carro vencedor do certame. Assim, inúmeros volantes de fama mundial eram convidados a participar das corridas na Gávea e, conforme os leitores devem estar lembrados, já aqui estiveram muitos cartazes do automobilismo, como o famoso Von Stuck, que teve como rival numa mesma corrida o não menos célebre Pintacuda; o italiano Nuvolari; a corredora francesa Helle Nice, e Aquilles Varzi, o "volante de mármore", morto recentemente num acidente automobilístico.

Terminada a guerra, com a indústria automobilística ainda em reinício de reconversão de sua maquinaria para a fabricação desses tipos de carro, e dada a extraordinária procura nos mercados mundiais — a maioria das grandes fábricas não se interessam mais por esse gênero de publicidade, mesmo porque dele não necessitam atualmente.

Para a disputa da corrida da Gávea de 1949, a vinda de automobilistas estrangeiros era considerada problemática. E não fora o interesse de conhecido capitalista brasileiro, que realizou grandes esforços para promover a inscrição dos volantes italianos Villoresi, Ascari e Farina, não se sabe o que teria acontecido.

A GÁVEA, LOCAL IMPROPRIO

Colhendo impressões sobre a realização das corridas deste ano, conseguimos apurar que muitos dos assistentes que ali se encontravam não se mostravam satisfeitos com

o espetáculo, considerando-o de pouca atração, e o local um tanto impróprio para que se pudesse bem apreciar o desenrolar da competição, citando, como exemplo, o fato de que o intervalo da passagem entre um carro e outro era de aproximadamente oito minutos, o que tornava evidentemente monótona tal exibição.

— A gente espera todo esse "tempão" p'ra ver, de repente, passar, como um foguete, um carro que nem se pode identificar... — comenta um desiludido. — Na minha opinião, as alamedas da Quinta da Boa Vista oferecem muito mais possibilidades para se assistir, em muito melhores condições, a espetáculos como estes.

REDUÇÃO DO NÚMERO DE VOLTAS

Um outro fator que despertou vivos comentários foi a decisão, quase de última hora, da comissão organizadora do Circuito, anunciando a redução do número de voltas na pista — de 25 para 15, apenas. Isso, aliás, se deve exclusivamente ao fato de que — conforme alegaram os membros da comissão — as companhias fornecedoras de combustível na praça do Rio não dispunham da quantidade suficiente da mistura utilizada pelos carros de corrida, o álcool etílico.

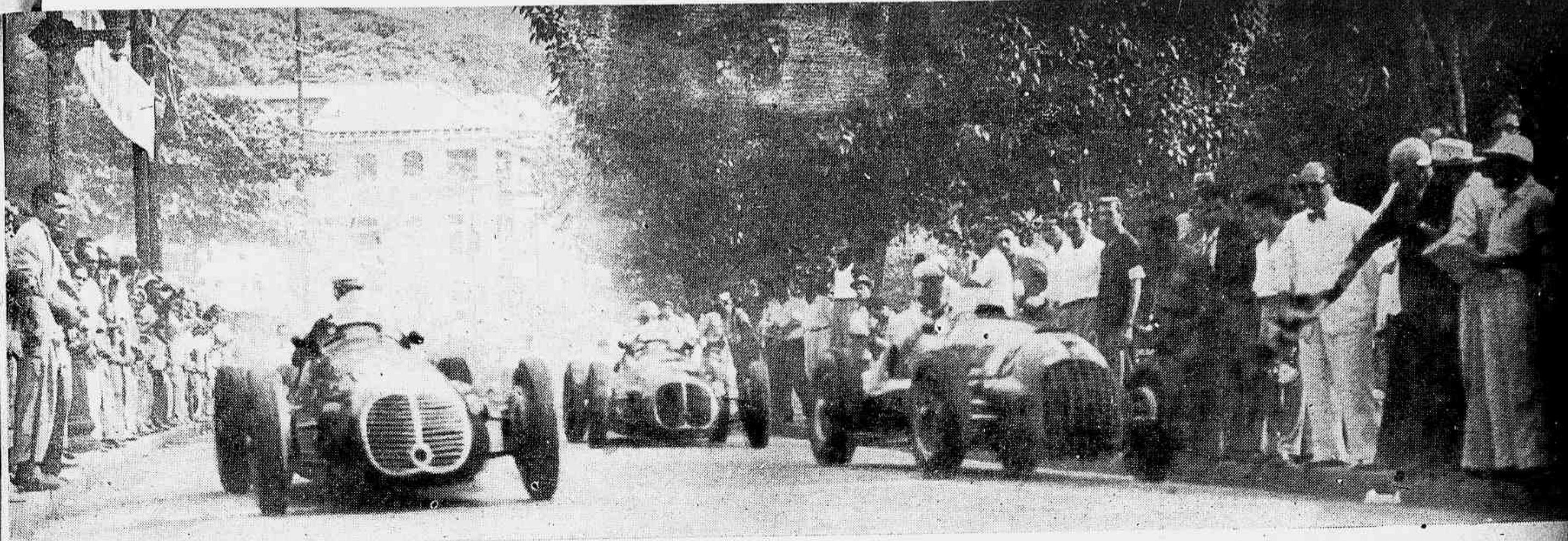
MESMO PERDENDO... 40.000 CRUZEIROS!

Segundo comentários colhidos pela reportagem nos meios automobilísticos, os volantes estrangeiros que participaram da Gávea foram magnificamente recompensados, ouvindo-se mesmo referências de pes-

Tazio Nuvolari, considerado por Luigi Villoresi como o melhor volante do mundo



Villoresi logo após a chegada, vem com a garganta seca, ansiando por um gole d'água geladinha...



O sinal de largada do Circuito, dado pelo Prefeito da Cidade

soas categorizadas, e por isso dignas de fé nas suas informações, de que o vencedor do Circuito, Farina e Ascari receberam em espécie, apenas para colocarem seus carros no ponto de partida, a bagatela de 40.000 cruzeiros!

A CORRIDA E O VENCEDOR

O desenrolar da corrida deste ano transcorreu monótono, sem lances de sensação, uma vez que, antes mesmo de iniciada, já se poderia prognosticar os prováveis vencedores, tal a superioridade com que se apresentaram os volantes italianos para a disputa da prova. O conhecido "ás" do automobilismo nacional, Francisco Landi, foi obrigado a desistir da corrida, devido a um acidente com seu carro, tendo o volante paulista, numa manobra infeliz, partido o "carter", de encontro ao trilho da linha de bondes, na rua Marquês de São Vicente.

Em primeiro lugar chegou o italiano Luigi Villoresi, cujo percurso integral foi feito em 1 hora, 27 m. 58 s. e 3 d., desenvolvendo velocidade horária de 82.800 metros, e executando a volta mais rápida em 7 minutos, 31 segundos e 5 décimos. Em segundo, o italiano Giuseppe Farina, em 1 hora, 57'39"5; em 3º, Francisco Marques,

em 2 horas, 03'; em 4º, Aluísio Fontenelle, em 2 horas, 04'46"; em 5º, Henrique Casini, em 2 horas, 03'17" (14 voltas).

O "record" da volta pertenceu ao volante italiano Ascari, que a realizou em 7 minutos, 21 segundos e 7 décimos.

ACIDENTE LAMENTÁVEL

Quando os volantes procuravam completar a nona volta do percurso, Ascari, que vinha liderando o bloco e levava vantagem de quase dois minutos sobre o segundo colocado — Villoresi — tentou passar a frente de Domingos Lopes, corredor patricio, forçando-o a se desviar em local extremamente acanhado da pista, nas imediações da Lagoinha, na curva do "S", no Portão Vermelho. Abalroando violentamente a traseira do carro de Domingos Lopes o volante Ascari mal teve tempo de se desvencilhar, pois sua "Maserati" descreveu um grande círculo, desgovernando-se completamente e projetando o seu condutor a distância. Socorrido a tempo pelo Serviço Médico de plantão, foi Ascari cercado dos maiores cuidados, constatando-se posteriormente fratura do omoplate esquerdo, além de inúmeras contusões fortes na região facial e globo ocular esquerdo, tudo entretanto sem maior gravidade.

PALESTRA COM O VENCEDOR

No dia seguinte, o repórter saiu à procura de Villoresi, para que lhe transmitisse impressões a respeito da corrida de que saíra vencedor. Telefonamos ao Copacabana Palace, onde se hospedara a caravana de volantes italianos. De lá nos informaram que Villoresi havia transferido a sua bagagem para a Casa de Saúde onde se encontrava hospitalizado o seu patricio Ascari, no Flamengo. Para lá rumamos. Apesar de se dizer que a equipe de corredores iria embarcar naquele dia, soube-mos, contudo, que o regresso havia sido adiado, em face da impossibilidade de Ascari se locomover. Subimos o elevador, e lá fomos encontrar, em quarto particular, no terceiro andar, os dois conhecidos volantes.

Ao repórter pareceu que a sua visita não era de todo muito agradável àquela hora, pois tanto Villoresi como Ascari se achavam fazendo a "sesta", ocupando os dois o mesmo quarto. Visivelmente contrariado por nos atender em tais circunstâncias, pois interromper um "dolce far niente" é sempre coisa muito incômoda, conseguimos, entretanto, depois de tentarmos um arremêdo de italiano "cassange",

do repertório comum aos moradores da rua Caetano Pinto, em São Paulo, nos fazer entender.

Villaresi levantou-se, estremunhado, esprenguçou-se de modo a nos fazer compreender a inconveniência da visita, e se dispôs a responder às perguntas, que leváramos engatilhadas.

Ascari solicitou então a colaboração de Villaresi para se erguer do leito, e se pôs sentado numa poltrona. Estava com o ombro esquerdo envolvido num aparelho de gesso, o olho direito com enorme hematoma, arroxado, aspecto não muito agradável, o mesmo acontecendo com a outra vista, que se achava coberta com esparadrapo.

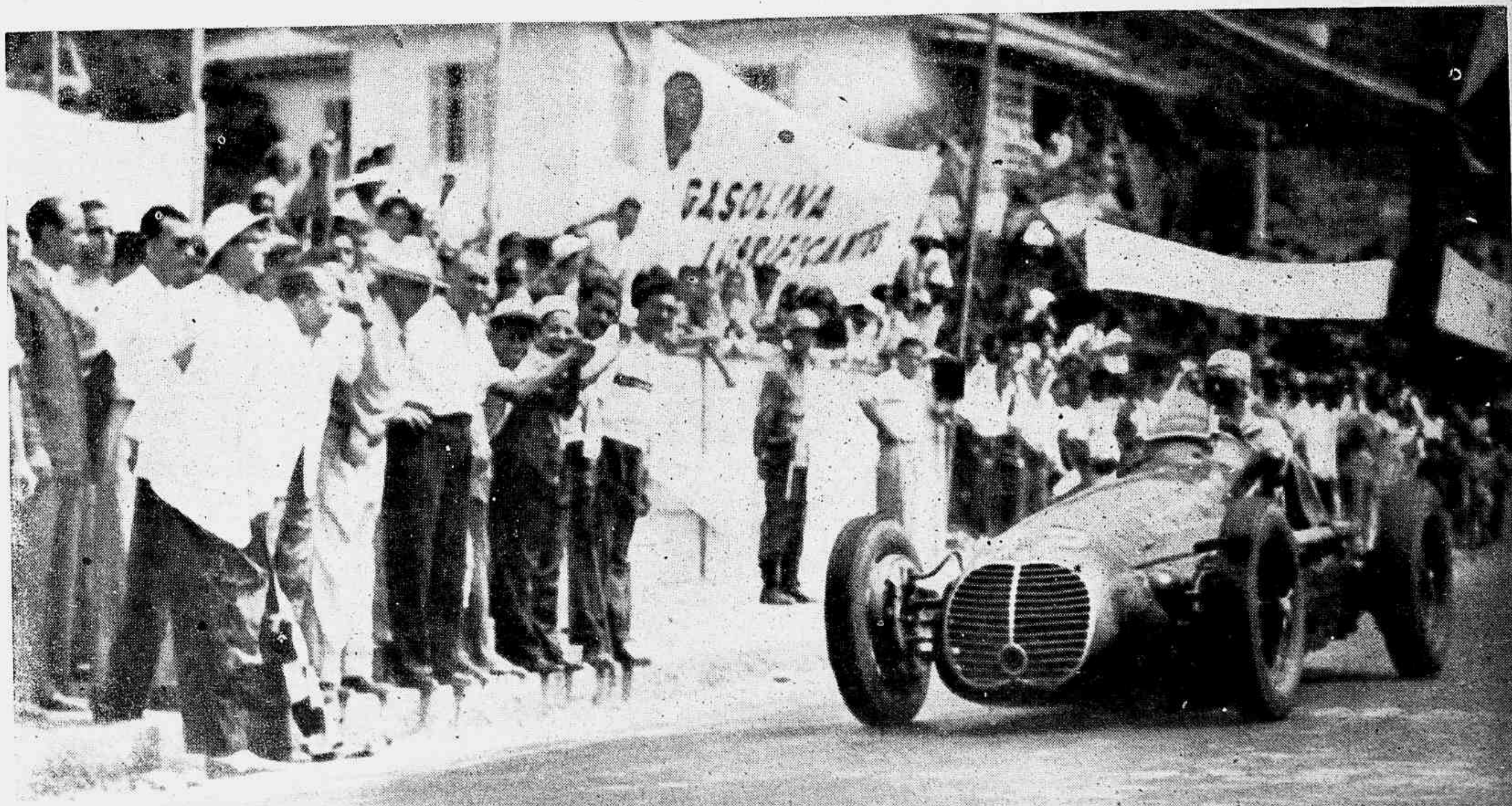
— Che mi dice della Gávea? — indagamos.

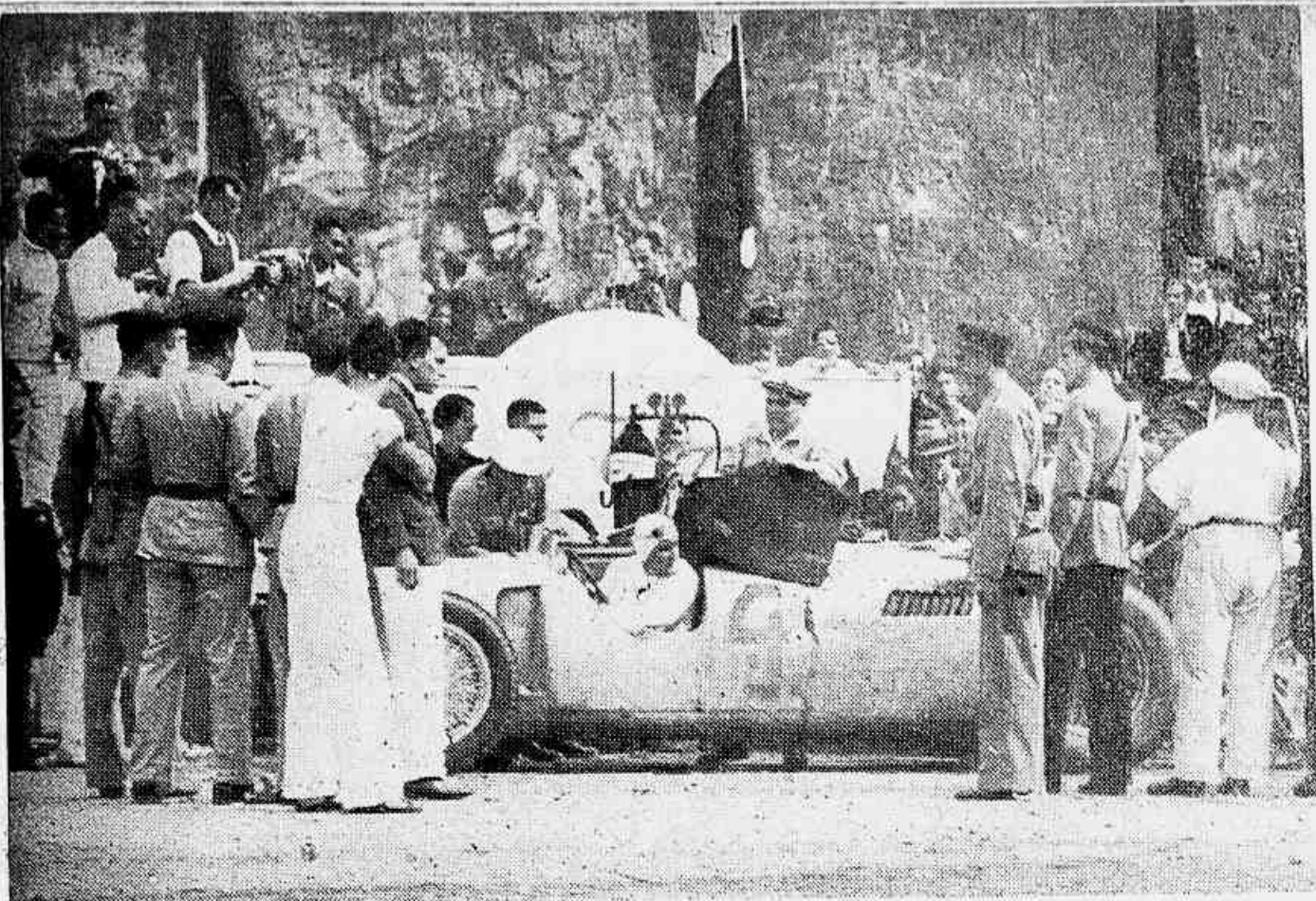
Villaresi sorri da nossa pronúncia e faz um gesto com os ombros, como quem diz: "Ora bolas! Que pergunta!". Mas o que respondeu foi coisa muito diferente...

— Si, si... molto difficile... da vincere.

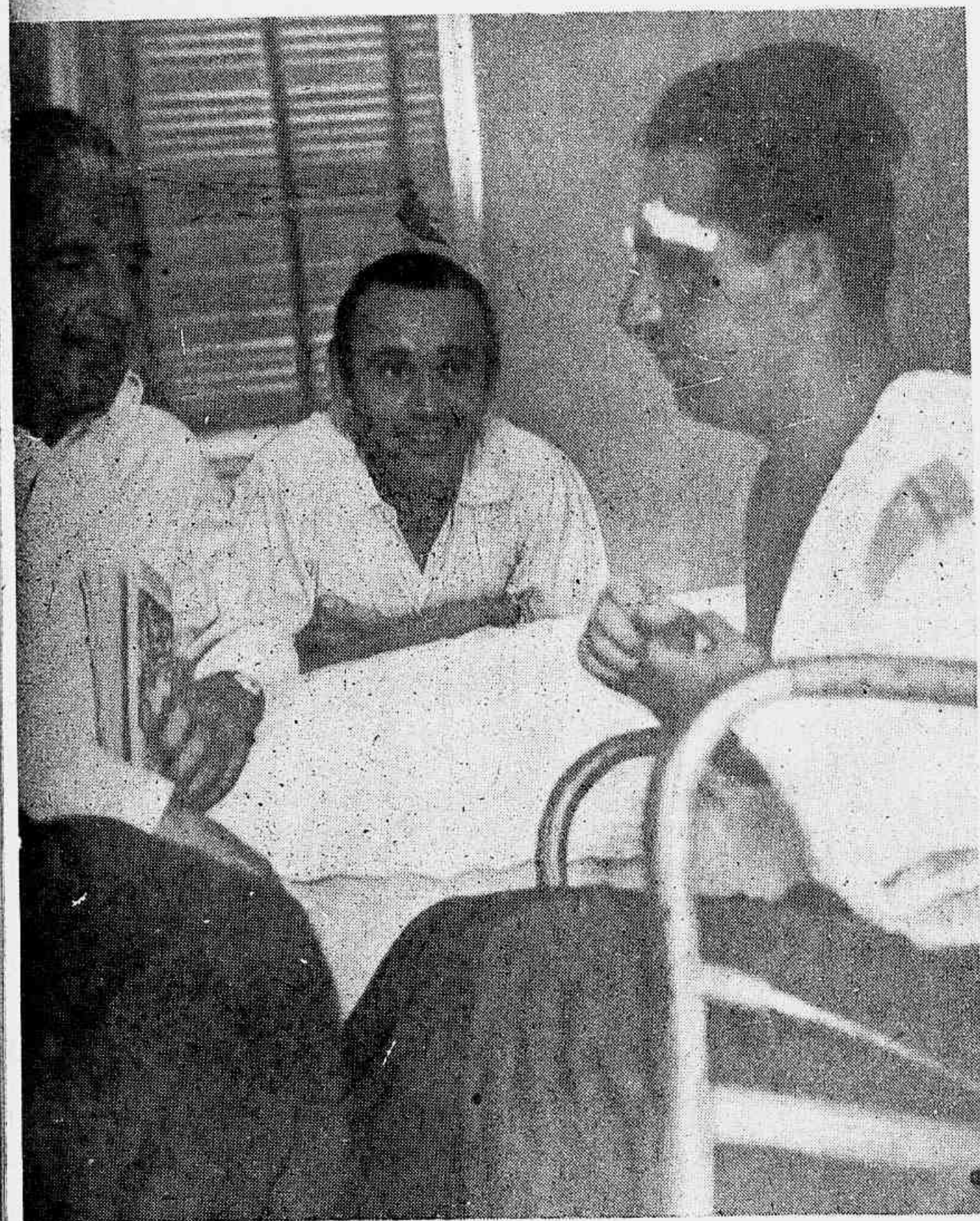
Apanhou o papel em que escrevêramos as perguntas, para que não houvesse demora, dada a escassez de tempo, e deu início às respostas, em meio as mais diversas expressões fisionômicas.

Villaresi ao transpor a meta de chegada, conquistando o prêmio de 50.000 cruzeiros sem contar com os 40.000 que já havia recebido para colocar o seu carro no ponto de partida...





Uma foto histórica da Gávea de antes da Guerra... O exato momento que Von Stuck perdeu para Pintacuda. O italiano fingiu que ia entrar no "box" e Von Stuck aproveitou a possível parada de seu adversário para mudar um pneu. Mas, Pintacuda prosseguiu, calmamente...



Villoresi, Francesco Gambi — motociclista e Ascari, no hospital onde o repórter foi entrevistá-los. Ascari fez questão de afirmar que "... Gávea non é la piú periculosa..."

No Automóvel Club: Sentados da esquerda para a direita — Filipini, jornalista italiano; Villoresi, Farina e Ascari



Da direita para a esquerda: — Francisco Landi, correndo com um carro recondicionado, foi obrigado a abandonar a prova devido a um acidente do motor. — Henrique Cassini, vencedor em 1948 do Grande Prêmio "Crônica Esportiva Carioca", chegou em 4.º lugar, depois de Aluizio Fontenelle. — Aquilino Varzi — o volante de mármore — um dos muitos ases de fama internacional que disputavam o "Circuito da Gávea"

A primeira pergunta, franziu os cenhos. Olhou o teto por um instante e escreveu: "Otto anni". Isso quer dizer que aos oito anos de idade Villoresi conduziu pela primeira vez um automóvel... Estranhamos a resposta e indagamos, curiosos.

— Oh! Oh!... Che ne so?... (Como vou saber?...) Io ero molto piccolo ancora, pilotavo un automobile di mio padre...

A pergunta seguinte era: "Qual a primeira corrida de que participou?"

As respostas somente eram anotadas por Villoresi à margem do papel que lhe entregáramos, depois de longa troca de informações e consultas com seu patrício Ascari, o que vem demonstrar a existência de uma amizade sólida unindo os dois conhecidos "ases" do volante, e que motivou, aliás, o adiamento de seu embarque para a Itália, em face da impossibilidade de Ascari se locomover no dia marcado para o regresso da equipe. Villoresi levantou-se, indo se debruçar na cama junto à cadeira de Ascari. O diálogo entre os dois o repórter não pôde anotar, mesmo porque falavam num dialeto difícil de se entender. Talvez o que se costuma usar nos arredores de Milão...

Depois de uma troca de consultas, Villoresi tornou a sentar-se, e anotou, rapidamente: "Non ricordo".

"Quanto desastres sofreu até hoje?" era a pergunta imediata.

— Uno, solo. Sulla pista di Ginevra, in Svizzera. Senza gravità.

— Qual o melhor volante do mundo, na sua opinião?

Nova troca de confidências entre os dois. Risos. (Tinham feito referência a um volante italiano, muito convencido — cujo nome o repórter não pôde anotar — e que até hoje não conseguiu vencer uma só carreira, apesar de ter participado de mais de 40 provas automobilísticas...) Depois, Villoresi coçou a cabeça com a ponta do lápis... Pensou por um instante, e em seguida escreveu qualquer coisa.

— Che avete scritto? — indagou curioso Ascari.

— Nuvolari — perché?

— Oh! — fez Ascari, num gesto de desgosto com a única mão que lhe sobrava por fora de todas aquelas ataduras. — A me non piace rispondere a questo (A mim não me agrada responder a essa pergunta...).

Villoresi deu um muchôco; encolheu os ombros e se dispôs a responder à pergunta seguinte:

— "A pista da Gávea é perigosa?"

Transmitiu a indagação em italiano para Ascari, riu e acrescentou: "A me non piace rispondere..."

Ascari pediu um cigarro. Oferecemos um dos nossos, que Villoresi acendeu e colocou na boca de seu patrício. Enquanto os dois se encontravam juntos, longe dos ouvidos do repórter, Ascari segredou-lhe qualquer coisa; todavia, conseguimos entender o finalzinho...

— "...la Gávea non é la piú periculosa. Poteva dire qui é molto difficile, má non periculosa..."

E foi o que o vencedor da corrida deste ano escreveu.

A pergunta "Qual o melhor volante brasileiro?" foi respondida pelos dois, a um só tempo:

— Francisco Landi.

— "Onde encontrou maior entusiasmo por esse esporte?"

Nova discussão entre os dois. Desta vez chegaram logo a um resultado

— Senza dubbio, in Argentina.

E depois explicaram que em Buenos Aires, no "Bosque de Palermo", e também em "Mar del Plata" e no "Parque Independência", em Rosário, a afilência é considerável por ocasião dessas competições. "Na minha opinião desperta entre o povo argentino muito maior interesse que o futebol" — acrescentou Villoresi.

Ascari, contudo, fez questão de dizer que na Espanha, também, o entusiasmo é grande. De toda a Europa, talvez seja o país onde se encontra o maior número de fanáticos dessas competições.

Voltou a examinar o papel.

— "Qual a velocidade máxima que pode atingir seu carro?"

Ascari, ouvindo a pergunta, juntou, em tom de blague: "A la velocità del suono..." (A velocidade do som...) E riu.

— 260 chilometri... — foi a resposta de Villoresi.

— "Em que pista é possível desenvolver tal velocidade?"

Aí o debate foi mais vivo. Ascari, ao que parece, não concordou com seu amigo.

— Che cosa!... Má... Luigi... Non... Non...

— Solamente a Reims, in Francia — escreveu Villoresi.

— De todas as pistas do mundo, somente em Reims é possível desenvolver-se a velocidade de 260 quilômetros por hora? — indagamos.

E foi Ascari quem protestou:

— No! No! A Tripoli, nella pista de "Comings"..."

Mas Villoresi não concordou.

— "De quantas corridas já participou?"

Villoresi tornou a coçar a cabeça com o lápis. Interrogou seu companheiro. Tentou iniciar a contagem pelos dedos, depois desistiu. E começaram os dois, juntos, dando ao repórter a impressão exata da reprodução daquele joguinho conhecido, que os jornalistas costumam praticar, de madrugada, enquanto esperam a distribuição das folhas:

— Due! Tré! Cinque! Dieci! Ventí!

— Ih! Tante e tante... — reclamou Villoresi.

Fez um gesto vago com a mão e disse que não se lembrava mais...

— "E quantas venceu?"

O joguinho foi reiniciado. Depois de uns três minutos, a resposta veio:

— 28 (!)

A última pergunta, então, provocou uma celeuma tremenda, da qual também participou o vencedor da prova de corridas de motocicletas — Francesco Gambi — que naquele momento acabava de chegar.

— "Qual a melhor marca de carro de corrida?"

— Non se poteva dire asi.

— Má... Luigi!... Ché...

— Si... si...

O repórter assistiu calmamente a toda aquela balbúrdia. Depois de alguns minutos de acalorado debate, os interlocutores não chegaram a nenhum acórdão possível, deixando, por isso, de ser respondida a última indagação... Nenhum deles queria dar palpites.

Estava encerrada a entrevista. Despedimo-nos não muito satisfeitos com a acolhida, mesmo porque Villoresi devolvera-nos o papel já recostado no leito, como a querer demonstrar, mais uma vez, a inconveniência de nossa presença por mais

(Continua na pág. 58)



CONSELHOS de II PAI INCÓGNITO



DIVIDAMOS O BRASIL

Brasileiros! Do alto de minhas imunidades aristocráticas, eu proclamo ter chegado a hora «agá» de cada um levar sua casquinha. Os mais autorizados brasileiros estudantes ou não de geografia e de História Fiada, já decidiram redividir o território nacional em maior número de fatias, de maneira que todos fiquem satisfeitos. Eu, conde de Salamaleques, tendo vergonha do passado, descon-

fiança do presente e dúvidas do futuro, proclamo adesão irrestrita ao retalhamento do território brasileiro, contanto que caiba ao meu nome honrado a talhada do meio, conforme o Tratado de Tordesilhas.

Haverá novos Estados. Desde já exijo um dos maiores e férteis para mim, que fui herdeiro dos primeiros donatários destas terras sem dono. Um Estado dos Salamaleques, um aqui para o meu amigo, barão do Buteço, outro para Israel, um Estado interessante e o Estado em que fique.

Qualquer indivíduo que retalhe o país sem obedecer a estes ditames de minha consciência limpa, será considerado traidor e deverá ficar permanentemente em Estado de Vigília, e toda a nação em Estado de Alarma.

Meus amigos e filhos diletos! Está na hora de avançar. Aquêlê que estiver disposto a sair do Estado de Sítio, é só acompanhar-me nessa cruzada de redenção nacional. Até que enfim, vamos descobrir o Brasil, saindo, de uma vez, do Estado de Miséria.

Conde de Salamaleques

ESPECIME RARO

Nas suas longas e atentas excursões pelos mais alastados recantos do mundo e de Jacarepaguá, o nosso desinteressado e apolítico diretor, sr conde de Salamaleques, capturou, depois de quarenta dias e quarenta noites de chuva intensa, êste espécime raro nas rochas nevadas do Gaurizancar, em pleno coração do Tibet.

Depois de aprofundados estudos, ainda não chegou, com sua equipe de sábios, se se trata de gente com um pé, ou se é mesmo um pé de gente.

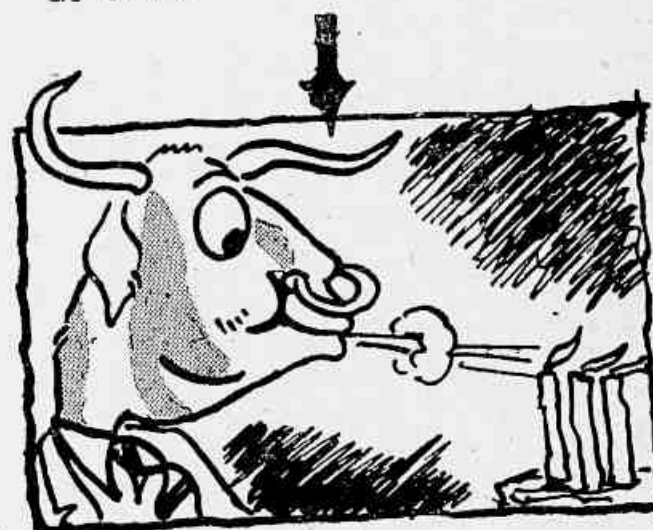


SUEIAIS



Queda — Depois de muitos anos de equilíbrio na corda bamba da inflação, novo número do circo econômico do país, falseou o pé e caiu de grande altura o sr. Cacau, natural de Ilhéus.

Aniversário — Transcorreu há poucos dias mais um aniversário natalício do Zebu, que já gozou de grande influência nos meios oficiais e políticos, sociais e financeiros do Brasil. Como hoje é o leite em pó que está por cima da carne seca, o Zebu, com toda a sua decadente família, passou a coisa do passado, e está entregue ao diabo.



Duelo — Deverá realizar-se, dentro de poucos dias, violento duelo a motor, entre Chico Landi e Villaresi, da raça de Pintacuda, para ver quem morre primeiro. Se Deus ajudar o Landi, o motor dele falhará e tudo acabará bem. (Última hora: justamente.)



Genoveva (Pádua) — Patriotismo é o sagrado sentimento de amor e sacrifício pela Pátria, pela qual morremos de fome, de sede, na guerra e na paz. É coisa bonita e dignificante; mas, aqui para nós que ninguém nos ouve, às vezes é espêto e o melhor é a gente bater palmas nas comemorações cívicas e deixar que os mais aloitos peguem o touro a unha.

Grã-fina (Rio) — Aquêlê banquete com uma mesa em forma de zê, é um horrível solecismo gráfico, achincalhe à pureza da língua. Mesa não tem nenhum z, pois vem do latim mensa, em-

bora imensa não queira dizer na mesa.

Bela (Três Rios) — O «bolo milagroso» se faz assim: um quilo de farinha de trigo, meio de açúcar, uma colher de cal virgem, cem gramas de roxo-terra, três folhas de fumo verde, cento e cinquenta gramas de sabão. Mistura-se tudo em água-raz e um copo de gasolina. Bate-se até ficar homogêneo e se leva ao fogo lento. Serve-se em dia de Finados, e se alguém escapar com vida e mesmo o legítimo «bolo milagroso».

Barão do Buteço



Quase meio século depois de descoberto, continuava ainda o Brasil na mesma situação de abandono em que o deixaram os seus descobridores.

A idéia da divisão de seu imenso território ainda enfaixado no tratado de Tordesilhas, sob o regime de Capitania hereditárias, não dera certo. O sistema fora bom para outras possessões portuguesas, menores e mais próximas à sede da coroa; mas redundara em trágico fracasso aqui no Brasil. Somente uma prosperou: a de Pernambuco, mas, assim mesmo mui relativamente. Em face do desastre, D. João III, ouvindo os Conselheiros da Corte, despachou para o Brasil o Primeiro Governador Geral, com poderes ilimitados. O escolhido fora Tomé de Souza, que deixou Portugal a 2 de fevereiro de 1549, chefiando uma frota de seis náus, trazendo cerca de mil pessoas, dentre colonos, degredados, alguns fidalgos, seis jesuítas, gente de administração e soldados.

Velejaram 56 dias, até que aportaram à amplíssima e acolhedora Bahia de Todos os Santos a 29 de março do mesmo ano. A frota foi recebida entre alegrias de índios domesticados e daquele lendário Diogo Correia, o "Caramuru". No mesmo dia, Tomé de Souza iniciou a fundação da cidade, a capital da colônia portuguesa na América do sul.

Dentre os jesuítas que trouxe para a catequese dos selvagens e disciplina moral e espiritual dos povoadores, vinha o célebre padre Manoel da Nobrega, apóstolo do Brasil, figura que avulta em nos-



Tomé de Souza, fundador da cidade do Salvador

sa História pela dedicação e zelo ao serviço da civilização da nova terra a conquistar. Coube-lhe a ereção da primeira igreja e a criação de uma escola.

Tomé de Souza fundou a nova cidade e lhe deu o nome de S. Salvador, hoje Cidade do Salvador, a bela capital do Estado da Bahia, a terceira do país em população, comércio e riqueza.

Quando o Governo daquele Estado celebra de maneira deslumbrante a passagem do quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador, o nome de Tomé de Souza, homem de pról, enérgico, mas tolerante; com poderes absolutistas, mas democrático, deve merecer as honras de uma homenagem nesta coluna das "Personagens da Semana", como o vulto histórico mais comentado da semana que passou.

Tomé de Souza só se manteve no governo geral do Brasil durante quatro anos, havendo regressado a Portugal em 1553, tendo deixado na Bahia e noutros pontos da nova colônia que visitara, os mais sinceros amigos e admiradores de sua capacidade de trabalho, sua cordura no tratar, sua visão de governante.

a SEMANA EM REVISTA

O FAROL DE COLOMBO

Não sabemos se ainda se encontra nesta capital o cardeal primaz de S. Domingos, d. Ricardo Pettini, que está em excursão por todos os países latino-americanos, movimentando a campanha para a ereção do Farol de Colombo, exatamente no local em que o famoso navegador pôs o pé nesta parte do mundo então ainda ignorada de todos. O cardeal Pettini luta por esse ideal há onze anos, sem desfalecimento, com aquela mesma fé que fez Colombo aportar à América Central, descobrindo o Novo Mundo. Esse farol, segundo a descrição do cardeal de S. Domingos, terá setenta metros de altura e sua iluminação apresentará-se como uma grande cruz iluminada, como um símbolo de fé cristã de todos os povos deste hemisfério. Ao pé do monumento de fraternidade dos povos latino-americanos serão depositados os restos mortais do navegador, descansando os mesmos em punhados de terra vindos de cada uma das nações americanas. Como vemos, é emocionante e digna de aplausos a idéia que teve o fervoroso prelado, devendo os governos americanos acolhê-la e dar-lhe expressão. Sem dúvida, precisamos de um farol, uma luz que nos guie e ilumine nas noites densas das tempestades que rolam sobre os povos. E nenhuma luz é mais bela e acolhedora do que essa que se projetará dos vinte e um focos, formando a imensa cruz do Farol de Colombo. Para navegantes que passarem de largo, ou para os que tomarem porto, estará sempre presente a imagem imortal do célebre genovês, do homem corajoso que arrostou os maiores perigos, inclusive revoltas da tripulação, mas que chegou ao fim glorioso de sua jornada em busca do ignoto. Que se erga o seu farol! O nosso farol, o farol dos americanos.



UM EXEMPLO A SEGUIR

Estado de S. Paulo, tem São Joaquim da Barra, um juiz de Menores, dr. José Cardoso Filho, que não se limita a ler as leis. Vai mais adiante e procura executá-las. Não basta legislar; é indispensável cumprir o que está nos códigos e nos decretos. Por isso, o juiz de Menores daquela cidade paulista, baseando-se nos artigos 28 e 128 do decreto 17.943 de 1927, e considerando várias disposições relativas à vida social dos menores, tornou obrigatória a matrícula nos cursos de educação de adultos aos maiores de 14 e menores de 18 anos, cominando penas de acordo com a lei das contravenções penais a todo aquele que infringisse a letra do decreto. Com a portaria que esse juiz mandou divulgar, especialmente os senhores chefes de família ficarão sabendo, de agora em diante, que não podem, nem devem, permitir que seus filhos em idade escolar, e nos moldes do decreto, vivam a perambular pelas ruas da cidade, sem nada fazer, de coisa alguma se ocupando, numa vadiagem criminosa, cheia de ociosidade que são péssimas conselheiras. Caso o juiz de Menores de S. Joaquim da Barra surpreenda algum menino naquelas idades a pilantrar sem rumo e sem ofício, será ele detido e considerado como se se tratasse de menor abandonado e vadio, e seus pais ou responsáveis processados como sujeitos à perda do pátrio poder. Aí está uma providência digna de todos os aplausos. Quem conhece o interior do País sabe como campeia, sem freios, a indolência, a vadiagem, de centenas e centenas de meninos de 12 a 15 anos, a viver encostados aos balcões, enchendo as plataformas das estações de estrada de ferro, pelos bilhares, sem fazer nada. Que outros juizes de Menores imitem o de S. Joaquim da Barra.



BRIGAS DE GALO

A "Real Sociedade de Prevenção de Crueldade Contra os Animais" enviou ao Parlamento inglês um projeto de lei tendo por fim acabar com o esporte das brigas de galo em todo o território da Inglaterra. Os membros dessa Sociedade estão alarmados com a imensa proliferação que se alastra por toda a Inglaterra, especialmente na região do norte, de aficionados nesse antigo esporte. Depois da última guerra, aumentou sensivelmente o número de pessoas que vão às rinhãs apreciar, torcer e apostar em seus galos favoritos. Há discussões, há até brigas de gente por causa dos galos. Segundo atesta a Real Sociedade acima citada, não se ocupam disso apenas as pessoas do povo, gente modesta operários, camponeses, empregados do comércio. Há muita gente da mais alta sociedade, da mais fina aristocracia, entusiasta do triste e cruel esporte. Por esse motivo, a "lista negra" dos amantes da pacificação entre os galos, em que estão registrados esses despotas, é muito grande, e isso dificulta uma ação mais rápida. Seja como for, os dirigentes e sócios da Sociedade estão dispostos a conseguir uma lei proibitiva, e que comine penas a infratores. Só assim os poleiros poderão ficar em paz e as senhoras galinhas mais tranquilas com a sorte dos esposos e dos filhos. O assunto teve repercussão no Brasil, onde os afeiçoados ao duelo de morte entre galos é enorme. Nas cidades do interior há movimento de apostas bastante vultoso, e um galo de briga vale muito dinheiro. Mas, se nos permitem uma sugestão, não seria preferível que, antes de proibir as brigas de galos, procurássemos acabar com as brigas entre a própria humanidade?



O DOTE DAS PRINCESAS

Prossegue com muita intensidade o trabalho de organização da próxima "Mi-careme", que representa uma espécie de vice-carnaval. Não é, nunca foi uma festa popular com a generalizada alegria que se nota no tríduo de Momo; porém, é também tradicional nos costumes do Rio e de algumas outras grandes cidades daqui e do estrangeiro, e merece louvores o governo que procura restaurá-la com as pompas e alegorias de outrora. Este ano sucedeu uma particularidade que está ecoando mui simpaticamente entre o povo, os meios oficiais, o comércio, empregados e empregadores. Como é natural, muitas jovens deixam de candidatar-se à eleição da Rainha e das Doze Princesas da "Mi-careme" pelo fato de não poderem fazer face às despesas com a "toilette" para o baile de coroação e outras coisas. Diante desse fato, um grupo de comerciantes amigos da cidade pediu e obteve consentimento do Prefeito para oferecer à comissão organizadora dessa grande festa a importância de vinte e quatro mil cruzeiros, ou sejam dois mil a cada uma das eleitas, para o séquito da soberana. Excelente e sábia solução a que teve o comércio desta capital, suprimindo dificuldades financeiras a quem é milionária de beleza física. Essas eleições, além de movimentar o comércio, injetando-lhe vida e graça, têm a vantagem de ir mostrando ao povo a eugenia de nossa raça, os nossos tipos de beleza feminina, contribuindo poderosamente para os progressos de nossa civilização. Além do mais, é muito justo que as "girls" que trabalham no comércio tenham, ao menos, a fugaz ilusão de que são princesas ou rainhas, mesmo com um modesto dote de dois mil cruzeiros. Enfim, a mocidade vive é mesmo de sonhos...



A ORIGEM DE UMA INTERJEIÇÃO

De onde provirá a conhecida interjeição genuinamente carioca, ué? Quem a inventou? De início, isto é, ai pelos começos do século, esse ué de hoje era pronunciado uê, com som fechado, ou circunflexo, especialmente pelo elemento negro. Também a inflexão prosódica mudou bastante. Antigamente pronunciava-se a interjeição alongando a última vogal: uêêêêê... Depois, com a evolução do modo de viver, mais apressado, a expressão se contraiu, e hoje é dita rapidamente, quase não se percebendo o primeiro elemento, a vogal u. Em Minas não se diz uê, e sim uai. No norte do País se conhecia o carioca pelo uso do sim e do ué. Dá licença, sim? E quando se contrariava: ué, não é isso? De onde terá vindo esse modo de falar? Para alguns observadores de nossos modismos de linguagem, trata-se de uma interjeição de origem africana. Não cremos. Para nós, embora nos falte a autoridade filológica, o termo nos veio através do modo de falar dos primeiros franceses que aqui aportaram e se fixaram. Como sabemos, o Rio de Janeiro era muito apreciado pelos comerciantes da França, e a rua do Ouvidor, a dos Ourives, Gonçalves Dias (então dos Latoceiros) eram artérias onde havia muitas casas francesas de jóias, modas, etc. No diálogo francês há uma interjeição absolutamente igual ao nosso ué, apenas diferindo, como é natural, na grafia. Eles também dizem ué, mas escrevem ouais. Esse ouais tem precisamente a mesma significação de nossa interjeição popular hoje usada em todo o País por influência carioca. Se um francês quer falar popularmente, na gíria, contestando uma coisa ou se surpreendendo com ela, diz exatamente ouais (ué!). Não terá o carioca herdado deles a interjeição? Aí fica a pista, e que os nossos filólogos pesquisem e descubram a origem, ué...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 15 — 9-4-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: - Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Interprensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Preparado um programa militar em grande escala, tanto o Departamento de Estado como o de Defesa elaboraram um orçamento no valor de 1 bilhão e 800 milhões de dólares para compra de armas para os Estados Unidos. Em Pequim as negociações de paz. Restabelecido na Rússia o Conselho de Defesa do Estado. Winston Churchill chega a Nova York. Comemorações do IV Centenário da Cidade do Salvador, tendo sido organizado pela Prefeitura da capital baiana imponente cortejo histórico, evocando o passado de glória da Bahia. Prosseguem os trabalhos da Terceira Conferência Penitenciária Brasileira. Inaugurado no Recife o busto de Tamandaré. Preparativos para a Primeira Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, que se realizará na cidade de Goiânia. Faleceu o primeiro italiano a voar em dirigível, o general Ettore Cianetti. Os proprietários dos estabelecimentos que vendem o "cafezinho" ameaçam fechar as portas, alegando que a xícara daquele produto lhes sai por Cr\$ 0,32. De Gaulle elogia os propósitos do Pacto do Atlântico e declara que as potências ocidentais da Europa devem ser rearmadas. Descoberta por médicos "yankees" uma nova vitamina — F.P.A. — que torna desnecessário o consumo de carne para o homem. Proibidos os delegados russos à Conferência de Paz e Cultura de percorrerem os Estados Unidos. Inventada nova "arma-secreta" para o exército dos Estados Unidos — o canhão dotado de "instinto eletrônico", que não atira sobre tanques e aviões amigos. Pôstos em liberdade os prisioneiros políticos paraguaios. Pacto Defensivo do Mediterrâneo. — Sukhov é o novo comandante das forças e administração soviéticas na Alemanha. Os líderes nacionalistas chineses não sabem quais as verdadeiras possibilidades de solução para a guerra civil chinesa, mostrando-se pouco otimistas com o resultado da Conferência da Paz. Inaugurado, pelo presidente da República o trecho de eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil de Japeri à Barra do Piraí. Proposta a instalação do regime parlamentarista no Brasil, tendo cento e sete deputados assinado, sob aplausos do plenário, a emenda apresentada à Câmara dos Deputados propondo essa profunda modificação à Constituição de 46. Comemorado no Senado o 4º Centenário do Salvador. Absolvido o ex-deputado comunista Gregório Bezerra, implicado no processo sobre o incêndio do 15º R.I. Tropas do exército iugoslavo e guerrilheiros empenham-se numa verdadeira batalha, em Tolmina, ao norte de Gorizia. Os frigoríficos que abastecem a cidade de S. Paulo reduziram de 50% o fornecimento de carne àquela capital. Considerada inconstitucional, pela Comissão competente na Câmara dos Deputados, a taxa pretendida pelo governo para propaganda do café. Oficializado o Curso Preparatório de Cadetes do Ar, pelo ministro da Aeronáutica. Cerca de quarenta mil jovens apresentaram-se ao Exército para a prestação do serviço militar. Sforza chega aos Estados Unidos e conferência demoradamente com Dean Acheson, secretário de Estado, formulando propostas a respeito das antigas colônias italianas do norte da África. Descoberta uma conspiração subversiva no Chile. Exonerado o diretor do Departamento de Obras da Secretaria de Viação da Prefeitura do Distrito Federal. Consultas em Washington sobre questões da paz, realizadas entre os chanceleres de cinco potências europeias. Promete o governo chinês a união de toda a China. Talvez os russos estejam preparando nova ofensiva de paz, dizem os jornais de Washington. Fracassa no Senado americano a tentativa contrária à prorrogação do auxílio econômico à Europa. Chega aos Estados Unidos o general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra do Brasil. Vai ter andamento na Câmara o projeto que reajusta as aposentadorias do IPASE. Concedido o aumento de salários ao pessoal da Leopoldina. Negado o pedido de aumento do preço do pão, considerando a CCP que podem e devem ser mantidos os preços atuais. Acredita-se, em Londres, que a Rússia, reagindo contra o Pacto do Atlântico, abandone a O.N.U. William Langer, senador republicano, acusa Churchill de haver combatido contra os Estados Unidos durante a guerra hispano-americana. Dissolvido o Parlamento da Síria, tendo sido organizado um governo provisório e que fará eleições brevemente. Greve de motoristas de taxi em Nova York. Truman recebe ministro da Guerra do Brasil, palestrando rapidamente com o general Canrobert sobre a próxima visita do presidente Dutra aos Estados Unidos. Greve de radiotelegrafistas da Pan American World Airways, ameaçando afetar os serviços da empresa em todo o mundo. Apresentada à Câmara Federal emenda sugerindo a adoção de "cédulas coloridas para evitar fraude nas eleições". Encerrado solenemente o I Congresso de História da Bahia. Por não ter cumprido o acordo de julho de 1948 com P.D.F., deixando de instalar as estações 52 e 53, foi multada a Companhia Telefônica Brasileira... em 600 cruzeiros! A Federação das Indústrias de S. Paulo contra o aumento no frete do óleo de mamona. Discursando no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o sr. Nelson Rockefeller declara que o Brasil está destinado a ser um dos maiores países industriais do mundo. O governador do Estado de Nova York, Thomas E. Dewey, promulgou uma lei que proíbe os comunistas de exercerem o cargo de professor em todo o Estado. Setecentos alemães partiram de Hamburgo com destino ao Brasil. Seguiu para Pequim a Delegação de Paz Nacionalista. Apareceu o testamento de Paderewski, que havia sido depositado num Banco da capital francesa desde 1929. Prosseguem as negociações em torno da concessão de aumento aos marítimos. Em Washington o ministro do Exterior de Portugal.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

SÉRGIO CARDOSO, HAMLET E A "REVISTA DA SEMANA"

A margem do filme Hamlet de Laurence Olivier (Universal Internacional) a "Revista" inicia, no próximo número uma série de reportagens sobre o assunto, a cargo do jovem e já consagrado ator patricio, brilhante intérprete da obra de Shakespeare.

No mesmo número publicaremos o enredo da peça; a seguir OS GRANDES INTERPRETES DE "HAMLET". E é com prazer que a "Revista" oferece ao público tão interessante matéria sob os cuidados de Sergio Cardoso que, agora, como colaborador da imprensa ilustrada, revela mais uma faceta de seus talentos.

A LÂMINA DE
MAIOR
VENDA MUNDIAL

TRADE **Gillette** MARK

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

DIAS DA INFÂNCIA

★
Recordações e fantasias de
ZULMIRA DE QUEIROZ BREINER

★
Rio de Janeiro
1949

Neste livro da sra. Zulmira de Queiroz Breiner parece haver alguma coisa de auto-biografia. A intimidade e o carinho de certas narrativas faz pensar em cenas ou quadros vistos e vividos naquela época de que a gente, em geral, se lembra com mais nitidez e mais detalhada-mente do que se apenas um ano fosse decorrido e até, em certos casos, um mês. Dessas reminiscências, cuja limpidez prodigiosamente resiste a lustros e decênios, foi feito o livro de d. Helena Morley: "Minha vida de menina", que é, no seu gênero, dos mais belos e enternecedores. Não obedece, porém, ao tipo "memórias" a obra que a sra. Queiroz Breiner agora nos oferece. Para contar estes episódios singelos, não assumiu a autora o papel da protagonista; colocou-se entre os personagens — ou tal é a impressão que a leitura cada vez mais acentuadamente nos vai deixando. Deve haver um gozo suavíssimo em se escreverem páginas assim. Recordar não é propriamente viver como alguns dizem, mas voltar àquele tempo, àquelas emoções, àquela vida, isto é: "reviver".

Os primeiros capítulos dos "Dias de infância" dizem respeito a uma família da boa burguesia provinciana. Mentalidade e sentimento tradicionais; costumes exemplares; religião; um pouco também de superstição... A velha Babá sabe contos da Carochinha em que as crianças acreditam. Onde, porém, poderiam prevalecer os abusos no espírito das crianças, intervêm os pais, que não deixam nunca de esclarecer, corrigir. Essas primeiras histórias, e estas não de Babá, mas do livro, tratam da estréia de vestuários de luxo, vindos da cidade; da mão emersa de um afogado; do assalto a uma jaboticabeira carregada; das festas de Santa Cruz e do Natal; de um aniversário natalício e de um luto doméstico. Seguem-se outras crônicas ou fantasias, de forma transparente e fundo singelo, e que, se tanto nos agradam, a nós, pessoas grandes, aos guris, sem dúvida, os hão de encantar.

CONFITEOR

★
Últimas páginas de
PAULO SETÚBAL

★
Edição Saraiva
São Paulo
1949

Este livro de Paulo Setúbal era, até agora, bem menos conhecido que os outros. Incluindo-o no seu programa, a Edição Saraiva lhe vai dar, sem dúvida, a bem merecida, bem justa popularidade. Cada página destas traz uma lição de piedade acendrada e veemente: Ao cabo de longa, sempre criteriosa obra de escritor, Paulo Setúbal se arrepende do que pensou e fez, desde antes mesmo de a haver principiado. Arrepende-se e não porque deva sentir necessidade, mais ou menos angustiosa, de perdão. Os seus pecados não excederam nem sequer atingiram, perante o mais leigo dos críticos, que será o nosso, os limites da venialidade. Consistiram principalmente em palestras de rapazes de sangue quente e espírito em arremesso, ansiosos por destruir e reedificar, estuantes daquela mocidade que, como disse Octave Mirbeau, copiando mais grave filósofo, por muito amar a verdade julga que a conhece. Ali eram relidos e louvados os filósofos e poetas de eleição. Como os outros, Paulo Setúbal admirou as sentenças desesperadoras de Schopenhauer e as blasfêmias do período junqueireano. Logo depois, no entanto, se impregnava da sublime essência religiosa dos sonetos de Antero "À Virgem Santíssima", "Na mão de Deus" e outros, que havia de decorar para sempre; e a "Velhice do Padre Eterno", ele a substituiu, na memória como no coração, pelas estrofes da "Moleirinha", da "Volta ao lar", que são, como todas as páginas dos "Simples", canções puras, santas, para serem rezadas.

Através dos seus versos, dos seus romances, das suas reconstituições históricas, dos seus ensaios, Paulo Setúbal caminhava para Deus. Mesmo quando a sua inteligência, a sua orientação parecia assumir mais ou menos ativa independência, aquela evolução se ia, inspirada, luminosamente operando. As vezes, havia nele alguma hesitação ou incerteza.

Possuía-se da recordação do tempo de menino, quando pedia a Nossa Senhora que o ajudasse — como realmente ajudava — a encontrar os animais tremalhados no mato, ou quando impressionava a família, com esta afirmação ardente: "Eu, quando ficar homem, serei padre!". Em certa fase, recém-bacharelado, e como se quisesse cumprir, em parte, aquela promessa infantil, nem por isso destituída de solenidade, fez-se irmão do Carmo. Havia então na sua mentalidade, como na sua sensibilidade, certa confusão. E esse capítulo termina contando como ele "pegou de faltar ao noviciado" e como voltou a dar ouvidos aos preceitos de Nietzsche, através de Zarathustra...

Veio, porém, a idade do equilíbrio sereno, da harmonia perfeita. Tudo o que Paulo Setúbal escreve é beleza e graça. Nessa formosura espiritual se inclui o capítulo de Seu Chico, "o homem mais rico de minha terra". Adorável Seu Chico... O escritor nem de longe pensou em o romantizar, como a Maurício de Nassau ou a Fernão Dias Pais Leme. Trata-o com a singeleza estreme de que melhor ressaltará a virtude do S. Vicente de Paulo de Tatuí. Acompanha-lhe os passos leves e as ações de amor misericordioso. Fã-lo subir ao céu e lá se encontra com aqueles a quem deu esmola, chegando, para eles, a mendigar também. Canoniza-o, chamando-lhe — inadvertidamente — "Santo Chico". E Jesus, "sorrindo, mansamente", vem conversar com ele...

Paulo Setúbal não concluiu as suas memórias. Rigorosamente falando, nenhum escritor as termina. O último capítulo de "Confiteor" que ficou feito fala da ventura daquela vida que "um anjo" definitivamente veio purificar:

"Esse anjo foi minha noiva... Enquanto eu estroinava pelas vilezas do mundo; enquanto eu me rojava às tontas por tanto atascadeiro poluidor, lá estava, no seu colégio de freiras, escondidinha, sem que o mundo a conhecesse, uma graciosa menina, frágil e tímida, que viria a ser na vida minha poderosa soerguedora. Aquela que viria, com a sua ingenuidade, com a brancura de sua alma, com a sua vencedora pureza líria, tocar e reformar o meu coração endurecido e conspurcado. Aquela que, ó estranhos designios de Deus, estava destinada pelos fados a conduzir-me de novo com as suas mãos de sêda, amorosamente e ardorosamente, aos pés do Cristo que perdoa tudo."

LAGO AZUL

★
Versos de
PETRARCA MARANHÃO

★
Editor V. P. Brumlik
Rio de Janeiro
1948

O editor Brumlik prossegue no seu programa de livros em "fac-simile", tais como de certo muitos autores desejariam que eles fossem apresentados — se não fôra o custo da execução material. Este processo de publicação, pela prosperidade do qual já aqui exprimimos sinceros votos, realmente se torna, e por vários títulos, interessante. Trata-se, em primeiro lugar, queremos dizer: logo à primeira vista, de uma brochura digna, pelo aspecto airoso, simpático, de figurar entre edições que adornem qualquer mesa de sala elegante. Segue-se a curiosidade da forma de letra, mais ou menos clara ou caprichosa, singela, excêntrica, pretensiosa ou complicada. E por fim, virão, para os entendidos em grafologia, as particularidades da escrita, reveladoras da inteligência, do caráter, do sentimento de cada autor e das afinidades que possam existir entre o homem de letras e as suas obras.

Chegou a vez do sr. Petrarca Maranhão, poeta, em razão de livros anteriores, largamente notório e grandemente elogiado. Para estas páginas à mão, escolheu ele composições que vão da solenidade do soneto em alexandrinos à leveza da trova mais ou menos popular. Há nesta coletânea um soneto que desperta particular atenção. Traz-nos à lembrança um juízo de Oliveira Martins acerca de certa passagem da "Ilustre Casa de Ramires", em que desfilam, com os seus feitos em várias épocas, os mais assinalados varões da estirpe ilustre: "Em página e meia — disse o grande historiador a Eça de Queiroz — traçaste a História de Portugal". Ora, no presente livro há um soneto deveras interessante — apesar de uma ou outra expressão que parece um tanto forçada — e no qual o sr. Petrarca Maranhão

faz a História do Brasil. E é este justamente o seu título.

Descoberta. Pedro Álvares Cabral.
Capitanias. Colonização.
Domínio senhoril de Portugal.
Invasões estrangeiras. Reação.

Inconfidência. Minas liberal.
Tiradentes. Terror. Execução.
Sete, setembro. Livres, afinal.
"Independência ou Morte". Coroação.

Regências. Lutas. O primeiro Império.
Pedro I. Insânias. Vitupério.
Abdicação. Pedro II. A guerra.

Abolição. República. O céu rubro.
Despotismo. Anarquia. O mal aberra.
Washington Luis. Revolução de Outubro.

HUMBRALES DEL SUEÑO

★
Versos de **CHITA ROMERO**

★
Editorial Letras
Montevideu
1949

Vem-nos da República Oriental esta bela poetisa. O seu livro traz fraternal mensagem às Maria Eugênia, Ana Amélia, Laura Margarida de Queiroz, outras inspiradas que, nesta terra, se fazem entender e amar na linguagem dos deuses. Saudemo-lo bem festivamente, não só por vir de onde e como vem, mas também porque nos revela nobre temperamento através de uma forma caprichosa.

A sra. Chita Romero, cuja retrato o editor nos oferece na "orelha" do volume, deixa adivinhar no requinte das feições uma intimidade peregrina. Neste semblante ditosamente se combinam a energia e a doçura; os cabelos ondevam livremente, como possuidores de uma vida e uma fantasia próprias; e os olhos se erguem na direção mais natural, deixando passar para o alto, para longe, a luz radiosa de um sonho. Antes de iniciarmos a leitura deste livro, de algum modo pressentimos o que ele nos vai dizer. Mocidade, amor, piedade, um tanto de misticismo, um pouco de filosofia... Em certas composições se mostra a sra. Romero inclinada para a arte considerada moderna, ou modernista, da poesia, e a qual justamente se distingue por não haver nela princípio ou regra de arte, qualquer que seja. Em outras páginas, porém, nos dá sonetos fielmente à maneira clássica e, então, só numa ou noutra frase transparece o ímpeto, mais ou menos excessivo, da singularidade. Eis o soneto "Anhelante espera":

Abanico de noches desplegado,
distante estrella de su luz cautiva,
en puerto de esperanza vislumbreado,
y en brumas del recuerdo, fugitiva...

A tus esperas fiel, pecho cruzado
llevo en sesgada reja sensitiva
estático regreso desolado
perfilando distancias pensativa.

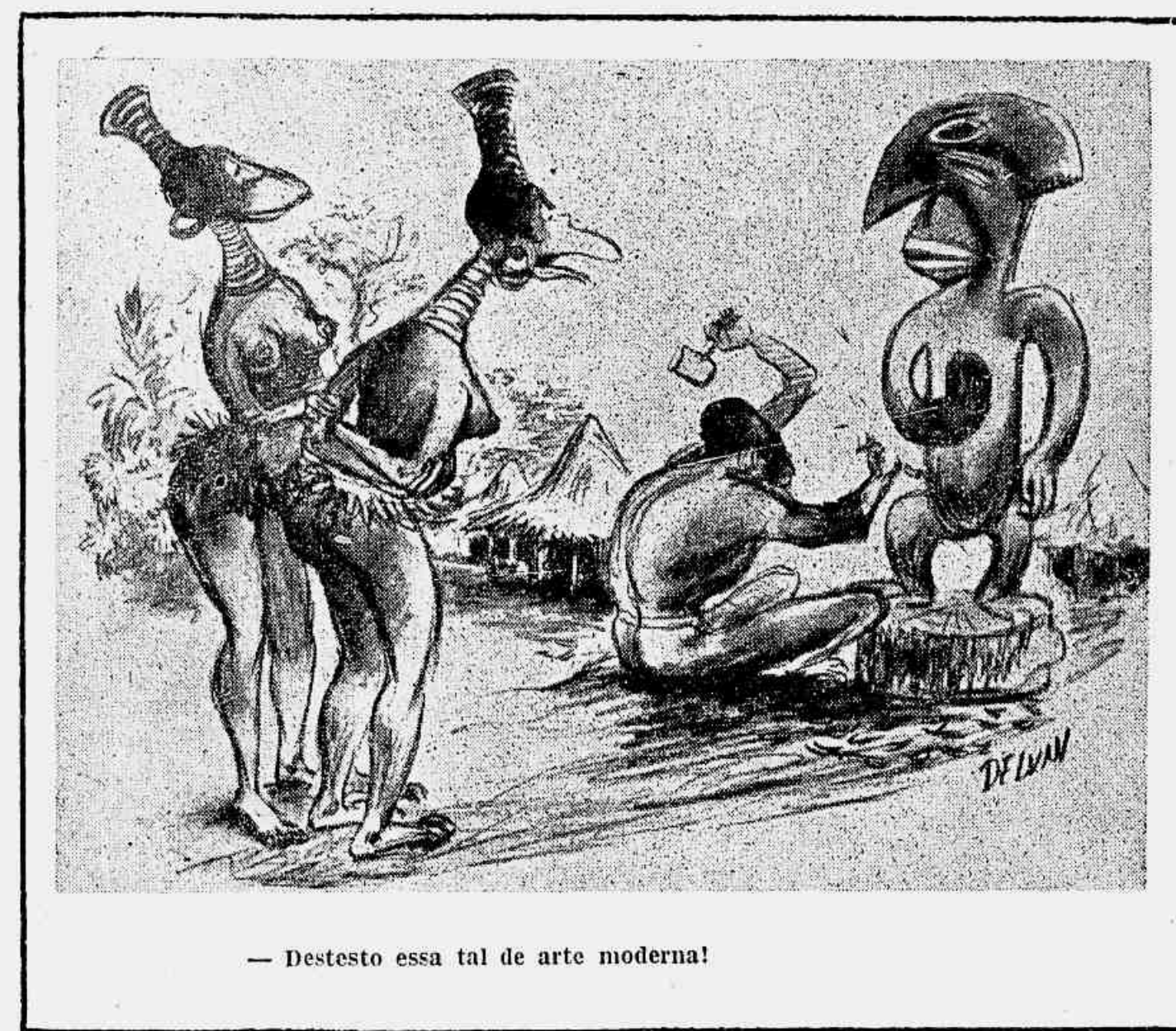
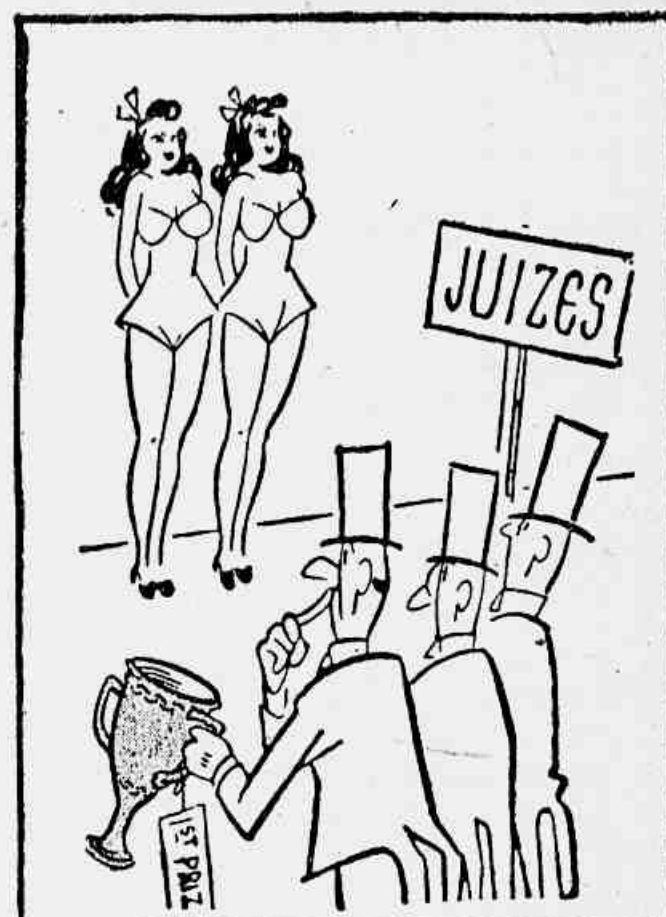
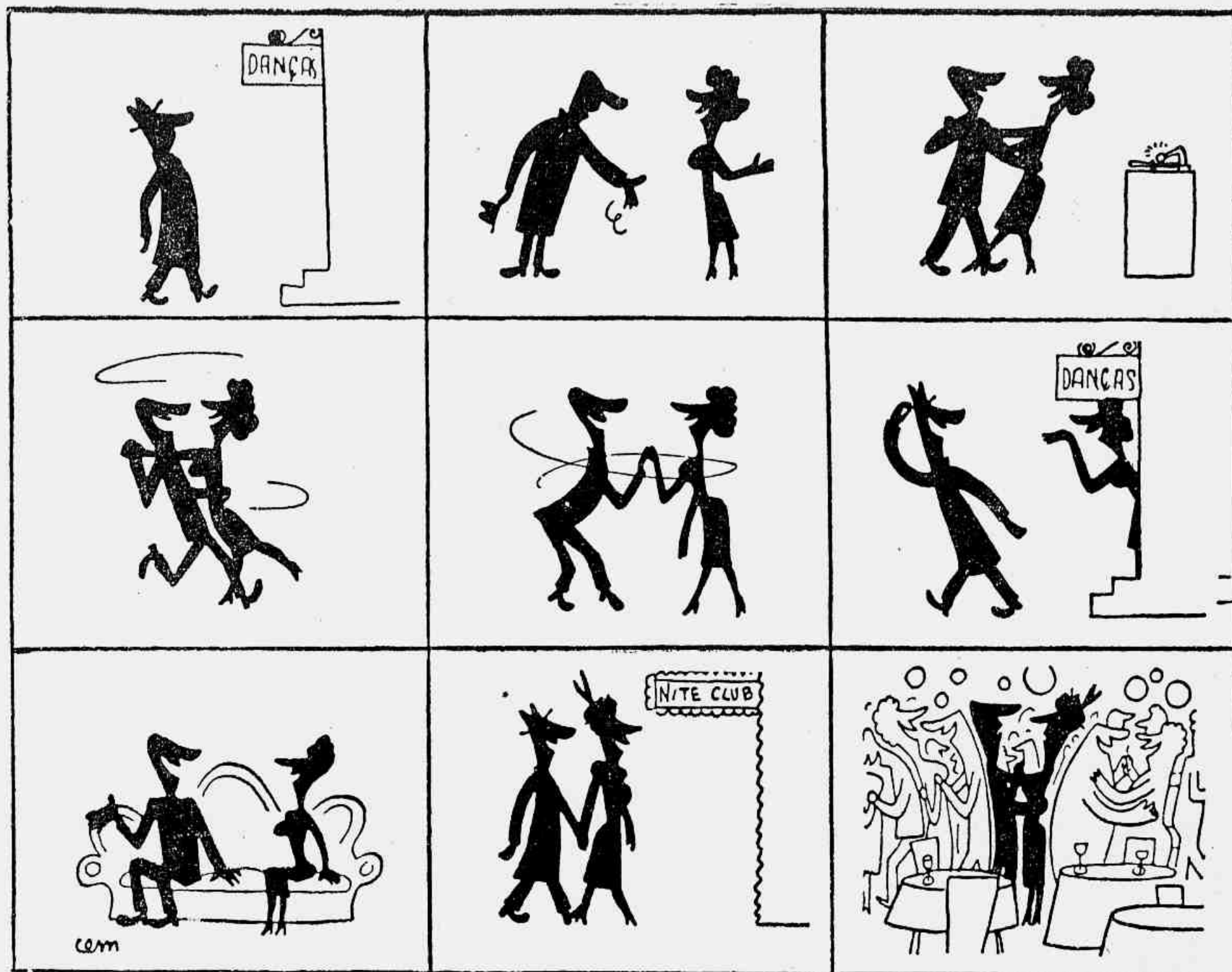
Commovido rindiéndole a la noche,
salvando tu recuerdo y mi reproche,
ausente en sueño, y pájaro vencido.

Astro encendido, y en inútil vuelo
preso así, en reflejos del anhelo
y amanecida ciega, de tu olvido!

RECEBEMOS:

Estrangeiros em Santa Catarina, por Lourival Câmara, chefe do Serviço de Divulgação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Separata da Revista Brasileira de Geografia, nº 2 Ano X, edição comemorativa do I Congresso de História Catarinense, reunido em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro de 1948, a propósito do II Centenário da Colonização Açoriana no Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro, 1948.

Notícias do Rio Musical, trabalho lido por Péricles Leal, no Conservatório Paraibano de Música, a 4 de janeiro do corrente ano, dando início ao Ciclo de Estudos daquele estabelecimento. Edição do Departamento de Publicidade. Paraíba, 1949.



Dedos QUEIMADOS

(Continuação)

CAPÍTULO VII

O ambiente estava muito calorento, e Jennifer, que dançava sem parar, saindo dos braços de um para os de outro, deu graças a Deus quando o circunspecto Eugene Evans a convidou para irem tomar ar fresco no terraço da casa.

Da sacada em que estavam via-se parte da cidade lá em baixo, com os seus precipícios formados pelas ribanceiras da colina. Fieiras de luz destacavam-se na escuridão da noite.

— Que idade me deu, Jennifer? — perguntou-lhe Eugene.

— Julguei que você fosse ainda muito jovem.

Jennifer, que, antes de ir para o terraço, vestira um casaco, respondera ao jovem metendo as mãos nos bolsos, protegendo-se do ar frio que soprava.

— Oh! Notei que você chamou a Joe "Mr. Evans" e a mim simplesmente "Eugene". Disse-me ainda que sua madrastra tem duas meninas, de sete e seis anos, como se eu fosse mais ou menos contemporâneo das mesmas!

— Ora essa! Não penso que seja assim tão criança — respondeu Jennifer a rir, meio confusa. Mas julguei que sua idade regulasse entre dezoito a dezenove anos, talvez.

— Pois se engana. Tenho vinte e oito.

— Pelo que vejo, deseja que o trate por "Mr. Evans", não é isso mesmo? — voltou Jennifer.

— Não, não é isso. Lembre-se de que tenho conhecimentos de filosofia, e que você se sairá mal com qualquer tentativa de sofisma comigo.

Eugene era positivo e claro. Tinha belos cabelos, olhos bem formados, fisionomia enérgica, e falava com certa autoridade, voz grave, e Jennifer percebeu que a família dele lhe devotava certo respeito, o que também sucedia com os seus amigos.

— Não tentarei nenhum sofisma, pois nem sei o que significa tal palavra — esclareceu Jennifer.

— Isso é que é ser uma boa menina. Não sente frio? — Eugene lhe tomou as mãos nas suas.

— Não, pois estou com as mãos no bolso do casaco. Mas... que quer dizer sofismar? — perguntou-lhe.

— Uma ginástica mental, de argumentos, para verificar-se se uma coisa é verdade ou mentira. Isso, ou coisa vizinha a isso.

— Por que você estuda filosofia, Eugene? Eu julgava que isso de filosofia fosse justamente uma coisa, alguma coisa que significasse quando a gente... bem, uma coisa que nos pudesse ajudar sempre que necessitássemos conseguir um objetivo... — terminou Jennifer incerta e meio perturbada.

— Justamente isso, e muito mais do que isso. Ajuda-nos a penetrar nos mistérios do mundo e ir mesmo à zona super-terrestre, perscrutar a alma do homem, perceber suas atitudes íntimas, ver o centro essencial das coisas, vendo a cegueira em que vai caindo o mundo...

— Que cegueira? — perguntou ela.

— Uma nova guerra?

— Não assim tão depressa. A cegueira que nos legaram durante séculos passados, Jennifer. Escuridão mental que veio sucedendo de pais a filhos. Pequenos erros, ligeiras vaidades que se transmitem a gerações futuras e se tornam em grandes erros, em vaidades fatais...

— Quer dizer então que todos vivemos a cometer erros, e ao se acumularem vão transformando as coisas para pior?

— Exatamente. Alguém, há centenas de anos passados, desviou-se da rota certa. Cabe-nos agora a resposta para mostrar o verdadeiro caminho.

— Que resposta?

— O Sermão da Montanha — esclareceu Eugene com simplicidade.

— Ah! — murmurou Jennifer, lembrando-se de um termo muito familiar, mas que ela ignorava completamente o que fosse esse "Sermão da Montanha".

Houve um instante de silêncio.

— De forma que é isto o que devemos fazer, Eugene? — perguntou. — Será tão filosófico que não possamos compreender bem?

— Você tem uma maneira muito afetiva de falar das coisas, Jennifer — disse-lhe Eugene após uns instantes de silêncio. E prosseguiu: — Não,

nada, e não importa como você venha a interpretar-me. Meus pensamentos são puros e sinceros. Crie-me.

— Não pensei em nada de mal. Acredito em sua palavra — gaguejou Jennifer.

— Este episódio não deve constituir mais um triunfo para você somar ao número daqueles que já deve ter registrado e como é de hábito as senhoritas contarem.

— Como pode você estar pensando em tal coisa, se eu jamais tive tal pensamento! — respondeu ela com vivacidade. — Como pode dizer tal coisa? Se somente agora à noite o encontrei!

— Foi justamente hoje, depois que a vi, que estive a raciocinar sobre o que pode sentir um homem que deseja unir-se a uma mulher pelo casamento. Não quero dizer que esse homem seja eu mesmo. Estou a falar de outros homens. Posso ver o que eles sentem, o significado de sua experiência... Bem. Voltemos para dentro.

Eugene a conduziu para a ante-sala, e Jennifer estava completamente desorientada. Entrou no salão de baile e começou a voltar com alguns rapa-

daquela noite, não sabendo como agradecer tanta gentileza de Mollie e dos seus. Quando deixou o escritório, às dezessete horas, e chegou a casa, não sabia como explicar tudo o que vira e ouvira, tanto a Betty como às duas crianças. Sentou-se na cozinha, tendo Faddy ao colo, de pijama, e narrou tudo como se estivesse a contar um sonho lindo, entrando em detalhes. Betty ficou sumamente interessada, e a menina lhe fez várias perguntas. Mas Jennifer ocultou o que se passara entre ela e Eugene, sua estranha figura, suas misteriosas observações.

Tudo parecera intolerável no escritório. O trabalho longo e antipático, enquanto ela pensava nos momentos agradáveis da festa. Jennifer desejava viver mais tempo assim num ambiente como o da família Evans, e chegou até a sentir uma pontinha de inveja de sua amiga Mollie, quando ela voltou para aquela casa distinta.

Quando as duas garotinhas foram deitar-se e Betty ouviu rádio a mudar constantemente o "dial", Jennifer se transportou, no pensamento, à casa dos Evans e ficou a meditar no que dela estariam também a pensar Dan e Mollie. E reproduziu na imaginação aquela cena agradável e inédita, em que o pai de Mollie, após o discurso, tomou a filha pelo braço e a apresentou a Dan, que, orgulhoso de tanta confiança, prometeu amá-la e fazê-la sempre feliz. Como deve ser divino ter um pai a dizer tais coisas da filha e do noivo! Como é belo um acontecimento desses, um tesouro na vida, tamanha proteção!

Jennifer, como costumava fazer nesses momentos de solidão, estava a divertir-se com as cartas do baralho, sozinha, mergulhada em si mesma. Naquele instante os olhos se encheram de lágrimas e uma delas caiu na carta que tinha à mão. Rápida, para que Betty nada percebesse, limpou-a e dissimulou o pranto que lhe corria dos olhos, enxugando as lágrimas com os dedos curvados, por falta de lenço. Betty nada percebeu, com a atenção completamente voltada para os programas de rádio. Jennifer continuou a mexer com as cartas. De quando em quando lançava um olhar para Betty. Seus pensamentos voavam, ora para um lugar, ora para outro. Pensou em Betty, coitada, abandonada pelo marido, com duas filhas pequeninas nas costas, sem instrução, sem cultura, lutando pela vida.

E assim se ia passando o tempo, até que veio a primavera enchendo de luz as ruas da cidade, as árvores e as colinas. Nada mudava. Nem os vestidos de Jennifer, nem os trabalhos de casa, nem as atribulações de seu coração. De Sidney, não soubera nada mais. Daquela excitante tarde em que ela dissera que o amava e que ele também lhe respondera que a amaria sempre, nada mais existia que uma esfumaçada lembrança do passado. E assim se foram escoando os meses até que veio o outono.

Então começou Jennifer a perceber qualquer coisa em sua vida que a estava mudando. Despertava, como tantas outras moças, de suas apreensões e angústias. Procurou despertar a si mesma, conhecendo os homens e as mulheres, as coisas que a cercavam, lembrando-se das palavras de Eugene, dos mistérios do mundo, de seu passado com Sidney.

Jennifer comprara livros domésticos e de poemas. Gostava de ler os versos dos poetas sentimentais. Muitos

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Desde que Jennifer Richie encontrou Sidney Borrow, numa tarde chuvosa, numa rua de S. Francisco, ficou apaixonada por ele. Entre ambos, porém, havia diferenças de posição social, dinheiro e tradições de família, contra Jennifer. Com o passar do tempo foi verificando a moça que ele não lhe prestava mais a antiga atenção. Provocou um encontro e, depois disso, ficou certa de que Sidney procurava evitá-la. Jennifer residia em companhia de sua madrastra Betty, que tinha duas filhas menores. Certo dia Mollie Evans, colega de escritório de Jennifer, convidou-a para tomar parte numa festinha íntima que a família daquela oferecia a uma parenta chegada de fora, tendo Jennifer passado lá a noite, conhecendo então Eugene Evans, irmão de Mollie.

não é difícil de compreender. E, sim, difícil de cumprir. Se fosse seguido, tudo seria muito bom.

— E então? Que mais?

— Nada mais. Somente isto: ser bom. Muita gente procura ser assim. Humilde, verdadeira, ajudando o vizinho. Não enganando, não desejando mais do que o necessário, vivendo com simplicidade. Muita gente assim pensa.

Imediatamente mudaram suas maneiras.

— Não deixa de ser excêntrico estar eu a conversar em tais coisas com uma jovem como você, num momento de balbúrdia como este que mamãe arranhou — disse ele com certa graça. E prosseguiu: — Sei que você deseja voltar à dança e, infelizmente, eu não danço. Tive idéia de trazê-la para aqui, livrando-a dos braços de Joe, porque temi que pegasse um resfriado, saindo aí por fora após a dança. Eu... eu... desejo confessar-lhe, e isso é um momento estranho, uma coisa inexplicável para mim próprio, o dizer-lhe que...

Eugene parou. Jennifer o fitava com surpresa, sem dizer uma só palavra. Ele continuou:

— Você não me compreende, é claro. Eu estive a reparar bem em você durante o jantar. Mas não como talvez você pense. Nada há de material no que pensei e estou sentindo. Não é isto uma declaração apaixonada,

zes. Enquanto dançava, procurava Eugene com os olhos, aqui e ali; mas não o viu mais durante o resto da noite.

Mas suas palavras ficaram pregadas em seu espírito. Aquêl modo de conversar, suas idéias, a seriedade, pareciam a Jennifer próprias de um homem distinto e bom. Eugene era um homem bom e desejava que todo mundo o fosse.

Mollie veio já muito tarde para seu leito. Ellen Flowers e Jennifer foram para suas camas. Logo que os últimos convidados se foram, toda a família se recolheu aos respectivos aposentos.

Jennifer estava visivelmente perturbada; cada fase dessa reunião era mais interessante do que a anterior. Os pensamentos se acumulavam em seu espírito como águas em cheia de rio.

— Que pensa de meu pobre irmão Eugene? — perguntou-lhe à queimadura sua amiga Mollie. E prosseguiu: — Vi que ele estava a catequizá-la com suas teorias lá no terraço. Não foi isso mesmo?

Jennifer não respondeu. Mollie veio até seu leito, ajoelhou-se e começou a orar, desfiando nos dedos o terço de sua devoção. E assim dormiu Jennifer.

No dia seguinte, ainda cedo, foi ela com Mollie diretamente para o escritório, não vendo outra pessoa da família senão a mãe de Mollie. Sua cabeça estava cheia das impressões



já ela os sabia de cor, e reproduzia-os para si mesma, como quem evoca um mundo diferente. Betty estava notando muitas diferenças nela e, certa vez, perguntou:

— Que diabo se está passando com você, Jennifer?

CAPÍTULO VIII

Naquela noite de setembro o tempo estava quente e suarento, o que não era muito comum em S. Francisco, cujas noites são sempre ventiladas e frias, e como êses dias e noites de temperatura indesejável já iam em grande número, havia queixas gerais no escritório e a consequente corrida para os refrigerantes, cremes e sodas geladas.

Em casa de Betty esta e as filhas tomaram seu jantar com aquele cardápio conhecido: sopa, chocolate, pão, leite e compota, pêssego e bolo, além de pequena porção de salame. Jennifer jantara fatias de tomate gelado com alface, biscoitos amanteigados e uma boa limonada. Depois do jantar, depois de arrumados os pratos, ela se sentou preguiçosamente à janela do salão de refeições a olhar lá para fora, vendo outros pátios, outras luzes, outras cozinhas, as sombras das coisas mais diversas projetadas por aí fora, na noite que escurecia cada vez mais. O ar estava abafado. Betty saiu para um cinema com as filhas. Jennifer preferiu ficar em casa, sozinha, com a sua solidão.

Quando todos saíram, a casa ficava em completa calma. Jennifer gostava desse silêncio. Súbito a campainha retine. Jennifer sentiu um choque nervoso e se pôs de pé. Correu para o vestibulo e deu volta ao interruptor, iluminando a escada. Olhou e viu Eugene Evans que subia.

Sorriu afavelmente ao apertar a mão da moça. Jennifer o levou à

sala de jantar, explicando que isso era preferível, pois as janelas estavam abertas para dar mais circulação e entrada ao ar no ambiente, em vista do calor.

— Eu estava justamente sentada aqui, a olhar para fora — disse ela como que começando a conversação.

— Que via, ao olhar para fora? — perguntou Eugene aproximando-se da janela e lançando um olhar para fora com a vista prejudicada pela escuridão.

— Bem... não se vê muito! — respondeu Jennifer a sorrir. — Mas há muitas estrelas.

— Sim, eu vejo — murmurou ele sentando-se à cadeira que Jennifer lhe havia oferecido.

Jennifer notou que as veias das têmporas do rapaz estavam salientes, e o seu lábio superior cheio de pequenas gotas de suor.

— Você está assombrada com a minha presença aqui, não? E que é esquisito um acontecimento desses...

— Não... não penso isso. Confesso-lhe que me sinto muito contente em vê-lo, Eugene. Desejo notícias acerca do casamento de Mollie e de tudo mais. A mãe de Dan faleceu, não foi?

— E' exato. Justamente depois de ter Mollie deixado o emprego. Estavam planejando realizar uma grande festa de casamento; mas, em virtude do falecimento, o enlace foi muito íntimo e simples, apenas com umas trinta pessoas, todos da família.

— Mollie deve ter ficado muito linda, não?

— Sim, penso que sim — respondeu Eugene com sua maneira pessoalíssima de falar. Depois, mudando de tom:

— Vim aqui... Você, Jennifer, tem extraordinários atributos para um homem... do que, com certeza está perfeitamente ciente, é evidente.

— Bem... Eu não posso ter essa pretensão... — respondeu com dificuldade.

— Tenho pensado bastante nos perigos que há ou que pode haver para você, o continuar trabalhando naquele escritório, onde se acham tantos homens e mulheres. Eu nunca o aprovei para Mollie, e meu pai também nunca desejou que ela ali trabalhasse, embora fosse muito mais velha que você, e já estivesse comprometida com Dan, há dois anos. Pergunto-lhe, Jennifer, se quer ser minha esposa.

Jennifer ficou a olhá-lo com cara de parva, a boca aberta, os olhos de quem está diante de uma visão.

— Creia-me — continuou ele, aproximando-se dela e tomando-lhe as mãos, para acalmá-la. — Creia-me, não há nisso nenhum egoísmo de minha parte, nenhuma paixão, nada disso. E' apenas um impulso pessoal, em que eu vejo qualquer coisa de predestinação. Sente isso? Sei que a assustei. Fui estúpido quando pensei nisso. Nunca falei a outra mulher desta forma por que lhe estou falando. Vejamos o caminho a seguir. Você não tem ainda dezenove anos. Não tem pai nem mãe. Diariamente, hora a hora, está exposta às intempéries que vêm sobre essas lindas moças por aí a fora, inocentes e desprevenidas, à mercê do mundo, como você. Não lhe estou oferecendo amor, mas o mais profundo respeito e afeição que durará tanto quanto ainda vivermos juntos. Quero, enfim, tê-la sob meus carinhos, dedicar-lhe a ternura que você merece.

Seguiu-se um momento de silêncio. Ele prosseguiu com voz calma e meiga:

— Vigiarei e protegerei sua mocidade e inocência, como se protege uma coisa sagrada, altamente preciosa. Nada sabe você das malvezas, misérias e traições do mundo. Seus olhos me revelam isso. E você pode desconhecer tudo isso! Nunca pensei

tornar-me espôso de uma mulher; mas agora penso o contrário. Minha vida se tornou muito diferente desde a primeira vez que a vi, Jennifer. Acompanho-a dia a dia...

— Dia a dia?... — repetiu ela sem compreender.

— Sim... Muitas vezes fiquei nas vizinhanças de Tyrrel, para vê-la a vir com algumas daquelas moças... Não, não mentirei a você. Nunca lhe mentirei. Segui-lhe o caminho naquele trecho que está a poucas quadras do meu escritório, e ficava ali para vê-la...

— Você fez isso?... — espantou-se Jennifer.

— Aquelas não são as mulheres com quem você se deve misturar agora. Precisa saber disso. Uma jovem como você precisa ter um lar seu, protegido, seu somente.

Diante de tudo o que ouvia, Jennifer sentia a respiração opressa. Não podia tirar os olhos dos de Eugene. Sentia a garganta seca, sem poder articular uma palavra. Ele prosseguiu:

— Você é muito jovem. E muito inocente. Não deve conhecer os perigos deste mundo. Não há homem que a olhe sem que você corra perigo imediatamente. Quando imagino que há alguém neste mundo capaz de arrastá-la à podridão de uma existência infeliz, matando-lhe a inocência, chego à conclusão de que é este o caminho que temos a seguir. Assim, torno a perguntar-lhe: quer ser minha esposa?

Eugene tinha o mais vivo acento de paixão no modo de falar.

Fitou a jovem, e se percebia no brilho dos seus olhos, na ansiedade do olhar, que todo o seu ser dependia de uma simples palavra de Jennifer naquela encruzilhada de duas vidas tão diferentes, ainda tão distantes uma da outra...

(Continua no próximo número)

UMA modesta choupana coberta de colmo em Eaglesfield, Condado de Cumberland. Um esforçado pai quacre, que ganhava a vida no tear manual. Uma doce mãe quacre, a "Gudewife" Deborah, que obedecia ao lema "por Deus e meu marido". Tal foi o meio que rodeou a franzina criança nascida no inverno inglês de 1766.

O débil garotinho transformou-se num rapaz consciencioso e obstinado. Quando o incumbiam de algum trabalho, aferrava-se a ele a despeito de todos os empecilhos, com tenacidade de bulldogue. Mr. Robinson, o mestre-escola quacre, muitas vezes dava difíceis problemas de matemática aos alunos; e, depois de um período de vão esforço, os meninos geralmente capitulavam, pedindo ao mestre que lhes revelasse a solução. Mas Dalton nunca desistia. "Por favor, não me auxilie, Mr. Robinson. Quero resolvê-lo sozinho".

Havia muitas discussões acaloradas na aula, com respeito ao melhor método de resolver os problemas propostos por Mr. Robinson. Um dia os rapazinhos fizeram apostas em favor de suas respectivas opiniões. Mas o jogo era veneno para a sensível consciência dos quacres. "Não apostem dinheiro", ordenou Mr. Robinson: "mas velas, pode ser". Estabelecida esta sutil distinção moral, John Dalton passou a ganhar todas as apostas, ficando abundantemente provido de luzes de vintém. Sempre andava em busca de luz.

Aos doze anos adquirira bastante instrução, de acordo com os padrões locais, para fundar uma escola própria. Afixou intrepidamente à porta da casa paterna a comunicação do fato. Ele, John Dalton, abria "uma casa de ensino para ambos os sexos a preços razoáveis". Além de instrução — informava ele aos alunos em perspectiva — fornecer-lhes-lhe "papel, penas e tinta grátis". Esta vantagem adicional não podia deixar de atrair a atenção. O papel, as penas e a tinta contavam-se entre os artigos mais raros na Inglaterra.

A escola prosperou. Havia alunos de todas as idades, desde os "minúsculos pirralhos" até os "taludos rapazes e raparigas de dezessete anos". Os pequerruchos sentavam-se nos joelhos do jovem mestre e balbuciavam obedientemente o a-bê-cê. Os mais velhos, porém, eram muito menos dóceis. Quando o "diretor" se abalançava a admoestá-los, cresciam ameaçadoramente para ele. "Quer ir brigar lá fora no cemitério?"

Aos quinze anos, Dalton esteve tentado a abandonar o ensino e dedicar-se à agricultura com o tio, abastado granjeiro que lhe queria muito e que não tinha filhos. Mas o jovem professor logo repeliu a tentação. Seu irmão mais velho, Jonathan, dirigia uma escola quacre na vizinha cidade de Kendal. Seria uma boa idéia associar-se a ele na direção da escola. Dalton adquiriu um guarda-chuva — pois já era "homem feito" — atirou às costas uma trouxa de roupa e saiu a palmilhar quarenta milhas de estrada através das Montanhas de Cumberland para assumir o seu novo posto. E para a maior glória da Inglaterra.

II

Os dois irmãos introduziram cursos técnicos na escola. E, a fim de aumentar os rendimentos, ajudavam os habitantes da cidade a dirigir os seus negócios e redigir os testamentos. Nessa época de ignorância quase geral, a pena era um instrumento poderoso. John, principalmente, convertera-se em "objeto de espanto" por sua "cultura legendaria". Tomava parte ativa nas discussões religiosas da comunidade e fazia contribuições frequentes para os almanaques agrícolas. A gente inculta do Cumberland passara a ver nele um portentoso profeta das variações atmosféricas. Pois John se habituara a registrar o tempo diariamente, quase de hora em hora — costume que manteve durante cinquenta e sete anos, até o entardecer da vida, quando a sua mão já estava tão débil que os apontamentos eram escassamente legíveis. Servia-se de toscos instrumentos para medir a precipitação pluvial numa região onde "chovia todos os dias"; e vendia esses instrumentos aos lavradores para que também fizessem as suas observações. Mostrava-se muito humilde e metucioso na aplicação da sua "exigua medida humana" aos "pacientes e infinitos planos de Deus".

Escrevia com entusiasmo aos amigos da infância sobre o seu passatempo favorito. Observava que as pessoas completamente ignorantes do assunto julgavam tratar-se de um trabalho de enorme dificuldade — uma tarefa ao alcance unicamente dos maiores sábios. "Isso, no entanto, é uma grande ilusão. Para a teoria da medição da chuva basta um conhecimento elementar de aritmética". Um conhecimento elementar, e uma boa dose de humildade. Pois a chuva de Deus não pode ser medida com os instrumentos da presunção.

O "sábio" de Kendal, com efeito, não tinha pretensões à cultura livresca. Lia muito pouco. Não passava de uma alma simples, que propunha um plano a outras almas simples ligadas a ele pelo amor à aventura intelectual. Em uma de suas cartas, escrita à uma jovem "iletrada" de sua aldeia natal, organizou uma tabela de medição e acrescentou-lhe um posescrito justificativo: "Sem dúvida, os ignorantes não de ver nisto um divertimento frívolo e pueril... mas... se poder predizer o estado do tempo com tolerável precisão — o que traria grandes vantagens ao lavrador, ao marinheiro e à humanidade em geral — é um objetivo que mereça tentar-se, à pessoa que de algum modo contribuir para alcançá-lo não terá vivido nem trabalhado em vão".

Encetou uma série de conferências sobre a filosofia natural, baseadas em suas observações pessoais. Tencionava incluir palestras sobre "as leis do movimento, a cor, o vento, o som, a lua das celas, os eclipses lunares, os planetas e as marés — assina-tura, meio guinéu". Mas as conferências não lograram êxito. O povo não discernia o cientista sob o porte rústico do labrego. Passado algum tempo, Dalton cessou de falar aos outros e continuou a trabalhar em silêncio. Vagueava pelos campos colgindo espécimes de flores e imprimando-os em cadernos com o fim de vendê-los — pois "são lindas e atraem a atenção de cultos e incultos". Enchia um caderno de duas mãos de papel por "meio guinéu". Mas ninguém parecia interessar-se.

A VIDA DE DALTON

(JOHN DALTON — 1766-1844)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)



John Dalton

Contudo, ele prosseguia, indomável, nos seus trabalhos. Acrescentou aos estudos de botânica uma coleção de insetos comuns — principalmente borboletas e mariposas. "Alguns desses espécimes podem ser considerados pueris", declarava. "Mas não está abaixo da dignidade de um naturalista observar o que quer que tenha vida animal ou vegetal". Fez experiências para estudar o processo de destruição da vitalidade em lésmas, gorgulhos e larvas quando imersos em água ou encerrados no vácuo. Depois começou a experimentar em si mesmo para determinar a relação entre a ingestão de alimentos e a quantidade de transpiração. Mas o mundo continuava indiferente.

III

Ouviu dizer que os presbiterianos haviam fundado em Manchester uma escola consagrada "à verdade, à liberdade, à religião" — um instituto destinado a servir de protesto contra as universidades britânicas dominantes, que não admitiam unitários e quacres. Ofereceu-se para ensinar filosofia natural e matemática nessa "escola de dissidentes". Conseguiu o posto, em grande parte por "falta de melhores candidatos". Mas achou desagradáveis as restrições da vida acadêmica e decidiu voltar ao ensino privado.

Para poder fazer frente às suas despesas, modestas como eram, via-se obrigado a ensinar tanto de dia como de noite. Os estudantes diurnos pagavam-lhe dez guinéus por ano; os discípulos noturnos, dois xelins por lição. "Mas, apesar de tudo isto", escrevia com o seu inalterável bom humor, "não estou bastante rico para me aposentar".

A fim de apressar mais a sua "aposentadoria", preparou um livro de gramática. Nesse livro, o velho assunto da sintaxe inglesa era submetido ao exame de um espírito vigoroso e original. O resultado foi uma obra cheia de idéias brilhantes. E de erros fantásticos — tais como o de catalogar *phenomenon* entre os substantivos masculinos, e *phenomena* entre os femininos.

O livro alcançou uma venda apenas medíocre. Mas Dalton continuou imperturbável. Publicou uma série de ensaios sobre as suas pesquisas meteorológicas, observando no prefácio que, como de costume, não se baseara em "superabundantes contribuições de outros livros" mas em suas próprias observações.

Depois de publicado o livro, descobriu que algumas de suas conclusões tinham sido antecipadas por um cientista francês, cuja obra ele não lera. "Estou encantado de saber", observou com rigorosa honestidade, "que duas pessoas de todo o ponto desconhecidas uma à outra chegaram independentemente aos mesmos resultados".

Os seus resultados provinham quase sempre da experiência pessoal. Os princípios da visão individual, por exemplo — essas estranhas leis que separam completamente uma personalidade de outra — impuseram-se-lhe de um modo singular. Um dia ele comprou para sua mãe um par de meias que tinha visto numa vitrina de Kendal. A mãe ficou deleitada com o presente, e ao mesmo tempo embaraçada. "Você me trouxe um magnífico par de meias, John; mas por que é que escolheu uma cor tão viva?" Seus instintos de quacre tinham sido feridos. "Eu nunca poderei ir com elas a uma reunião".

— Mas é uma cor muito própria para ir a reuniões — respondeu John. Pois não eram de um modesto azul escuro?

— Ora, se são vermelhas como cerejas, meu filho!

Dalton ficou perplexo.

— Coisa estranha, não é, mãe? — E então recordou alguns episódios semelhantes. — As moças dizem que se admiram de me ver na rua com um casaco verde. E eu sempre respondo que o meu casaco é de um vermelho escuro. Quem é que tem razão?

Estava resolvido a investigar essa curiosa divergência entre a sua visão e a dos outros. Haveria muitos como ele? Mais do que o mundo suspeitava, talvez? Por fim encontrou em Maryport a dois homens — dois irmãos — que confessavam possuir uma idiossincrasia visual semelhante. Para eles o amarelo era a cor mais vivida do espectro solar. O rosa parecia-lhes ter afinidade com o azul-celeste. Não percebiam diferença entre o verde e o encarnado vivo. Essas peculiaridades coincidiam exatamente com as observações pessoais de Dalton. Um amigo lhe escrevera em tom de gracejo: "Por suas comunicações, vejo que há de fazer uma idéia muito imperfeita dos encantos que... constituem a beleza no sexo feminino; refiro-me àquele rosado das faces que você admira tanto por ser azul claro..."

Como resultado de suas observações, Dalton propôs uma teoria explicativa do estranho fenômeno que atualmente chamamos "cegueira das cores". E, embora não haja descoberto as causas fisiológicas desse defeito, soube aproveitar a lição de psicologia que encerrava. Passara vinte e sete anos de vida enxergando um mundo de certas cores, para descobrir por mero acaso que a vasta maioria dos homens viam um mundo diferente. Mas seria o dele menos real? Esse, de então em diante, ia ser o objetivo de sua vida — procurar a realidade que se oculta atrás dos contraditórios testemunhos dos nossos sentidos humanos.

IV

Tinham-se acabado os anos de indecisão. Dalton resolvera dedicar sua existência à química, o domínio da verdade objetiva. Depois de se demitir do Manchester College, passou quase trinta anos residindo e experimentando em casa de um clérigo generoso, o Reverendo Mr. Johns. Com sua rude e honesta franqueza, Dalton oferecera-se como hóspede aos seus solícitos hospedeiros. "Um dia", contou a filha do clérigo, "quando minha mãe estava à janela, viu passar Mr. Dalton do outro lado da rua; abriu a janela, e ele atravessou para cumprimentá-la. — Mr. Dalton — disse ela — como é

(Continua na pág. 50)

AMAR NUNCA FOI CRIME

(História real, passada na França, descrita por Hélène)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Fui educada por minha mãe desde a idade de três anos. Ignorava o motivo da separação de meus pais. Minha mãe nunca falou mal de meu pai, e me conduzia até ele todas as quintas-feiras. Ele se esforçava por agradar-me, mas nunca o conseguia, ignorante que era da alma infantil. Se eu fosse um menino, talvez que ele, recordando-se dos seus tempos de criança, acertasse; mas eu era uma menina! Meu pai muito me queria, e parecia muito satisfeito todas as manhãs de quintas-feiras, quando eu ia visitá-lo. Ao reentregar-me à minha mãe, denunciava seu constrangimento na fisionomia.

Mamãe era perfeita, e eu a adorava. Quando completei meus doze anos e comeci a observar as coisas em torno a mim, tive a impressão de que meu pai devia ser um monstro, para não ter podido viver em companhia de tão boa criatura. Já eu não gostava muito dele, e os dias de visita passaram a ser de aborrecimentos para mim. A proporção que ia avançando em idade, tornava-me tímida, embotada, dando ao meu pobre pai certas dificuldades para julgar-me e agradar-me, uma vez que já não era eu nem criança nem mulher. Por isso ele ficava sem saber como agir. De visitas semanais passei a ir quinzenalmente; depois, todos os meses e, por fim, somente nas grandes datas ou festas.

Tudo continuou assim até os meus dezoito anos. Tinha minha mãe, então, trinta e sete. Como estava magnífica! Conhece-mos em Evian um pintor afamado, a quem chamarei com o nome imaginário, Thierry. Muito se interessou por mim e desejou fazer o meu retrato que expôs no Salão de Outono, daquele mesmo ano. Tinha o pintor apenas quarenta anos. Eu o achava sedutor, irresistível, com suas têmporas meio grisalhas, seu porte de grande senhor, a fisionomia impressionante, refletindo uma alma de artista. Eu calculava que uma diferença de uns vinte e dois anos nos separava, mas também via que o destino às vezes brinca com essas circunstâncias.

Enfim, exaltei-me, alimentando este amor de sonhos sem fim, não vivendo se não à espera das visitas de Thierry, a imaginar nossa vida futura, impacientando-me pelo fato de ele não declarar-se a mim, a supor que ele estivesse primeiramente disposto a obter o consentimento de minha mãe, para então fazer-me a corte... Isso durou até que, um dia, eu percebi que ele me considerava uma criança e que estava amando... a mamãe!

Tão grande decepção, tal amargura me conturbou a consciência, que eu abandonei a companhia de minha mãe e fui refugiar-me em casa de papai.

Quando lhe contei o que sucedera, cheia de azedumes para o procedimento de minha mãe, ele me deu esta resposta increditável:

— Não vejo por que motivo possa você censurá-la. Ela tem o direito de amar. Não há nenhum crime nisso...

— Mas meu pai! Tem ela direito de alimentar um amor ilícito? E naquela idade?... — exclamei eu fora de mim.

Na minha incontida raiva, eu tinha a impressão de que aos trinta e sete anos uma mulher já é velha. E prossegui, a desabafar:

— Não posso ficar nem um dia mais ao lado de uma mãe pela qual perdi toda a estima, uma mãe que não tem mais pudor, uma...

— Vamos, minha querida — voltou meu pai serenamente. — Não sabe o que está dizendo. Sua mãe é uma mulher admirável.

Eu me sentia sufocar de indignação. — Sim! Admirável! — repetia ele. — Tive todas as contrariedades em relação a ela. Mas, malgrado tudo, não tem ela dito mal de mim, não é verdade? Como ainda não quis pedir divórcio. E sabe

por que? Por causa de você, de seu futuro... Não quer que seja a filha de uma divorciada... Assim, quando você vier a amar um homem, possa entrar na sua família de cabeça erguida. Foi por sua causa que ela renunciou para sempre à liberdade. E agora, não podendo casar-se com o homem a quem ama, uniu-se ao mesmo simplesmente pelo amor. Vai censurá-la porque fez esse sacrifício por você? Estou certo de que essa ligação ficará em segredo, privando-se ela de sair com esse homem, de viver com ele, conservando-se inatacável perante o mundo, apenas por sua causa, minha filha!

Confesso que não podia compreender. Ferida em meu amor próprio de mulher jovem e bonita a quem um homem desprezara tendo preferido outra muito mais velha, encerrei-me numa intransigência feroz.

— Bem — concluiu meu pai. — Você ficará aqui se assim o desejar. Mas preciso preveni-la de que não se perturbe se me vir levar uma vida pouco exemplar...

E eu fiquei com o papai. Adquiri, em breve, a experiência do que poderia ser a vida pouco exemplar de um homem de quarenta e cinco anos. E eu que desejara censurar mamãe, que pretendia impor certas regras ao mundo, com aquela intransigência toda, tive que submeter-me. E fui forçada a mostrar-me cheia de indulgência. E tive que, no meu ressentimento, deixar de comparar a dignidade da vida de mamãe com a estranha existência de meu pai, crivada de figuras femininas constantemente renovadas, de noites passadas

fora do lar, de céias grã-finas... E me obstinei a permanecer em sua casa.

Um dia minha mãe veio buscar-me. Em pouco tempo ela parecia tão mudada, que, malgrado meu rancor, fiquei comovida. Ela parecia atacada de grave moléstia.

— Você pode voltar para minha companhia. Rompi com Thierry. Compreenda... Era preciso que eu escolhesse entre ele e você, e eu não vacilei por muito tempo... Volta... Bem sabe que você é e sempre foi toda a minha vida... Volta!

Ainda a vejo suplicante e humilde como um mendigo. Ouço-lhe a voz soluçante. Mas naquele momento não desejei amolecer. Tinha dúvidas sobre aquele rompimento. Com certeza ela continuaria a manter relações com Thierry, às ocultas, redobrando apenas de prudência...

E partiu envelhecida, os ombros caídos, o dorso recurvo como uma anciã, o andar meio trôpego.

Se bem que papai não se importava muito comigo, era natural que minha presença o atrapalhasse. Por isso ele se decidiu enviar-me para Paris a fim de fazer o curso de mecanografia.

Foi assim que conheci Francis.

Saía eu da aula, quando o vi pela primeira vez. Estava na direção de excelente auto quando parou bem ao meu lado.

— Queira perdoar-me, senhorita, reside aqui no quarteirão?

— Sim... mas há muito pouco tempo. Temo não poder dar-lhe qualquer informação.

— Conhece, talvez, a rua Boileau?

— Ah! Sim... É uma das poucas ruas que conheço. Moro lá. Está a um quarto de hora a pé; mas, a carro... Olhe, pode ir...

— Não seria mais simples que viesse comigo? Não somente acertaria com mais rapidez, como ainda poderia conduzi-la à sua casa.

Ele era um jovem bem vestido, de ar enérgico, dentes perfeitos, pequeno bigode à americana, olhos dominadores. Sua voz era agradável, e me cativou imediatamente. Parecia emanar de sua pessoa uma vontade que me subjugou por completo.

A sorrir, aceitei o oferecimento e me sen-

tei ao seu lado no magnífico auto aberto, e demos uma volta pelo Bois. Depois concordei em passar o domingo no campo, com ele. Passei a aceitar tudo o que ele quis. Pode-se adivinhar até onde poderia isso levar-me.

E eu que me mostrava tão severa, tão áspera para com a mamãe, tornei-me uma companheira de Francis. Mas... não era a mesma coisa. Além disso, eu e Francis íamos casar, mais tarde, logo que ele obtivesse seu divórcio. Ele não me havia dito antes que era casado.

Nessa esperança vivia eu como num permanente sonho. Eu o amava com toda a força de meu coração. A lembrança de Thierry se havia esmaecido completamente. Compreendia perfeitamente agora que aquilo não passara de um sentimento puramente infantil, ao lado da paixão que Francis soubera inspirar-me. Companheiro incomparável, inundava-me de felicidade. Era autoritário, talvez... mas eu estava enfeitiçada por tudo que era dele. Também não era lá muito fiel... Mas, toda vez que eu tinha minhas suspeitas, ele sabia convencer-me de que somente a mim ele amava. Assim vivemos durante vários meses, sem que ele tornasse a falar em casamento. Por minha vez, com certo orgulho, evitava de falar nisso até que um dia...

Quando lhe disse que ia ser mãe, ele quase morreu de alegria. Espontaneamente, sem que lhe pedisse, ele me prometeu que iria redobrar de esforços no sentido de obter divórcio da mulher com quem se casara e que, ao que parecia, se obstinava em obstruir esse recurso legal.

Quem seria essa mulher? Eu nada sabia dela. Aliás, eu também nada sabia do próprio Francis. Ignorava, não somente o seu passado — que, aliás, parecia ser bastante normal — mas o seu presente, que era cercado de mistério. Nunca me pôs ao corrente de suas atividades. Que fazia para viver? Não sabia nada. Dizia-me que tratava de "negócios", fórmula muito vaga e imprecisa.

Três meses se escoaram, quando então me disse que seu divórcio, tinha sido, enfim, concedido.

— Que felicidade! — exclamei. — Tinha tanto receio que nosso filho nascesse antes desse casamento!

Francis sorriu tristemente.

— Minha pobre menina. Não estaremos casados antes de uns cinco meses, no mínimo. Certas complicações do processo forçam-me a demorar o nosso casamento. Mas... não chore. O tempo passa depressa.

Ele teve razão. Os preparativos para a recepção da criança, seu bercinho, seu enxoval, sua alcova rosa, encheram-me de tal

(Continua na pág. 48)





A mão mecânica, colocada em um braço artificial, segura, com absoluta firme, o pente com que este ex-mutilado alisa a cabeleira

PARA a humanidade de um século atrás, a perda de uma das mãos ou de um braço, especialmente quando era dado abaixo do cotovelo, constituía invalidez permanente para o trabalho, ou, na melhor das hipóteses, um "deficit" de cinquenta por cento ou mais, se se tratasse do braço direito.

Todo aquele que perdesse um desses membros do corpo, seria lançado às maiores dificuldades e, se pessoa sem recursos, vivendo exclusivamente de seu trabalho cotidiano, teria toda a sua vida entregue à caridade pública ou passando a viver sob a proteção de parentes ou pessoas caridosas.

A dependência de terceiros era fatal a quem perdesse braço ou mão em desastres, acidentes, infecções que forçassem a amputação de membros do corpo.

Nos tempos atuais, a situação é outra muito diferente. O progresso da ortopedia faz verdadeiros milagres, e a fabricação de pernas, braços, mãos e dedos chega a pontos culminantes e verdadeiramente assombrosos.

Qualquer pessoa que seja privada de um desses membros pode ser tratada e reeducada com peças artificiais

OS MILAGRES DA CIÊNCIA HUMANA

Texto de Harold Green * Fotos Keystone

de grande eficiência, de maneira que, em pouco tempo, os movimentos físicos são de tal forma perfeitos que dão a idéia de serem naturais, de terem nascido com o seu dono.

Há atualmente pessoas portadoras de braços e mãos artificiais que nos dão a impressão de que os membros são naturais, pois fazem esportes, escovam roupa, servem bebidas, escrevem, etc., com a mobilidade e a perfeição

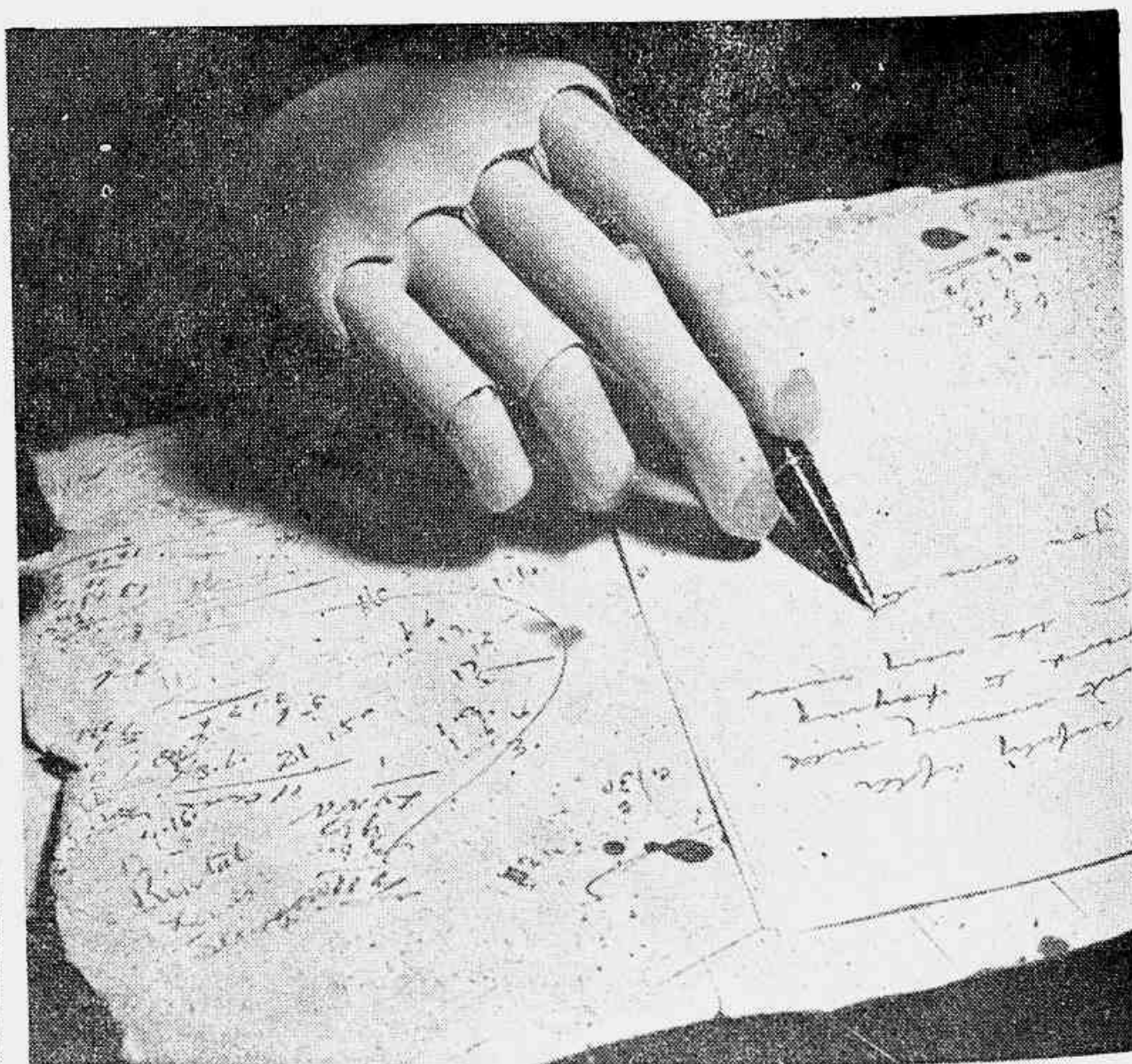
de movimentos de braço, dedo e mãos, como se assim houvessem nascido e não fosse aquilo aparelho, uma prótese ortopédica em substituição da parte natural que um acidente, uma doença, uma fatalidade lhes roubou.

Até pouco tempo um braço artificial repunha apenas o corpo desse membro no lugar da manga do casaco, mas nenhuma mobilidade era devolvida aos dedos da mão. Assim, embora com uma aparência de braço natural, era esta peça ortopédica imóvel, caindo pesadamente ao longo do corpo, percebendo-se facilmente que se tratava de um braço fabricado.

Os mais modernos aparelhos dessa natureza já não têm aquela imobilidade de outrora e a mão deixou de ser de aspecto grosseiro, para possuir grande similitude com a que restou ao amputado.

Dispondo de movimentos como se fosse perfeitamente natural, o braço pode mover-se, baixar, levantar-se, cumprimentar, apreender, com a mão e dedos, uma bola e jogá-la bastante longe, tudo dando a ilusão de que não há nada de artifício naqueles movimentos.

(Continua na pag. 52)



A esquerda: A articulação da mão artificial é exatamente como a esquerda que está sã. Ele serve "drinks" aos amigos com absoluta segurança. A direita: A única diferença que há entre a mão direita artificial e a esquerda natural, é que a primeira não sente reumatismos...



A perda de um braço já não constitui a perda de um emprego, como provamos com este senhor atendendo o telefone com o braço artificial



Não seria pela falta de sua mão natural que ele se privasse do passatempo em jogos de família em casa do amigo de tantos anos



Se ainda não acreditam no que os seus olhos estão vendo, aqui está o mesmo ex-mutilado, a escovar a roupa como se fosse normal. A direita, com o seu braço artificial, faz o que qualquer um pode fazer com o natural, ei-lo a jogar longe esta bola





AT THE RODEO

I've practic'ly memorized the bil-
[board
I know ev'ry word the sign.
It says that the Rodeo's coming to
[twn, and I'll be the first one
[in line.
There'll be peanuts and popcorn and
[sody at the rodeo
There'll be injuns who fought when
[Bill Cody at the rodeo;
You'll see a lot of new faces
And some that you've seen before,
People from outlying places
That actu'ly live right nex door.
You'll find cow boys from
Waco and Ledy at the rodeo,
They're all shapes and all competing
[for prizes,
All hoping to get in the dough
At the rodeo.

★

QUANDO FOI. PORQUE FOI

Samba-canção . Fernando Lobo

Grav. por Araci de Almeida

Quando foi, porque foi ninguém
[sabe
A verdade é que tudo entre nós
[terminou
A razão foi ciúme ninguém sabe
A verdade é que tudo acabou

Quem diria
Depois de tantos castelos
Chegaria tamanho fracasso depois
Ai, quando foi, porque foi
Ninguém sabe
A verdade é que não somos mais
[dois.

★

OH! SUZANA

(Marcha)

Stephen C. Foster — Letra brasileira de Bob Nelson

Certa vez eu vim montado, ai, ai...
Num cavalo alazão
Numa estrada cheia, ai, ai...
De buracos pelo chão.

Oh! Suzana
Não chores por mim
Pois, eu vou para Alabama, ai, ai...
Tocando bandolim.

Na metade do caminho, ai, ai...
Eu cai dentro de um valo
E cheguei ao Alabama, ai, ai...
Arrastando o meu cavalo.



Mara vai conhecer novas terras. Vai divulgar o folclore brasileiros em terras de Portugal. Em sua companhia viajará Valdemar Henriques

RADIO-FLASHES

UMA NOVELA

"Recordações de amor", eis como se intitula a mais recente produção de Oduvaldo Viana para o elenco rádio-teatral da Tupi. Trata-se de interessante história seriada que reunirá duas das mais populares figuras da arte de dizer ao microfone: Zezé Fonseca e Paulo Gracindo. Aliás, essa novela marca o retorno de Zezé à interpretação dos trabalhos de Oduvaldo Viana, dos quais se achava afastada desde quando trocou a Nacional pela Globo. Assim, voltaremos a ouvir a simpática estrela vivendo as personagens criadas pela imaginação fértil do autor de "Céu cor de rosa", uma vez que ambos são exclusivos da "emissora leader associada".

ACONTECEU EM BUENOS AIRES

A União dos Músicos Argentinos, entidade que congrega e defende o interesse de quantos se dedicam à música, tomou atitude contra Xavier Cugat, ameaçando proclamar a greve geral de seus associados, caso as autoridades facilitem a realização dos concertos que esse conhecido band-leader americano se propõe a levar a efeito. Tal atitude, conforme declarações do presidente da União dos Músicos Argentinos, prende-se às determinações das autoridades norte-americanas, que não consentiram que os músicos platinos trabalhassem nos Estados Unidos antes

de completados seis meses de residência em território ianque.

Enquanto tal ocorre no país portenho, anuncia-se que Xavier Cugat e sua famosa orquestra abrirão, em nossa cidade, a temporada internacional que a Rádio Globo oferecerá a seus ouvintes. Esperamos que os nossos músicos não tomem o exemplo de seus colegas argentinos, uma vez que inúmeros artistas brasileiros têm sido recebidos cordialmente pela turna de Uncle Sam.

ROTEIRO INTERNACIONAL

Mara e Valdemar Henriques são dois estudiosos de nosso folclore. Lutando contra a hostilidade dos que preferem o "made in extranja", os dois apreciados artistas brasileiros vêm realizando muito na divulgação das lendas nacionais, trazendo para o microfone, tudo quanto de belo existe em matéria de folclore. Agora, depois de vitoriosa atuação ao microfone da Rádio Ministério da Educação, Mara e Valdemar Henriques preparam-se para conhecer novas terras, onde divulgarão o que de belo e curioso existe na música brasileira. Eles apressam-se para dar um pulo a Portugal. Daí, as despedidas feitas através de "Muiraquitas", programa escrito por Pascoal Longo, que a PRA-2 transmitiu quinta-feira última. Para preencher a vaga dos queridos artistas amazonenses, Tude de Sousa contratou Jorge Fernandes, recém-desligado da PRE-8.

NOVIDADES EM FOCO

Findo o período carnavalesco, as emissoras cariocas entram na fase das grandes apresentações, empenhando-se cada qual em proporcionar melhores programas a seus inumeráveis ouvintes. Dêse modo, os responsáveis pelos novos lançamentos, começam a dar tratos à bola, a fim de arrancarem idéias que absorvam o interesse daqueles que buscam no sem fio o divertimento bom e barato. Nessa febre de produções novas empenham-se as estações particulares e oficiais, conforme será fácil constatar através da leitura da programação de cada prefixo.

A Roquete Pinto, por exemplo, acaba de lançar "Conservatório do Ar", considerado novidade no gênero. A Ministério da Educação apresenta "Que está errado?", focalizando problemas de puericultura. A Globo, anuncia a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, que terá o concurso de figuras de grande projeção no cenário musical do Mundo. A Mayrink Veiga, dentre outras coisas, surge com "Teatro Ligeiro", produção de Penvido Edinaldo. A Continental anuncia "Folias Cariocas", de que participará o locutor Luis de Carvalho. A Jornal do Brasil tem assegurado o concurso de Jorge Fer-

nandes. A Tupi, apesar do incêndio que lhe devorou os estúdios, prepara-se para grandes atrações, o mesmo acontecendo com a sua co-irmã Tamoio. A Guanabara, não querendo ficar atrás, reforce seu cast. Resta saber o que ocorre na Vera-Cruz, Cruzeiro do Sul, Mauá e Rádio Clube.

GENTE NOVA

Paulo Madalena Alves, esse novo "cow-boy" do "broadcasting" carioca, iniciou sua carreira artística animando os espetáculos circenses. Mais tarde, levado pelo desejo de triunfar no rádio, procurou participar de alguns programas da Vera Cruz, onde o foi buscar Henrique Batista para participar de "Samba e outras coisas". Não satisfeito, inscreveu-se como candidato a um dos tronos da "Hora do Pato", abiscoitando o prêmio concedido pelo Heber. Eis quando se lhe ofereceu oportunidade para cantar no "Programa Casé". Daí, atendendo as vantagens oferecidas pelos animadores de "Rapsódia Carioca", passou a constituir uma das atrações desse movimentado cartaz.

Paulo Madalena Alves, que se apresenta ao microfone como Paulo Bob, desempenha, fora do rádio, as funções de auxiliar de datilógrafo da Central do Brasil. E' moreno e conta, presentemente, dezoito anos de idade. Seu gênero agrada muito, particularmente as crianças. E', pode-se dizer, o mais sério rival de Bob Nelson.



Paulo Bob, o mais jovem "cow-boy" do rádio, começou cantando nos circos, até que o microfone da Vera-Cruz lhe deu uma chance

ONDE ESTÃO OS VALORES? Tornou-se assunto por demais explorado a questão dos valores novos. Há os que garantem a não existência de concorrentes para Francisco Alves, Sílvia Caldas e Carlos

Galhardo. Na verdade, têm razão. Aquêles que surgem como verdadeiras promessas, não chegam a ameaçar o prestígio desses três figurões, considerando-se o desleixo que revelam na seleção do repertório. Contentam-se em repetir composições antigas, algumas das quais constituíram o sucesso dos cantores que citamos. Quando não, demonstrando carência absoluta de gosto na escolha dos números, interpretam tudo que lhes caia às mãos. Com isso, ao invés de prepararem o terreno, enterram-se completamente, nada fazendo de proveitoso em benefício da carreira que os levou à frente do microfone. E, como resultado, não obtêm a renovação do contrato, nem tampouco despertam o interesse de outra emissora, retornando ao ponto de partida que, comumente, são os programas de calouros...

Lembramo-nos, ainda, do Campeonato Brasileiro de Calouros, em que Almirante, dispondo dos recursos necessários a empreendimento de tal monta, tudo fez para descobrir novos valores para o "broadcasting" nacional. Depois de metódico trabalho de seleção, em que tudo obedeceu a mais completa lisura, o popular radialista logrou aproveitar quatro elementos que, embora não correspondendo plenamente, satisfaziam, em parte, o interesse de Almirante. Após três meses de apresentação ao microfone PRE-3, em que o orientador do campeonato cuidou-lhes do repertório, os promissores astros desapareceram. O trabalho de Almirante, diga-se de passagem, não teve a compensação esperada, porquanto os vitoriosos, tão logo se viram soltos, descuidaram-se do repertório, repetindo números que se tornaram popularíssimos na voz de Francisco Alves, Sílvia Caldas, Carlos Galhardo e mesmo de Orlando Silva.

Quando um novato chega ao microfone, mil prognósticos são feitos sobre o que será a sua carreira artística. Muitos prevêm que desbancará o "rei da voz", enquanto outros, mais pessimistas, afirmam fracassar no segundo mês de atuação no rádio. Em geral, os últimos acertam. E' que a desobediência aos ensaios, a pobreza dos números escolhidos e a vaidade absurda do novo cantor arrastam-no, fatalmente, para o lugar comum. Daí, julgamos prudente não tratar de alguns cantores novos. Deixemo-los expandirem-se à vontade, uma vez que continuam equidistantes dos grandes astros da primeira fase. Se as previsões não falharem, ai sim, voltaremos ao assunto para aconselhar ao encanecido Chico que tome cuidado com os concorrentes. Por enquanto está tudo azul...

A. MIGUEIS.

NOS BASTIDORES FEMININOS



Virginia Mayo, a "estrela" favorita de Samuel Goldwyn, exhibe um modelo para a noite em "tulle" branco com forro em lamê prateado e "guipure" aplicada sobre o busto

Não, não vá na conversa de sua amiga; não deixe que ela a convença de que você está sendo "boba" e antiquada. Não deixe que ela envenene o seu espírito e a sua vida com as suas idéias de mulher "moderna". Esse "modernismo" tão mal inter-

pretado, infelizmente, só fica bem a uma criatura fútil e irresponsável como a sua amiga. Para você, que tem noção de responsabilidade, que tem filhos para criar e educar e que tem um marido leal a respeitar, isso não ficaria bem. Deixe que ela se "espalhe" à vontade e, quanto a você, prefira a vida calma que tem levado até agora. Certos divertimentos, como o inocente "flirt" que sua amiga julga indispensável, não podem proporcionar a você satisfação alguma, uma vez que toda a sua vida está concentrada ali, no seu lar, com os seus filhos e com o seu esposo. Suas distrações deverão partir dali mesmo, e você é inteligente bastante para saber como arranjá-las.

O dizer que a sua vida está dentro do seu lar, não implica em dizer que você se deva matar de trabalho, se abandonar a si própria e ter a única preocupação de ter as re-

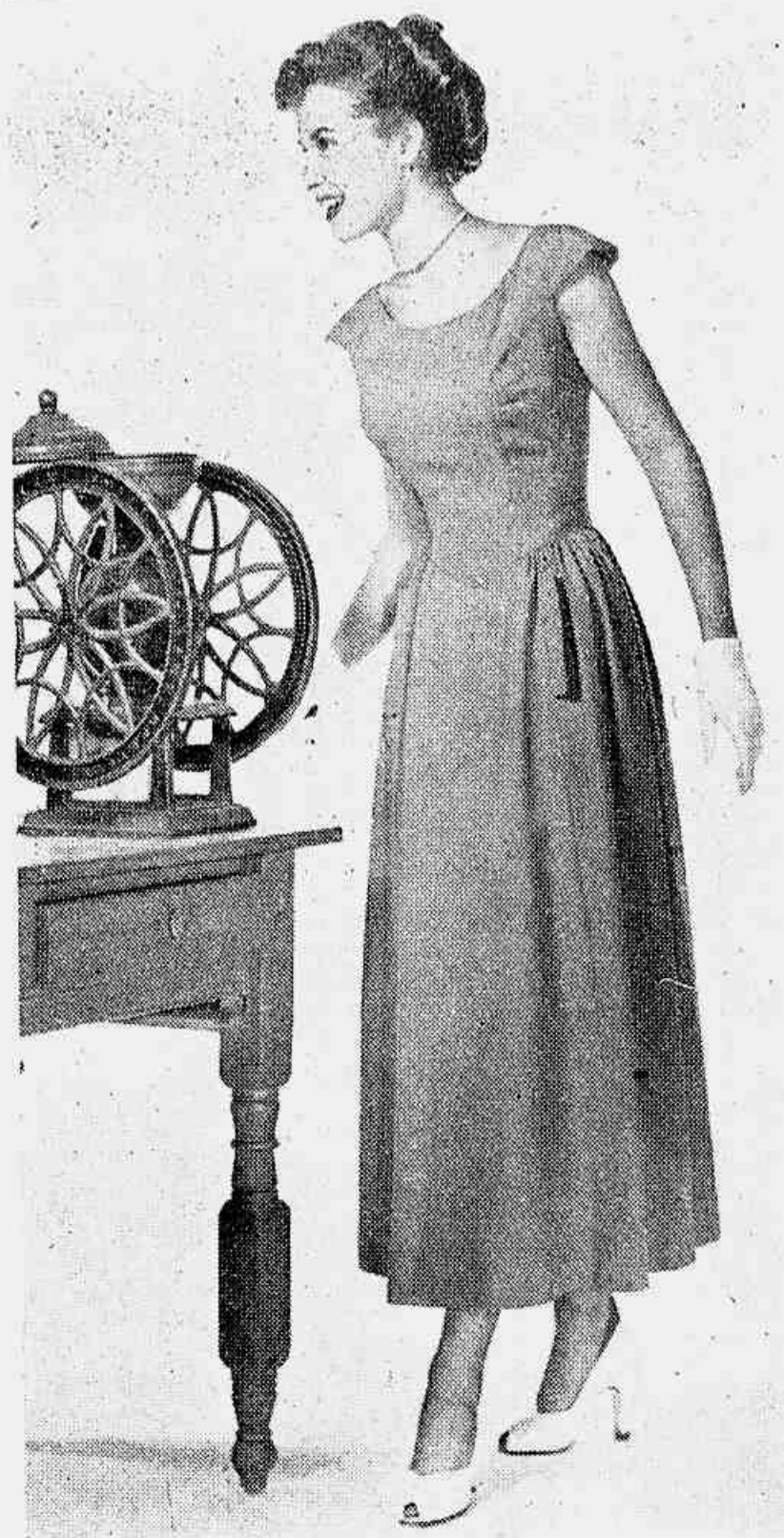
A "AMIGA DA ONÇA"

feições prontas à hora certa, as roupas das crianças sempre limpas e as coisas do marido sempre em ordem.

Você poderá fazer tudo sem excessos; poderá dividir o seu tempo de maneira a que sobre sempre uma horinha para você

descansar, para cuidar da sua aparência e para sair com os filhos e com o marido. Recebendo em casa os amigos mais sinceros, procurando manter dentro de casa um ambiente ríado e alegre, você poderá viver momentos bastante agradáveis, sem precisar, de forma alguma recorrer aos conselhos de sua amiga.

Continui assim como está e quando novamente ela tentar encantá-la com as suas teorias, mostre-lhe a sua felicidade ali, na sua casa, entre aqueles que merecem e esperam o seu respeito e o seu amor. Diga-lhe também que "o modernismo" para você, consiste nisso: um espírito forte, uma personalidade dinâmica e sentimentos de dignidade e decência.



DE HOLLYWOOD

Três novos e sugestivos modelos de Hollywood, estão aqui estampados: Ao alto: Juvenil e gracioso é o modelo de Janet Leigh, da MGM, executado em "faille" verde. Saia franzida com bolsos verticais. A esquerda: Novamente a "estrelinha" da MGM, num "tailleur", de gabardine, cintado, próprio para viagens. A direita: Teresa Wright, da RKO, usa, com um "tailleur" de fina casemira, um colête de fustão branco





Cocktail



DENTRO de uma tarde encantadora em que as mulheres se reúnem para as delícias de um "cocktail", se destacam as maravilhosas "toilettes" criadas especialmente para esse fim. Nestas páginas Jean Dessès, Robert Piguet, Grès, Worth, Jeanne Lafaurie, Creed, Carven e Patou apresentam as suas criações para as festas elegantes.



APENAS UMA FLOR

CONTO DE HERCILIA LINS

CHOVESSE ou fizesse sol, todas as manhãs, pontualmente, à mesma hora, aquele estranho homem saltava do bonde em frente ao cemitério; entrava no mercadinho de flores; dava uma olhadela pelo mostruário e adquiria uma única flor — a que lhe parecia mais bela no momento. E sempre de cabeça baixa, demonstrando guardar uma mágoa profunda, entrava no campo santo. Ia para a sua costumeira visita em determinada campa no fim da aléa esquerda. Parava por uns segundos, com o olhar fixo na lousa branca e fria, sobre a qual havia um simples nome: Dolores. Murmurava qualquer coisa inaudível. Colocava a flor sobre as letras que formavam o nome bem ao meio da pedra-mármore. Respirava fundo e se ia embora tristonho como entrara. Jamais levava mais que uma flor — 365 flores por ano! Até mesmo no dia de Finados era uma — apenas uma flor.

Aquela manhã, porém, sentara-se à beira do túmulo. Era domingo. Não tinha pressa. Uma dor suave e triste contorcia-lhe o coração. Pouco a pouco, a imagem da morta querida foi penetrando mansamente na sua imaginação. A princípio esfumada, depois mais nítida, até parecer uma imagem viva. E as cenas começaram a desenrolar-se no seu cérebro como num filme.

— Felix, vim aqui para um entendimento definitivo. (Ela estava nervosa e havia um tom amargurado na voz dela.) Tenho estado seriamente apreensiva e agoniada com a tua atitude estranha para comigo. Antigamente, mal me vias, corriás a abraçar-me e beijar-me. Hoje, pões-te a riscar um quadrilátero no papel... (Que desatencioso estás! (Ela estava prestes a chorar.)

— Mas... estás dramatizando a história, Dolores — respondeu sorrindo, mostrando-lhe uma cadeira para sentar-se.

— Não, Felix. Já não és o mesmo. Algo faz-me sentir desamparado e inútil o meu amor. Sinto-o flutuando no ar. E receio vê-lo espatifar-se no chão a cada momento... (e deu um longo suspiro).

— És muito romântica, Dolores. E eu sou um cético. (Estava apreensivo.)

— Dize-me com toda a franqueza: que há contigo?

— Não há nada. Apenas não queres compreender as coisas, o que posso fazer? — disse, arrancando uma folha de papel do bloco, amassando-a.

— Existe... outra? — gaguejou, traindo na voz o aguilhão do ciúme.

— Não — disse de modo convincente.

— Tu me enlouqueces!

O rapaz deu uma risada alegre de quem está satisfeito por saber-se doidamente amado. E a moça continuava cometendo os maiores desatinos na esperança de ouvir uma palavra que a tirasse daquela impaciência, convencendo-a de que também a amava com o mesmo ardor. Mas era inútil porque ele ficava irônico, ou sorrindo, sorrindo sempre, deixando-a nervosa e cada vez mais impaciente.

— Felix, Não consigo esquecer-te porque temo ser injusta. Creia que tenho a melhor boa vontade em compreender-te, em agradar-te, em fazer-te feliz!

Ele continuava olhando-a com o mesmo sorriso enervante.

— E' preciso decidir — insistia ela. — Não suporto mais esta indiferença — E, num tom entre carinhoso e infantil: — Não gostas mais de tua Dolores?...

— O que me desagrada em ti é esse romantismo doentio. Prefiro tudo ao natural. E' mais prático, melhor! Para que procurarmos dores?...

— Já não gostas do amor-ternura!

— Não sei por que, jamais senti a menor emoção em nada. Absolutamente nada! Não posso compreender o que seja "amor". Para mim, o amor é uma simples invenção imaginária. Quando alguém diz que

ama, está apenas possuído de um capricho momentâneo. Se esse capricho é satisfeito, em seguida vem o desinteresse. Se não é satisfeito, persiste o capricho e, então, dizem estar apaixonado, "amando"... — Dá uma risadinha irônica.

— Acaso não terás coração?

— Penso que não. Queria sentir uma dor profunda. Qualquer coisa que me desse a entender a utilidade desse órgão que ainda não deu o menor sinal de vida dentro do meu ser.

— Felinho... por que és tão cruel assim? — disse lamuriosa. — Como lastimo querer-te tanto, tanto! Que fiz para merecer tal tratamento? Oh... queria ter certeza de que nada significo em tua vida para ir-me para sempre. Sem magoar-te. Sem ferir-te com uma só palavra. Mas, às vezes, penso que gostas de mim e que tens somente medo do amor! Todavia, se eu estiver enganada, gostaria de guardar uma doce recordação deste amor infeliz — disse com a voz vibrante, os olhos chamejantes.

— Assim, até pareces uma bonequinha de mamadeira... — gracejou ele.

— Não brinques. O teu amor sempre me deixou a sensação de uma coisa inacabada. Nem sei por que ainda te amo.

— Tu não me amas. Isto é apenas um capricho teu. Como ainda não me sentiste inteiramente teu, como desejas, pensas "amar-me". E isso viesse a acontecer, isto é, se tudo fosse como queres, logo me desprezarias.

— Oh!... Como és tirano. — E, impulsiva, agarrou-o pela gola do paletó, sacudindo-o com força. — Sé sincero: amas-me... ou odeias-me?...

A resposta foi apertá-la de encontro ao peito e, na boca, beijá-la com ardor. Entretanto, esse beijo deixou a moça na dúvida de sempre. Não era esse o beijo que ela ambicionava. E a história contemporizou-se. Até que um acontecimento inesperado veio modificar tudo. Dolores deixara-se sem de nada se queixar e amanhecera dura e gelada. Felix, que nada sabia acerca de seu estado de saúde, ao receber a notícia sentiu uma dor lancinante no centro do peito. Era uma dor que parecia corroer-lhe a alma e penetrar até o âmago do ser, acompanhada de uma sensação de vazio e de opressão ao mesmo tempo. Talvez fosse apenas remorso... ou seria amor?...

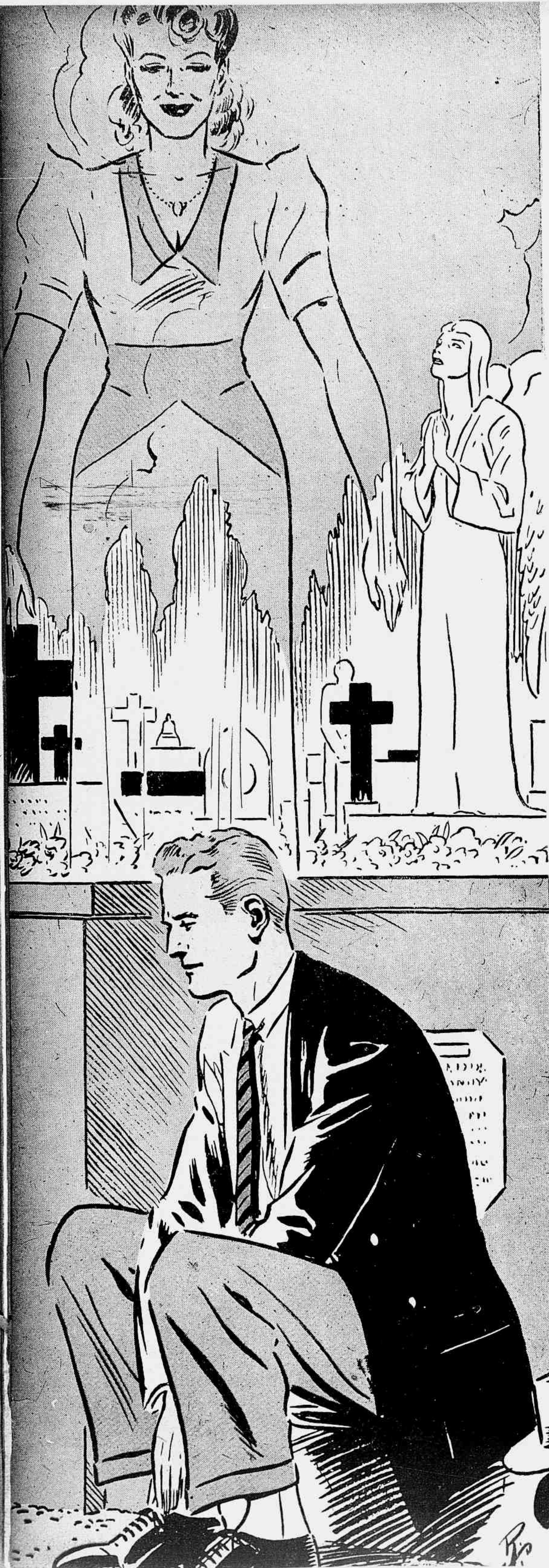
Agora, rememorando o passado, ele via claro como poderia ter sido feliz e belo aquele amor, se algo lhe tivesse iluminado o cérebro a tempo. Mas era tarde, muito tarde; Dolores partira para nunca mais voltar, e sem a despedida carinhosa que sempre lhe pedira, com toda a ânsia de seu coração.

— Meu Felix, Quando não me quiseres mais, não me deixes a recordação de um fracasso. Mas uma doce recordação deste amor-tormento. Quero que a despedida seja bela, cheia de carícias e ternuras, para recordar-nos que pelo menos um dia na vida tivemos a ilusão de um amor perfeito, o amor-sublimação! Na saída, então, tu dirás calmamente: "Dolores, este foi o nosso último encontro". E eu procurarei resignar-me porque terei sempre comigo a ilusão de que um dia fui amada, muito amada, ternamente amada. Sim, meu bem? Farás este "sacrifício" por tua Dolores, o último? (Eram as palavras dela a vibrarem-lhe nos ouvidos como um dobre de Finados.)

E ela se fôra, cheia de vida e de amor pela vida! O que mais lhe doía na alma era a ingratidão que tanto a fizera sofrer e, talvez, cessar de viver.

Aquela flor renovada diariamente parecia exprimir o desejo de livrar-se do remorso de tê-la maltratado durante todos aqueles anos. E o espírito da moça devia estar feliz onde estivesse; conseguira depois de morta o que não conquistara em vida — o amor do "amado".

ILUSTRAÇÃO DE RENATO SOUZA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



«ROBES» MODERNOS

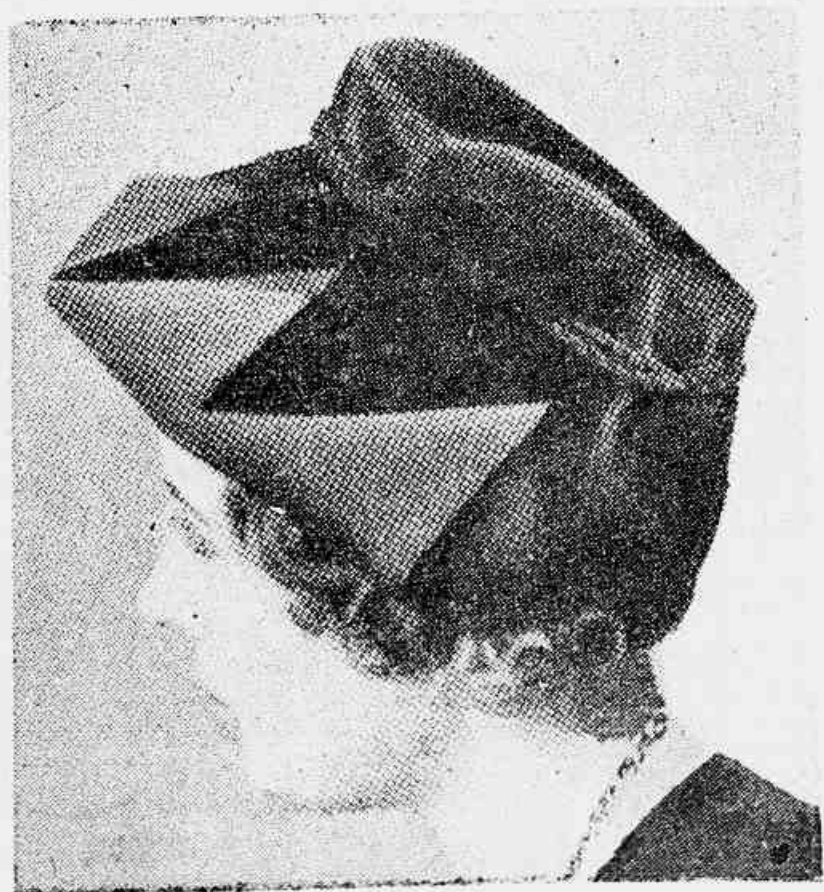


Algumas encantadoras e elegantes sugestões para a sua elegância íntima, estão aqui apresentadas nesta página. São modelos de grande efeito e muita distinção e poderão ser executados em cetim liso, ou em brocado, o que os tornará mais bonitos. Na foto vemos a mais recente criação de Jeanne Lauvin, um elegantíssimo "robe" em cetim cinza com estamparia negra. Larga faixa, também em cetim cor de cereja, completa o original modelo. A' esquerda, modelo em seda estampada de Jeanne Lauvin.



CADA CABEÇA... CADA SENTENÇA

CADA cabeça, cada sentença, diz o ditado; e nós dizemos: para cada penteado, o chapéu adequado. Aliás, "figaros" e chapeleiros franceses deram as mãos nesta temporada, para criar uma cabeça redonda e pequena, cuja impressão de mocidade é dada pelo movimento ligeiro dos cabelos sobre a testa.





A UVA COMO ELEMENTO ÚTIL À BELEZA FEMININA

É CONHECIDA a utilidade da uva em relação à saúde e à beleza, sabendo-se que não existe nada melhor do que uma cura de uvas para restaurar a beleza quer tenha ela sido prejudicada por um mal vindo dos rins, do fígado, dos intestinos, etc.

Mas, deixando de lado esse aspecto das suas virtudes, vamos encontrá-la numa variação pouco conhecida, apesar dos múltiplos benefícios que proporciona. É sabido que a polpa da uva contém elementos úteis à cutis não somente quando usada internamente, como também externamente. É por isso que se tem procurado preparar "máscaras" de beleza à base de polpa de uva, com excelentes resultados.

COMO PROCEDER

Para se obter uma boa "máscara" de uvas, basta preparar uma boa massa esmagando-se para isso uma quantidade suficiente de uvas bem maduras. O excesso de líquido de-

verá ser retirado. Quanto à casca, não precisa nem deve ser removida, pois encerra, em sua parte interna, uma série de princípios úteis que beneficiam extraordinariamente a pele. Esses princípios são, sobretudo, de natureza adstringente, indicados para os casos de peles oleosas cujos poros se acham abertos, ou então para as peles que começam a apresentar uma espécie de relaxamento geral, com aparecimento de rugas que indicam que as fibras elásticas que se encontram sob a pele estão perdendo a sua vitalidade.

AS SEMENTES

As sementes devem ser retiradas, a menos que se encontre um meio de triturá-las perfeitamente. Neste último caso obter-se-á elementos gordurosos excelentes para a lubrificação da pele.

Quanto ao uso interno das uvas, nos ocuparemos agora das pessoas que não as comem porque dizem "não ter paciência" para retirar a casca e

as sementes. No entanto, com muito pouca paciência se consegue um suco excelente que não só constitui a maneira mais fácil de ingerir a fruta como também assimila, o máximo, a totalidade dos seus princípios nutritivos. Sem levarmos em conta que constitui a mais higiênica bebida de mesa.

Agora, minha senhora, não creia que somente as uvas vão conseguir milagres. São uma base, mas é necessário acrescentar-lhes cuidados constantes como por exemplo, limpar bem a pele e usar um bom creme nutritivo. Seja qual for o tipo de sua pele, é necessário dispensar-lhes cuidados. Lembre-se que os maiores estragos são os causados pela negligência e estes são também os mais difíceis de remover. Lembre-se também que em matéria de beleza é preciso começar cedo. Não se trata de esperar que as rugas cheguem, e sim de retardar a sua chegada. E somente com uma boa nutrição e uma excelente limpeza consecução atingir esse resultado.



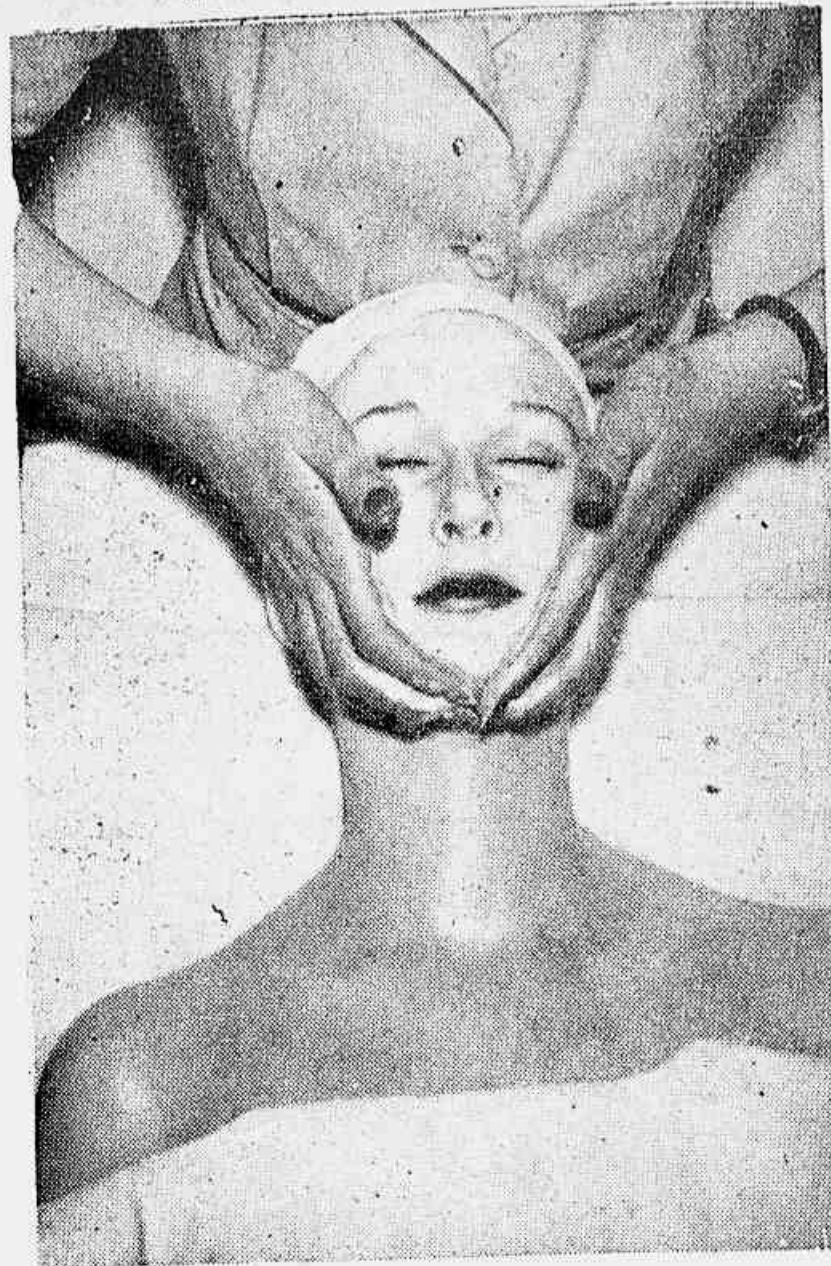
1 Antes de iniciar o tratamento, um técnico da COSMÉTICA estuda minuciosamente o rosto da cliente e nos casos necessários envia-a ao cirurgião de Plástica.

A BELEZA NÃO É PRIVILÉGIO

Dizem os criadores da elegância e da formosura da mulher, que a beleza feminina está na pele e não é privilégio das jovens. Este axioma criado pela civilização está provado agora com o novo tratamento da beleza pela oxilação nos salões de beleza bem organizados, onde

a Gazoterapia Cosmética constitui um agente poderoso de embelezamento.

Aquela frase foi submetida a provas e devidamente confirmada. Não pode haver beleza num rosto feminino sem a carícia de um tratamento científico.



2 A perfeita limpeza da pele para a remoção completa do "Make-up" faz-se com uma pasta especial, em substituição do sabonete.

Desta forma, muitas e muitas mulheres nos dias que correm são submetidas a esses processos de embelezamento da pele, e os resultados são indiscutivelmente comprovadores, mesmo nos rostos em que os sofrimentos da guerra e das vicissitudes cavaram rugas, ou naquêles em que a idade assinala a distância da juventude.

Já não é bastante à mulher o belo chapéu que usará no verão, elemento do "ensemble" nas tardes de aristocratismo; sua face deve estar remogada e sua cutis apresentar-se primaveril.

Para o "new look" do vestido ou do chapéu, o "new look" da epiderme do rosto, expressão de beleza social que a Academia Científica de Beleza Mme. Campos consegue imprimir nas suas clientes sob formas absolutamente novas controladas por médico e especialista de beleza.

Mãos hábeis removem todos os vestígios da antiga forma facial com uma camada de creme feito de essências de açucenas em botão, ou mesmo delicadas tesouras ou "bistouris".

Mas não é somente ao rosto propriamente dito que os salões de beleza de Mme. Campos dedicam a mais cuidadosa atenção. O queixo e a área sob o mesmo não são negligenciados. Desta forma, surgirá desse processo um resultado harmonioso e continuado, em perfeita conexão com o rosto propriamente dito, com o estado geral da paciente e seu complexo hormonal.

O oxigênio e outros gases raros são aplicados com uma pistola de alta compressão, cujo objetivo é conse-



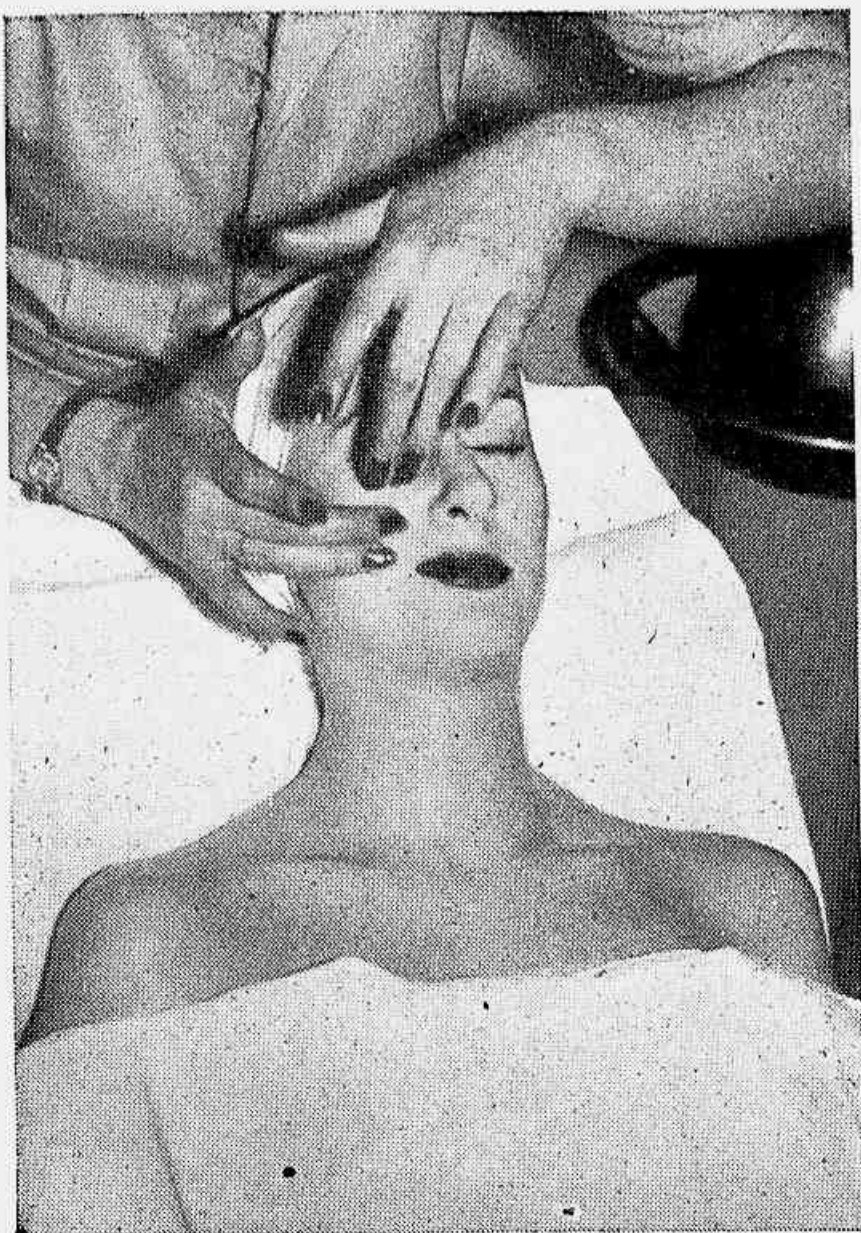
6 A massagem prossegue dentro da técnica exigida, abrangendo todo o rosto inclusive o pescoço e as espáduas.



7 A máscara de beleza (Máscara de Lama) é então aplicada, enquanto a cliente se mantém com os músculos faciais em completo relaxamento.



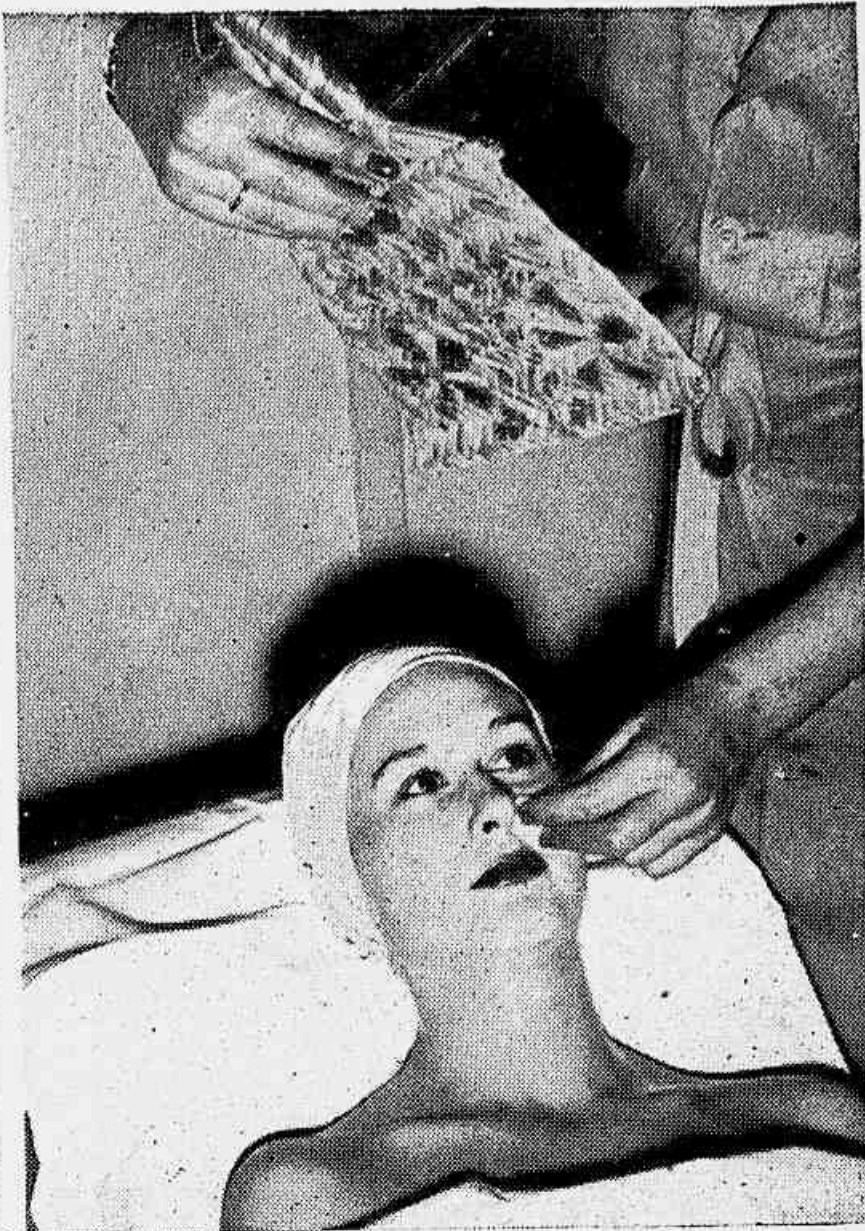
8 Enquanto permanece com a Máscara no rosto, aplica-se nos olhos compressas de gaze embebidas num líquido especial para evitar as rugas. A cliente repousa assim durante vinte minutos.



3 Removendo os últimos vestígios do "Make-up" com o auxílio de uma loção cientificamente preparada que ao mesmo tempo faz a limpeza profunda dos poros.



4 Estimulando a circulação sanguínea por meio de aplicação de um creme especial de massagem, escolhido de acordo com o tipo de epiderme a tratar.



5 Uma vez aplicado o creme escolhido, inicia-se a massagem, merecendo particular atenção a região das pálpebras e cantos dos olhos (pés de galinha).

guir o maior amaciamento na textura da pele submetida a tal tratamento técnico-científico, levantando ao mesmo tempo a tonicidade muscular.

Logo que termina a aplicação, o cliente fica durante certo espaço de tempo em repouso, dando oportunidade a que o oxigênio penetre profundamente na epiderme e se torne perfeito o tratamento.

Com que satisfação uma mulher sai hoje dos salões de beleza e se olha no espelho! Está radiante de formosura, tendo dispendido pouco tempo, vê, como, por milagre, sua mocidade restaurada, se se trata de pessoa em cujas faces as rugas já denunciavam os anos, ou ainda mais formosa e louça, se se trata de mulher ainda jovem e sem os vincos do tempo.

Não se trata de uma questão de vaidade, e sim de uma imposição da elegância feminina numa época em que a eugenia da raça faz parte do nosso próprio grau de civilização.

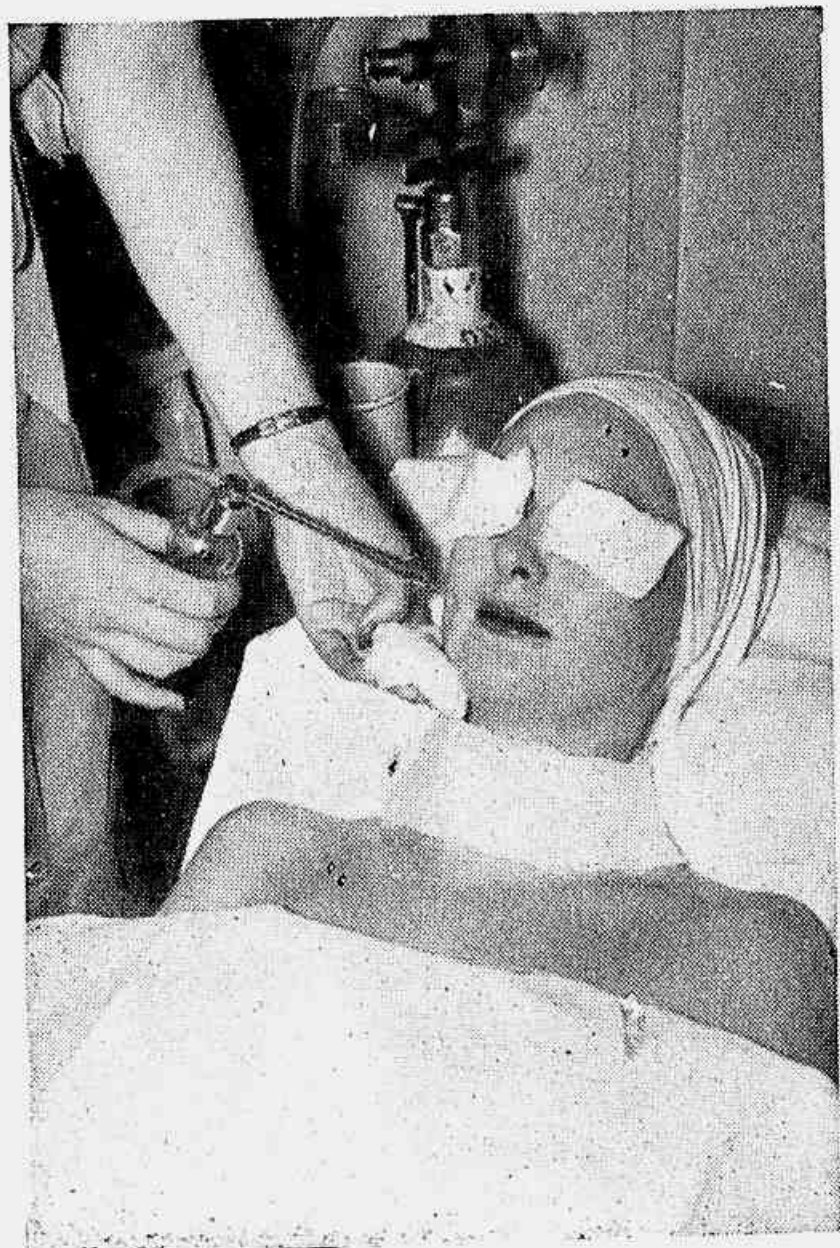
Desde tempos imemoriais os poetas, os filósofos e pensadores decantam a beleza da mulher como a obra mais perfeita da Natureza. Contra essa formosura de linhas e de formas, porém, há o Tempo que a tudo deforma, perseguindo um rosto feminino com a crueldade de um monstro que vive a nutrir-se da juventude e da beleza.

Contra esse monstro há o processo moderno de tratamento da pele, mantenedor da eterna mocidade no rosto da mulher. A beleza feminina é restituída de maneira in-

creditável graças à competência e à habilidade dos técnicos, e os meios mecânicos e manuais que são empregados para restaurar num rosto formoso, mas já atingido pela marca irrevogável do Tempo, todo o seu esplendor dos dias de juventude.

O tradicional estabelecimento de beleza Academia Científica de Beleza Mme. Campos, nos seus modernos, con-

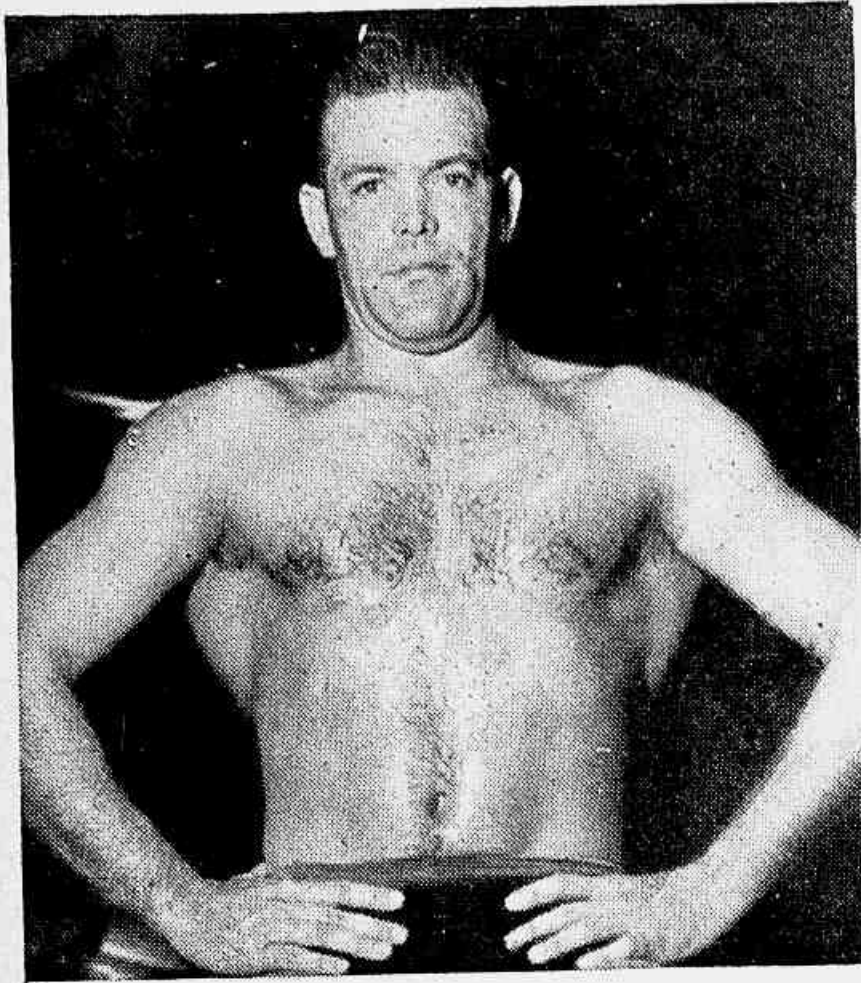
fortáveis e elegantes salões, à Rua da Assembléia, n. 115 — 1.º andar, e seus magníficos e incomparáveis produtos, há um quarto de século vem servindo os mais exigentes elementos do mundo feminino desta Capital e dos Estados e está habilitado a proporcionar os mais acentuados resultados para comprovar a finalidade do comentário destas páginas.



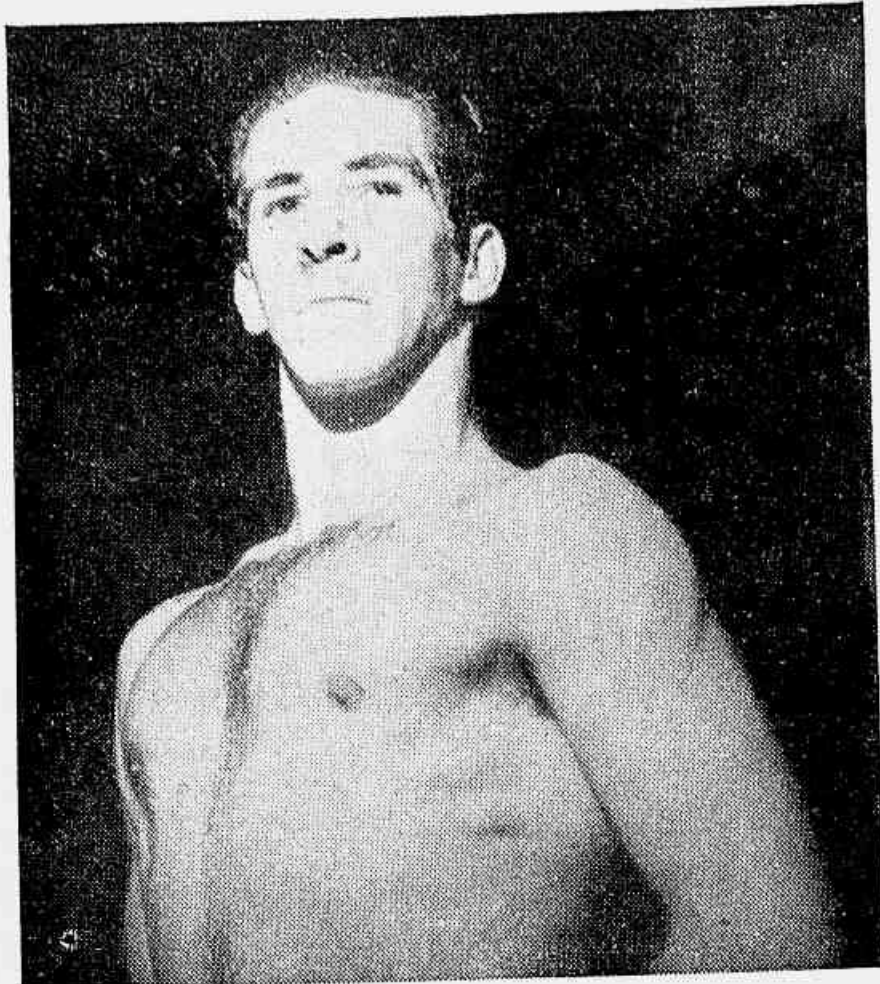
9 O tratamento está quase concluído. Agora, com pistola (compressor) de alta pressão o oxigênio (e outros gases raros) são aplicados para estimular a tonicidade muscular e suavizar a textura de pele pela Gazoterapia-Cosmética.



10 Está terminado o tratamento de Massagem facial e Limpeza da pele: Radiante de formosura abandona o Salão de Beleza, reconhecendo que o tempo perdido valeu pelo resultado.



Kid I, profissional dos mais cotados, favorito de Copacabana. A família inteira se dedica ao "catch"



"Tubarão", um dos melhores estilistas amadores de luta livre. Discípulo de King-Kong, possui golpes seus



Outro "big" do ring: Gigante do Alaska, um dos sérios demolidores da luta livre

OS MONSTROS DO TABLADO

TEXTO DE PÉRICLES LEAL ★ FOTOS DE ARNALDO VIEIRA

NO meio do "ring", debaixo dos holofotes que iluminavam tudo como se fosse dia, os dois lutadores, suarentos, resfolegando e praguejando, trocavam golpes sobre golpes. Em volta, a multidão ululava, os garotos pulavam e batiam palmas e as mocinhas românticas tinham uma expressão no olhar pela qual o dr. Freud deveria interessar-se bastante se ainda fosse vivo.

Enquanto os dois homens musculosos trocavam ponta-pés, estrangulamentos, sócos e às vezes algumas dentadas para sair vitoriosos na luta, os assistentes, em volta, dão os palpites mais disparatados: — Mata!

— Esfola!
— Mete o pé na cara dele!
— Ai, Touro, não deixe esse molenga ganhar, não!
— Boa, Tubarão! Agarra o bicho com vontade! Assim! Dá de rijo nele!

Então, um dos dois homens engalfinhados levantou o outro no ar e atirou-o fora do "ring". Houve um "oh!" de admiração incontida. O homem caído levantou-se e subiu novamente no "ring", espumando de raiva, sob as vaias da assistência. Entrou no campo de luta com vontade. Ouvimos quando alguém diz adiante:

— Isto tudo é "marmelada". Tudo é combinado.

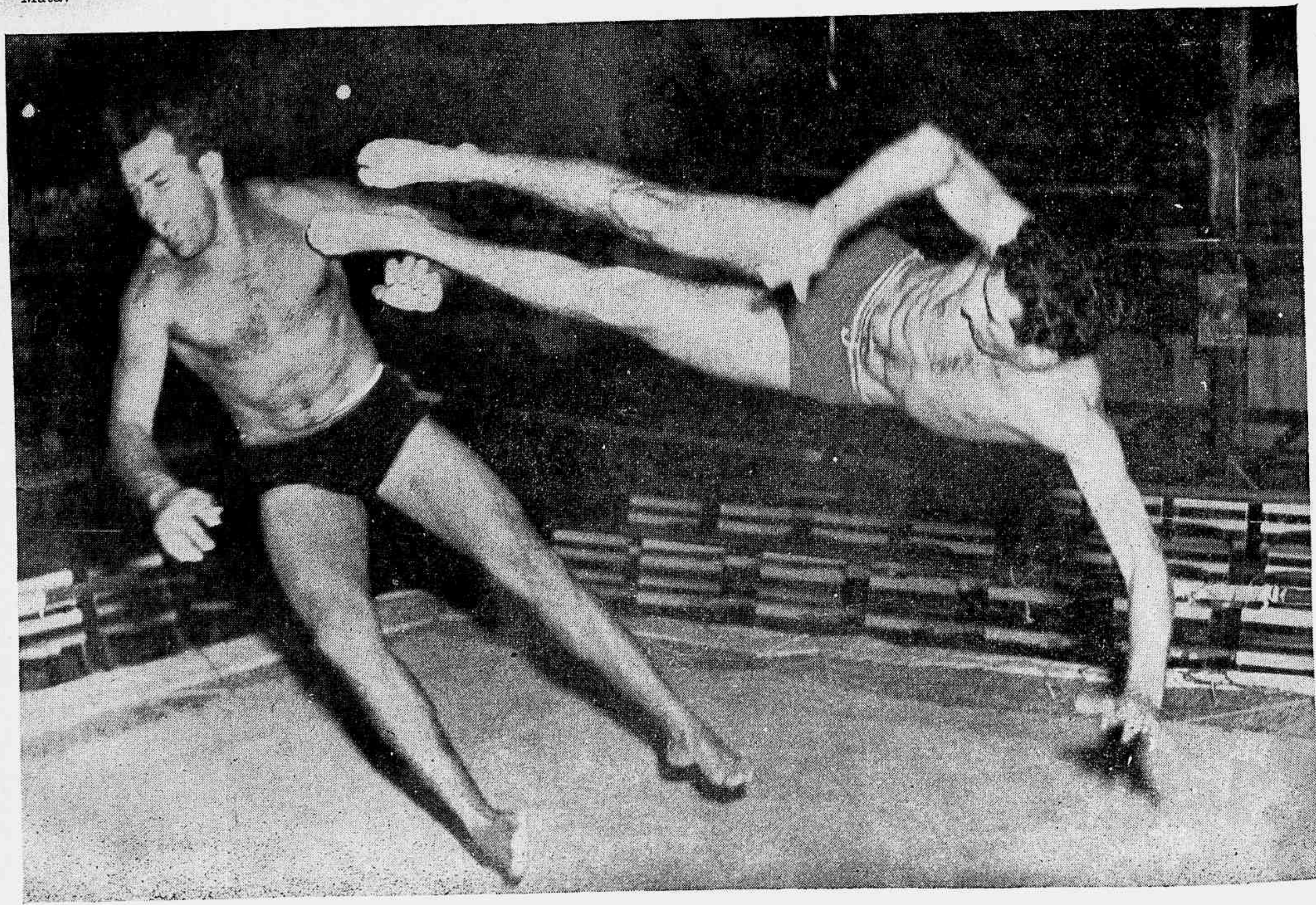
— Até os rugidos? — pergunta outro.

— Sim, tudo. Isto não é luta. É espetáculo.

O Touro galgou o "ring" e, num arremesso, mandou a cabeça no peito do adversário. E a luta voltou à sua intensidade. A assistência voltou a gritar até que findou o combate. Geralmente, quando tudo termina, o povo ali reunido não se contenta com o desfêcho e começa a vaiar:

— Marmelada! Marmelada!

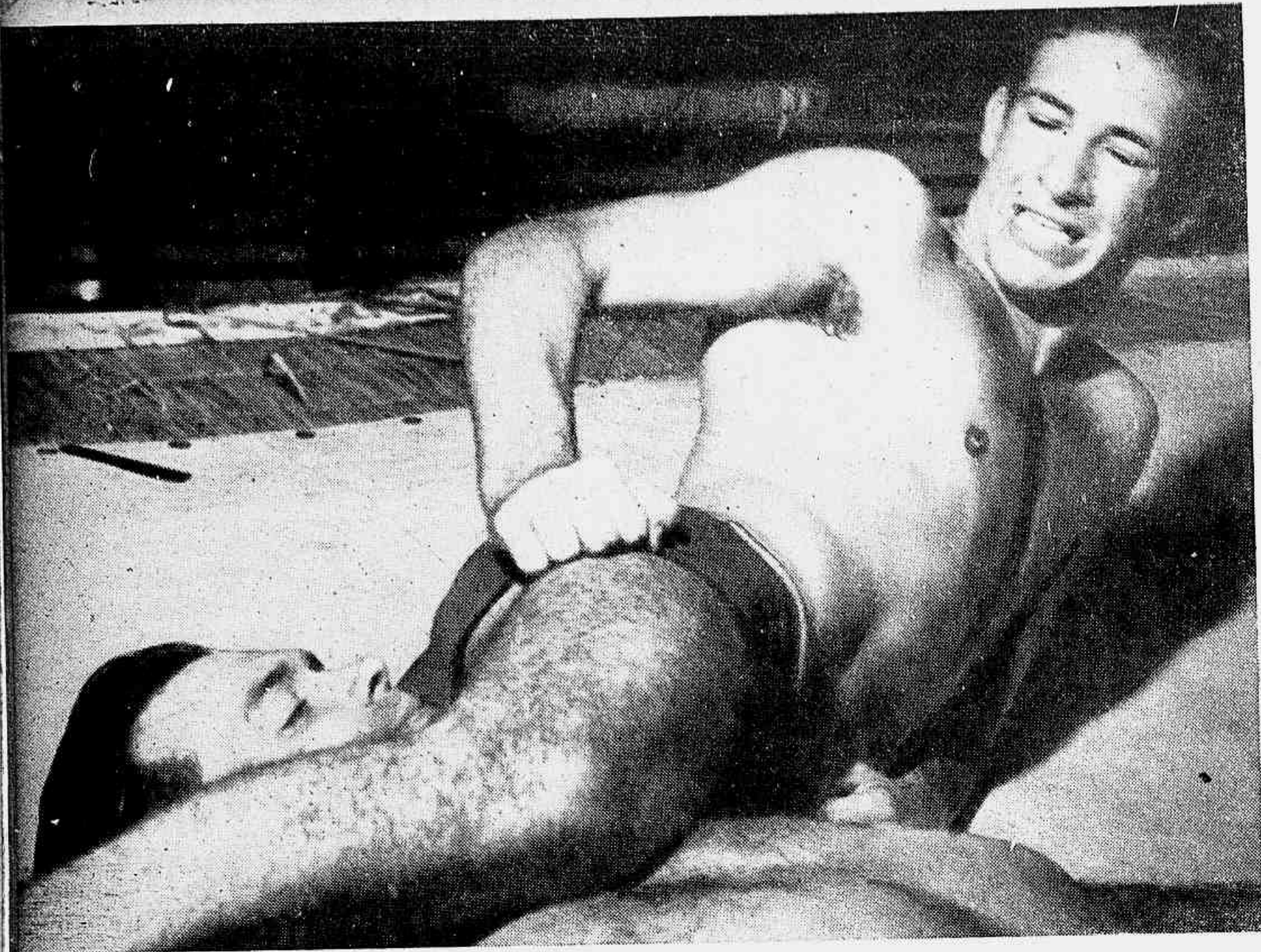
E os lutadores, alguns ensanguentados, ou com contusões ligeiras, saem do campo amparados pelos managers, cobertos de suor e cheios "até aqui" de



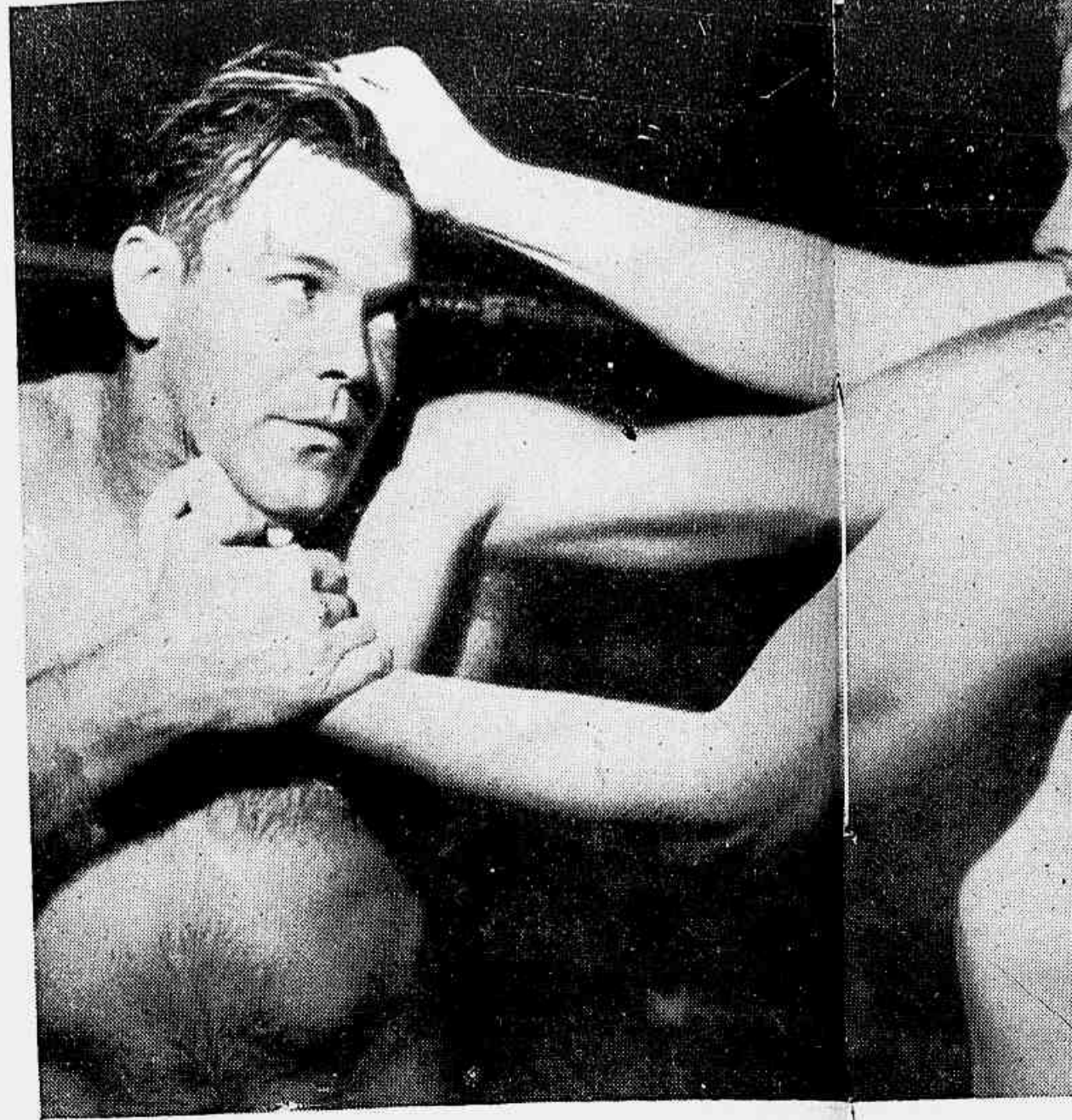
Vão direto no peito do adversário, depois de ir até às cordas. Outro golpe de grande poder, que deve ser recebido com resistência dos músculos



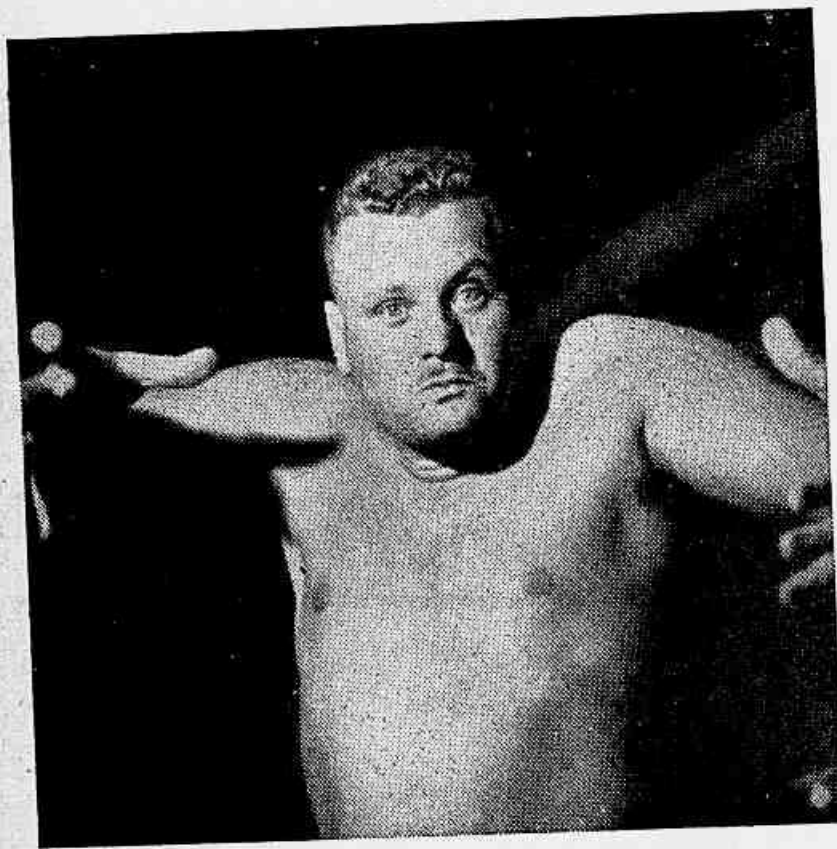
A: não há quem esteja levando a melhor... Pernas, braços, estômagos são comprimidos. Muita vez o lutador aperta furiosamente o próprio pé, na confusão...



Em cima: A luta de Kid I e Búfalo ainda hoje é comentada. Depois do tremendo combate, ambos levaram meses para tornar a lutar, devido aos ferimentos recebidos. ● Outro "estrangulamento", desta vez com as pernas. Decididamente é preciso amar bastante os esportes violentos para ser lutador de "catch". A direita: Estrangulamento.



Este golpe, se bem aplicado, pode decidir a luta. E se a vítima for cabeçada e não se mexer, o pescoço partido ou imóvel por muito tempo.



Em cima: Búfalo, outro profissional de "cartaz" gosta do "catch" e não pretende jamais abandonar o ring. Em baixo: Um dos golpes fulminantes do "catch": a tesoura voadora. E' de grande efeito e pode decidir uma luta.

raiva dos espectadores que não poupam aqueles homens que ganham a vida de maneira tão original e perigosa.

EXPLICAÇÃO DA "MARMELADA"

Somos dos que defendem os chamados "fazedores de marmelada". A luta-livre (catch-as-catch-can) é, por si só, um esporte violentíssimo. Os golpes e contra-golpes aplicados são de uma brutalidade assombrosa. Para termos uma idéia da violência de tal esporte, basta que levemos conosco, para uma primeira vista, uma pessoa que jamais tenha presenciado um espetáculo de luta-livre. E esperemos a reação dessa pessoa diante dos formidáveis pontapés que os lutadores aplicam em pleno rosto do adversário, murros fabulosos nas costas e na cara, torceduras de pé, as chamadas "tesouras voadoras", os "double-nelson" e tantos outros perigosíssimos golpes que, se levados a sério, reduzirão um lutador, logo em sua primeira luta, a um inválido para todo o sempre.

Aí está a necessidade da "marmelada". Afinal de contas, a luta-livre, como o "box", o futebol ou

outro qualquer esporte, precisa dos seus profissionais. E, por sua vez, os seus profissionais são homens, gente de carne e osso, humanos, sensíveis, alguns deles chefes de família, com filhos e esposa para sustentar e um milhar de outros problemas que o afligem tanto como a um pálido e aparentemente inofensivo amanuense.

UMA LUTA A VALER

Diante de Kid I, um dos mais perfeitos profissionais do "catch", entre nós, e do Búfalo, outro lutador de poder, estamos a ouvir uma descrição de uma tremenda luta, a valer, entre os dois. Haviam decidido que tinha que ser tudo no duro, como se diz na linguagem desportiva. Frente a frente, os dois contendores devem ter proporcionado um magnífico espetáculo à assistência que, mesmo naquele dia, diante do sangue, que jorrava do rosto dos dois poderosos contendores, ainda gritava que estava a ver uma "marmelada".

Com um sorriso contrafeito, diante do desconforto e da incompreensão do público, Kid I confessa que aquela luta valeu, a ele e ao seu adver-

sário, meses inteiros de trabalho. Só então foi que a luta viu a luz. Búfalo fora uma luta de

Também no campeonato Rio, as lutas são a valer. Possuem a graça, a beleza de profissionais, pois no amadores disputam. Mas para ver.

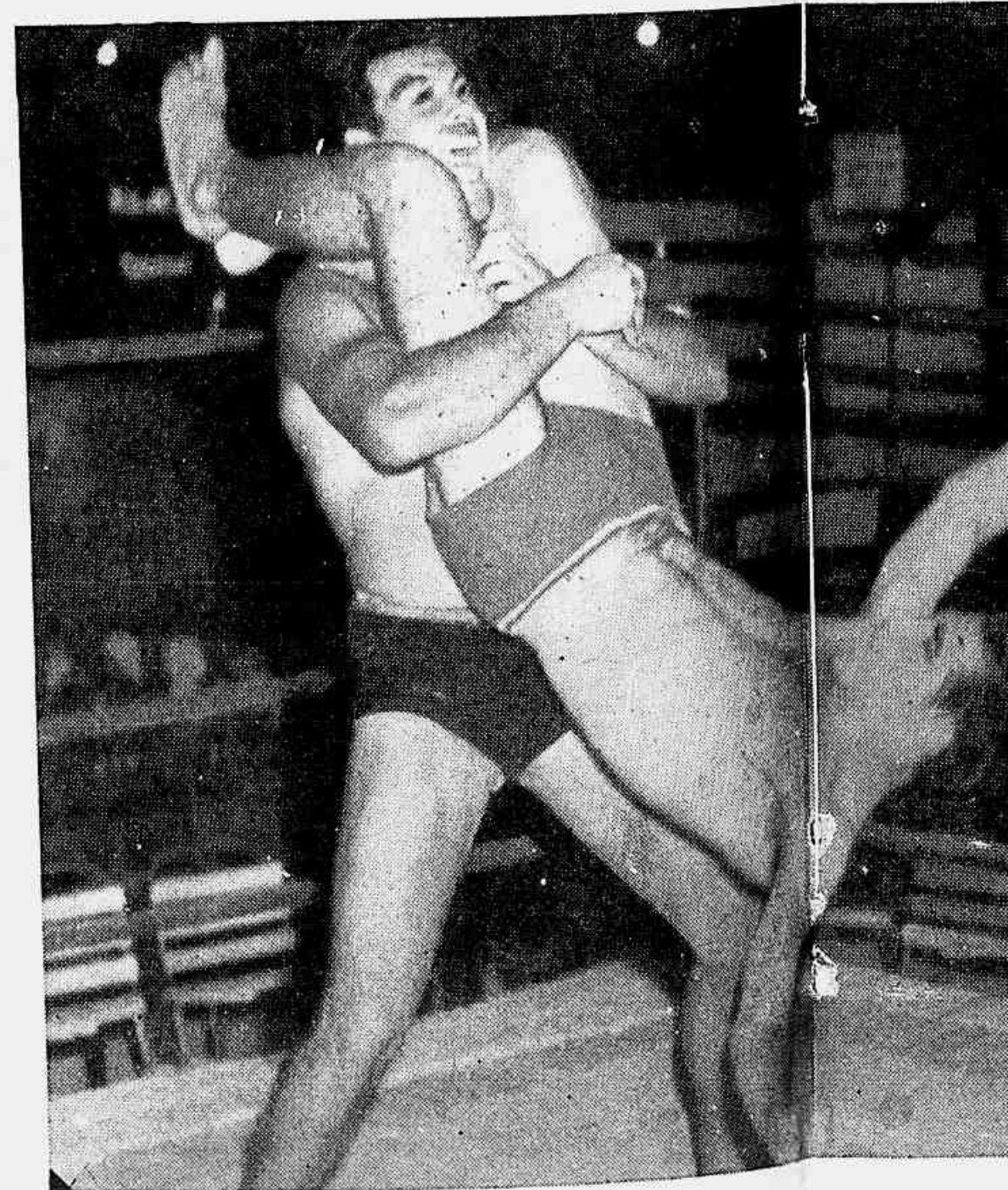
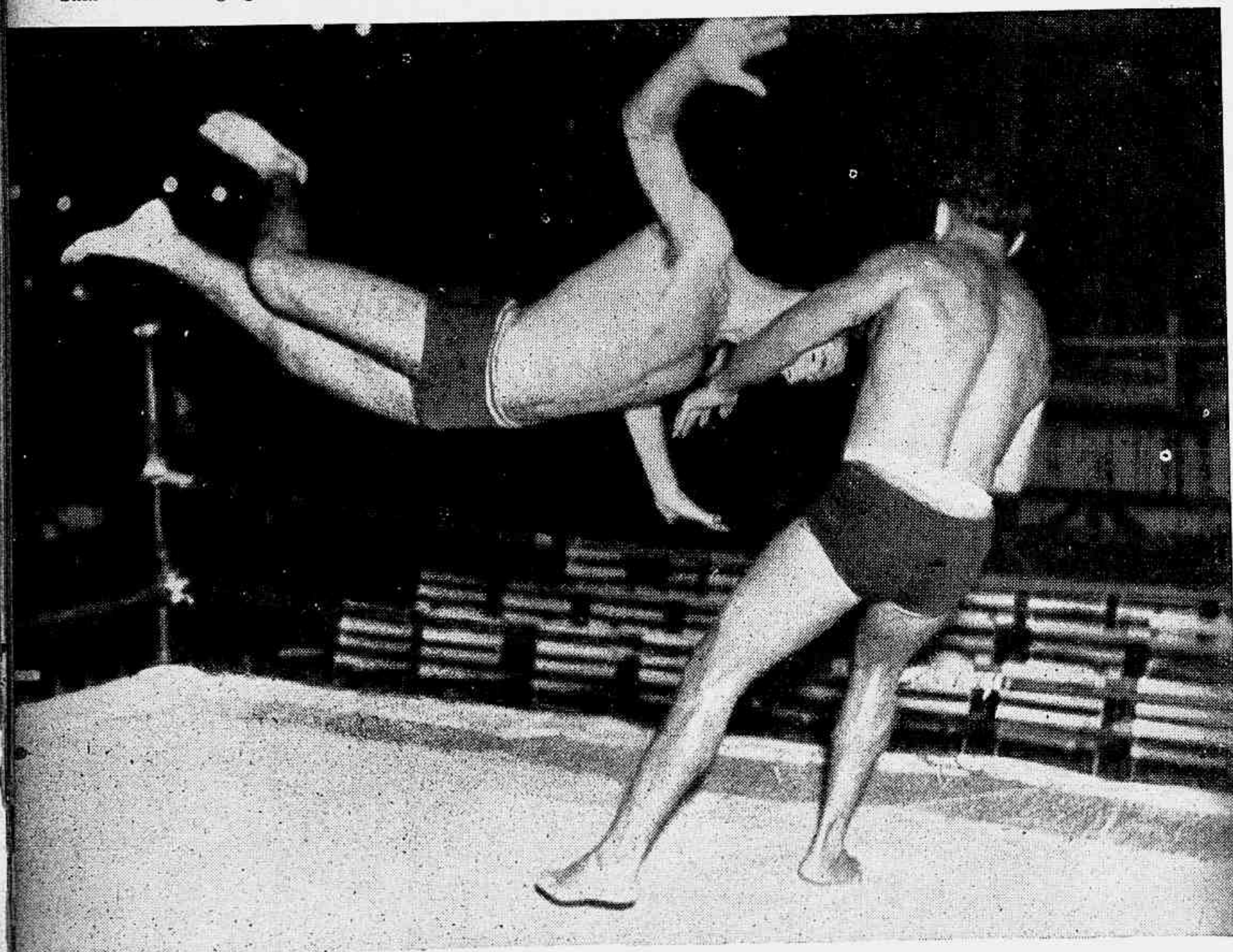
LUTA LIVRE, V

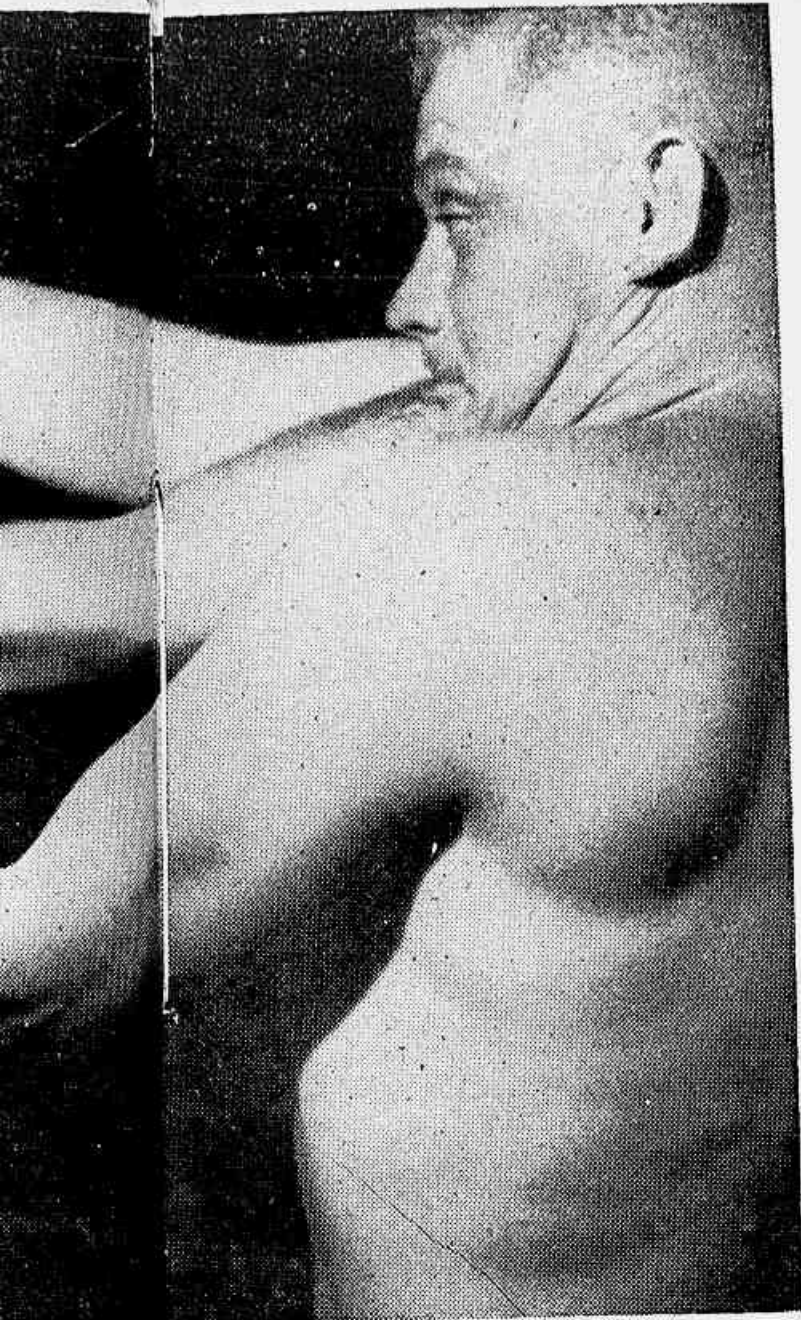
Como todos os demais, o jogo tem uma especialidade. É a luta livre, que tem de obedecer a certas regras.

— Regime, pergunta v...
— Sim.

— Sabe de uma coisa? É a luta livre, especialmente a luta livre, que tem de obedecer a certas regras.

se o atacante souber tirar partido dela. ● Quando dois lutadores de "catch" entram numa "marmelada", muitas surpresas estão reservadas aos frequentadores do estádio.





a vítima for abeguda e não se der por vencida, pode ter imóvel por muito tempo

sário, meses inteiros de tratamentos, num hospital... Só então foi que as pessoas que assistiram à luta vieram perceber que a luta entre Kid I e Búfalo fora uma luta de fato.

Também no campeonato que ora se realiza no Rio, as lutas são a valer. E' verdade que não possuem a graça, a beleza e a força dos combates de profissionais, pois no campeonato somente os amadores disputam. Mas vale a pena ir até lá para ver.

LUTA LIVRE, VIDA LIVRE...

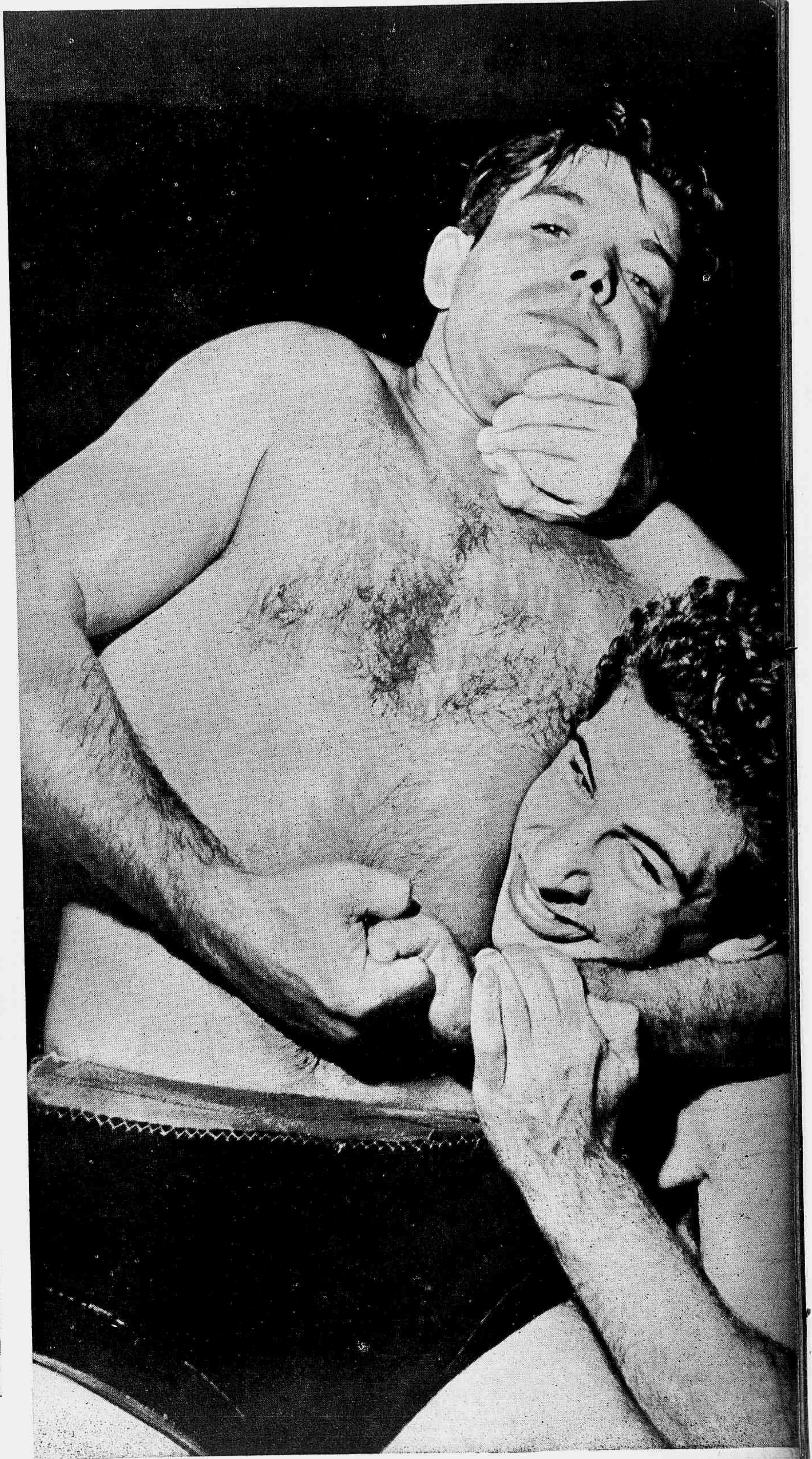
Como todos os demais esportes requerem um regime todo especial para os seus aficionados, indagamos de alguns lutadores qual era o regime a que tinham de obedecer a fim de manter-se sempre em forma.

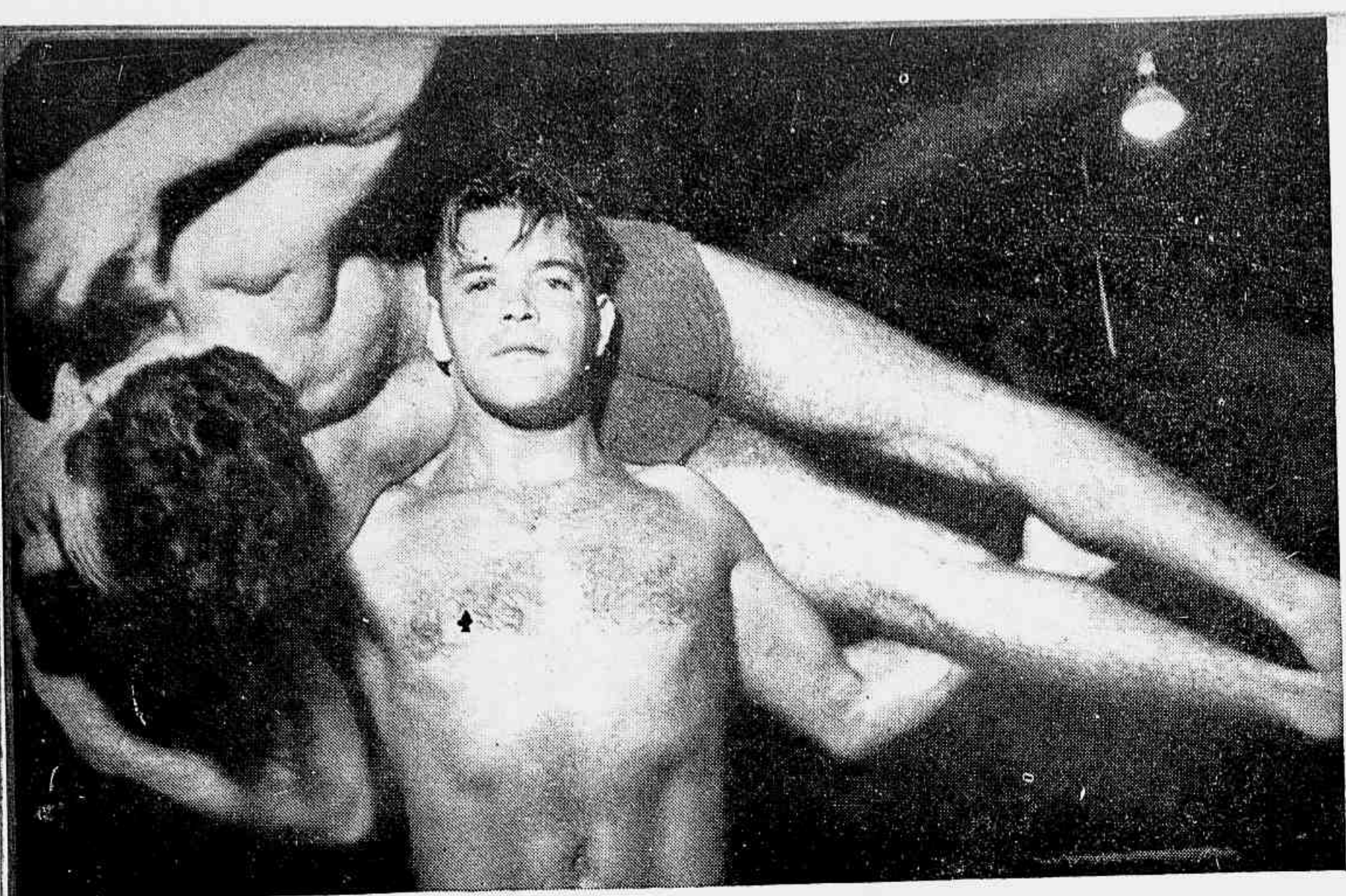
— Regime, pergunta você?

— Sim.

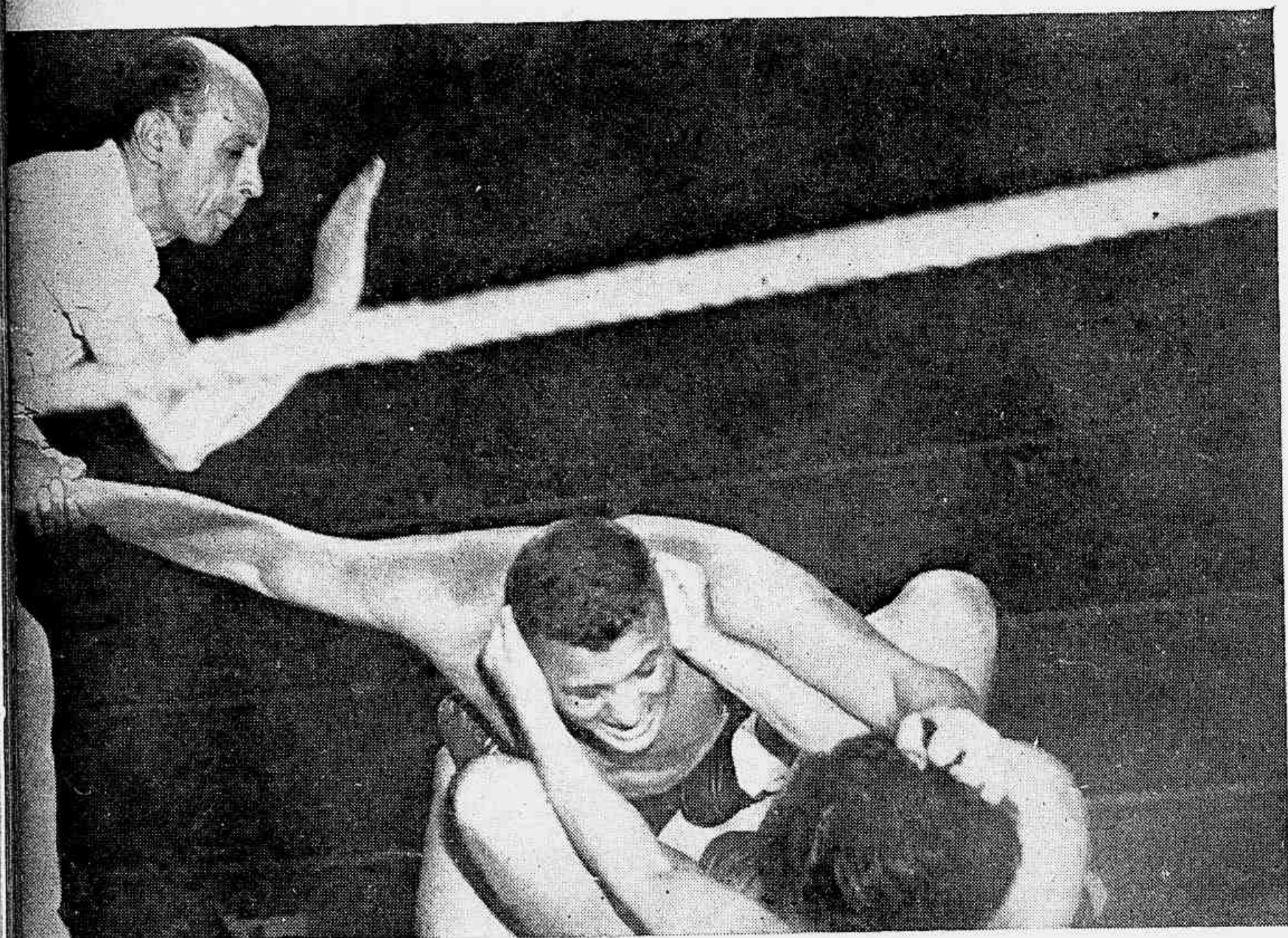
— Sabe de uma coisa? Creio que nunca pensamos nisto. Especialmente porque na luta-livre quanto maior o corpo, melhor se torna para o "ring".

Os lutadores de "catch" entram no ring, ainda que seja para as aos frequentadores do estádio. Esta, por exemplo...

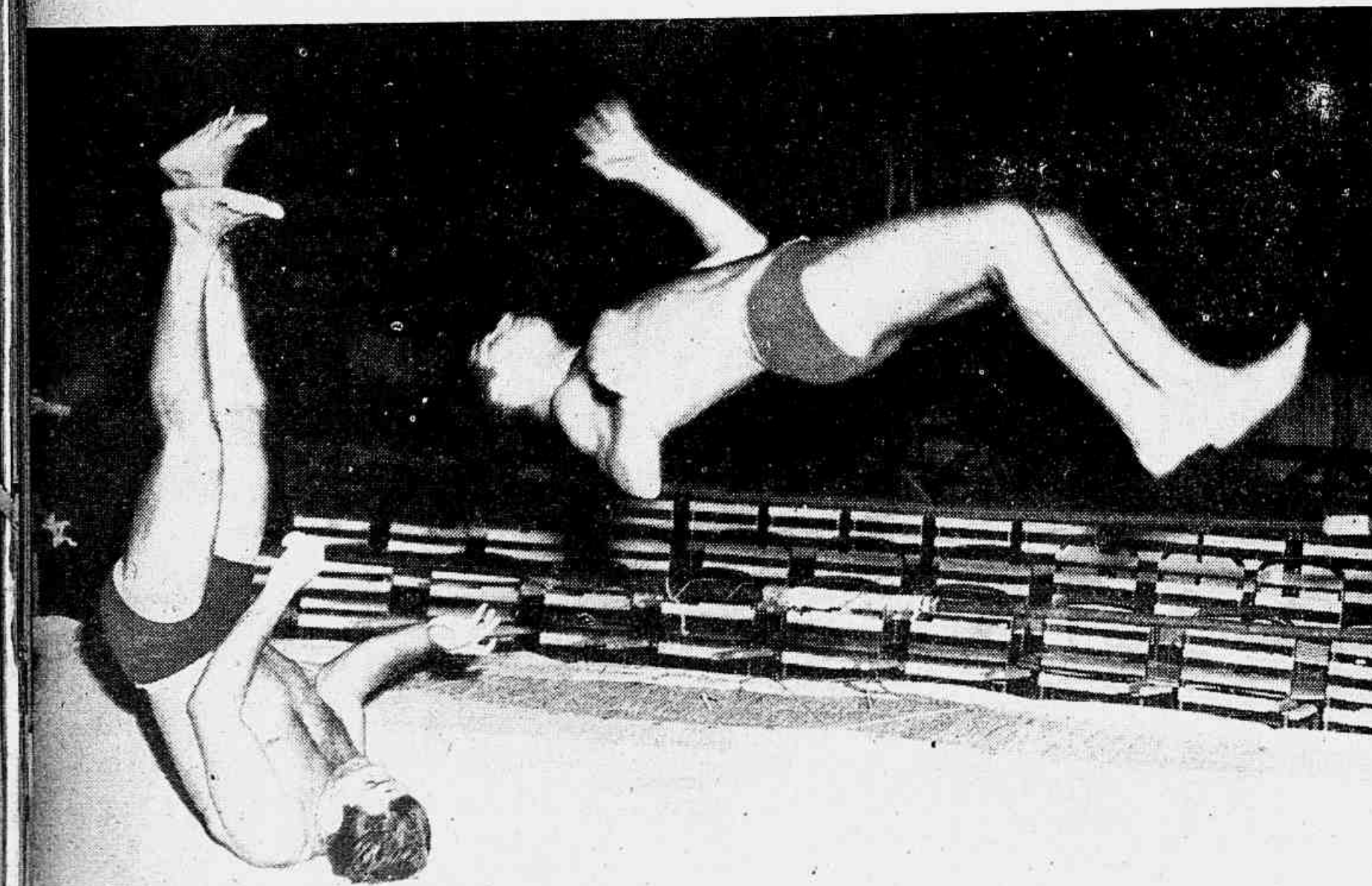




De cima para baixo: Dominando o adversário, Kid I prepara-se para jogá-lo fora do ring, sem parecer ter a menor piedade dos ossos do parceiro. ● Violenta luta entre Búfalo e Yano. ○



juiz tenta arrancar o lutador japonês das garras do teuto-brasileiro. ● Leves como uma pena: nem sempre socos, ponta-pés e dentadas. Quando dois bons lutadores estão no ringue, temos boas cenas de malabarismos para evitar gravatas



E não é preciso corpo perfeito ou coisa semelhante. E' necessário pêco. Isto sim. Cada vez maior.

— Quer dizer que sua refeição nada tem de especial?

— E' a refeição de todo mundo... Comemos o que podemos e enquanto temos apetite. Os treinos periódicos valem para nos deixar em forma. E cada um bebe o que quer, quando e como entende. Luta livre, vida livre...

LUTA-LIVRE COMO ESPETÁCULO

Admiramo-nos que exista gente que vá ao cinema, por distração, e faça o mesmo com o teatro, sem reparar o seu lado de arte verdadeira, e exige dos lutadores de "catch" verdadeiros trucidamentos, sem se contentarem exclusivamente com o espetáculo. Sim, porque as lutas que presentemente se desenrolam nos estádios, se bem que com alguns lances de grande rigor, representam mais espetáculos de luta-livre. Por isso, cremos que eles valem por esse particular. E devem ser vistos assim. Como espetáculos que são.

Não podemos conceber que homens aparentemente pacíficos, que frequentam a repartição todo o tempo, dão o seu bom-dia e o boa-tarde em voz calma aos seus superiores e aos colegas de trabalho, se portam com sobriedade e são tidos como tipos modelos — numa noite de luta, em qualquer estádio, se transformem; tornando-se verdadeiros possesos, gritam, esbravejam, exigem que os lutadores arranquem um braço dos contendores e se o sangue não jorrar de qualquer deles, lá se saem com as imprecações:

— E' ladroeira! E' marmelada!

A FAMÍLIA DOS CAMPEÕES

São três irmãos. A idade é diferente. Mas fisio-nomicamente são bem semelhantes. Ninguém poderá explicar por que todos eles tiveram inclinação igual para a luta-livre. Irmãos em cara, o são igualmente nos "rings" com o nome, um só, que aparece acrescido de algarismos romanos. O leitor frequentador das noitadas de "catch" já terá percebido que nos referimos aos Kids: o I, o II e o III.

O nome Kid já se tornou familiar a todos os apreciadores do "catch". Iniciando a lista dos nomes, temos o Kid I, que é o mais conhecido e admirado de todos eles. Profissional, dedica-se ao seu esporte com denodo, elegância e sobriedade, sendo, ao contrário do que geralmente se espera de homens que praticam esportes violentos, um indivíduo tratável, cortês, de voz macia e de pido de qualquer cabotinismo. Ao pedirmos, numa tarde destas, que nos desse algumas demonstrações de "catch" para ilustrar esta reportagem, não se fez de rogado. Parecia-lhe muito simples o nosso pedido. E, juntamente com Tubarão, um dos mais perfeitos estilistas da luta-livre de amadores do Brasil, foi-nos exibindo os golpes, um a um, explicando como eram aplicados e de que maneira deveriam ser recebidos, enquanto o fotógrafo ia apanhando as fotos necessárias.

A tradição da família Kid no "ring" vem sendo mantida mais ou menos intacta. A não ser uma ou outra derrota, próprias, aliás, da carreira de todo lutador, a vitória tem sempre sorrido para os simpáticos rapagões especialistas na arte de quebrar ossos alheios...

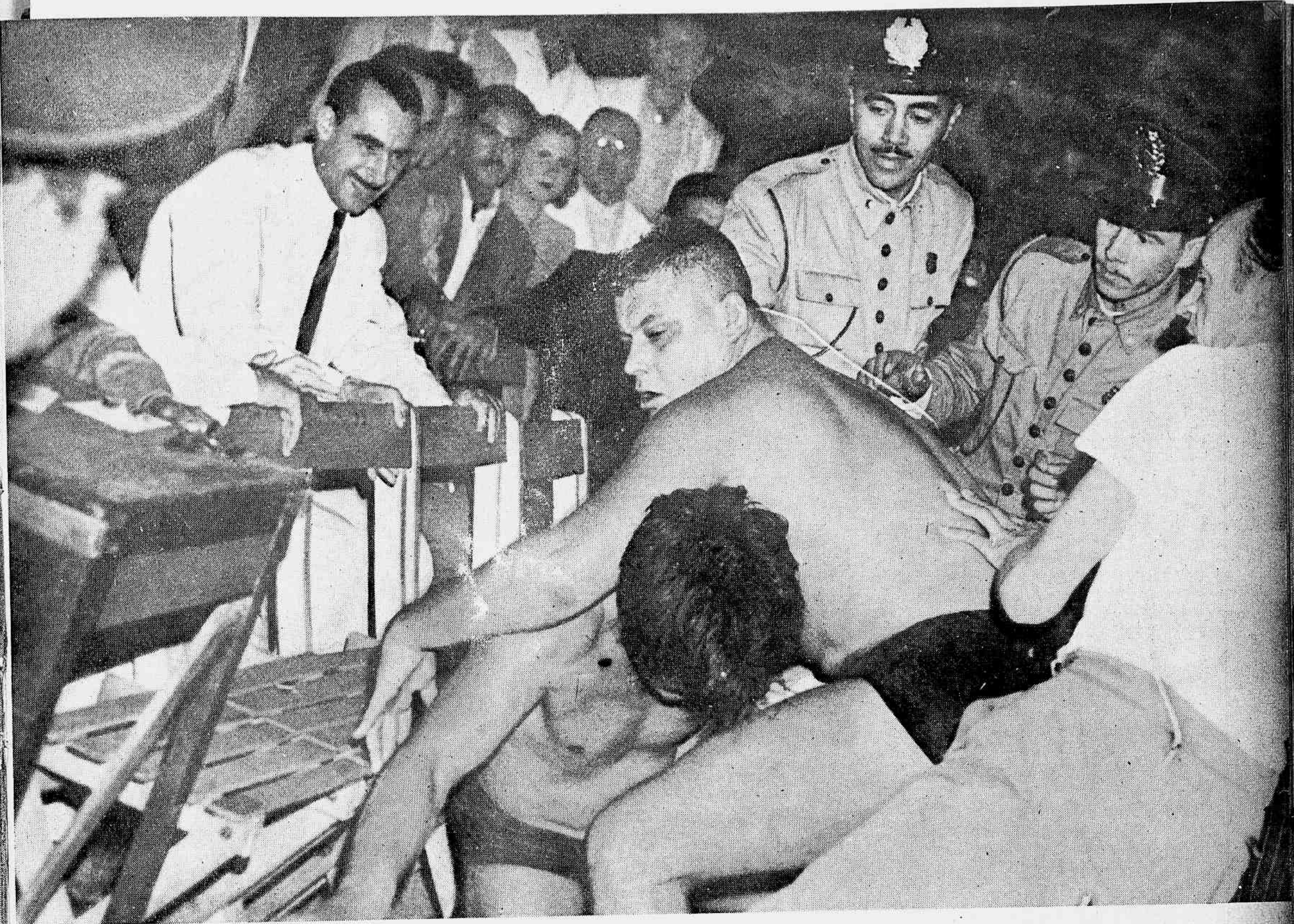
A INCÓGNITA DO TUBARÃO

Vamos encontrar, igualmente, nos campos da luta-livre aspectos e coisas interessantes relacionados à carreira de cada um. O que nos interessou mais de perto foi o caso do Tubarão.

Fanático partidário do violento esporte, Tubarão sempre encontrou a mais decidida e intransigente oposição da família, de ramificação paraguaia. Ninguém queria ver o rapaz a dar e levar ponta-pés, a ser atirado no ar e lançado fora do "ring". A família de maneira alguma concebia que aquilo pudesse ser coisa de gente de juízo. E cada vez que Tubarão falava em tornar-se lutador, fechava o tempo em sua casa. A princípio a família tentou dissuadi-lo de tal idéia com ameaças. Entretanto, ameaças de nada adiantaram; o rapaz já estava treinando e já realizava algumas pequenas lutas. Então apelaram para a vida incerta de um lutador: ele estava estudando, cursando o científico, ia formar-se. Que mais desejava? Ao invés disto, preferia a vida de um lutador! Era de mais! Foi quando a família, sem mais com que se agarrar para dissuadir o rapaz, lançou mão das lágrimas... Tubarão nos conta que há momentos em que pensa em abandonar o "ring" e acabar de uma vez por todas com aquela choradeira em sua casa, toda vez que sabem que ele enfrentará qualquer adversário. Mas, diz-nos ele, a atração da luta é grande de mais. E ele se declara vencido. Põe os livros de lado, esquece que a irmã prometeu suicidar-se se ele voltasse a pisar as tábuas de um "ring", veste o calção azul e ei-lo a pular no quadrado do combate. Contando com uma boa parcela de fã, é sempre recebido com aplausos da assistência:

— Ai Tubarão! Ai Tubarão!

E o rapaz, estudante, possivelmente um futuro doutor, sorri de satisfação. Os seus olhos apertados fitam a expressão daqueles que gritam o seu



Cuspidos fora do ring, os adversários prosseguem a luta entre os assistentes. Pode ser simulação, mas vale a pena, mesmo assim

nome e procura imprimir à sua luta o máximo de realismo, uma vez que não pode sair da meta estipulada de espetáculos.

Discípulo do famoso lutador argentino que aqui esteve no ano passado, o fabuloso King-Kong, Tubarão, entretanto, não se contenta com as lições recebidas e procura criar golpes próprios, o que faz o pasmo dos seus adversários. Ainda amador, vem, contudo, logrando um prestígio dos mais valiosos, tudo indicando que será um profissional de força.

OS NOMES DE GUERRA

Como nas organizações secretas, os lutadores de "catch" são batizados com os nomes mais fabulosos, que são decididamente criados no intuito de despertar a curiosidade e o interesse do público. Assim é que vejamos uma pequena lista de

nomes positivamente do arco da velha: Tubarão, Gigante do Alaska, Búfalo, Mister América, Karadagian, Tatu, Homem Gato, Touro de Bronze, Gigante de Ébano, King-Kong, Kostolias, Homem Montanha, etc...

Estes nomes, aparecidos assim no cartaz, sugerem homens fabulosos. E muitas vezes a gente vai ver e é mesmo. No caso, temos o Gigante do Alaska, um indivíduo incomum, enorme, que toma todo o vestiário quando vai trocar de roupa. Quando precisou posar para o fotógrafo, demorou-se mais de dez minutos a fazer movimentos com os braços para, segundo ele próprio declarou, encher a "caixa" mais um pouco...

30 CRUZEIROS POR UMA LUTA

Ao lado da parte desportiva do "catch", temos a face social.

E' verdade que, nas lutas, geralmente os profissio-

nais ganham acima de duzentos cruzeiros e os amadores 100 cruzeiros. Entretanto, existem casos, como o relatado por um amador, em que são chamados a lutar num lugar distante, numa pequena cidade do Estado do Rio. No final, a coisa não dá certo e o lutador nada consegue além de 30 cruzeiros de pagamento... Só com o transporte, tem que gastar quase o dôbro.

Por isso, a vida do lutador é dura, ainda que ninguém queira se aperceber disto. E' dura e, por todas as maneiras, digna de atenção. Basta dizer que nenhum lutador vive apenas de sua profissão. Tem sempre outro qualquer trabalho, pois, caso contrário, não arranjará muito para si e para a família... As lutas às vezes rareiam; outras, o pagamento não pode obedecer à tabela devido a qualquer queda de bilheteria inesperada.

Por isso, senhores, repetimos, é dura a vida de um lutador. Não é tão folgada como muita gente pensa.



Diante de uma façanha do favorito, a assistência não se preocupa em conter o entusiasmo. "Vivas" para o favorito e valas para o adversário



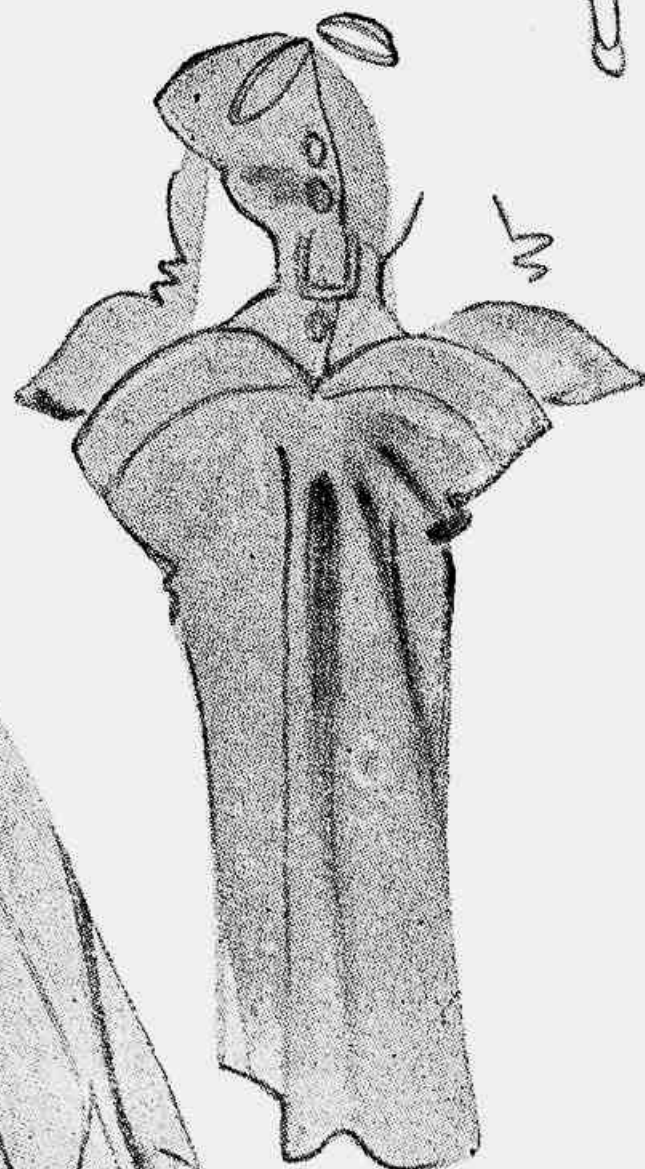
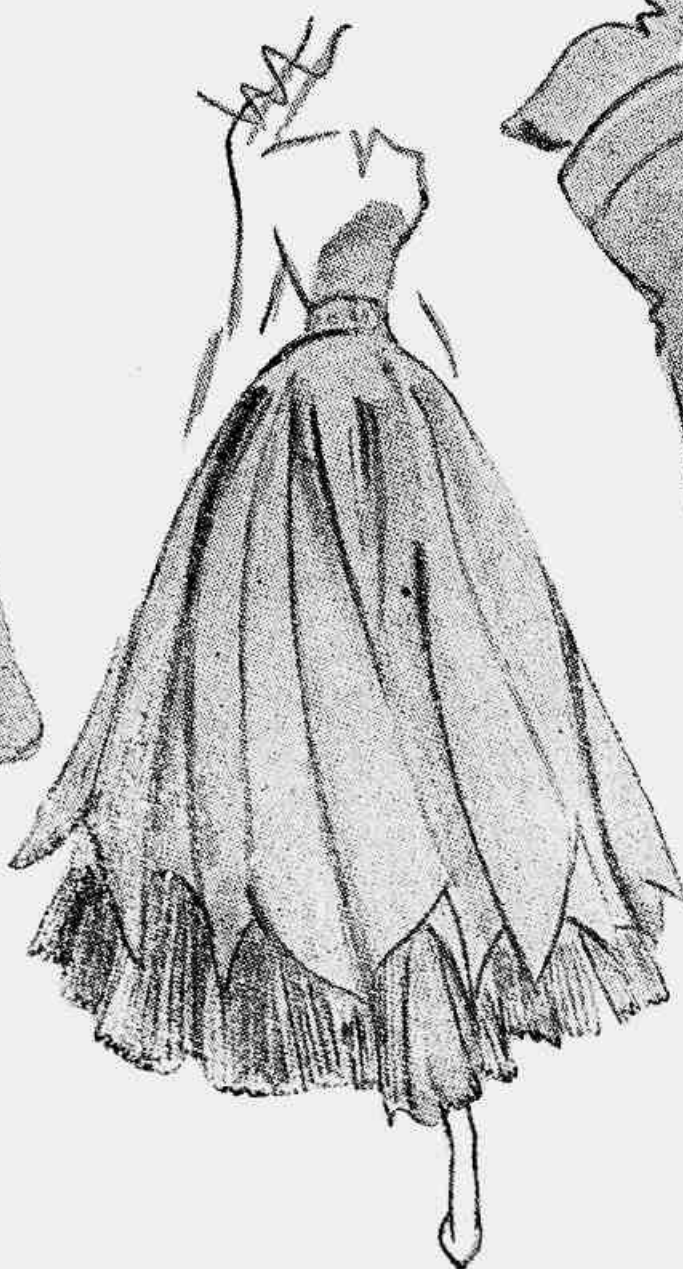
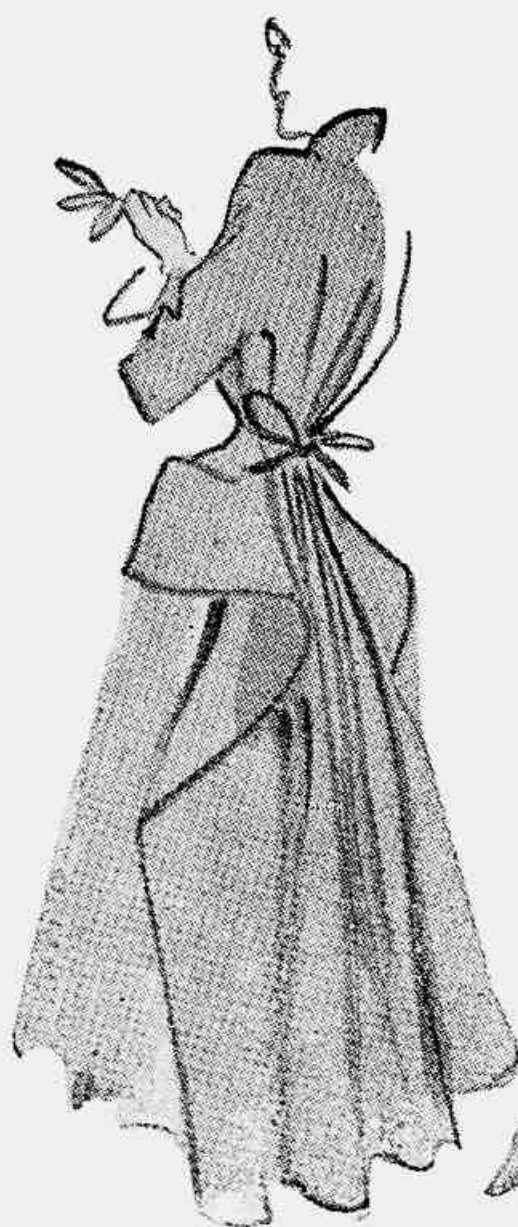
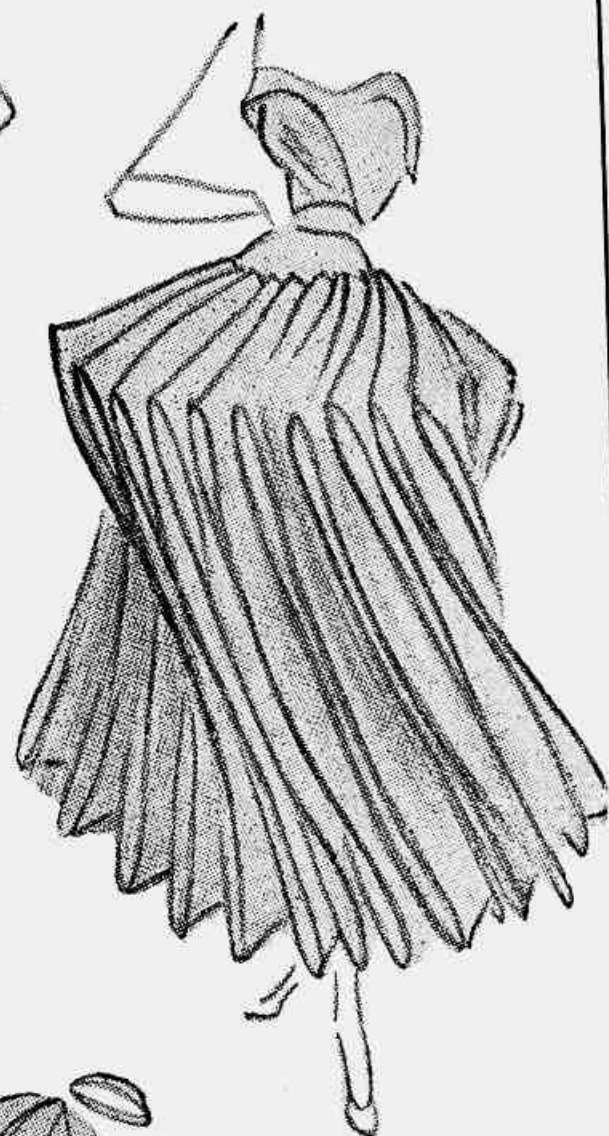
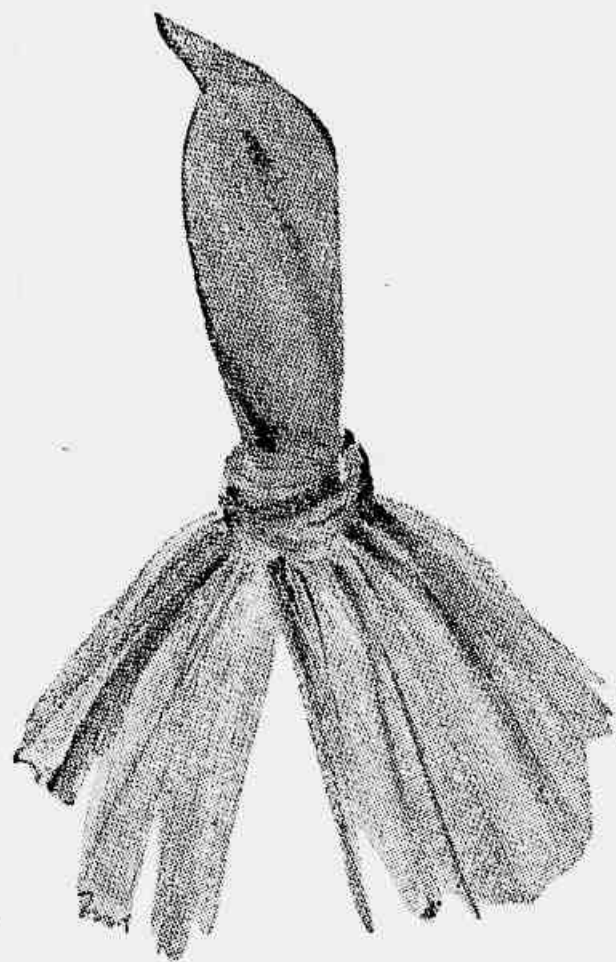
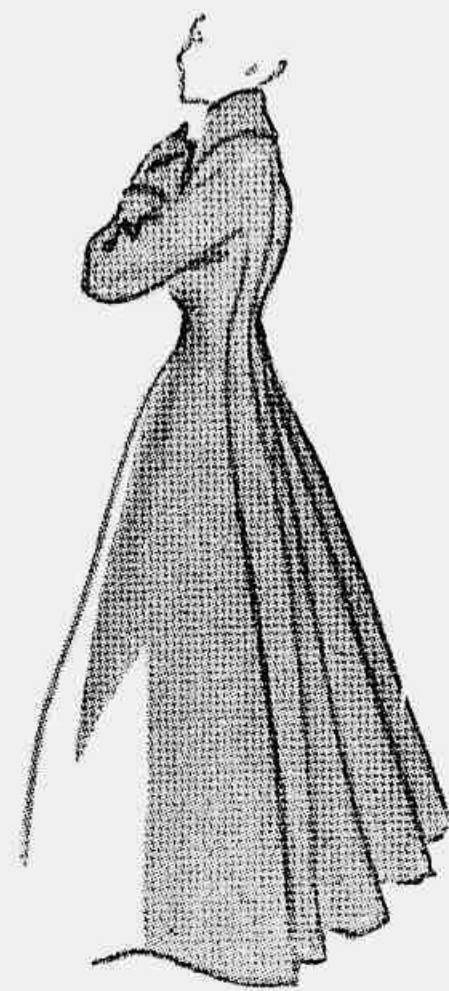
Outro grande golpe. Pessoas de todas as idades e sexos, desportistas ou simples curiosos aplaudem ou gritam: "Marmelada!", com toda a força dos pulmões

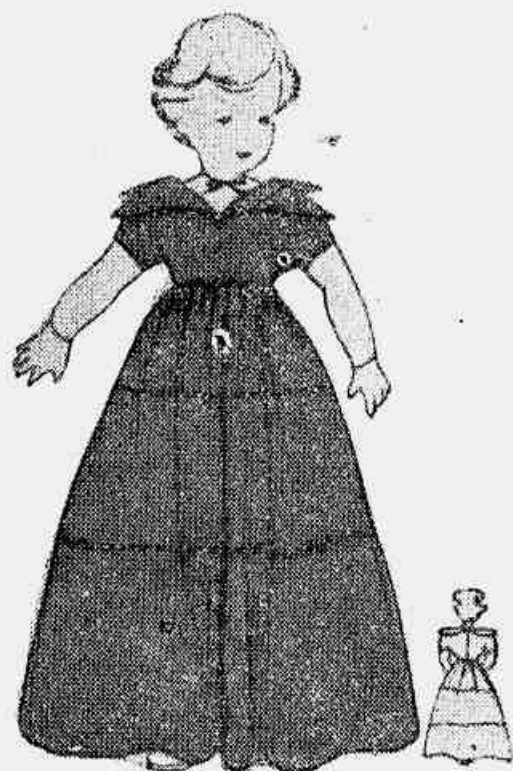


Pessoas de todas as classes sociais vão ver os combates de "catch". O médico Godoy Teixeira não dispensa sua torcida nos grandes momentos

AS SAIAS VARIAM...

PARA este outono, as saias se apresentam o mais variadas possíveis, havendo desde a saia estreitíssima, que quase dificulta o andar, até a fabulosa saia "ciclone" de Christian Dior. Aqui estão algumas das sugestões que para o nosso outono nos oferecem os mais destacados nomes da costura francesa.





PARA OS DIAS DE FESTA



AS crianças também devem ter o seu vestido de gala. Para as mães que preferem vestidos longos para os dias de festas, aqui ficam algumas sugestões deveras encantadoras. São modelinhos alegres e encantadores, que darão à sua filhinha elegância e conforto.



A criança deverá ser vestida de acordo com a temperatura. Roupas em excesso só lhe podem causar mal estar

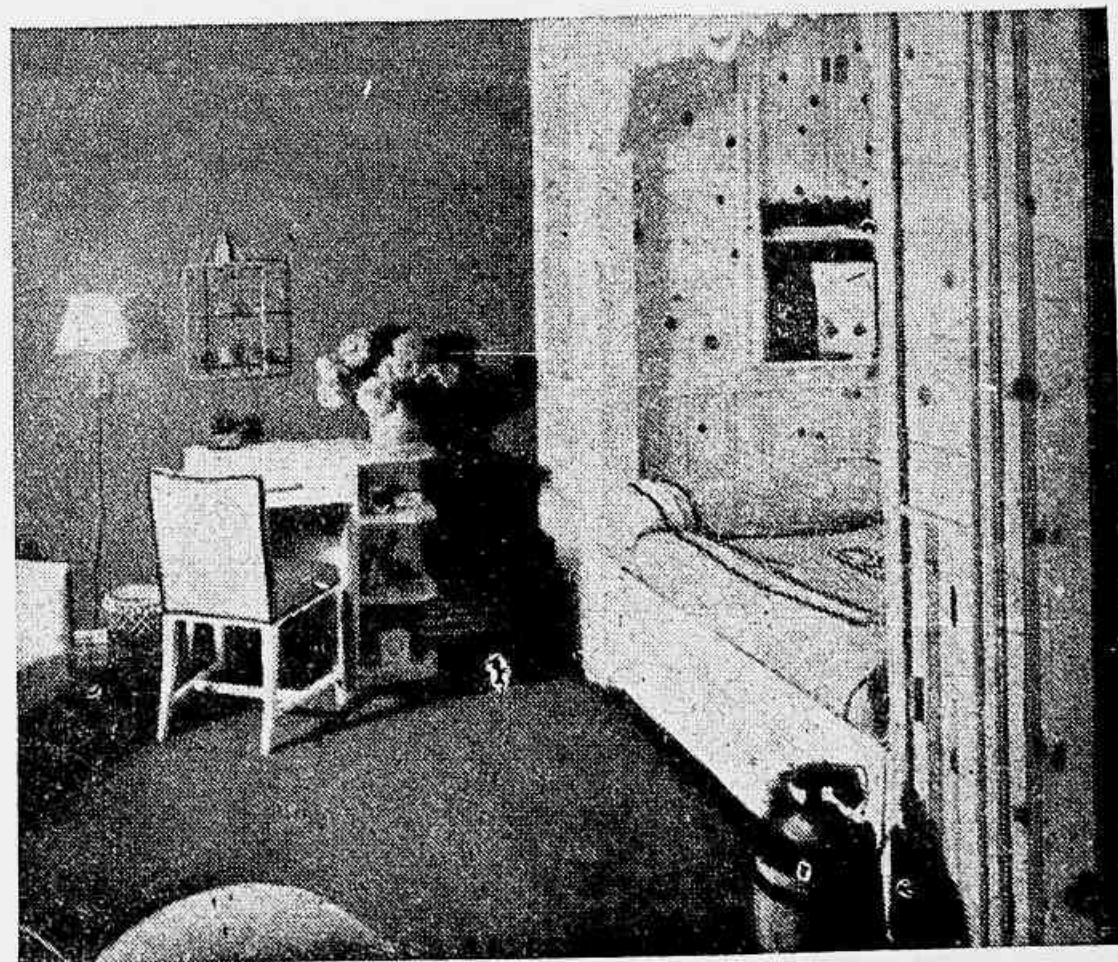
HÁ MUITO O QUE APRENDER AINDA

SIM, muito se tem ainda a aprender em matéria de criar e de educar filhos. A cada passo, na rua, nos bondes, nos ônibus, vêem-se cenas que revoltam e que indicam o baixo grau de conhecimento que muitas mães têm de tão importante assunto. Ora é uma que, para "distrair" a filhinha, lhe faz cócegas durante toda a viagem; ora é outra que sacode a criança a cada instante; ora é uma outra que permite que a criança se debruce à janela com os bracinhos de fora, ou então é outra que se instala confortavelmente, deixando a criança de pé, na passagem, onde leva esbarrões e pisadelas dos adultos.

Teríamos que ocupar diversas páginas se quiséssemos mencionar tudo o que assistimos na rua; de tudo isso só fica patenteada a pouca inteligência e a pouca compreensão das mães.

Não chegamos ao ponto de esperar que a criança venha a ser tratada com exagerados cuidados ou com excessiva importância, mas, pelo menos, esperamos que ela seja tratada como um ser humano, como um indivíduo que merece respeito e atenção. Fazer da criança um instrumento de distração própria, é outro erro que muitas mães cometem. Não é a criança quem leve distrair o adulto, mas o adulto a criança. E distrair uma criança não significa fazer-lhe cócegas, sacudi-la, ou fazer ainda outras "gracinhas" parecidas que só servem para irritá-la e provocar alteração do sistema nervoso. Quando se viaja com uma criança, em qualquer transporte, deve-se permitir que a criança permaneça quieta, ou então procurar distraí-la respondendo às suas perguntas ou lhe indicando as coisas que possam lhe despertar algum interesse; deve-se procurar acomodá-la com o mesmo conforto que exigimos para nós, lembrando sempre que, pela sua fragilidade, ela deve merecer o melhor lugar.

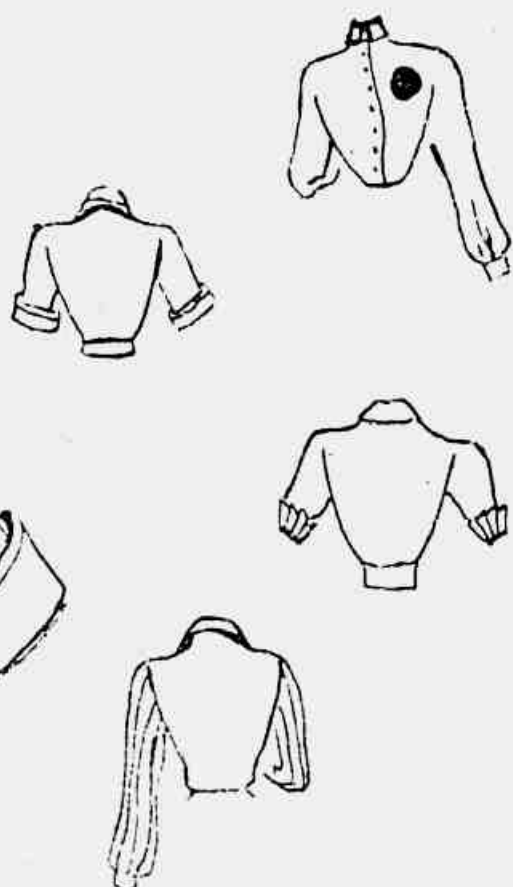
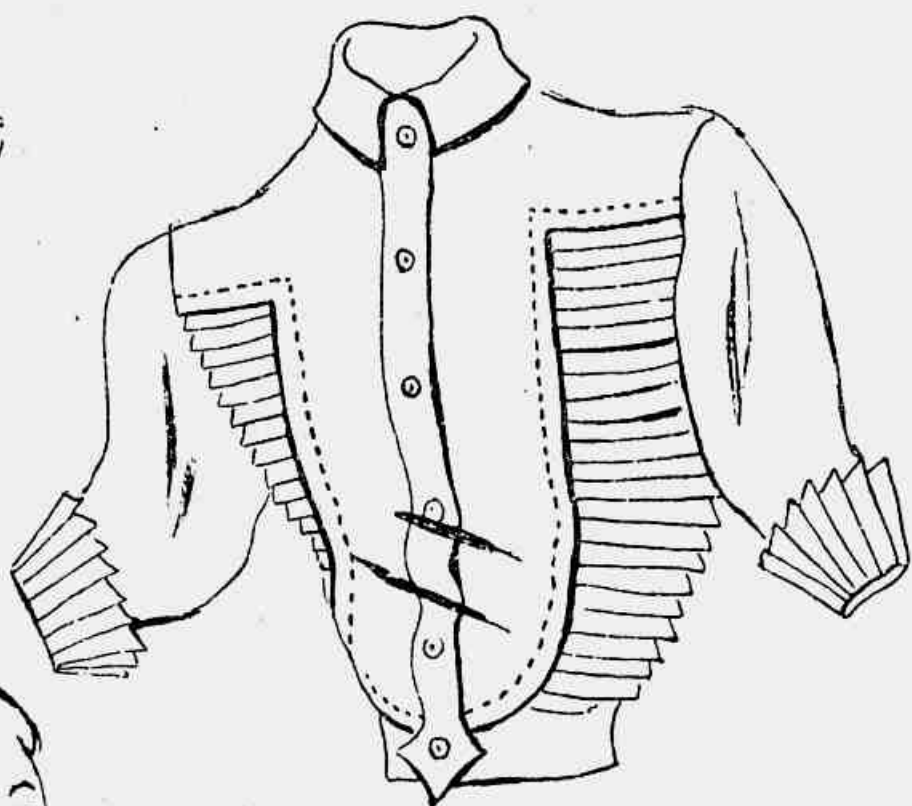
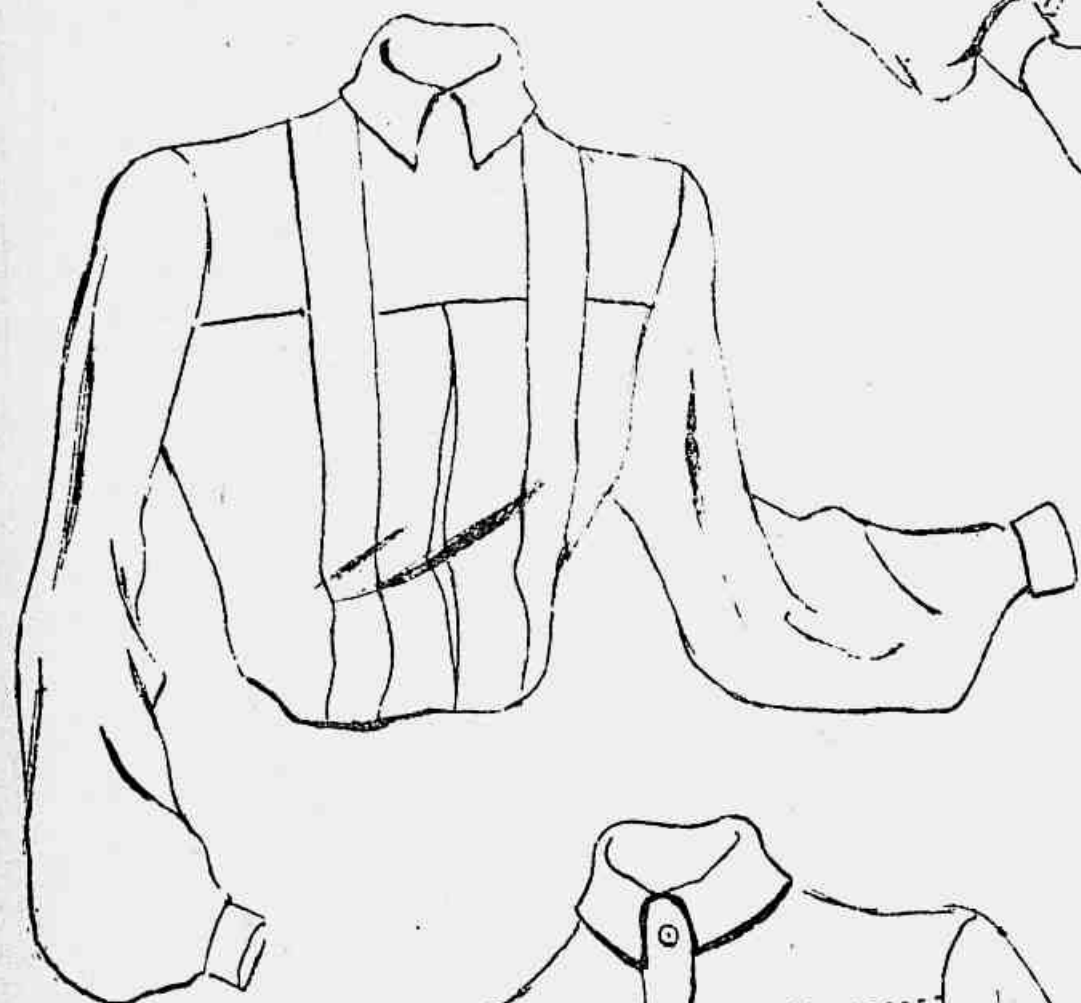
Por incrível que pareça, existem ainda — e em grande número — mães que não se convenceram ainda de que uma criança não é uma "coisa", mas uma criatura de carne e osso, cujos direitos devem ser rigorosamente observados.



QUARTO DE DORMIR PARA MENINO — Aqui está uma interessante sugestão de quarto para criança. Móveis simples e claros, cama embutida, entre dois armários, deixando menos espaço livre

BLUSAS

MAIS do que nunca você irá precisar delas. Uma blusa elegante e bem talhada veste bem e rejuvenesce. Com uma saia plissada ou em "gode!" e com uma blusa graciosa, você estará sempre bem para aguardar o seu regresso...



Ann Seareys, da KKO, ostenta um lindíssimo par de brincos em ouro e pedras. Colar igual



As cinturas drapeadas marcarão o contraste com os modelos simples e esportivos

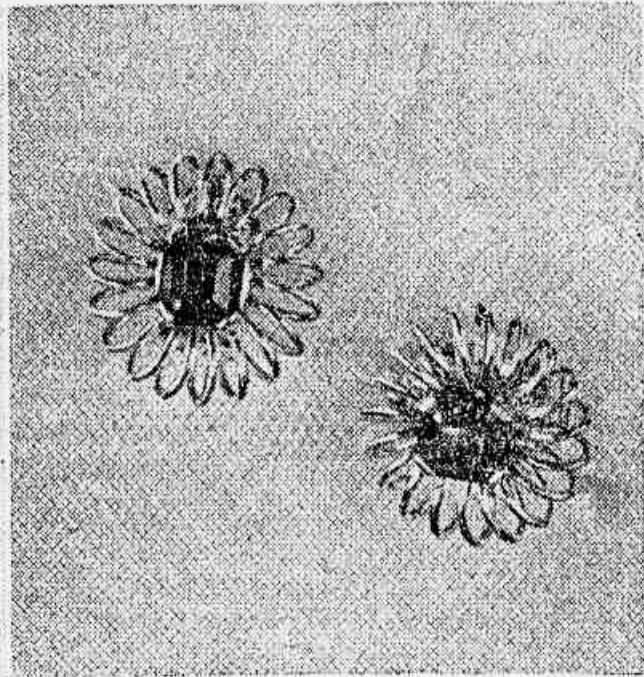


Sapato elegante, em camurça preta, para traje "habillé"



No outono se acentuará a linha "Diretório", como vemos neste simples e original modelo

Luas drapeadas, para "cocktail", última imposição da moda feminina



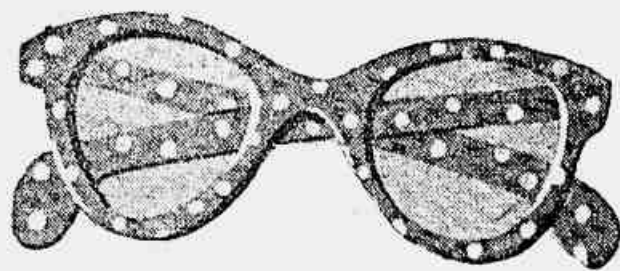
Simple e elegantes são estes "clips" em ouro e ametista



DETALHES E NOVIDADES



Uma elegante blusa de cetim cinza bordada em preto, própria para a noite



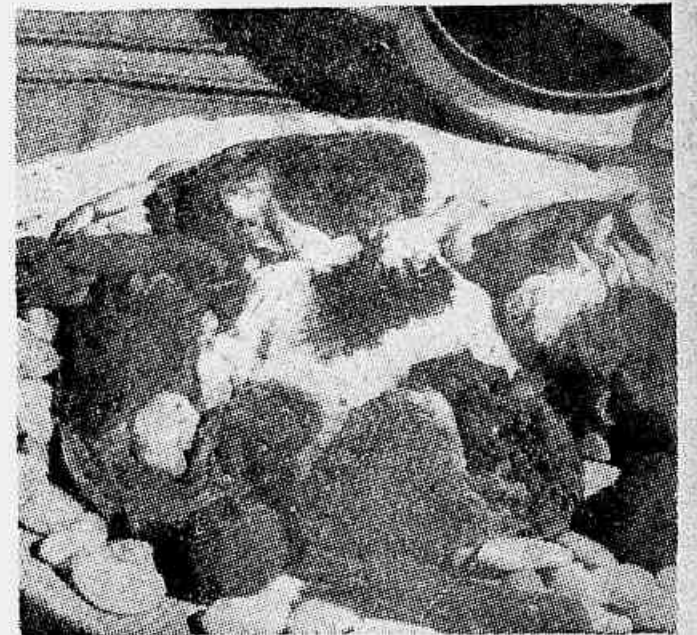
Óculos com "pois"... Uma novidade que dia a dia mais vem se impondo às elegantes das praias cariocas

Chapéu de palha ornado com laços, flores e véus, para a meia estação, que se aproxima

week-end NA COZINHA

OMELETE DE PRESUNTO

Corte em fatias finas 100 grs. de presunto e frite em 1 colher de manteiga. Despeje por cima 4 ovos batidos, porém com pouco sal, e deixe cozinhar. Sirva essa omelete com molho grosso de tomates, peneirado.



VAGENS COM MANTEIGA ESCURA

Afervente uma porção de vagens já sem os fios, escorra a água e misture-as com bastante queijo ralado. Arrume no prato e regue com manteiga queimada.

GELÉIA DE OVOS

Bata bem 4 ovos com 1½ xícaras de bom caldo de carne. Deite em tigelinhas untadas. Cozinhe em banho-Maria e desenforme sobre alface picada e bem temperada.

PEDACINHOS GOSTOSOS

Bata 2 ovos inteiros, 2 gemas e 1 colher de sopa de açúcar. Junte 1 colher de chá de canela em pó, ½ xícara de queijo ralado, 1 colher de chá de essência de baunilha e 1 colher de sopa de farinha de trigo. Misture bem e frite às colheradas. Polvilhe com açúcar e canela.

SOUFFLÉE DE AMEIXAS

Bata em neve 3 claras, junte 6 colheres de sopa rasas de açúcar e 200 grs. de ameixas pretas bem picadas. Leve ao forno brando e sirva com creme de baunilha.

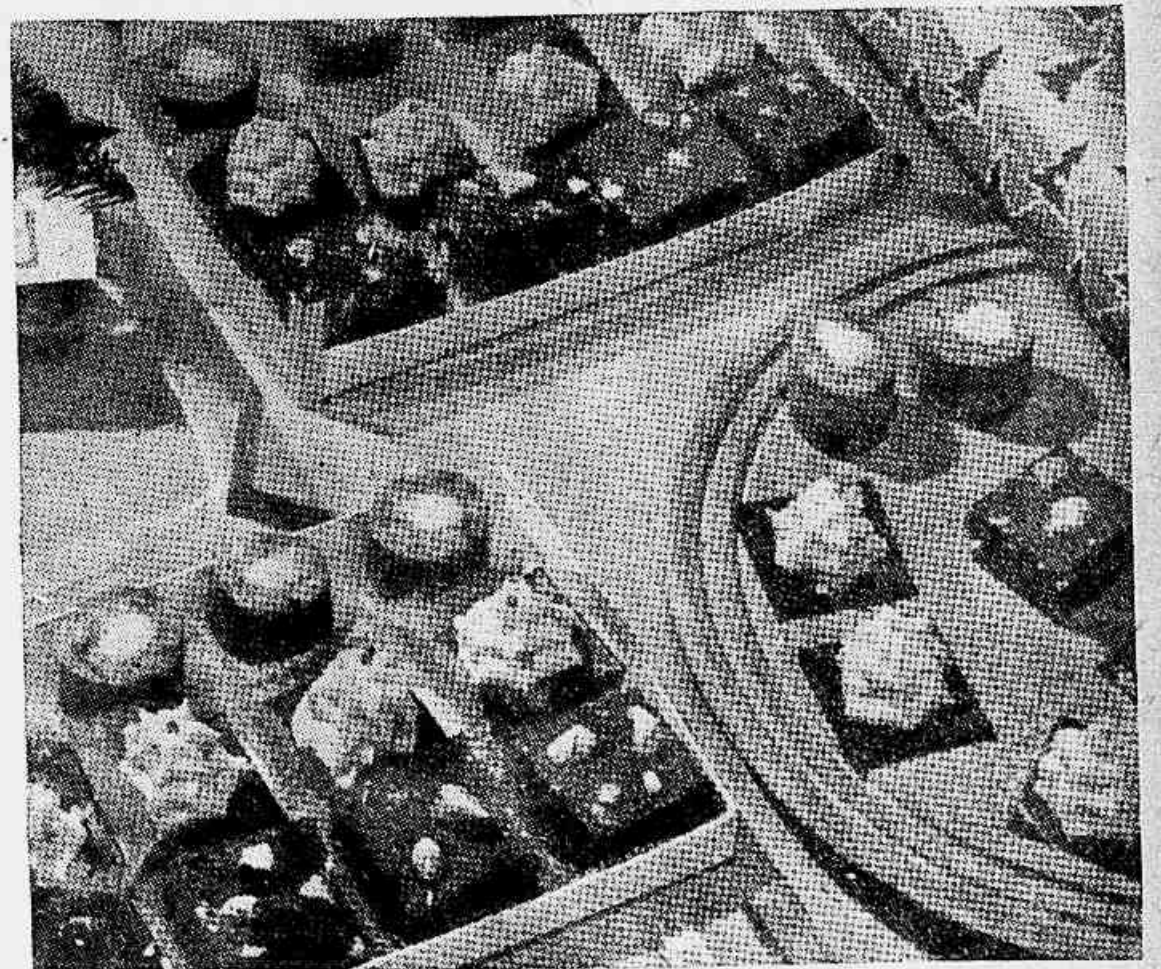
BANANAS COM "CHANTILLY"

Frite em manteiga algumas bananas "prata", cortadas ao meio, horizontalmente. Arrume-se em tacinhas, cubra-as com geléia de abricó e enfeite com creme "Chantilly".

CREME DE LEITE

Bata em neve 3 claras, junte 8 gemas, 2 xícaras de açúcar, 1 colher de chá de essência de baunilha e 1½ copos de leite, misturados com 1 colher de chá rasa de maisena. Deite em forminhas untadas com caramelo e asse no forno em banho-Maria.

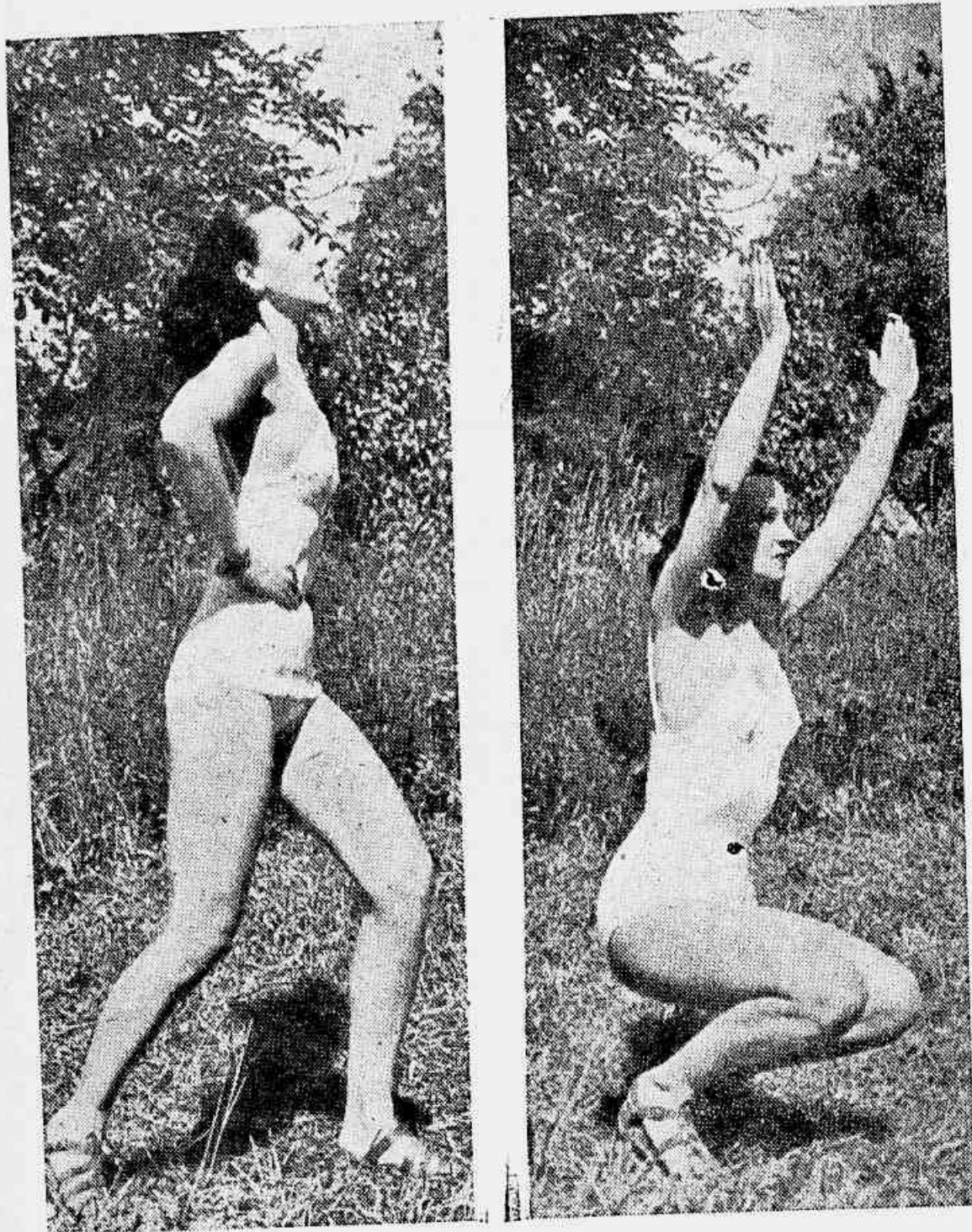
CONSELHOS — O leite estragado pode ser aproveitado para fazer doce de leite. Basta acrescentar o açúcar e deixar que vá cozendo lentamente. ★ Se você desconfiar do estado da carne, mesmo que tenha permanecido na geladeira, dê-lhe imediatamente uma fervura. ★ Tendo um programa estabelecido e sabendo administrar, você poderá viver bem e fazer economias.



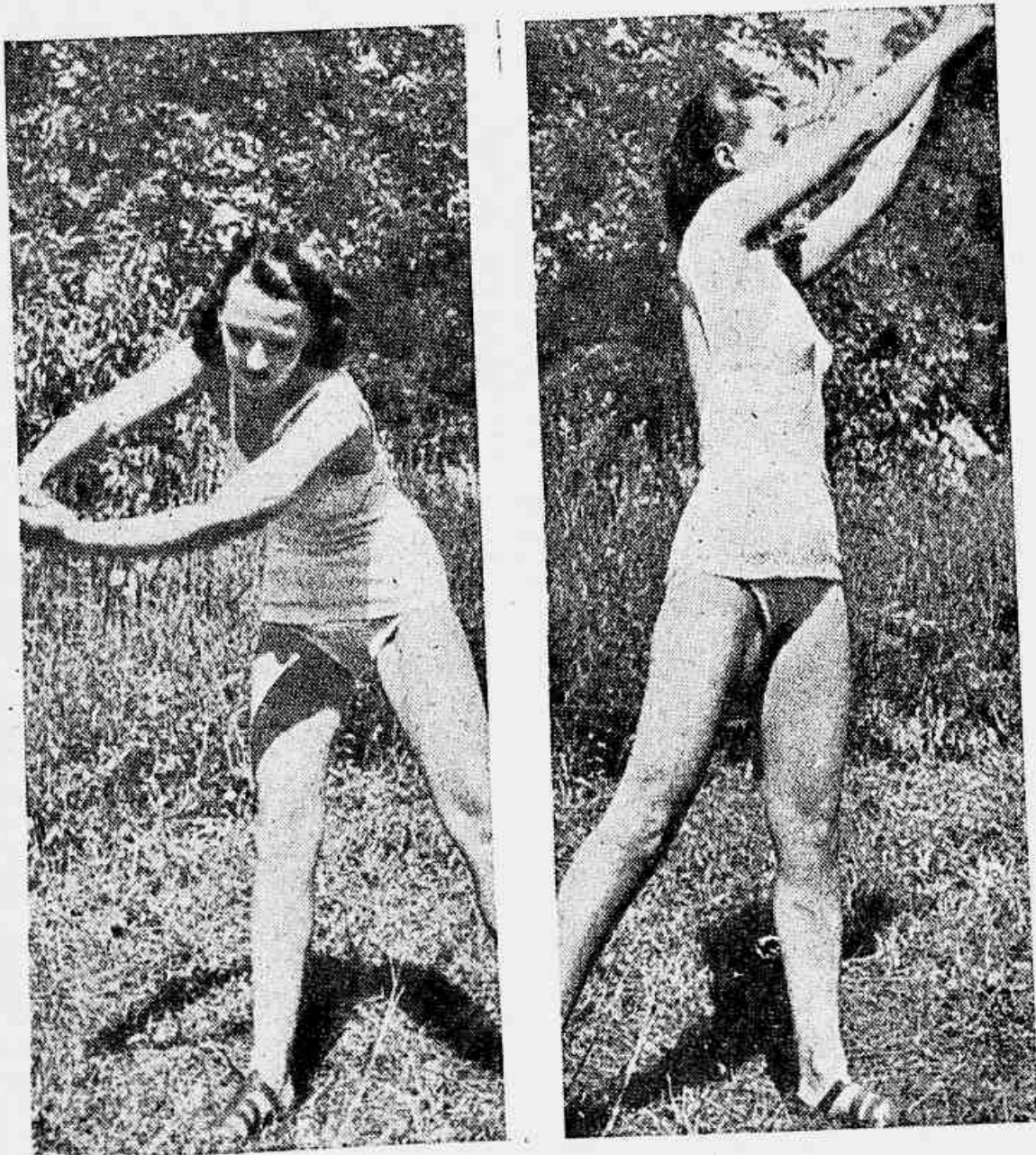
Com a mesma massa, mudando apenas os enfeites, você poderá obter uma variedade de docinhos...

DEPOIS DE UM BANHO FRIO

PARA reativar a circulação, depois de um banho frio, principalmente quando a diferença entre a temperatura da água e a temperatura da atmosfera for desigual, existe uma série de movimentos adequados, da qual aqui estão os mais importantes.



1-2 Mãos na cintura. Partindo da posição vertical, executar, nas pontas dos pés, uma série de saltos leves, durante 1 minuto. Pernas dobradas, em posição de sentar; braços para baixo. Executar uma série de movimentos com os braços levando-os primeiro para a frente e depois para cima, sem mover os joelhos



3-4 Pernas separadas, braços estendidos e mãos unidas. O exercício consiste num movimento rotativo com o busto, lançando os braços do lado esquerdo para o direito. Executar oito vezes e inverter.



DR. SABÓIA RIBEIRO

REGIME DA GESTANTE E PUERICULTURA

O mau estado nutritivo da gestante, por defeito de uma alimentação carente ou imprópria a seu estado, é, por si, causa muito frequente de muitos males que atingem a criança, quer ainda no seu período de desenvolvimento intra-uterino, quer já após o nascimento. São estados, afecções, enfermidades diversas, passageiros uns, se corrigidos em tempo, permanentes outros, oferecendo quadros por vezes inferiorizantes do indivíduo, por isso que tanto podem atingir apenas o físico como, até, a inteligência.

Falando em mau estado nutritivo não aludimos, aqui, tão somente ao que decorre de uma alimentação insuficiente; mas, também, a uma alimentação não perfeitamente adequada ao estado de gravidez, no qual é preciso, sempre, levar em conta possíveis insuficiências dos órgãos depuradores, em particular fígado e rins. Estes são atingidos, no seu funcionamento, em muitas eventualidades da gravidez. Mormente quando da ocorrência de vômitos ou manifestações ictericas na mulher; de maneira que urge, nesses casos, proceder a uma revisão do regime alimentar, restabelecendo a função perturbada. A verdade é que, muitas vezes, isto se dá porque a gestante não observou, desde o começo da gravidez, um tipo adequado de alimentação, isto é, que não viesse sobrecarregar quer o fígado quer o rim.

O excesso de carne e gorduras, em geral, conduz a essas consequências, numas vezes mais acentuadas, noutras menos. As perturbações visuais, as tonteadas, o aumento de peso rápido, são os primeiros sinais, muitas vezes, de que o estado dos rins não é bom. As náuseas, os vômitos da gravidez, obrigam a um exame cuidadoso no mesmo sentido, devendo ser o regime alimentar revisto para as oportunas modificações.

As toximias gravidicas não têm outra origem, e das náuseas e vômitos podem chegar até a manifestações mais sérias, como as convulsões, se não vigiado como deve ser o estado da gestante.

Já com referência à tendência às hemorragias que se observa em muitas gravidezes, semelhante ocorrência antes indicia mau funcionamento do fígado; em geral, na gestante com icterícia, essa tendência deve ser admitida, pois é ao mesmo tempo que o princípio coagulante do sangue não está sendo formado nas condições normais. Já, em suma, uma diminuição da coagulabilidade do sangue da mulher nessas condições, daí o risco de hemorragias no ato parturitivo.

Ora, o regime alimentar correto, no estado de gravidez, é a primeira medida de forma a evitar essas consequências, de tanta repercussão, sempre, sobre a criança em formação e, após o nascimento, sobre seu próprio estado de saúde.

Devido à sua riqueza em ferro, cálcio e fósforo, no regime da gestante, sempre, deverão entrar alimentos como: queijos, quiabo, rabanetes, couve, agrião, chicória, limão, gema e clara de ovo, mostarda, nabo, polenta, selga, ervilha, vagens, espinafre, repolho, alface, nozes, feijão, farinha, arroz, batata, beralha, língua (ricos de cálcio); extrato de carne, cacau, chocolate, milho, feijão, vísceras (sobretudo miolos), aveia, ervilhas, leite, abacate, peixe do mar, trigo e centelo, aipo, banana, pera, chuchu, selga (ricas de fósforo); legumes verdes (verduras), azeitona, gema de ovo crua.

Como boa fonte de vitaminas, entrarão no cardápio da gestante: tomate, laranja, cenoura, suco de frutas e legumes em geral. Geralmente as temperaturas diminuem o teor ou mesmo destroem as vitaminas, salvo a vitamina B1 dos cereais, de modo que as saladas e os sucos são a melhor forma de consumi-las. Boas fontes de vitaminas A e D — a manteiga, os óleos vegetais. Rica desses elementos, a dietética da gestante constitui uma garantia de futuros rebentos bem constituídos e trazendo boas reservas de vitaminas, que lhe asseguram melhores resistências às infecções e um crescimento normal.

Existe uma falsa noção de que a alimentação rica de cálcio ou o emprego de preparados à base de cálcio faz o feto crescer demasiado durante a vida intra-uterina, acarretando dificuldades durante o parto. Mas não procede isso. O que faz o parto difícil é antes a conformação da bacia, a apresentação do feto, defeitos da evolução da gravidez; ao contrário, um feto mal constituído, ou com seu esqueleto maleável, como pode acontecer por carência de cálcio na alimentação da gestante, esse é que pode tomar posições defeituosas no momento do parto, além do que, para vencer as resistências na sua passagem através das vias maternas, há de possuir um esqueleto bem formado, máxime crânio.

Tanto não é o tamanho do feto que faz o parto difícil, é que há abortos que podem ser fatais, e tão demorados como o próprio parto, entregues a si mesmos. O que faz, por outro lado, um feto volumoso é, muitas vezes, uma doença congênita, não tratada durante a gravidez, inclusive a sífilis. Um feto nascido com carência de cálcio é um organismo fadado ao raquitismo e à espasmofilia, estados graves na infância. Mas não é tudo. Quando o organismo materno é pobre de reservas de cálcio circulante no sangue e nos tecidos, o feto vai retirá-lo dos ossos e dentes da mulher, resultando, nesta, cáries e processos de gengivites e, assim, até infecções da boca. Calcula-se que o feto no decurso da gravidez subtrai 35 gramas de cálcio do organismo materno.

Em suma: a mesa da gestante deve primar pela variedade e abundância, figurando, sempre, nelas as várias substâncias necessárias à sua própria nutrição e do nascituro.

Pelas suas funções a desempenhar na formação do feto e seu desenvolvimento normal ulterior, o cálcio, o ferro, o fósforo assumem um papel importantíssimo no regime da gestante, e daí a necessidade de alimentos ricos desses minerais. A presença de vitaminas deve ser assegurada, na alimentação da gestante, pelas frutas, cereais, féculas, legumes. A vitamina tem uma origem complexa e depende, sobretudo, do bom funcionamento do fígado.



REUNIÕES ELEGANTES

PARA uma reunião depois das cinco, os costureiros franceses criaram êstes modelos verdadeiramente notáveis que aqui oferecemos às nossas leitoras. Neste punhado de modelos bonitos, originais e de grande elegância, encontram-se criações de Maggy Rouff, Schiaparelli, Christian Dior, Mad Carpentier, Marcelle Dormoy Dupoy e Pierre Benoit.



TARDES DE

Autumn



J. Karamian 1948

Os primeiros "frioziños" já vêm surgindo, obrigando-nos a pôr de lado os nossos vestidos leves e decotados que usamos na estação passada. À tarde, principalmente, é que se faz sentir a mudança da temperatura, quando então se torna necessário o uso de um vestido que agasalhe mais.

Da esquerda para a direita, temos: 1 — Em jersey preto é este modelo de Jeanne Lafaurie, cuidadosamente drapeado. A túnica, muito franzida, prende sob os joelhos. Mangas longas e estreitas. Blusa drapeada. 2 — Também em jersey preto é o segundo modelo de Lafaurie. É de uma concepção original; o drapeado é "apanhado" sobre o busto, por um "clips" e daí mesmo adquire uma amplitude que se prolonga até a saia. 3 — Modelo em jersey creme; decote drapeado; saia com bastante "movimento", formado por amplos "drapées". 4 — De Jacques Heim, como o anterior, é este modelo em fina lã quadriculada. 5 — Grès sugere este modelo em taletá, onde a linha 1949 está evidenciada pelo "godet" que se acumula de um só lado, deixando o lado oposto inteiramente reto. 6 — Um modelo em tecido quadriculado, criação de Carven: corpo longo, amplitude da saia obtida por meio de franzidos arrematados por uma banda de "astrakan". 7 — Vestido de veludo negro; decote em "V"; saia drapeada sobre os quadris. Cintura e mangas bordadas. Criação também de Carven. 8 — Modelo em jersey verde, amplitude obtida por meio de panos. Um drapeado harmonioso acentua a linha dos quadris. Criação de Jean Dessès. 9 — Ainda de Dessès, "manteau" de linha assimétrica, envolvendo graciosamente a figura. Amplitude para trás



VINGANÇA

Conto de R. PARAISO ROCHA

UM burro, uma carroça, um homem. No claro-escuro da manhã seguem os três pela rua silenciosa. Número par, número ímpar. O burro não erra: de porta em porta repete o mesmo caminho de anos atrás. Mas quando, levado pelo hábito que não conhece dividas, estaca debaixo da janela de um caloteiro, o homem, que não as esquece, resmunga em baixo calão e com um golpe de rédea o faz seguir caminho. Um chuva miúda goteja prata sobre os paralelepípedos. Número par, número ímpar. O burro pára, o homem resmunga, a carroça segue. Tempos ruins. Muita fome, pouco dinheiro. Número par. Um monte de ossos desce. A portinhola da carroça abre-se sonolenta e uma série de garrafas trêmulas de frio aparece. Casa do juiz: 7 litros. O leiteiro

pula o portão, rodeia a casa e deixa as garrafas na porta da cozinha. O portão de novo. Novamente seus ossos estalam na tábuia dura da carroça. Um arranco na rédea e o burro segue, enquanto a carroça dança com os desníveis. Número par, número ímpar. Durante anos o mesmo ziguezaguear. Mudam-se os fregueses: as casas continuam as mesmas. O juiz, por exemplo. No princípio era 1 litro. Aquêlê rapaz imberbe não era lá muito amigo de leite. Sua receita tornara-se célebre: "Para vida longa, entre dois litros de uísque, meio de leite". Não ficou muito tempo. Veio depois o dr. Afonso. Ele, a senhora, uma filhinha, 4 litros: a menina, doente, vivia de leite e remédios. Loura como um ipê, era encantadora na sua fragilidade. Um dia, laconicamente, man-

daram-lhe deixar somente dois litros. Agora é este juiz que dá, todos os anos, dois presentes de Natal para a cidade: uma sintonia e um filho. No primeiro ano eram 3 litros; agora já são 7.

As faces se transoforam, as casas ficam. Número ímpar. Casa paroquial. Quantos vigários já passaram por ela? Ninguém os contou. Gordos, magros, altos, baixos, frades, agostinianos, ela já os viu de todas as espécies. Número ímpar, número par. Toda a rua já recebeu seu leite. Agora só falta D. Belinha. O homem comanda, o burro estremece, a carroça segue. Mulher esquisita. Casa esquisita. P'ra lá do fim da rua a casa esconde no escuro uma velhice casmurra. E dentro d. Belinha esconde uma virgindade teimosa. Vinte anos de noiva. O burro pára, os ossos descem, a carroça boceja. Dois litros. Empurrando um portão aposentado, o leiteiro dá a volta à casa. Nunca em vinte anos encontrara uma só janela aberta. Cuidadosamente coloca os dois litros junto à porta dos fundos. Porta? Prisão nenhuma teria porta igual àquela. Com tantas trancas e cadeados, nem mesmo as intrigas podiam rompê-la. O leiteiro a olha com respeito e volta para a carroça. Olha para a chuva. Dá uma cuspidinha para o lado e segue para casa. Mais um dia que se foi. Agora, arrumar o canteiro de couves e curtir os lazeres de solteiro. E dentro em pouco eles se diluirão na penumbra e na garoa. Um burro, uma carroça e um homem. Para d. Belinha hoje será um dia diferente.

Vida engraçada a de d. Belinha. Ainda era Belinha só (sem o d. das solteironas), dividindo seu tempo entre a casa, o pai viúvo e a igreja, quando aquilo aconteceu. Tinha 26 anos quando apareceu Orestes. Ou melhor, quando descobriu Orestes. Para dizer a verdade, jamais pusera tento naquele estroina louro e atrevido. Mas um dia Cupido resolveu brincar com ela e a palxão veio forte. Forte, também, veio a oposição do pai:

— "Mau rapaz! Não tem emprego! Vive a se embrulhar com traficâncias!"

Mas as mulheres encontram coisas nos homens que os próprios homens não encontram. Belinha cismou que seria Orestes. Orestes teria de ser. Um dia a fortaleza paterna ruiu aos embates do carinho filial. E ficaram noivos. O que foi este noivado, ninguém sabe contar. Dizem as más línguas que a casa envelheceu de vergonha do que viu. Noivaram muito tempo, até que um dia, já sabem: Orestes anunciou sua partida.

— "Meu lugar não é aqui. Vou à Capital fazer dinheiro para poder casar!"

Disse e f z. De nada valeram as lágrimas de Belinha. Chorou, chorou, ainda que lhe consolasse a eterna promessa dos D. Juans de todos os séculos:

— "Espera-me que eu volto para casar contigo."

Esperar! Desde então sua vida não fôra senão uma longa espera. A primeira carta, muitas lágrimas lhe trouxe. A segunda, a terceira e depois nada. Três cartas bastaram, no entanto, para alimentar uma espera de 20 anos. O pai morreu e com a herança paterna não lhe faltaram pretendentes. Mas ela esperava.

A volta do noivo tornou-se o centro ao redor do qual giravam todos os seus atos. Trancou-se portas a dentro de sua casa e preparou-a para o noivo. Pôs todo o seu carinho e sua pouca arte em dar conforto à sala de espera, onde, no sofá, por certo, teriam sua primeira e longa conversa. Na sala de jantar, onde, ao som de um rádio que certamente ele lhe traria, jantariam bem unidos, havia, cercado de flores como um santo, um retrato "dele". E a casa toda era assim arranjada para o noivo. No seu quarto... Bem dele ninguém ja-

mais soube dizer nada, pois em tanto segredo era guardado que nem em pensamentos se podia penetrar ali.

Se por dentro era a casa assim tão conservada, fora não acontecia o mesmo. Vejam como estão descoloridas estas paredes — como está grande este mato que as envolve. Este beiral: vejam só como está ruim. Não é à toa que chove tanto aqui nesta soleira.

Há vinte anos que ela vive assim. Noiva-viúva é como lhe chamam as comadres da terra. Ninguém a visita, com as duas exceções do leiteiro e do caixeiro do armazém. Dizem até que... óba! eis que se abre a porta. Meus senhores! Tenho o prazer de lhes apresentar d. Belinha, a noiva-viúva.

Alta, um pouco magra e com vestidos a um palmo do chão. Cabelos castanhos e olhos azulados. Bôca sensual numa face encovada. Um leve buço. Parece até que seus ossos rangem enquanto ela se curva para apanhar o leite. Com passos arrastados, mas ainda bastante vivos, ela entra. Leva o leite até o fogão e enquanto espera que ele ferva prepara um café ralo e amargo. Pronto isto, mistura-os numa caneca enorme e leva-a para a sala de jantar. Assenta-se defronte ao retrato e entre um gole e outro de café-com-leite, dá o seu bom-dia e seu sorriso ao noivo ausente.

Terminado o café, deixa-se ficar a contemplar por momentos o retrato encardido e nota então que aquelas flores artificiais, compradas há cinco anos, já estão tristes de mais. E' preciso comprar novas. E enquanto repete o ritual de todos os dias (lavar a xícara, pôr o leite e o feijão no fogo) ela repete: "E' preciso comprar flores novas"...

E é resmungando ainda que ela vai para o quarto aprontar-se para a missa. Daí a momentos sai com chale à cabeça e terno e livro na mão. Vai à missa.

Passa de novo pela sala, dá um sorriso de despedida ao retrato, tranca a porta da cozinha. Atravessa, arrepiada pelo orvalho que lhe molha as meias pretas, o jardim (?) e sai para a rua. De lá à igreja um bom pedaço: 793 passos, com 6 descidas do passeio, nos trechos em que este está ímprestável. No 794º passo ela a entrar na igreja.

Mas por que todo mundo fixa-lhe o olhar interessado? Ela não o sabe e mesmo parece nem o notar. Ajoelha-se num dos bancos da frente e espera começar a missa. Foi então que a Ismar (comadre de todo mundo e rádio-emissora local) veio assentar-se ao seu lado. E lançou uma cabeçada-ponte:

— Belinha!

Mas já o padre começara a entoar o seu latim e d. Belinha estava absorta nas páginas esfarelantes de seu livro de menina.

— D. Belinha!!

Desta vez ela ouviu. E como tivesse o hábito de não conversar (principalmente na igreja), quase que se assusta. Manda para o lado um olhar interrogador.

— Belinha — cochicha a outra — Orestes chegou ontem!

Se o próprio Deus-Padre tivesse descido àquela hora até ela e lhe desse a mão a beijar, sua surpresa não teria sido maior. Os olhos pararam, mortos, num ponto do altar. As mãos fixaram-se no banco fronteiro, e seu corpo todo tremeu com o baque surdo do coração. Mas a voz continuou:

— Chegou, e com a mulher e seis filhos!

D. Belinha perdeu de vista altar, padre e mundo. E no meio de um cosmos desportante ela ouviu a voz contando-lhe baixo como o noivo se casara, ficara rico e se esquecera dela. Era marinheiro e che-

(Continua na pág. 48)

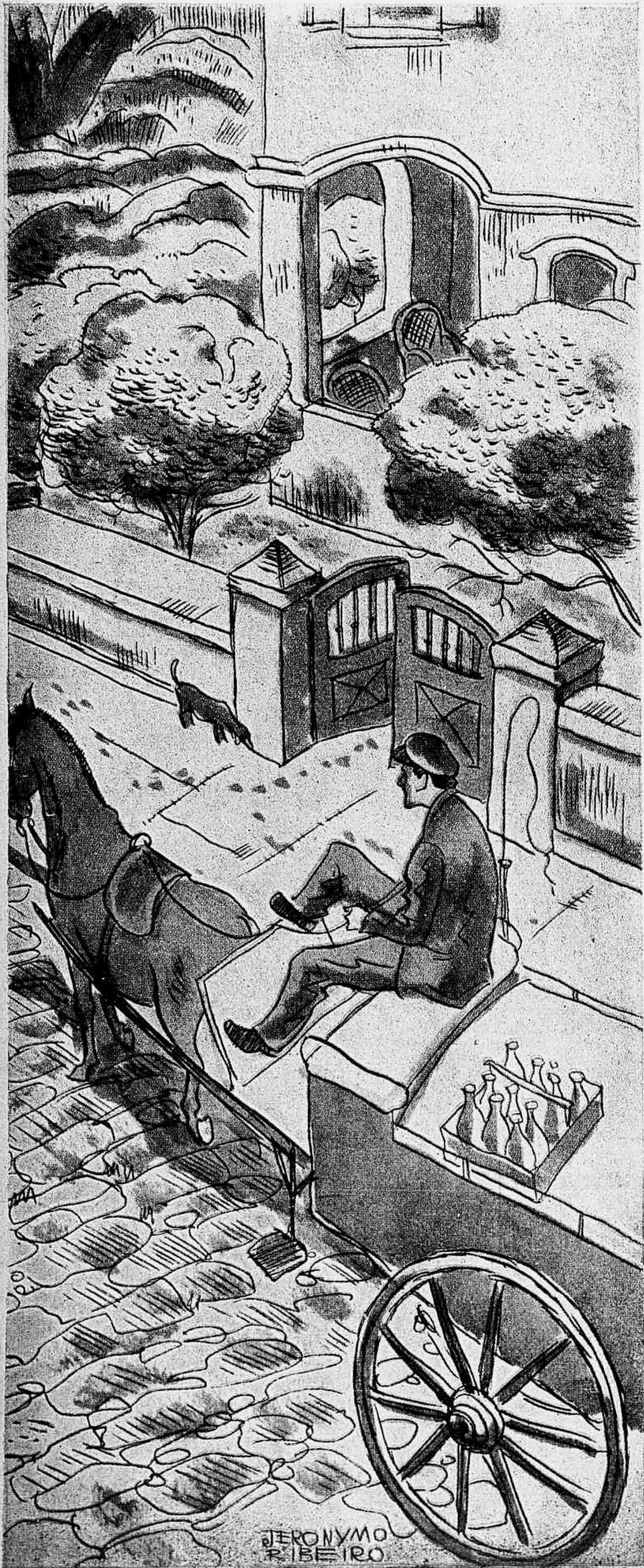


ILUSTRAÇÃO DE JERONIMO RIBEIRO
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

Conversa de «Grã-finas»...

MARIA MERCÊDES

UM local aprazível para mim, nas manhãs de domingo, é a praia do Arpoador. Ali, nos dias de sol, por mais que pareça incrível, encontro, além do céu azul e da tranquilidade das águas verdes do mar, uma paz de espírito que não me é possível conseguir em nenhuma dessas praias centrais e tão frequentadas. Não raras vezes, ao observar aquela imensidade de barracas coloridas e o agitado mar de cabeças humanas, sinto-me transportada para um país de sonhos. No entanto, como reza o velho provérbio, "o que é bom dura pouco". Nesse domingo, na citada praia, o meu estado de euforia foi bruscamente interrompido e não pude encontrar a serenidade que tanto almejava. Pois, ao meu lado, durante toda manhã, permaneceu um grupo de senhoras numa algazarra ensurdecedora. Limitando-me a uma visão parcial sobre aquelas criaturas irrequietas e de ares mundanos, compreendi imediatamente — pela extravagância dos seus trajes de banho — que, ali, estava, apenas, um punhado dessas mulheres classificadas acertadamente pela aparência fútil — irreal, seria melhor dizer — de "grã-finas". Na maioria das vezes, estas criaturas pelo tipo de palestra padronizado — isto é, cheia de snobismo, — que costumam manter entre si, irritam e desanimam. Entretanto, esta que tive a oportunidade de surpreender entre as senhoras do citado grupo era francamente curiosa. Não falavam sobre filmes, reuniões elegantes e nem mesmo discutiam o **existencialismo**, doutrina hoje em dia tão em moda, entre nós mulheres. E a razão preponderante do meu espanto foi quando uma jovem, trajando um "maillot bikini" e acompanhada de duas garotas que percebi depois serem filhas dela, aproximou-se do grupozinho "snob" e entabulou esta conversa:

— Hello", Louisa!

— "Hello", Virginia!

— A Celina, ainda não chegou?

— Francamente Virginia! Então você queria que a coitadinha, depois da "esfrega" de ontem, a esta hora já estivesse na praia?

— Bem... depende da resistência física e moral de cada um. Todavia, cá p'ra nós, a pobre da Celina parece-me não possuir nenhuma das duas. Você notou que ela fazia questão de dizer a todo o mundo que já estava com mil e oitocentos cruzeiros perdidos? E a cara azeda que ela fez, simplesmente porque o Marcos, brincando, lhe disse: "Mas... Mme. Celina! O que são para a senhora mil e oitocentos cruzeiros perdidos numa deliciosa noite de "pif-paf"?

— Inegavelmente, Virgínia, aquele Marcos é uma bola! Quanto tempo êle pretende ficar hospedado em sua casa?

— Duas semanas, creio.

— Pois lhe aconselho a tratar bem do "bichinho", porque êle é bom "freguês" e me parece cheio da "gaita". Ontem êle perdeu um bocado. No entanto, revelou-se um perfeito cavalheiro, sempre cortês, com um sorriso nos lábios, jogou até a última cartada. Agora, um sujeito sem linha e, que não sabe ser desportivo é o Carlos Alberto: unicamente porque perdeu uns miseráveis mil e seiscentos cruzeiros desistiu em plena três horas da madrugada, justamente, quando a "coisa" começava a esquentar, alegando que não estava passando bem. Veja se isto tem cabimento, num rapagão forte como aquele!...

— Creio Louisa que o "pobrezinho" estava sendo sincero, pois, naturalmente, êle quis dizer que não estava passando bem... mas... era do "bolso". Você, francamente, parece que não tem inteligência! Então, uma piada, tão fácil como esta, você não soube "matar"?!

Em resposta a esta frase tão espirituosa, ecoou uma gargalhada unânime e confesso que eu, embora disfarçadamente, não pude também resistir a um sorriso. Não de satisfação e sim de piedade, por observar o edificante exemplo que muitas mães de hoje fazem questão de oferecer às filhas.

Momentos depois apareceu na praia e juntou-se ao grupo a tão comentada Celina. Excessivamente magra. No seu semblante pálido podia-se facilmente perceber os sinais de uma noite mal dormida. Desculpou-se do atraso, pois pretendia vir acompanhada do espôso; mas êle preferiu continuar a dormir, porque chegou à casa um pouco tarde. Apenas às cinco horas da manhã! Estava num apartamento vizinho "num joguinho" entre amigos e, conforme as próprias palavras da espôsa, havia perdido quatro mil cruzeiros; mas, que êle prometera tirar a "desforra" na noite seguinte. Alguém do grupo, depois que ela encerrou o comentário sobre o espôso, fez-lhe esta observação: — Você está vingada Celina, êle que só vive lhe censurando porque você perde muito, ontem perdeu mais do que você!

— Vocês sabem muito bem que eu sou uma negação no pif-paf". Agora, um joguinho que me dá sensação é o "buraco"; adoro ficar "chorando as cartas". E, hoje, prometo ser melhor parceira e não chegar atrasada. Por falar nisto: vamos acertar os relógios?

Foi neste pé de conversa que deixei aquele grupo de mulheres dominadas pelo ignóbil vício do jogo. E, cheia de lástima, cheguei a penosa conclusão de que este tipo de mulher que deserta o lar e foge das responsabilidades maternas, para numa praia discutir, pif-paf" e "buraco", por mais que pareça estranho, é o tipo de mulher que concorre para a formação da "fina flor social" brasileira...



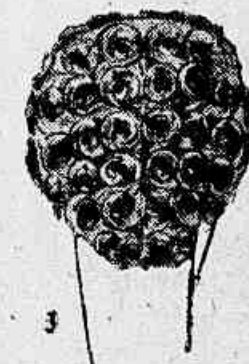
PRÁTICO E ELEGANTE



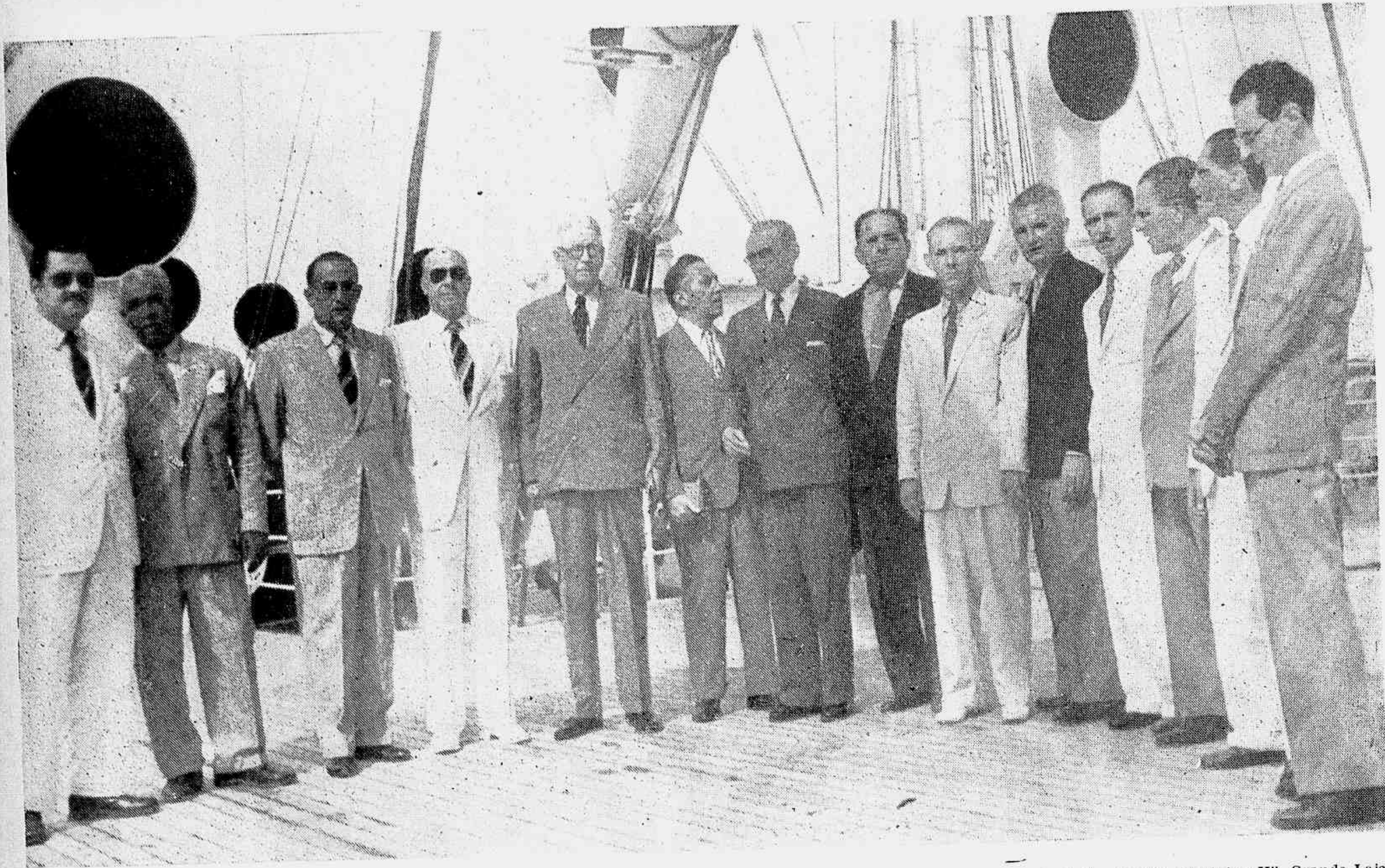
SIMPLES, prático e elegante, são as características deste penteado que você mesma poderá fazer em casa... se tem jeito, naturalmente...

Comece por enrolar a parte central da cabeça, como indica a figura 1. Em seguida enrole os lados, como indica a figura 2, e finalmente a parte de trás, como indica a figura 3.

Depois de sêco o cabelo, solte os "boucles", passe uma ligeira camada de brilhantina nos cabelos, e com o auxílio da escôva procure fazer o penteado. Se achar muito difícil, vá ao cabeleireiro mais próximo...



Nas quatro ilustrações aqui apresentadas, temos os diversos aspectos que poderá oferecer este simples, elegante e prático penteado



RECEPÇÃO EM SALVADOR — Bahia: Comissão das Lojas "Acácia Baiana", "Luz do Oriente", "Filhos de Salomão", Capítulo "Salvador", Consistório "Balduino II", Grande Loja da Bahia e Deputado do Soberano Grande Comendador: Messias L. Lopes, Edgard N. Nenato, Emilio Champião, Gilberto B. Vieira, Antônio V. Ferreira, Aguinaldo M. Lobo, José V. Seixas, Aziz Raymundo e Dr. Isaias Alves de Almeida

HONROSA VISITA AO NOSSO PAÍS

Chegou à nossa capital, a 9 de maio p.p., o ilustre Dr. Melvin M. Johnson que, na Maçonaria Norte Americana, exerce o alto cargo de Soberano Grande Comendador do Rito Escocês, na Jurisdição Norte daquele país.

O insigne visitante, de há muito estava sendo esperado nesta cidade, segundo comunicação previamente feita a seu colega do Brasil, Dr. Alvaro Figueiredo, que desempenha, no nosso país, as mesmas funções que o visitante nos Estados Unidos.

Em se tratando de uma personalidade de alto destaque social com um programa previamente traçado e combinado entre os maçons do Continente Sul Americano, era justo que despertasse essa visita certa curiosidade de nossa parte.

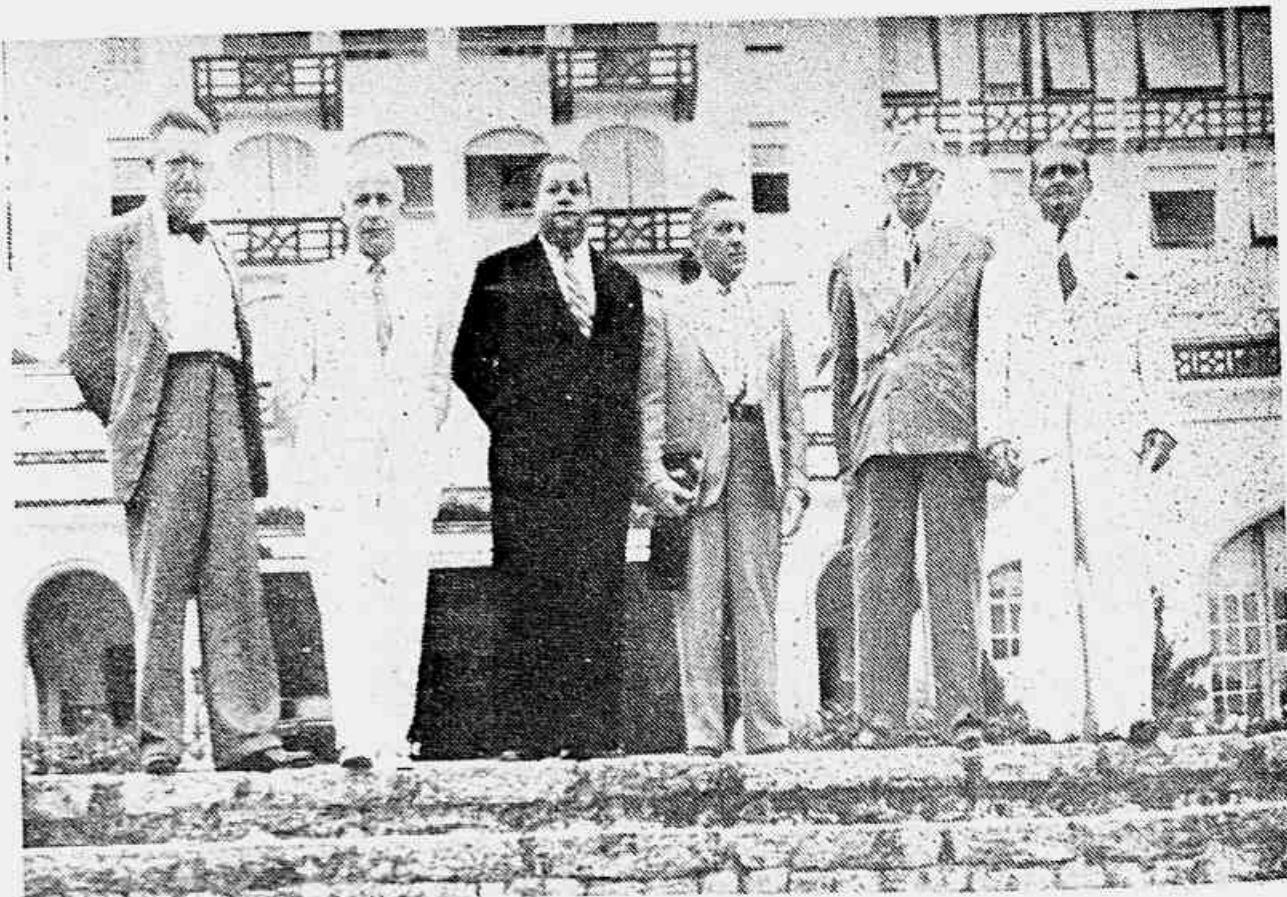
Estivemos, por mero acaso, em contacto com o ilustre visitante, seu secretário Mr. Ralph H. Sleeper, e seus colegas do Brasil, quando todos percorriam, em passeio, a cidade de Petrópolis e, sabendo dessa estadia entre nós, procuramos ouvir alguém que nos pudesse fornecer elementos para os necessários esclarecimentos ao público, notadamente aos que militam nas fileiras da grandiosa instituição que é a Maçonaria.

A Maçonaria, hoje, é uma instituição pacífica e universal, representando uma força

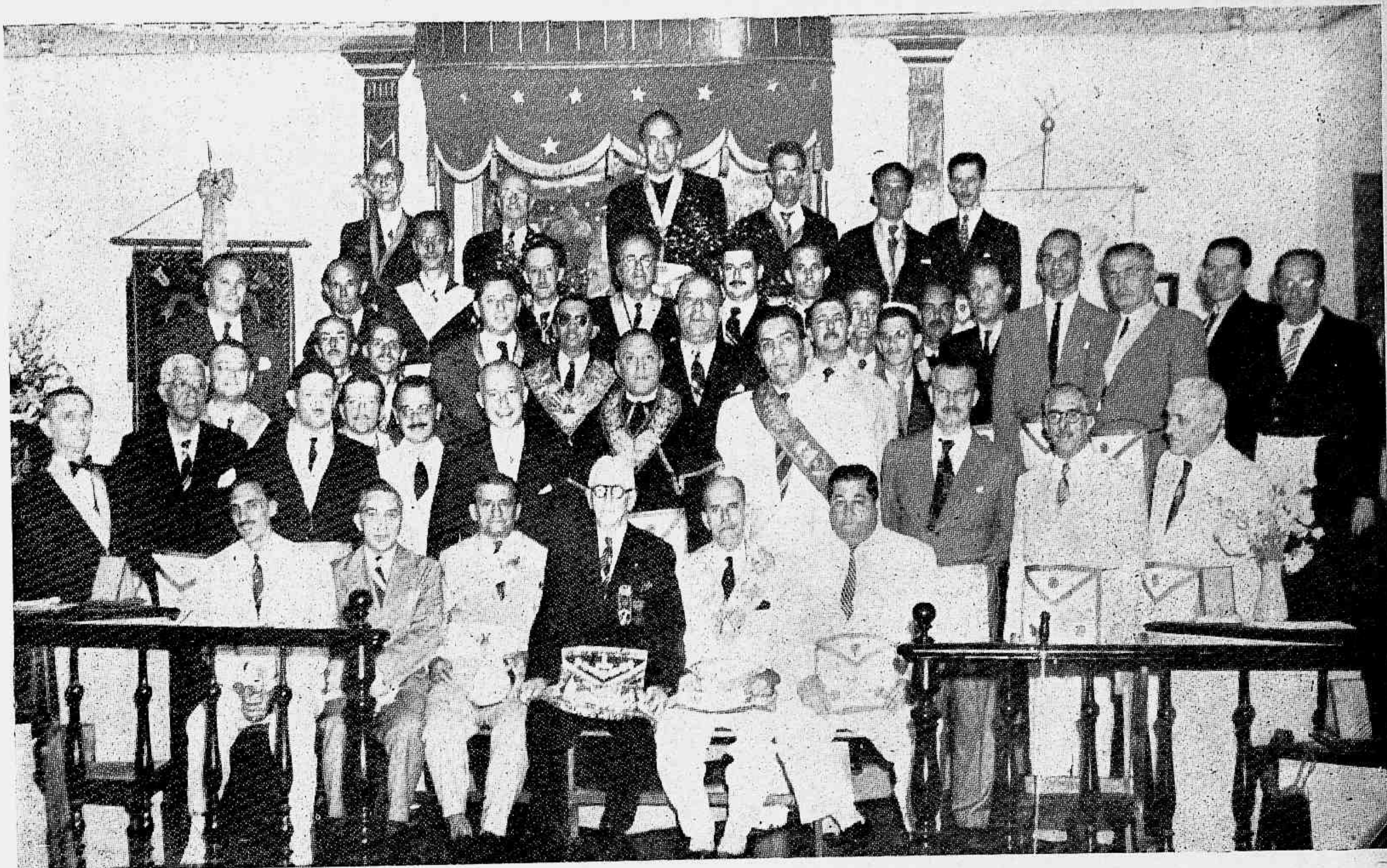
ponderável nos destinos da Humanidade, por seus trabalhos de construção social, de harmonia individual e orientadores da Paz Universal. Em o nosso país — todos o sabemos — devemos-lhe a solução de magnos problemas sociais, desde os tempos imperiais até a República, dentre os quais podemos citar: a Independência do Brasil, a extinção da escravidão e a proclamação da República, movimentos em que se sobressaíram, entre outros, os vultos incomparáveis de D. Pedro I, José Bonifácio, Gonçalves Lledo, Duque de Caxias, Rui Barbosa, Nilo Peçanha e tantos outros pertencentes à Grande Ordem Maçônica, no Brasil.

Pelo que pudemos colher, aqui e ali, numa ligeira palestra, se bem que com as reservas devidas, coisa natural em se tratando de assuntos maçônicos, a viagem de Mr. Melvin Johnson não foi uma cousa imprevista, desde que S. Excia era esperado desde meados do ano passado, quando se correspondeu com seu colega brasileiro, Dr. A. Figueiredo.

Se assuntos de natureza privada da Ordem o trouxeram ao Brasil e aos demais países sul-americanos que vai visitar — Argentina e Uruguai — não nos foi dado saber; en-



A' esquerda: Flagrante do almoço íntimo em Quitandinha, vendo-se Mr. Melvin Johnson, Dr. Figueiredo e Secretários. A' direita: Em frente ao Hotel Quitandinha, após o almoço



Aspecto da recepção maçônica no Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói

trazendo uma missão de paz e amizade e uma inspeção aos trabalhos maçônicos foi objeto dessa visita. Todavia, os problemas sociais, universais, deveriam ter sido objeto dessa prolongada visita entre nós.

O Dr. Melvin Johnson foi recebido com especiais demonstrações de simpatia e com as honras inerentes a seu alto posto. Ao pisar o solo do Brasil, foi recebido, na cidade de Salvador — Bahia — por uma comissão de 12 representantes da maçonaria baiana. Aqui, no Rio, teve recepção extraordinária e foi alvo de inúmeras provas de admiração e respeito, tendo comparecido a uma sessão maçônica especialmente promovida pelo Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

Foi-lhe oferecido um almoço íntimo no salão reservado do Club Ginástico Português, por todos os corpos maçônicos desta capital e de Niterói, representados, cada um, por delegado especial. Visitou Petrópolis, percorrendo minuciosamente a cidade, almoçando, na intimidade, em Quitandinha.

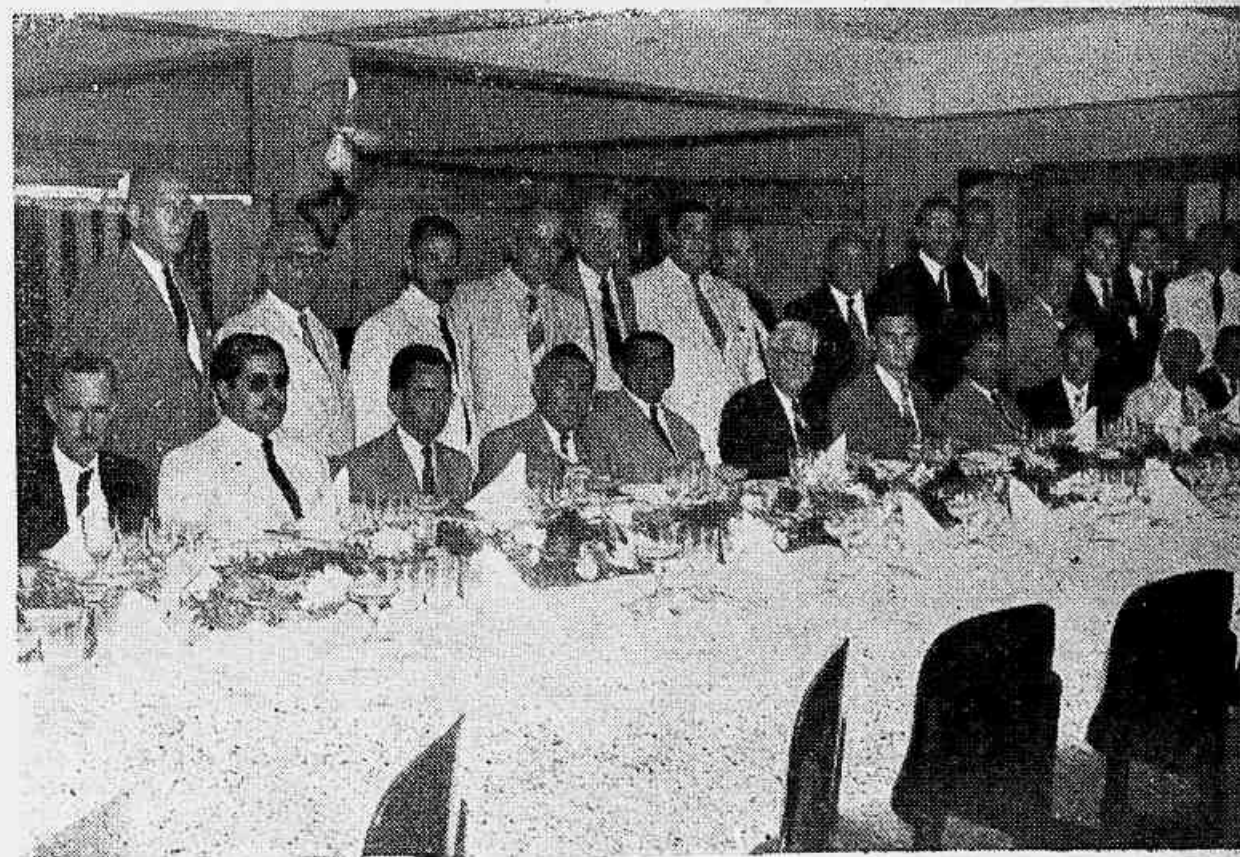
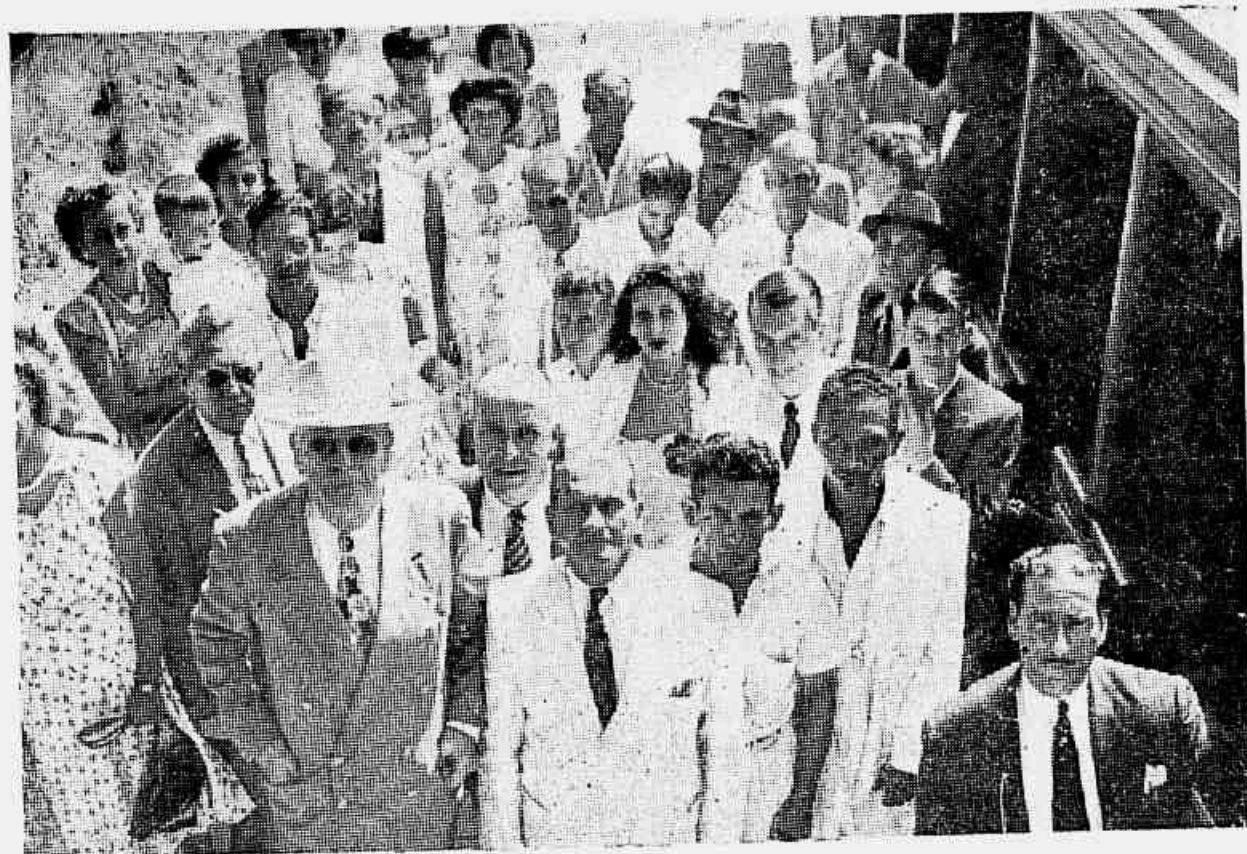
O Grão Mestre da Grande Loja do Rio de Janeiro, Dr. Eurico Sampaio, e o Soberano Grande Comendador Dr. A. Figueiredo, com ele estiveram no Joquei Club, onde almoçaram e assistiram às corridas do dia 18 do corrente. Percorreu, por duas vezes, a Tijuca, tendo admirado as Furnas, A Cascatinha, a Mesa do Imperador e a Vista Chinesa, tendo ficado deveras encantado com a nossa exuberante natureza.

Visitou, demoradamente, o Jardim Botânico e, antes de partir, foi ao Corcovado onde assistiu o panorama gigantesco do Rio, almoçando, também, na intimidade, com os seus colegas do Brasil.

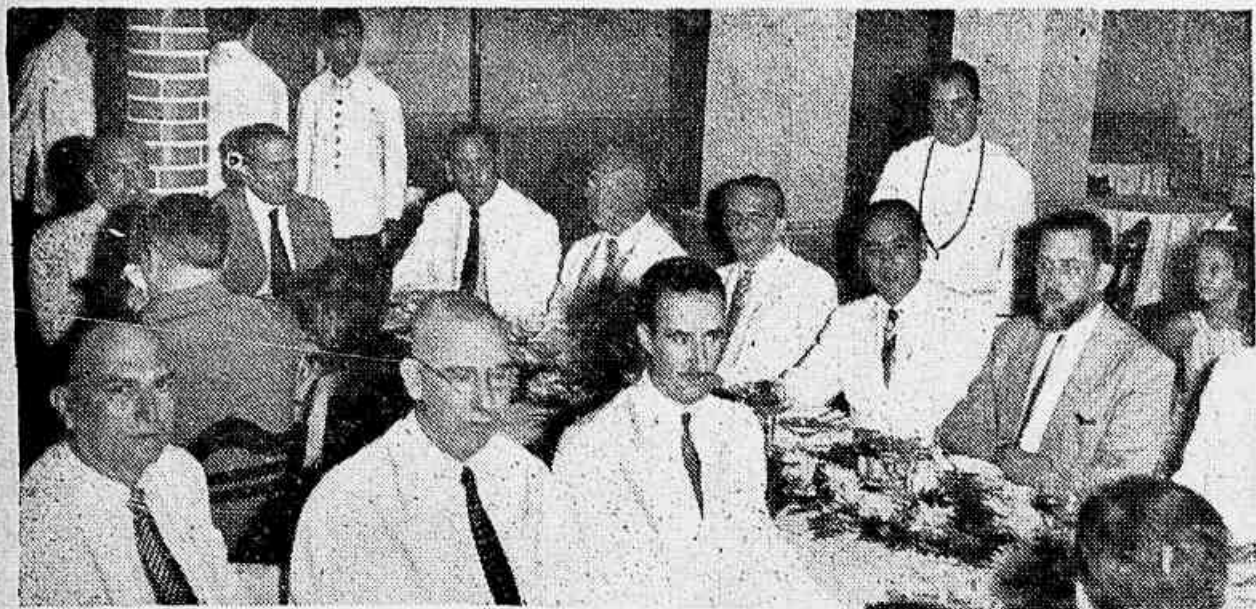
No dia 21, seguiu para o Sul, tendo ido a S. Paulo com a comissão da Grande Loja do Estado, sob a Presidência do Dr. Carlos Reis Filho que o foi recepcionar em Santos. São dessa visita honrosa as fotografias que hoje estampamos em nosso número.



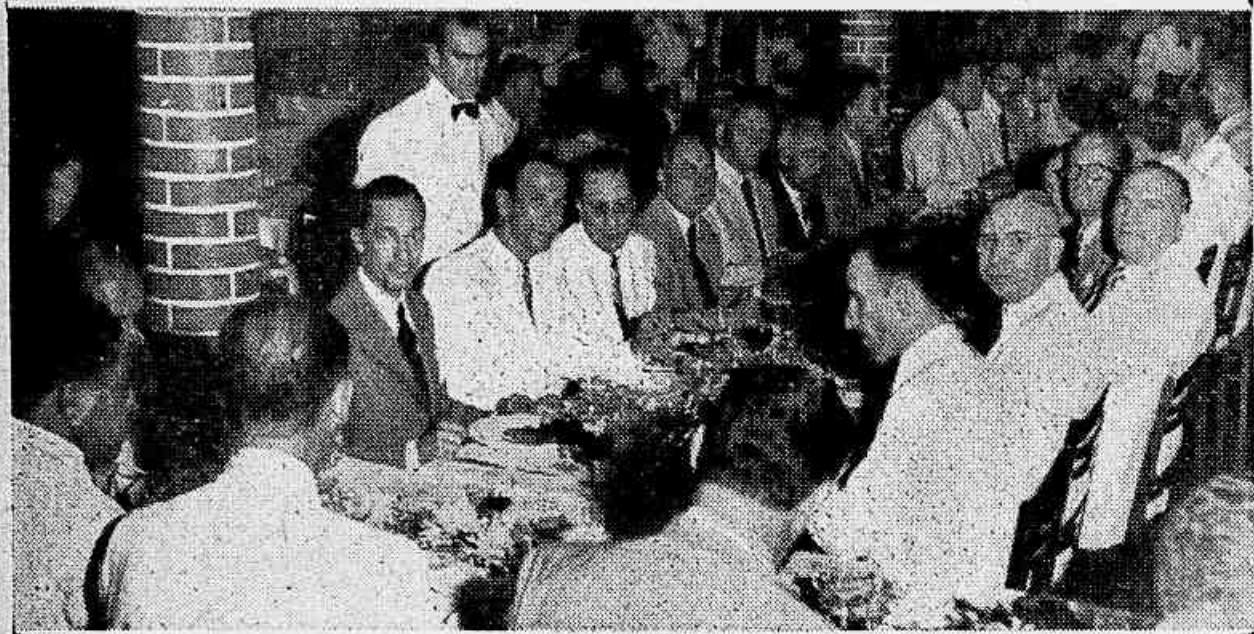
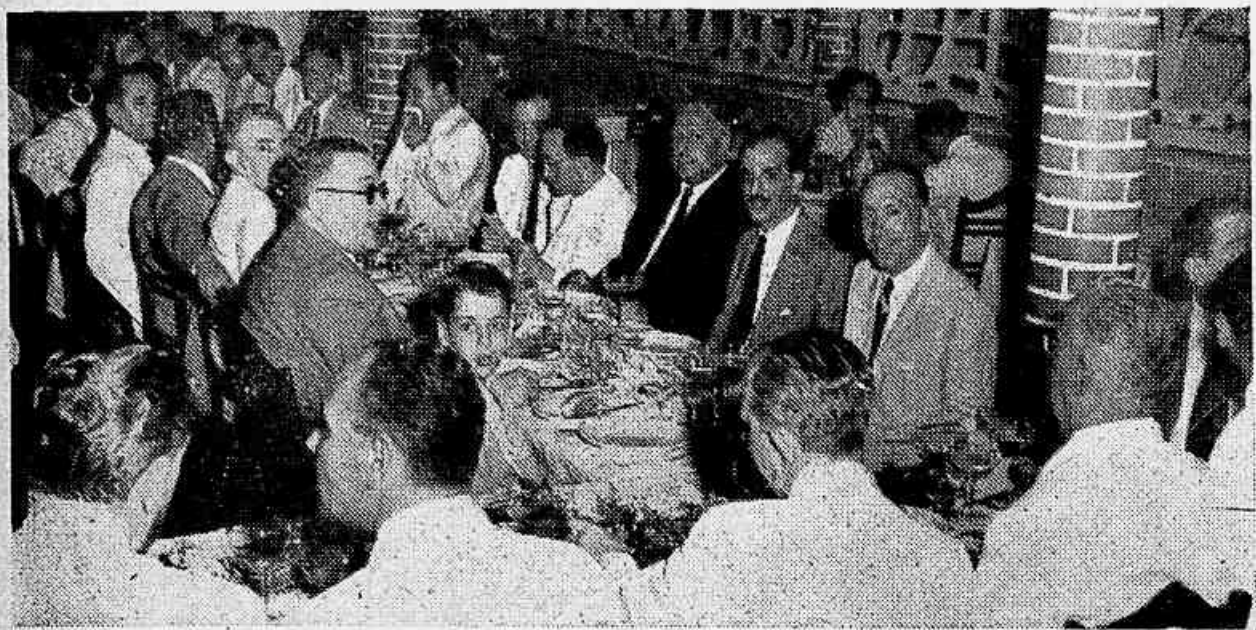
Ao lado da estátua de Pedro II, em Petrópolis, posam para a objetiva Mr. Melvin Johnson, Dr. Figueiredo e seus secretários: Mr. Sleeper, Trindade, Doeberneiner e A. Sillart



A' esquerda: No "Corcovado", à chegada do trem. A' direita: Aspecto do almoço íntimo no Club Ginástico Português oferecido a Mr. Melvin Johnson pelas Lojas Simbólicas do Distrito Federal e de Niterói, por ocasião de sua honrosa visita ao nosso país



Aspecto da mesa no jantar oferecido ao sr. Osvaldo Lignini no Hotel Riviera, vendo-se o homenageado entre o Prof. Rothier Duarte e o sr. Mario Wincker

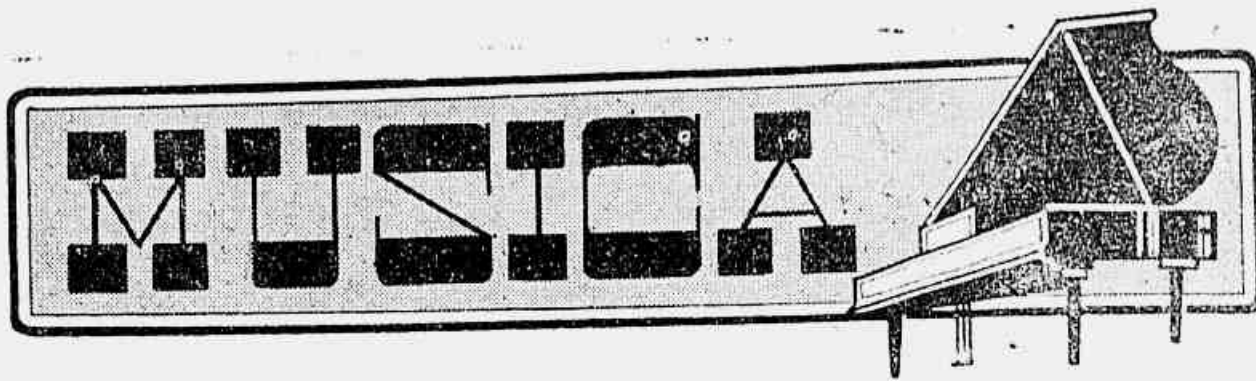


POR motivo de sua transferência para outra Agência do Banco Boavista, foi o sr. Osvaldo Lignini homenageado com um jantar no Hotel Riviera, no dia 18 de março, oferecido pelos negociantes da Zona Sul e que apesar da brevidade dos convites, reuniu grande número de pessoas que lotaram o amplo jardim do hotel. A festa decorreu num ambiente de grande cordialidade, em que se evidenciou o quanto é estimado pelas suas qualidades pessoais o sr. Osvaldo Lignini e bem assim admirada a sua atuação como Gerente do Banco Boavista.

Ao "champagne" falou o professor Rothier Duarte, que discorreu, num brilhante e espirituoso improviso, sobre o espinhoso cargo que tão bem desempenhado foi pelo homenageado, e trazendo o aplauso da Associação Comércio e Indústria de Copacabana, de que é digno Presidente, tendo recebido muitas palmas pelo seu belo discurso.

Em seguida o sr. Osvaldo Lignini respondeu, agradecendo e atribuindo à Organização e prestígio do Banco Boavista, o sucesso de sua eficiente gerência.

Entre outras pessoas gradas esteve presente, como convidado, o novo Gerente da Agência de Copacabana do Banco Boavista, o sr. Mario Wincker, que foi também muito cumprimentado.



BALLET DA JUVENTUDE

Uma nova fase ★ Planos para a Temporada de 1949

★ Crise e reorganização

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Durante a temporada de 1949, o Ballet da Juventude apresentará à crítica e ao público em geral novos programas, que vem preparando, há bastante tempo. Desde que iniciou sua reorganização, o conjunto não participou de muitos espetáculos. Esteve no Paraná, onde estreou, oferecendo uma récita, durante a realização dos IX Jogos Universitários Brasileiros. Mais tarde repetiu os números, que compunham aquele programa, no Teatro Municipal de Niterói. No festival comemorativo do centenário de Martins Penna, dançou comédia daquele autor, "Judas em Sábado de Aleluia".

E' com satisfação que vemos o Ballet da Juventude reintegrado na sua verdadeira função. Inicialmente uma escola de dança, criada com o objetivo de difundir a arte entre os estudantes, sofreu, mais tarde, completo desvirtuamento de sua finalidade, numa aventura comercial, em temporada em que, sob o título Ballet da Juventude, um elenco de profissionais quis fazer com que as deficiências dos espetáculos fossem tratadas com indulgência, como se fossem simples amadores, dançando por amor à arte... A direção de Schwesoff, especialmente contratado, não foi feliz. Perdera o conjunto o valor de uma iniciativa cultural, obra de moços, sem ganhar as qualidades de um conjunto de profissionais, disciplinado e homogêneo.

UMA NOVA FASE



Yvonne Meyer, elemento destacado do Ballet da Juventude

E' oportuno recordar aqui, como surgiu o Ballet da Juventude. Foi em novembro de 1942 que Sansão Castello Branco, acadêmico de Belas Artes, dirigindo o Departamento de Arte da União Nacional dos Estudantes, conseguiu realizar seu projeto de criação de uma escola de dança, cujo objetivo era reunir um corpo de baile de figuras jovens, para uma obra de divulgação de arte coreográfica.

Não teve sucesso essa primeira tentativa que morreu, esmagada pelas dificuldades. Dois anos mais tarde porém, ressurgia, sob nova forma, a mesma iniciativa. Sob a direção do magnífico coreógrafo, Vaslav Velitchek, realizou-se um festival de danças, no Teatro Municipal, sob o patrocínio da Federação Atlética de Estudantes. Foi, ainda, com o apoio desta entidade que em 1945, teve lugar novo festival e apareceu o nome Ballet da Juventude, coincidindo com a apresentação de cinco jovens bailarinas brasileiras que haviam conquistado a crítica e o público, ao aparecerem, pouco antes, na temporada na-

cional de bailados, organizada por Igor Schwesoff.

PROGRESSO E CRISE

Iniciou-se, então, uma fase de notável progresso, do Ballet da Juventude. A Federação Atlética e a União Nacional dos Estudantes se responsabilizaram pela realização de uma "tournée". Minas e São Paulo receberam a aclamação do conjunto.

Foi, logo depois, em 1947, que se cogitou de contratar Igor Schwesoff para dirigir o conjunto. Um empresário, interessado em apresentar o conjunto numa temporada de bailado, assinou contrato com a UNE. Foi a crise. O Ballet da Juventude perdeu, nessa fase, o caráter que o tornava simpático aos olhos da crítica; não era mais uma organização universitária, mantida pelos estudantes. Novos elementos surgiram no conjunto, vindos de outras companhias: apesar de alguns sucessos pessoais, como, por exemplo, o de Berta Rosanova, realmente excepcional, a temporada, no conjunto, foi um fracasso.

RE-ORGANIZAÇÃO

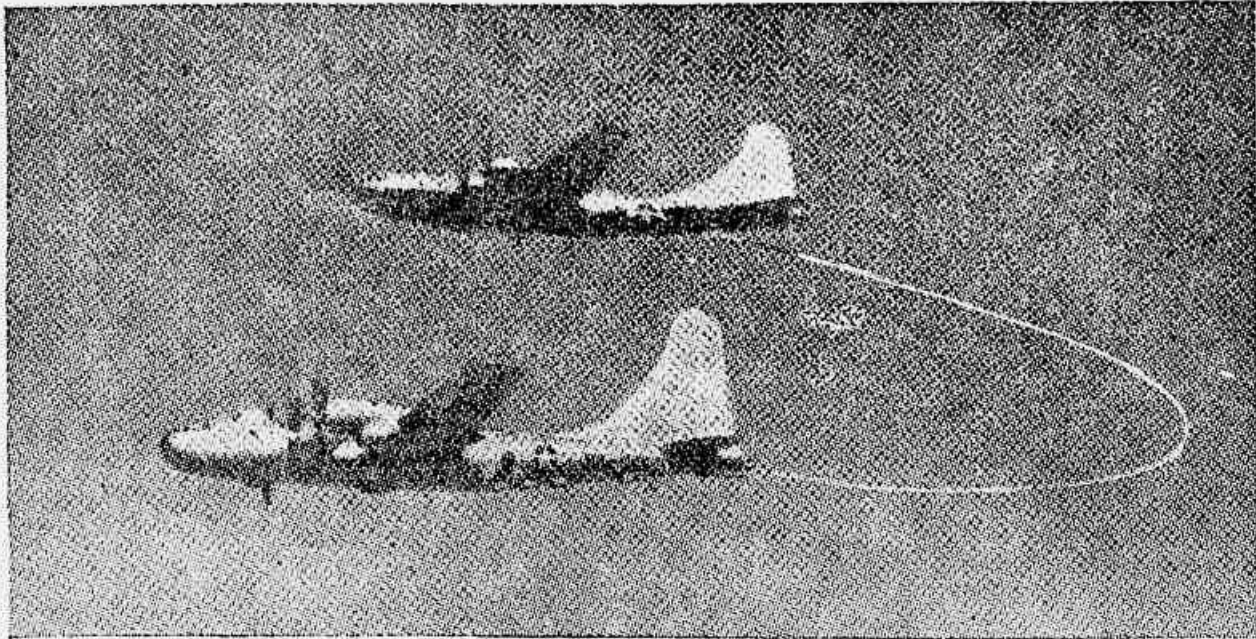
Em virtude da situação a que tinha chegado o conjunto muitos dos que tinham lutado para criá-lo, se afastaram. Na iminência de desaparecer, o Ballet da Juventude, entretanto, tratou de sua re-organização. Os elementos realizadores e idealistas voltaram. Sob a direção de Maryla Gremo, Eduardo Sucena e Ruth Pereira reiniciou suas atividades a escola de dança, com várias turmas e algumas dezenas de alunos. Já foi convidado para representar o Brasil no Festival Internacional da Juventude.

Devolvido à sua verdadeira função, o Ballet da Juventude, em constante aperfeiçoamento, prepara novos programas, adextrando os elementos de que dispõe no sentido de obter um conjunto cada vez mais homogêneo e harmonioso. Luta contra dificuldades materiais: falta de assistência, com verbas escassas para atender a despesas imensas. Mas vencerá, com o auxílio, o estímulo e os aplausos do público carioca.

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX



Conforme tivemos oportunidade de comentar, recentemente, nessa coluna, a história da aviação escreveu uma de suas mais brilhantes páginas, podendo talvez ter sido considerada como um dos maiores feitos deste século nos domínios da Aeronáutica, quando o bombardeiro B-50, da Força Aérea dos Estados Unidos, voltou à base de Carswell, em Fort Worth, Texas, depois da primeira viagem de circunnavegação sem escalas já realizada. A viagem cobrindo um percurso de 39.868 quilômetros foi feita em 94 horas e 1 minuto, dois minutos antes do prazo previamente calculado para a chegada. O avião, que recebeu o nome de "Lucky Lady II" transportava uma tripulação de 14 homens e foi reabastecido no ar por uma fortaleza voadora B-29, convertida em depósito de combustível. O processo de reabastecimento se operou em 4 bases.

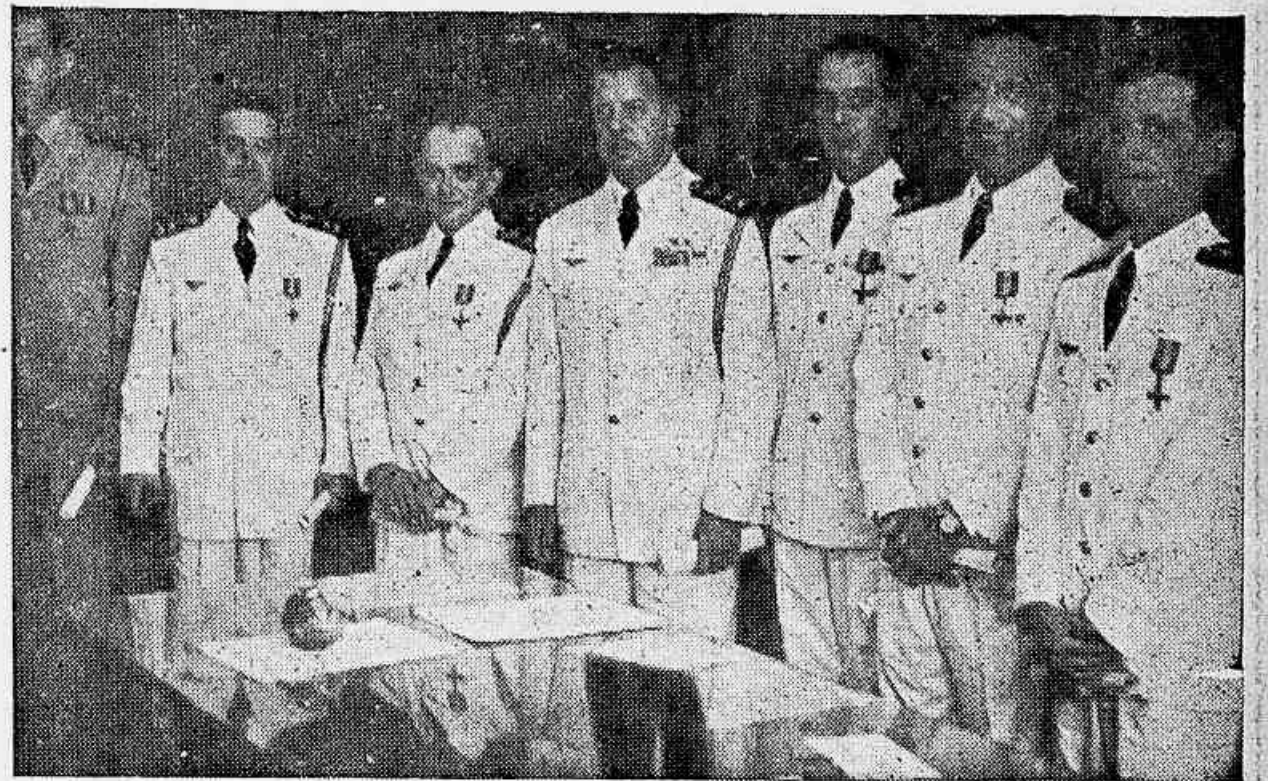
Na gravura, que aqui reproduzimos, vemos um aspecto de quando era abastecido o "Lucky Lady II", através de um conduto de metal ligado à B-29, e que por meio de um mecanismo especial se aproxima, vagarosamente, do "Lady Lucky II", indo diretamente ao tanque de depósito.

Um novo processo, recentemente empregado com êxito pelos técnicos do Departamento de Manutenção da American Lines, em Tulsa, Oklahoma, de proteção contra

incêndios e garantia de segurança na manutenção das operações aéreas é o sistema automático de extintores, carregados com bióxido de carbono. O bióxido de carbono líquido que é irrigado automaticamente, quando se dá algum aumento sensível de temperatura ambiente, transforma-se em gás, ao entrar em contacto com o ar, e se espalha na atmosfera, extinguindo prontamente o fogo, pela absorção do oxigênio necessário à combustão.

★

Os recentes progressos obtidos na confecção de hélices dos motores de explosão aumentou consideravelmente o valor destas, em vista da impraticabilidade do uso de motores a jato em certos tipos de avião. A fabricação de um novo tipo de pá de hélice mais delgada e mais larga permite operações mais eficientes a grandes velocidades, sem que se verifiquem as perdas que acompanham a compressibilidade. Assim, os novos tipos de hélices operam eficientemente a 800 quilômetros por hora, e, ao que se espera, novos aperfeiçoamentos permitirão aumentar ainda mais o completo funcionamento mesmo a velocidades superiores a 900 kms. por hora.



Em nome do ministro Armando Trompowsky, o Coronel-aviador Henrique Fleiuss, chefe do Gabinete Ministerial, em março próximo findo, procedeu as entregas das medalhas da "Cruz de Aviação" com que foram agraciados, por haverem executado missões de patrulhamento na última guerra, o tenente-coronel-aviador Oriswaldo de Castro Veloso; majores aviadores Carlos Alberto Mattos, Luis Sampaio, Gilberto da Cunha Menezes e Walmicki Conde e capitães-aviadores Zamir de Barros Pinto, Ivo Gastaldoni e César de Andrade, este último falecido.

A qualquer ponto do Mundo

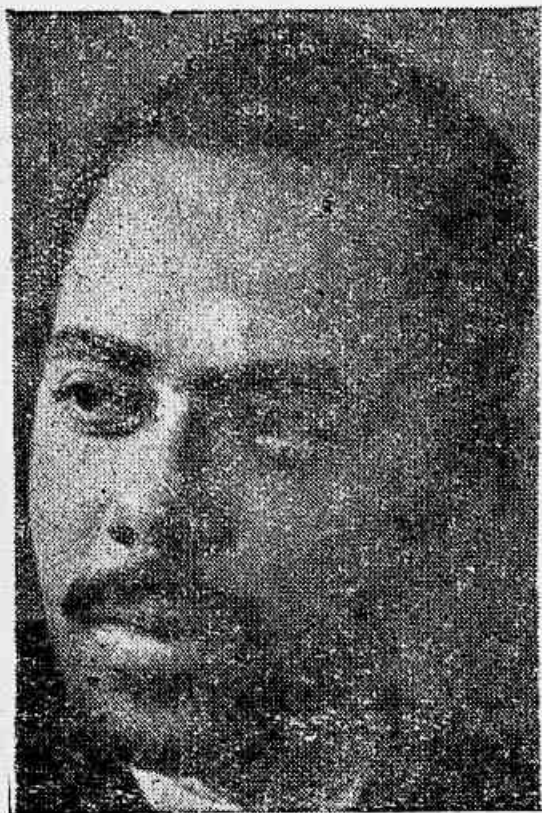


PELOS MAGNÍFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS

SERVIÇOS AÉREOS **CRUZEIRO DO SUL** LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060

TEATRO



Abdias do Nascimento

O Teatro Experimental do Negro encena no Regina, "Filhos de Santo", um original de José de Morais Pinho.

Este fato tem mais valor do que possa parecer, porque o T.E.N. existe há cinco anos, e somente recebeu subvenção do Governo, quando da temporada no Ginástico, em 1947; não possui recurso nem capital para os apetrechos e despesas que acarretam a encenação de uma peça, conta somente com o esforço de seus elementos e com a boa vontade de alguns amigos.

Os artistas do T.E.N. são pobres, novos e sem experiência. E quase todos trabalham o dia inteiro, residem nos mais distantes subúrbios e com todo o sacrifício, exclusivamente por amor ao Teatro, dedicam as horas de um merecido descanso para os ensaios de suas peças.

E, contudo, os comandados de Abdias do Nascimento conseguiram se apresentar.

José de Morais Pinho, o autor de "Filhos de Santo", nasceu em Goiânia, em Pernambuco. Recentemente conquistou o "Prêmio Garcia Lorca", instituído pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, com a peça "O Pôço", que tem por tema a decadência do bangüê.

Em "Filhos de Santo", o autor retrata uma das mais características sobrevivências místicas do negro, — o xangô — um drama que, pelas situações, pelos personagens e, sobretudo, pelo conteúdo de misticismo religioso, é tipicamente negro. Os personagens vivem e atuam sob a sombra das crenças e os problemas de cada um, em particular, não são mais do que as múltiplas manifestações de um problema central: a fé e o temor com que todos se entregam ao seu deus, confiantes de que a seu lado não existe o perigo.

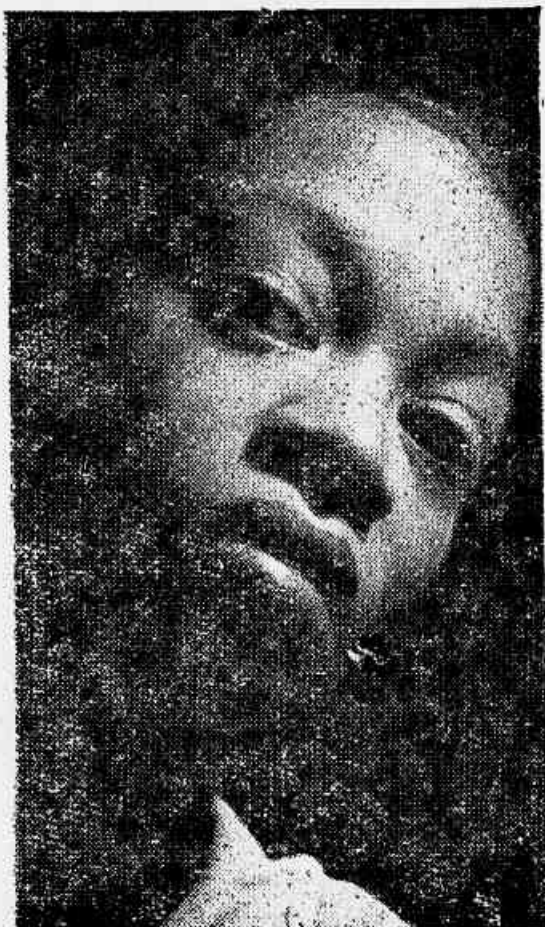
José de Morais Pinho procurou em sua peça um tema que agrada pela originalidade, mas houve falhas em certos diálogos, tornando-os longos, provocando, por vezes, o cansaço.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO E "FILHOS DE SANTO"

Por JOSÉ FOM

E a interpretação de "Filhos de Santo"? Cumpre-nos assinalar três artistas: Ruth de Souza, Deise e Luiza Barreto Leite. A primeira nasceu atriz. É o diamante que resplandesce em sua forma primitiva, embora quase puro. Ruth não teve escola alguma, mas não interpreta o papel. Ela vive, vibra e sofre... Deise, que teve uma simples pontinha, surpreendeu em sua "performance"; teve apenas uma semana de ensaios e conseguiu sobresair-se. Luiza Barreto Leite apareceu em duas cenas curtas, nas quais mais uma vez confirmou a sua alta linhagem Natalino Dionísio, que viveu Pai Roque, convenceu em certas cenas, faltando emotividade em outras. Marina Gonçalves e Antônio Barbosa permaneceram sem maior destaque.

Abdias do Nascimento recaiu em grande erro, embora independentemente de sua vontade, chamando a si as tarefas de ator, ensaiador e diretor. Como ator, sua preocupação não permitiu a desenvoltura que comporta o seu talento. Como ensaiador não conse-



Ruth de Souza

guiu ser completo e como diretor não manteve o equilíbrio no espetáculo, faltando ritmo e ênfase. Todos os defeitos que se verificaram na apresentação do T.E.N. são exclusivamente de origem monetária. Muito se enganam os que pensam que Abdias representou, dirigiu e ensaiou por mera vaidade. O T.E.N. não tem forças para sua existência e "Filhos de Santo" foi mais uma demonstração de que apesar disso ainda sobrevive.

Finalizando: a apresentação de "Filhos de Santo" pelo Teatro Experimental do Negro representa uma vitória, uma grande vitória dos espíritos fortes que não desanimam diante de grandes e pesados obstáculos.

DO ESTRANGEIRO

"A Streetcar named desire" (Uma rua chamada Pecado), a famosa obra de Tennessee William, completou em fevereiro último, a 500.^a representação consecutiva no Barrymore Theatre de Nova York. Jessica Tandy continua empolgando a platéia no belíssimo papel de Blanche DuBois.

★

"Mister Roberts", um drama de Thomas Heggen e Joshua Logan, entrou em seu segundo ano de representações no Alvin Theatre de Nova York. Nos

principais papéis estão Henry Fonda, o conhecido ator cinematográfico, David Wayne e William Harrigan.

★

Na "Comédie de Champs Elysées", em Paris, é apresentada a obra de Jean Anouilh "Ardèle ou la Marguerite", cujo tema é um dos mais preferidos do autor: a nostalgia da pureza perdida e o ódio pela hipocrisia do mundo. Figuram no elenco: Marcel Perès, Jacques Castelot, Mary Morgan e Claude Sinval.

VINGANÇA

(Continuação da pág. 42)

para ontem contando maravilhas. Fôra depois do café que ele finalmente perguntara por ela:

— E Belinha? Já se casou?

Não ouviu mais nada. Um puxão da voz anunciou-lhe o fim da missa. Como a água que segue calma por entre os rochedos e depois se despenca em fúrias de som e de força, assim foi ela para casa. Mas aquela pergunta lhe martelava o espírito: "Já se casou?". Vinte anos de espera inútil. Que fôra feito do carinho que ela lhe dera em sonhos acordados? E ele?! Casado e com seis filhos. Entra em casa e um "Já se casou?" está estampado nas tábuas sujas da porta. Não vê o feijão que se queima e o leite que se entorna. Vai para seu quarto e maquinalmente ainda envia um sorriso ao retrato dele. Só então é que as lágrimas entram em casa. E enquanto um pranto soluçante jorra em cataratas ela se rebola na cama em convulsões histéricas. Não pensa mais: chorar é o que importa. Chorar a espera insatisfeita, o amor desiludido, os sonhos irrealizados. E ela chora. As horas passam e ela chora até que lhe faltam lágrimas. Na solidão da casa os soluços são reis, então.

Mas ela não se contém. Seu corpo reclama movimento, vibração, pois a mágoa ainda transborda e ela sua desespero. Começa pelo quarto seu e dele... Não deixa um grão de areia no mesmo lugar. Em arrancos desordenados derruba tudo, e quando não resta mais nada a destruir, procura, esfacelando as unhas, subir pelas paredes. Num momento de cansaço, ela se encosta num portal e vê na sala o retrato "dele".

Joga-se sobre ele e o despedaça. Depois as flores, depois a louça, depois tudo. Nada escapa ao seu desespero. Daí a horas o cansaço a joga de novo na cama. Mas ela não está satisfeita. Falta algo. Precisa vingar-se dele, que desprezou vinte anos de espera. Os segundos, os minutos e as horas apostam uma corrida desordenada. E na cama, entre um soluço, uma lágrima e uma convulsão, ela maquina.

Lá fora é madrugada. Começa-se a ouvir ao longe o barulho de um burro e de uma carroça. D. Belinha levanta a cabeça e escuta. Nos seus olhos brilha a idéia. Ela se volve na cama e espera.

Na rua o leiteiro termina mais um dia de serviço. Só falta d. Belinha. O homem comanda, o burro estremece, a carroça segue. P'ra lá do fim da rua a casa esconde no escuro sua velhinha casmurra. Silêncio e garoa. O burro pára, o homem agarra o leite e atravessa o jardim. Curioso... a porta dos fundos está aberta. Primeira vez em vinte anos. Surpresa.

Um convite amável corta o silêncio em duas fatias úmidas. O homem entra. Lá dentro, bem lá dentro, uma mulher misteriosa que esperava vinte anos pelo noivo.

Meia hora depois a porta se abre para o leiteiro e uma solteirona. Ele retoma os litros de leite e os leva para a carroça. Olha a garoa. Dá uma cuspidinha para o lado e segue para casa. Mais um dia que se foi. Agora, arrumar o canteiro de couves e curtir as delícias da novidade. Um puxão de rédeas: a carroça protesta mas o burro não se convence. Partem. E dentro em poucos eles se diluirão na penumbra e na garoa. Um burro, uma carroça, um homem e uma mulher.

AMAR NUNCA FOI CRIME

(Continuação da pág. 15)

maneira o tempo, que já nem podia contar os dias, as semanas, os meses que faltavam

para nosso enlace. Depois, veio o dia do nascimento do meu querido Gerard, as primeiras alegrias, o grande enlévo materno e as primeiras preocupações, igualmente...

Meus pais ignoravam que tinha vindo ao mundo o seu primeiro neto. Esperava eu casar-me primeiro, para então, anunciar-lhes. Advertida não sei mesmo por que instinto, evitei de pô-los a par de minha vida. E como tive razão!

A demora imposta por prescrições da lei chegava ao fim, quando recebi um telefonema de Francis. Com voz alterada, ele me disse:

— Ouça-me bem e não me faça perguntas de esclarecimentos por ora. Eu não teria tempo de dar explicações. Olhe: se alguém for aí interrogá-la, diga que estou lá pela Côte d'Azur. Foi em Antibes que nos viemos a conhecer, e lá vivemos juntos até ao nascimento do menino. Depois você não mais me viu. Compreendeu? Até logo, querida. Telefonarei depois.

Largou o fone. Que significava esta estranha comunicação? Não devia tardar a saber. Uma hora mais tarde dois homens bateram à minha porta. Percebi, de skbito, que se tratava de policiais. Repetiria eu bem a lição, ou perceberiam eles o embuste? Era provável mesmo que não acreditassem numa só palavra do que teria eu de dizer-lhes.

— Diga a verdade, não procure iludir-nos. Isto pode custar-lhe caro...

— Por que ia eu enganá-los? — respondi assustada.

— Por que? — retrucou um deles brutalmente. — Porque você sabe muito bem que seu amigo está proibido de morar em Paris.

— Por que não pode ele morar aqui?

— Ora vamos! Não se faça de inocente! Como se não soubesse que está proibido de permanecer aqui, um dia que seja!

Diante de minha palidez súbita, viram eles que eu estava sendo sincera, que, realmente, ignorava essa circunstância. Senti escurecer a vista, e ao voltar a mim estava deitada num divã, e aqueles dois homens a me darem água de colônia para cheirar, friccionando-me as fronteiras e pedindo-me desculpas.

Não reví Francis senão em Antibes, de onde me telefonou, pedindo que para ali fôsse, conduzindo o menino.

Foi uma cena pungente. Eu não me contive e o censurei por ter-me vilmente enganado. Ele, ajoelhado diante de mim, pediu-me que o ouvisse primeiro, que acreditasse em suas palavras. Era sua esposa a causa de tudo aquilo. O seu gênio mau. Ela havia provocado complicações loucas. Depois, procurando vingar-se dele, denunciou-o com o fim de condená-lo. Mas o homem com quem se havia unido, resolveu, por seu turno, abandoná-la. Então, quando ele pensava estar perto de sua libertação, ela volta e tudo fez para demorar a sentença do divórcio. Foi ela quem o denunciou à polícia, tramando contra ele, mas tudo isto já era coisa do passado. Nada mais poderia sua esposa contra ele. Dentro de dois meses, podia viver onde bem quisesse, inclusive em Paris, bem como de se casar comigo, imediatamente. A interdição de sua presença em Paris era uma imposição legal do seu processo de divórcio, e não uma consequência de crimes praticados por ele.

Choramos um contra o outro, como duas crianças. E ele me disse que o passado estava morto. Tínhamos agora, diante de nós uma vida de felicidade e honestidade. Um pouco inquieto, apesar disso, perguntei:

— Por que motivo não me diz você nada de seus negócios?

— Porque você é uma menina e disso nada entende. Mas pode ter toda confiança em mim. Não tenho medo de ser preso, a não ser o desgosto de deixá-la se for metido numa prisão — concluiu a rir.

Ao fim de quinze dias deixamos Antibes

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

e fomos para Marselha, para onde o chamavam os seus negócios, disse-me ele. Como também Marselha lhe estava interdita durante ainda algum tempo, eu vivi ali, sempre assombrada com o imprevisto, com uma surpresa.

— Não sou o único em tal situação — dizia ele a rir, para me reanimar.

Eu temia que ele fosse preso novamente. Ouvia, coração a bater com força, todos os passos que vinham de nossa escada. Ao fim de uma semana nesse viver horrível, uma noite, ouvi alguém bater.

— Quem é?

— Abra e verá. Não é aqui que mora Francis Andreani?

— Sim. Mas ele saiu.

— Não importa. Abra assim mesmo, para evitar que arrastemos a porta.

Um grande muro na mesma estrondosa o ambiente. Abri. Que poderia fazer?

Era uma mulher. O homem que falara, estava um pouco mais atrás. Era alta, morena, vestindo sêda negra, envolvendo seu corpo vigoroso. Entrou seguida do homem cuja catadura de assassino me fez tremer de medo.

A um sinal dela, o homem começou a examinar os três cômodos do apartamento. Conservava uma das mãos no bolso da capa, segurando, visivelmente, o cabo de um revólver de grosso calibre.

— Nada! — rugiu ele depois da busca.

— Bem. Vá esperá-lo lá fora. Eu ficarei aqui, para o caso de que ele chegue e você não o veja. Está tão escura esta noite!

O sorriso que ela dirigiu àquele bruto me fez estremecer. Sentou-se, acendeu um cigarro e lançou-me um olhar de desprezo.

— Está para breve seu casamento com Andreani? — perguntou-me.

— A senhora deve saber muito bem, pois se não houvesse perturbado o julgamento do divórcio, não teríamos tido essa demora de dez meses!

Ela enrugou o nariz com um gesto caricato de quem não compreendeu bem e voltou:

— Que julgamento?...

— O julgamento do seu divórcio.

— Meu divórcio?

Seu modo de perguntar parecia tão sincero que eu pensei estar num caminho errado. E procurei esclarecer:

— A senhora não é a sua esposa?... Quero dizer: sua ex-esposa?

Ela desatou a rir.

— Oh! Não... E posso assegurar-lhe que ele não poderá divorciar-se de mim, nem tampouco de nenhuma mulher, pelo simples fato de nunca se haver casado...

Vi-me tomada de uma espécie de vertigem. Tudo me parecia confuso como um pesadelo.

— Está certa disso?...

Aquela mulher me repetiu com ar seguro:

— Se há uma pessoa que pode garantir isso, esta pessoa sou eu.

O modo de sorrir que ela esboça, seu tom de mófa, seu ar de desafio, tudo isto parecia indicar que já não me engano.

— Entim... casados ou não... — disse eu — é a senhora... não sei que termo empregue... é... minha rival?...

Ela soltou outra gargalhada gostosa e respondeu:

— Se podemos falar de rivalidades, não será esta entre mim e você... Entre Francis e eu, é outra coisa...

Decididamente esse pesadelo ia, de momento a momento, se tornando absurdo. Diante de meu espanto ela procura esclarecer:

— Veja bem que, quando eu falo de rivalidade, não quero referir-me a amores, e sim a negócios. Você, talvez, possa avaliar a que me reporto...

— Não. Não estou a par de seus negócios.

— Ué!... — falou ela com ironia. — Isso é mais cômodo, em caso de encrenca. Você pode tentar escapar pela tangente. Cômodo, mas não muito regular. Quando participamos dos proventos, devemos também tomar parte nos riscos.

— Nos riscos?...

— Meu Deus... Você parece ter caído do céu!

— Repito-lhe que nada sei dos negócios de Francis.

— É possível que ele procure, diante de você, passar por pessoa honesta, como já procurou embrulhar-me a mim mesmo... Mas você precisa ficar sabendo de uma vez, que ele não passa de um, como dizem

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

No dia da nossa partida de Dublin, fomos visitar a cervejaria "Guinness", a maior do mundo: Uma série de grandes edifícios, ligados entre si por numerosas passagens elevadas sobre as ruas e túneis construídos sob as vias públicas. Ocupa uma área de alguns quilômetros quadrados. Impressiona. Fizemos a visita acompanhados por um empregado muito amável que ia nos explicando o processo de fabricação. A primitiva cervejaria, construída há mais de 200 anos, ainda existe, mas hoje é usada como depósito de matéria prima. O consumo de aveia, cevada, lúpulo e outros cereais é enorme, tudo conduzido para a fábrica em vagões arrastados por locomotivas que andam em linhas férreas construídas em instalações próprias. Há mesmo um canal que traz certos tipos de cereais do interior do país diretamente à cervejaria, em grandes chatas.

Os tanques de cobre, onde a cerveja passa por vários processos são maiores do que muitas piscinas e há dúzias desses colossais tanques. Aqui fazem três tipos de cerveja preta. Um, fraco, muito gostoso, que dura poucos dias e é vendido só na Irlanda; outro, um pouco mais forte, que vai para a Inglaterra e partes da Europa; e, finalmente, o terceiro tipo, bem mais forte, que vai para o resto do mundo, inclusive o Brasil, e que pode durar anos sem perder suas qualidades. Na saída nos levaram a um magnífico "bar", onde nos serviram, em canecos de prata, a cerveja número um. Não sabíamos que a praxe seria tomar, logo após, outro caneco do tipo 2, e para rematar, outro do número 3. Assim nos levantamos depois do primeiro, o que nos tem feito água na boca até hoje e continuaremos assim pelo resto da vida, pensando nos dois últimos canecos que deixamos de saborear...

A cervejaria somente vende seus produtos em barris. Os compradores, depois de que engarrafam e colocam seus rótulos. Como um dos maiores problemas dos cervejeiros de hoje é o engarrafamento, embalagem e transporte, é fácil ver a ótima posição da "Guinness", passando aos outros essa grande dor de cabeça industrial...

Os barris para a Inglaterra são levados em 3 navios de carga da própria cervejaria. A cerveja número 2 vai a Londres e a número 3, a Liverpool, onde os atacatistas têm a amolação da rotulagem, engarrafamento, encaixotamento e venda aos mercados diversos.

Não é atoa que, no ano corrente, o lucro líquido foi de mais de 200 milhões de cruzeiros...

★

Quando voltámos ao hotel, fomos procurar uma latinha com 100 cigarros, que haviam guardado em nossa pasta, dentro do quarto. Não tendo encontrado, demos uma busca em regra sem resultado. Notámos, então, que nossa pasta de papéis estava aberta, quando a deixámos fechada... Estranhámos, e examinando-a cuidadosamente, fomos pela falta de um livrinho de cheques de viajantes, perfazendo uma soma respeitável, em "dollars".

Imediatamente, descemos à Portaria do hotel e para evitar dúvidas examinamos novamente a pasta. Não estava ali a carteira com os cheques... A polícia foi chamada e em poucos minutos apareceu o carro da rádio-patrulha, com 2 policiais; depois vieram mais alguns detetives. Explicamos o que havia acontecido. Felizmente, tínhamos os números dos cheques. E começaram as investigações. Quando já estavam terminando de tomar nota dos detalhes, chegou o nosso amigo o Coronel Hume Dudgeon, a quem explicamos o que tinha acontecido. Ficou muito impressionado com a nossa calma, pois, realmente, a quantia não era pequena. Estávamos realmente calmos e temos todas as informações sem excitação, porque sabíamos que iríamos receber a quantia extraviada, pois esses cheques estão seguros. Efectivamente, depois de uns doze dias, o Banco de Londres, nos entregou novos cheques. O susto e a experiência com a polícia foram apenas motivos de anotações para os "bilhetes" de nossa viagem...

Até hoje não tivemos notícia alguma sobre o paradeiro da carteira que estava na pasta, nem tão pouco dos cigarros que, aqui, realmente fazem falta.

★

A viagem marítima de Dublin a Liverpool levou dez horas e pouco pudemos dormir, devido ao movimento do vapor. De Liverpool fomos a Crewe, onde almoçamos e telefonamos ao Banco, avisando o desaparecimento dos cheques. O Prefeito da Cidade parece que ainda não havia recebido a tal gravata americana "muito alegre e vistosa", que ficamos de lhe mandar de Nova York e ele prometeu usar... Só queremos ver o que os eleitores de Crewe vão dizer de tal gravata, quando seu "Mayor" usá-la!

Chegamos a Nottingham, a cidade das bonitas rendas, já à noite. Felizmente encontramos um bom quarto no primeiro hotel que procuramos. A cidade estava muito movimentada, por ser sexta-feira: toda gente fazendo compras para o fim de semana, pois muitas casas não abrem aos sábados. Caía uma chuvinha fina, o nevoeiro forte mal permitia a vista do outro lado da rua. Bela noite para ficar em casa jogando "buraco" ou "vispóra". Aliás, em Dublin vimos um salão bem na rua principal — O'Connell — com o jogo de "vispóra" em pleno funcionamento e uma série de caça-aleijados, com freguesia animada, alimentando os aparelhos com moedas de 40 cents. Experimentamos as máquinas de 40 cents e tivemos sorte. Ficamos com os bolsos cheios de moedas, depois sentámo-nos na mesa de "vispóra" (quase parecia Poços de Caldas, nos bons tempos) e ali somente conseguimos bater uma vez! Mas batemos... Estivemos em Nottingham alguns dias e visitamos várias cidades vizinhas, também o célebre Castelo, onde examinamos uma maravilhosa coleção de magníficas aquarelas. Esse Castelo, como todo castelo decente, fica no alto de um morro, donde se descortina uma vista deslumbrante da cidade, e se avistaria também as cercanias se o nevoeiro permitisse... Há por aqui muitas fábricas e minas de carvão e a fumaça atrapalha a visibilidade no inverno. Uma noite fomos ver uma estalagem de mais de 400 anos, com o nome de "Caminho de Jerusalém". Fica à saída de um túnel secreto do antigo Castelo, e é parcialmente construída no próprio rochedo. No "bar", onde havia uma lúzia de fregueses, um tipo muito alegre e palrador, contava piadas divertidas; depois ouvi músicas, num velho piano que emitia notas com sons de harpa, de tão elho que era...

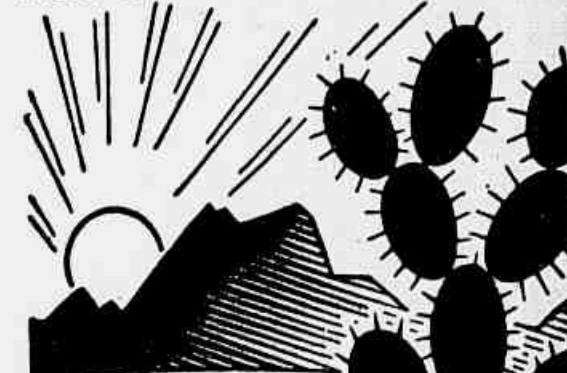
Tomando-nos por americanos, do norte, passou a contar piadas sobre os soldados americanos aqui aquartelados, durante a guerra, em seu dialeto de Nottinghamshire.

Ainda que fossemos tanques, não havia nada inconveniente nas pilhérias e nos diálogos bastante. Tomamos alguns copos de cerveja e despedimo-nos. A esta hora já estávamos todos na maior camaradagem. Ficaram admirados quando lhes contamos que éramos do Brasil, a terra de Carmem Miranda, do café e das castanhas, pois hoje o nosso país, aqui, é mais ou menos conhecido por esses três produtos, na sua ordem respectiva.



Vista do "Parque da Rainha", na cidade de Crewe, Irlanda do Norte

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico

GRANADO

BROTOEJAS ASSADURAS FRIEIRAS SUORES FÉTIDOS

ESTANQUINO

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº
NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: —
Rua Álvares Penteado, 180,
Salão 502 — Telef.: 3-2649

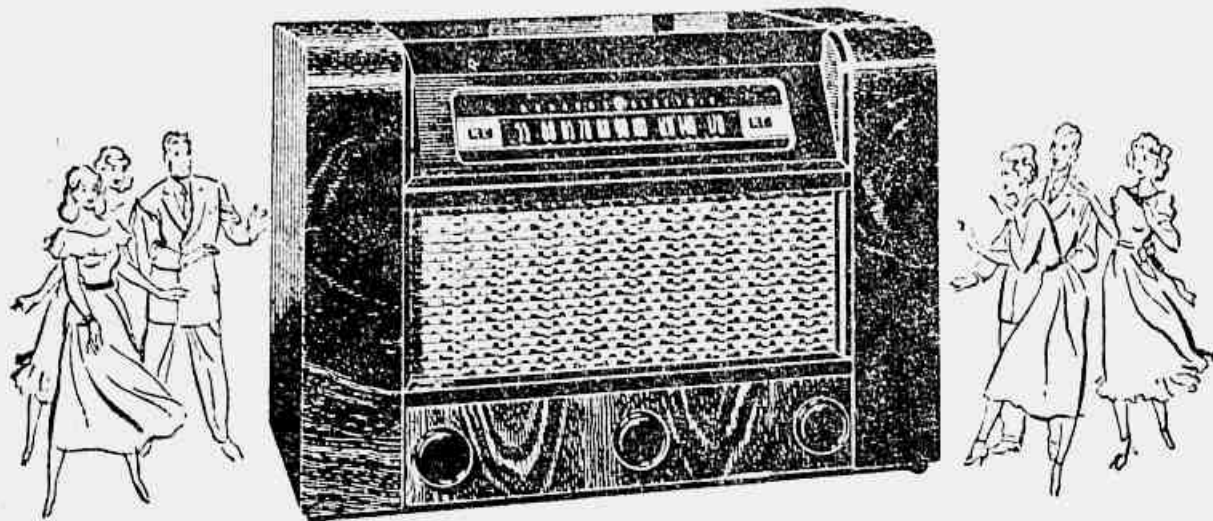
SENUN

AFASTADO O PERIGO DAS SALADAS!

Não se prive das vitaminas necessárias à sua saúde, use as Saladeiras Esterilizantes

Fabricadas pelo processo SENUN

ESTERILISANTE



o famoso

TOM NATURAL G-E

num radio ao alcance
de todos

MODELO G-E N.º A-205, de ondas longas, 5 válvulas, num elegante móvel de madeiras escolhidas.

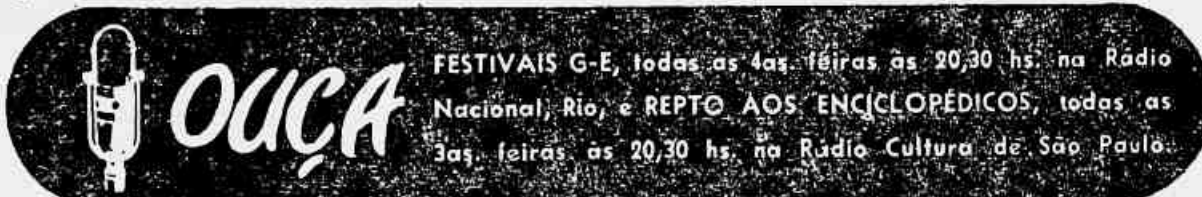
Se pensa adquirir um radio econômico, porém com todas as características da técnica mais avançada, pense no modelo General Electric A-205. Todos os aperfeiçoamentos alcançados pelos técnicos da G-E, inclusive o

célebre TOM NATURAL — que lhe permite distinguir com minuciosa fidelidade todas as nuances de tom e timbre — lhe são oferecidos nesse pequeno gigante G-E! Vá conhecê-lo hoje mesmo no mais próximo revendedor.

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — P. ALEGRE

B. 332



os jornais: de um gangster, e, mesmo, um chefe de bando...

Sinto as pernas tremerem e caio numa cadeira. Começo a compreender! Eis o motivo por que ele tinha tido tanto cuidado de ocultar-me suas atividades. Eis por que, embora solteiro, não pudera desposar-me, nem mesmo viver em Paris, onde a polícia o julgava indesejável. Eis por que foi levado a inventar essa história do divórcio. Compreendi também que essa mulher, naturalmente chefe de um bando rival, tinha vindo falar-lhe acompanhada de um capanga, certamente para acerto de contas...

Eu estava de tal forma perturbada e pálida, que a mulher me fitava com certa comisseração. Olhou-me, em silêncio, por uns instantes e depois se ergueu.

— E' o retrato de seu filhinho? — perguntou ao aproximar-se da chaminé. — Não está com você?

— Está no infantário... Ela fica por minutos diante do retrato de Gerard, olhando-o, enquanto os grandes olhos de meu filho parecem sorrir-lhe na plena inocência de sua alma. Isto, para mim, dura um século. Depois, a mulher

balança negativamente a cabeça e murmura:

— Pobre guri...

— Estas duas palavras me fazem calafrios. Era como se significassem que o menino já era órfão...

Voltou-se para mim e eu percebi como que uma luta interior na consciência daquela estranha criatura. Esperei novamente que conversasse. Talvez que a piedade inspirada pela criança fôsse mais forte que...

Nesse instante um forte assobio que vem de fora, quebra o silêncio da noite. A mulher suspira.

— Muito tarde! — murmura.

Abriu a porta e se foi rapidamente. Quero correr também, porém, não ando mais do que dois passos, agarrada à parede, trôpega, enquanto sinto que vou desfalecer... Vitimado por doze punhaladas, Francis morreu antes de chegar ao hospital.

Viuva ilegal, voltei para junto de minha mãe. Educáramos nosso pequeno Gerard. Minha pobre mãe, que se sacrificara pela minha felicidade, para proteger minha honra inatacável, é obrigada então, a ver crescer o seu neto bastardo, a quem ela adora.

E passamos a viver, as duas, reclusas, dentro de nossas vidas de culpadas.

Contra o que, eu supunha, minha mãe, tinha, em verdade, rompido inteiramente com Thierry, havia dois anos, na esperança de que eu voltasse para a sua companhia.

Não a busquei, àquele tempo, e esperei que um drama pungente me golpeasse para que me refugiasse na sua generosidade maternal. Thierry estava na América do Norte, onde havia desposado uma artista de Hollywood. Certo que é difícil julgar determinadas situações, quando somos jovens; mas não se tem o direito de condenar, sem piedade, um amor, pois que amar nunca foi crime.

A VIDA DE DALTON

(Continuação da pág. 14)

que o senhor quase nunca nos vem visitar? — Ora, não sei — tornou ele — mas tenho vontade de vir morar com os senhores". E foi assim que se efetuou a mudança.

Em todo esse tempo, a sua vida diária nunca variou. O laboratório era o seu santuário. Levantava-se geralmente às oito, acendia o fogo no laboratório antes da primeira refeição, e dedicava a manhã inteira aos experimentos. Almoçava à uma, "mas sempre entrava precipitadamente, quando a refeição ia quase no fim". Passava as tardes no laboratório e só abandonava o trabalho para o chá das cinco, "raramente chegando antes que a família estivesse prestes a terminar". Depois do chá, tornava ao seu "fogo", onde trabalhava até a hora do jantar, às nove. Depois do jantar, em que tomava uma "quantidade metódica" de alimentos, reunia-se à família na sala de estar, desfrutando uma ou duas horas de agradável recreação.

As quintas-feiras tirava a tarde para ir jogar bola no campo do Cão e a Perdiz. Jogava metódicamente um número certo de partidas, tomava chá na estalagem e fumava o seu cachimbo, refazendo-se para a caminhada de regresso. Chegando a época do calor, passava a efetuar os seus experimentos meteorológicos no Pais dos Lagos, combinando assim o trabalho com o prazer. Subia as montanhas, não apenas para submeter à prova os seus barômetros, mas também para "exercitar um grupo de músculos que de outro modo ficariam inativos". Muitas vezes, subindo com um rancho de amigos, tomava a dianteira a um passo tão vivo que ninguém podia acompanhá-lo. Nessas excursões levava mantimentos consigo na mochila — e não lhe desagradava "misturar um pouco de aguardente com a água".

Visitava periodicamente a sua aldeia natal de Eaglesfield, onde frequentava a companhia dos rendeiros e "tirava uma boa prosa sobre os velhos tempos. À medida que iam correndo os anos e ele permanecia no "delicioso estado de solteiro", os amigos começavam a perguntar-lhe se nunca pensara em tomar esposa. "Não tenho tempo", respondia. "Ando com a cabeça muito cheia de triângulos, processos químicos e experiências científicas para poder pensar nessas frioleiras".

Contudo, ele não era inteiramente estranho ao amor. Travara conhecimento com a "mais formosa criatura de Manchester" — confessou em uma de suas cartas ao irmão. Julgara-se imune à influência da simples beleza em uma mulher. Mas agora não se tratava de uma mulher comum. "Ela começou... a comparar as qualidades dos dicionários de Johnson e Sheridan; a discorrer sobre o uso do ácido muriático deflogisticado na branqueadura; sobre os efeitos do ópio no organismo, etc., etc. Não pude resistir mais, e capitulei incondicionalmente..." Mas logo conclui: "O meu cativo... durou cerca de uma semana..."

Outros assuntos o prendiam mais firmemente. Estava realizando experiências sobre a ação do calor nos gases, líquidos e sólidos. Pressentia estranhas descobertas com relação aos elementos químicos. Os químicos da época pesquisavam em meio a uma noite de incertezas. Alguns haviam captado aqui e ali uns poucos raios de luz; mas nenhum pudera encontrar o grande princípio universal que regia as diversas modificações na composição dos corpos químicos.

A descoberta desse princípio interessava mais a Dalton que qualquer caso de amor. E gradualmente uma idéia momentosa tomou corpo em seu cérebro. No terreno da física, Newton demonstrara que as partículas de matéria se atraíam por causa do peso de seus átomos. Os

(Continua na pág. 52)



VIDA LITERÁRIA

ELEIÇÕES DA ABDE

Despertou invulgar interesse o pleito de 26 de março último para a escolha dos novos dirigentes da Associação Brasileira de Escritores desta capital, no período administrativo que se inicia, na sucessão do Sr. Alvaro Lins.

Convocada uma Assembléa Geral Extraordinária, afluíram à ABI, onde se efetuou a reunião, cerca de mil associados, vendo-se dentre eles nomes do maior destaque cultural, social e político do Rio de Janeiro, todos desejosos de eleger os candidatos constantes de duas chapas igualmente fortes.

Uma delas era encabeçada pelo nome de Afonso Arinos de Melo Franco, e a outra, pelo homem de letras Homero Pires.

Marcada a Assembléa para as catorze horas, tal foi a concorrência à eleição, que, ainda às dezessete e meia, se formavam filas para a assinatura nos dois livros de presença especialmente abertos para isso.

Já passavam alguns minutos de dezoito horas, quando foi aberta a sessão, sendo presidida pelo prof. Castro Rabelo, por aclamação, com dois secretários, também aclamados no momento.

O Sr. Alvaro Lins, intelectual de grande prestígio, e que, recentemente, esteve em excursões culturais por alguns países da Europa, leu o seu Relatório, descrevendo os fatos mais importantes durante sua gestão na presidência da ABDE, dando, em seguida, a palavra à encarregada das finanças, que leu o balanço final da entidade, discriminando as diversas verbas e situação atual da Associação dos Escritores.

Após essas leituras, pediu a palavra o ex-Presidente, Guilherme Figueiredo, e se dirigindo ao Sr. Alvaro Lins, que se preparava para entregar o cargo, fez-lhe diversas perguntas em torno de sua gestão, tendo o visado respondido às mesmas e se oferecendo a fazê-lo por escrito quando para isso fosse convocado.

Esgotada esta primeira parte, foi iniciada a segunda e mais importante da convocação: a eleição da nova diretoria.

Um dos associados se dirigiu à mesa e pediu que fossem recebidos, em primeiro lugar, os votos por procuração. Pelo Dr. Sinval Palmeira, foi nesse momento

levantada uma questão de ordem, desejando saber se o voto era secreto ou a descoberto. Que se consultasse a Assembléa, pois que, se secreto, as procurações estariam prejudicadas e inaproveitáveis os votos dos outorgantes. Como era natural, muitas vozes da corrente Melo Franco se ergueram contra a preliminar. Por sua vez, outros advogados, escritores e jornalistas apolaram a opinião do Dr. Sinval Palmeira, debatendo-se o caso durante muito tempo.

Finalmente, chegaram todos a um acordo: os votos por procuração seriam tomados à parte, a fim de que os mesmos fossem objeto de exame e ulterior deliberação.

O motivo dessa discussão é muito simples. Não há nos estatutos da ABDE nenhuma referência sobre a forma de votar por procuração. Nem se proíbe, nem se permite. Caso omissio. Como todos sabem, pode o voto, nessas sociedades civis e culturais, ser exercido por tal instrumento jurídico e legal; mas, se o voto é secreto, não basta que haja uma procuração delegando mandato de representação ao outorgado. É natural que tudo se revista do necessário sigilo, e o voto do ausente se processe sem quebrar as normas de sua indevassabilidade, traindo aquele que nomeou um representante para fazê-lo à boca da urna. Ora, a preliminar levantada pelo Dr. Sinval Palmeira estava perfeitamente enquadrada nesse caso, e o que ele e outros desejavam, não era repelir, "in limine" os votos por procuração, e sim, saber-se se o voto seria secreto ou não, e se as procurações estavam revestidas de sua autenticidade prescrita em lei.

Enfim, tudo decorreu em ordem e o resultado, segundo os jornais, foi o seguinte, apurado já eram três horas da madrugada de domingo: chapa Afonso Arinos de Melo Franco, 478 votos, e a de Homero Pires, 378, com uma diferença de cem votos. Mas, naquele total do primeiro, há mais de trezentos votos sujeitos a verificação de validade, pois vieram por procuração, enquanto os do seu competidor, resultaram de eleitores que os depositaram à boca da urna, pessoalmente. Houve ainda, de Homero Pires, dezessete votos anulados. Desta forma, ao que consta, somente depois de uma nova Assembléa, que será convocada para o fim de apurar-se definitivamente a validade dos votos por procuração, é que se proclamará o verdadeiro vencedor da última eleição da ABDE.

DISCURSOS ACADEMICOS



Este escritor, para poder inspirar-se na história policial que está escrevendo, colocou uma pistola ao lado.

Sempre que um novo acadêmico é recebido numa Academia de Letras, esta obrigação lhe é exigida: fazer o discurso de entrada. O primeiro acadêmico da Academia Francesa que se negou a isso foi Chateaubriand, para não ter que referir-se ao seu antecessor, J. M. Chenier. O mesmo sucedeu com Emile Olivier, para não referir-se a Napoleão III.

Outro caso interessante da Academia Francesa, foi aquele da renúncia do arcebispo Duponloup, que se recusou a empregar-se na cadeira, depois da eleição de Littré.

Há na literatura francesa grande número de escritores do mais elevado quilate sem assento na Academia. Assim, não pertenceram àquele cenáculo de letras, Molière, Rousseau, Le Sage, Stendhal, Balzac, Flaubert, Maupassant, Zola e muitos outros famosos em todo o mundo.

ULTIMAS PALAVRAS DE HOMENS CELEBRES

- "Estou morrendo a prestação" (Emílio de Menezes).
- "Pois a morte é só isso?" (Casemiro de Abreu).
- "Até a morte tem a sua lógica" (Tobias Barreto).
- "Amanhece... Dêem-me café. Quero escrever" (Olavo Bilac).
- "Para esse frio não há cobertor" (Quintino Bocaiuva).
- "Agora vejo brilhar a minha aurora" (Milton).
- "Canalha!" (Pinheiro Machado ao ser apunhalado pelas costas).
- "Luz, mais luz!" (Goethe).

OS POETAS MORRIAM CÉDO

Conforme registra a história de nossa literatura, os poetas e literatos dos velhos tempos morriam cedo. Esta estatística é expressiva:

Alvares de Azevedo, com 20 anos, 7 meses e 13 dias.
Casemiro de Abreu, 23 anos, 9 meses e 14 dias.
Castro Alves, 24 anos, 3 meses e 22 dias.
Cândido Macedo Júnior, com 18 anos.
Bernardino Ribeiro, 21 anos, 11 meses e 4 dias.
Segundo dizem, a causa dessa existência tão breve era devida à vida de boêmios que levavam.

★

O ESPÍRITO DOS ESCRITORES

Por ocasião da eleição da nova diretoria da ABDE, nossa reportagem esteve atenta e pegou diversas "bolas" entre os escritores ali reunidos. Uma delas foi com o Barão de Itararé. Uma senhora se admirou de haver tanto escritor no Rio, e ele, em cima da bucha: "Escritor, há muitos. Só não há quem os leia..."

Numa roda conversavam beletistas com o deputado José Augusto, quando alguém, entusiasmado com a afluência de tanta gente ilustre, confirmou: "E como escrevem bem!" (Na verdade em fila enorme, todos assinavam o nome no livro de presença...)

Sady Garibaldi estava radiante e eufórico, no seu elemento, quando chamaram o Medauar, para votar. Como fazia muito calor, Sady se aproveitou e fez o trocadilho: Me dá o ar...

Ouvindo esse nome, um escritor resmungou: — Numa eleição de gramáticos esse voto seria anulado. — Por que? — perguntaram. — É um solecismo e desrespeita o sinclitismo pronominal. Devia chamar-se Dauar-me, pois não se pode começar oração por pronome complemento.

O dr. José Augusto compareceu e votou na chapa Afonso Arinos, pois ainda espera que o seu candidato se converta ao parlamentarismo. (Isso foi uma indireta do Soares Filho).

Martins d'Alvarez, sendo consultado por um confrade sobre o possível resultado da eleição, explicou: — A vitória será do Afonso Arinos, pois, nesta época de sambas e "existencialismo", os clássicos vão sendo esquecidos.

Aquarone, ao voltar da urna, foi interrogado por um amigo: — "E se nosso candidato perder?" — Será mais um cochilo de Homero — respondeu imperturbável o conhecido escritor.

José Lins do Rêgo apareceu por fora da Assembléa e começou a gritar, pronunciando coisas ininteligíveis. — Que está ele a dizer? — indagaram. — "Está atuado com o espírito do Moleque Ricardo" — esclareceu Graçiliano Ramos.

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTÉM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

STANDARD
CR\$ 150,00

FEDERAL
CR\$ 200,00

INCA
CR\$ 300,00

ANEL ZODIAICO

Com signo e pedra do teu mês de nascimento que interpreta todo mistério da astrologia.

Em prata com ouro e todo em ouro com platina. Única privilegiada por lei.

Fábrica de Jóias AZTECA

Rua Regente Feijó, 18, Rio

PARA TODO O BRASIL PELO REEMBOLSO

AMERICA
CR\$ 200,00

CAPITAL
CR\$ 300,00

BRASIL
CR\$ 350,00

Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um anel

Modelo Data do nasc. Medida

Nome

Rua

Cidade (correio local)

Estado

MEDIDA DO DEDO 470369212130

Cortar e enrolar no dedo.

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

-- Sala 217 -- Fone: 6-6718

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

corpos químicos não poderiam também, em última análise, compor-se de átomos? Aplicar à química a teoria atômica, o crêdo dos físicos, seria uma inovação surpreendente, se bem que natural. Dalton não podia resistir ao fascínio da hipótese. Durante os seus experimentos, verificara que "em certos corpos gasosos os mesmos elementos sempre se combinam nas mesmas proporções". Não cessava de ecoar-lhe aos ouvidos a declaração de um colega: "Deus ordenou todas as coisas de acordo com a medida, o número e o peso". Por que não poderia isto ser verdade com relação à química, assim como à física? Por que razão o átomo havia de ser propriedade exclusiva dos físicos?

Eram imensas as possibilidades da teoria. Ali estava, finalmente, um princípio simples para fixar as proporções em que se combinam todos os corpos químicos. "Se se conhecesse o peso de um átomo em relação a qualquer outro átomo, seria possível determinar as proporções ou pesos de todas as suas combinações". Uma vez estabelecida a tabela de pesos relativos dessas partículas indivisíveis, o químico achar-se-ia de posse dos instrumentos básicos da sua ciência. Tal foi o esplendor de luz que penetrou no espírito metódico desse quacre de Manchester enquanto lidava com os seus tubos de ensaio. Dalton assestou o golpe definitivo e fatal nas pretensões dos alquimistas, que prometiam transmutar o ferro em ouro e a morte em vida. "A análise e a síntese químicas", declarou, "não podem ir além da separação e reunião de parti-

culas. A criação e a destruição da matéria estão fora do alcance dos processos químicos. Seria tão fácil introduzir um novo planeta no sistema solar, ou destruir algum já existente, como criar ou aniquilar uma partícula de hidrogênio". Ou transmutar uma partícula de um elemento na de qualquer outro elemento.

E agora, tendo introduzido na química a teoria atômica dos físicos, passou a organizar uma tabela de pesos relativos dos átomos que constituem os diversos elementos. Essa tabela era algo rudimentar. Dalton não possuía nem a habilidade nem a precisão de muitos dos seus sucessores. Além disso, o seu laboratório andava longe de estar adequadamente equipado para a realização de experiências exatas. Mas Dalton conquistara de uma vez por todas a posição de legislador. Que os outros se encarregassem dos pormenores da administração.

E, é preciso reconhecer, ele nem sempre se mostrava tolerante com os seus administradores mais meticulosos. Na notação gráfica das fórmulas dos diversos corpos, por exemplos, Dalton estabeleceu um complicado sistema de sinais circulares. O químico sueco Berzelius se aventurou a substituir-lhe um sistema simplificado, que consistia em escrever a primeira letra do elemento com um número colocado abaixo para indicar o número de átomos presentes no composto — método usado até hoje — e o conservantista Dalton protestou contra a inovação. "Os símbolos de Berzelius são hor-

ríveis", observou. "É mais fácil um jovem estudante de química aprender o hebraico do que familiarizar-se com eles. Parecem um caos de átomos..." Apesar de sua grande descoberta, Dalton continuava a padecer de cegueira das cores.

E a sua geração admirava. Quem era aquele extraordinário cientista — um mourejador obtuso, escolhido por Deus para revelar sua lei num momento de suprema intuição, ou um gênio do pensamento, que encarava com jovial indiferença as corriqueiras investigações humanas? Mas, trabalhador obtuso ou profeta, o plácido quacre de Manchester alimentava fielmente o seu fogo e pouco a pouco ia transformando o caos da alquimia na "ordem suprema" da química.

V

Era famoso agora. Fôra eleito Presidente da Sociedade Literária e Filosófica de Manchester. E fôra convidado a pronunciar conferência na Real Instituição de Londres, e ali conhecera Sir Humphry Davy. "O principal defeito do seu caráter como filósofo", disse Dalton, "é não fumar".

Com o crescer da fama, adquiriu um desembaraço que o surpreendia tanto como à audiência. "Atualmente", escreveu a um amigo, "eu posso entrar na sala de conferências com tão pouca emoção como quando fumo cachimbo com você numa noite de domingo".

E assim, ele empreendia as suas giras

de conferências com o coração alegre e um sorriso confiante. E de olhos abertos. Observava tudo com o prazer de uma criança para quem o mundo é novo. Em Edimburgo escreveu: "Este é o lugar mais romântico que eu já vi... As casas chegam até às nuvens... Neste lugar não edificam as casas lado a lado... constroem-nas uma em cima da outra — e, o que é ainda mais maravilhoso constroem uma rua em cima da outra..." Gostava particularmente de observar as damas do auditório — as que usavam o vestido estirado como um tambor", e as que "o traziam enrolado no corpo como um lençol". Mas, acrescentava, "quase todas são encantadoras em qualquer vestido".

Desfrutou o prazer dos contatos sociais e das festas. Teve, mesmo, de pagar caro pela sua excessiva facilidade em ingerir bebidas espirituosas. Pois em certa ocasião contraiu um caso grave de saturnismo por ter bebido uma garrafa de cerveja preta numa taberna londrina.

Por fim se restabeleceu dos efeitos do envenenamento e dos fumos de uma popularidade demasiado intensa. Foi com satisfação que voltou a Manchester e à sua vida "relativamente obscura". No fim de contas, ele não era homem de sociedade. Para que fingir? Durante as conferências, seus hábitos rudes e estilo inculto haviam impressionado mal as classes elegantes de Londres. Era agradável estar outra vez entre a gente simples. No vasto mundo, o seu vulto se engrandecia.

(Continua na pág.58)

Os milagres da ciência humana

(Continuação da pág. 16)

Dentre os maiores fabricantes de braços artificiais está a firma Hugh Steeper Ltd., de Roehampton, Londres, cujas experiências para melhoramentos foram intensificadas desde a primeira guerra mundial, para favorecer a reabilitação dos amputados da conflagração.

Graças a esses esforços pôde aquela firma fornecer milhares de braços ao hospital "Queen Mary", a todos os mutilados ameaçados de invalidez permanente por falta desses membros, aumentando ainda mais a fama daquele hospital que já era reconhecido no mundo inteiro como o estabelecimento líder em matéria de ortopedismo na reestruturação do corpo físico dos mutilados.

A evolução desses melhoramentos chegou agora a uma perfeição digna dos maiores elogios. Um braço fabricado pela casa Hugh Steeper reúne condições que somente músculos, osso e nervo poderiam garantir ao pleno uso do homem. O braço dispõe de uma série de aperfeiçoamentos que dão ao portador a idéia de que nada perdeu nas operações cirúrgicas. A perda do braço natural nenhuma dificuldade pode trazer mais. O artificial faz todo o trabalho do anterior, substituindo-o completamente.

A articulação do punho, do cotovelo, das falanges é impecável. Pode o seu portador tomar de uma pena, segurá-la entre os dedos, molhá-la no tinteiro e escrever facilmente como se estivesse em perfeito estado físico, com o braço com que nasceu.

A invalidez permanente ou parcial já não será causa de indigência ou de subordinação à generosidade de estranhos ou à de parentes de mais posses.

A ciência humana pode substituir aquilo que a própria ciência retirou, como sucede entre a cirurgia e a ortopedia. Para salvar um corpo ameaçado de gangrena, amputa-se um braço; uma caçada mão de operário é cortada para evitar a perda total de uma vida útil

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa

Cr\$ 55,00

(Não remeteremos por via aérea)
Faça seu pedido à

PERFUMARIA EXÓTICA

Rua Campos da Paz, 165 — Rio — Fone 48-8137

Enviamos catálogos a quem solicitar



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

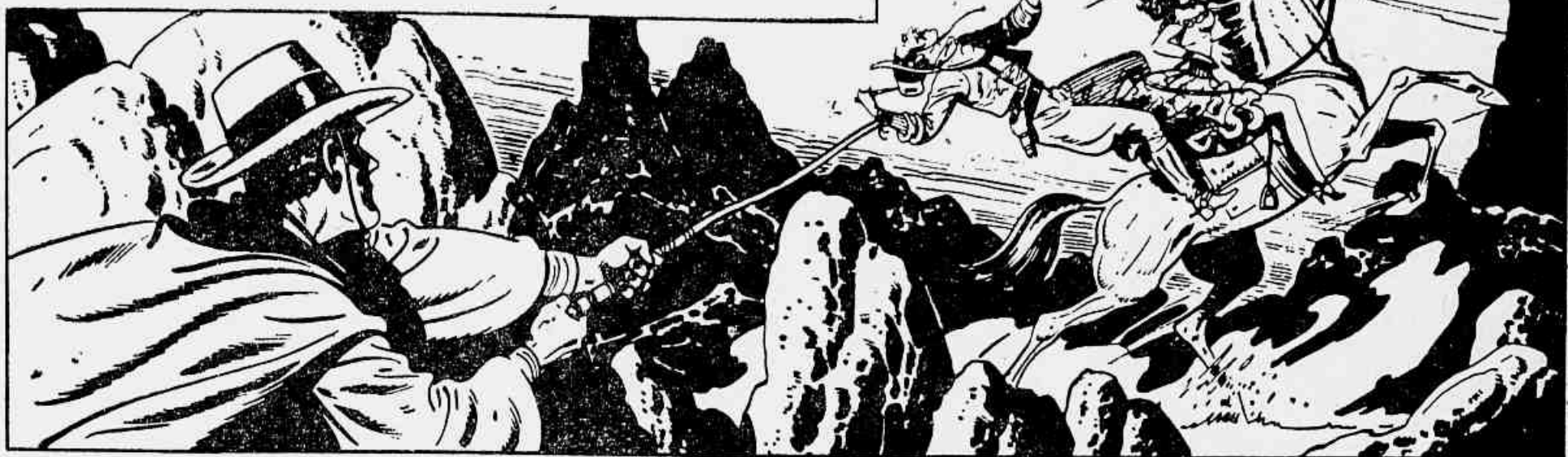
O mutilado seria um desgraçado se não viesse em seu socorro a mesma ciência humana com os recursos da ortopedia que lhe dará outro membro com todos os requisitos de movimentação e poder de apreensão. Um ofício não será abandonado, nem mais um braço pela metade é exibido à caridade pública. Se nos permitem o trocadilho, o mutilado deixa o leito com uma mão na roda.

DRAGO

Nº 53

Por
Hogart

QUANDO CESAR VAI MER-
GULHAR O PUNHAL NAS
COSTAS DE FLAMINGO,
A PONTA DE LÁTEGO
ENROSCA-SE EM SEU
PULSO



DRAGO

Nº 54

Por
Hogart

FLAMINGO TEM EM SEU PODER A BALA QUE MATOU SEU PAI, DON PEDRO. AO MESMO TEMPO UM RANCHEIRO EXTRAÍ A BALA QUE CESAR DISPAROU DO OMBRO DE DRAGO.

VOCÊ PODE PROVAR QUE CESAR MATOU MEU PAI, TIGRE?

A BALA ALOJADA NO MEU OMBRO É IDÊNTICA À BALA QUE VOCE TEM EM SEU PODER, FLAMINGO.

AQUI ESTÁ, TIGRE. DÊ-ME A SUA BALA, FLAMINGO.

AHHH! TIGRE TEM RAZÃO! AS BALAS SÃO IGUAIS! CESAR É O ASSASSINO!

HA' GRANDES DEPOSITOS DE COBRE NOS TERRENOS DA ALDEIA E CESAR SABIA DISSO. ELE TENTOU INCENDIA-LA, MAS FRACASSOU.

MAS PORQUE?

QUERIA QUE OS MORADORES ABANDONASSEM A ALDEIA, PARA EVITAR SUSPEITAS, PÔS A CULPA EM DRAGO.

DRAGO. AGORA COMPREENDO TUDO

QUE TOLA EU FUI! AGORA EU SEI QUE VOCE, TIGRE DOS PAMPAS, É...

-DRAGO!

SIM, FLAMINGO. FOMOS INIMIGOS. NÃO PODEMOS AGORA SER AMIGOS?

AMIGOS, DRAGO? SIM...



Desperte seus atributos femininos usando em seu maquilage social o super-creme "O SEGREDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:

Água de Colônia 10% Sabonete 107

Sabão Russo, líquido: vidro de 270 grs vidro de 630 grs vidro de 1.000 grs.

A VENDA EM TODA PARTE

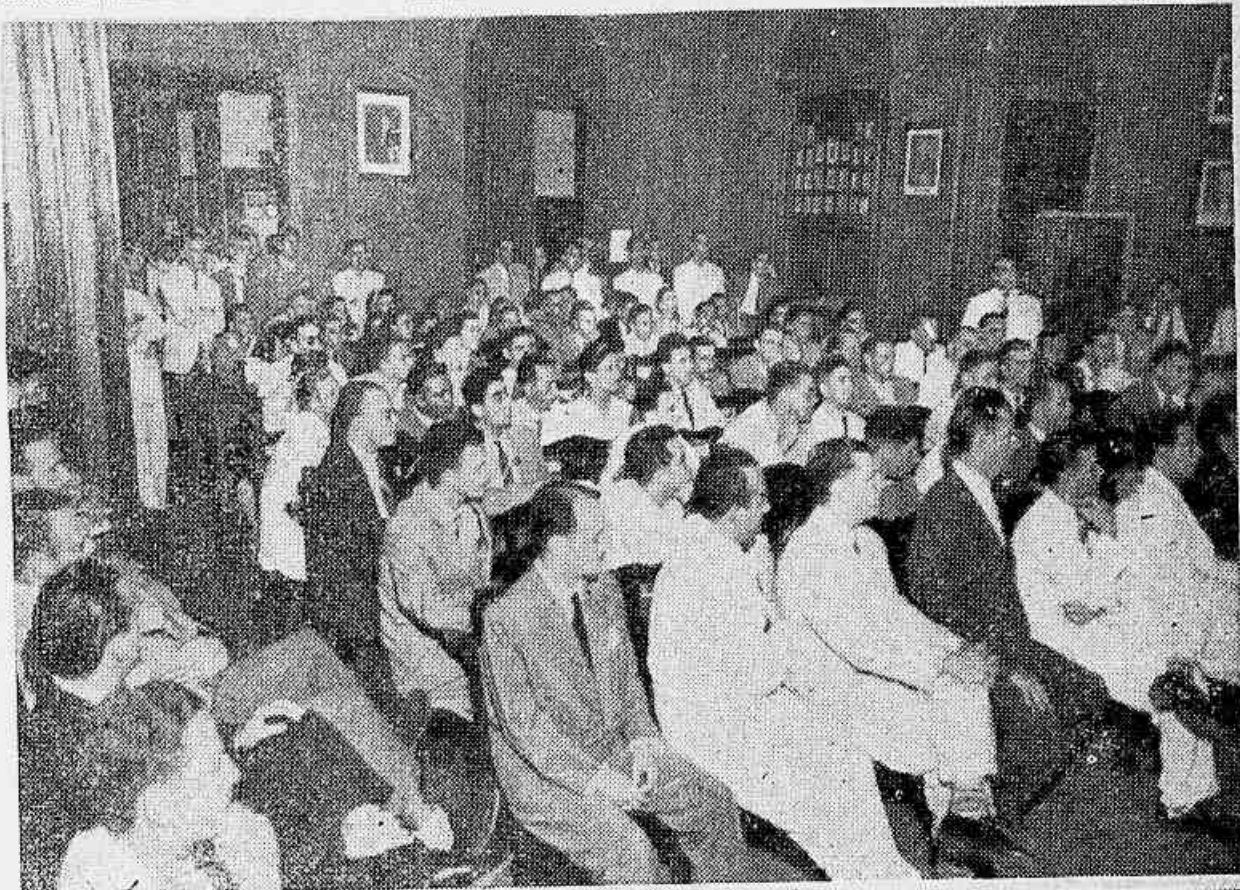
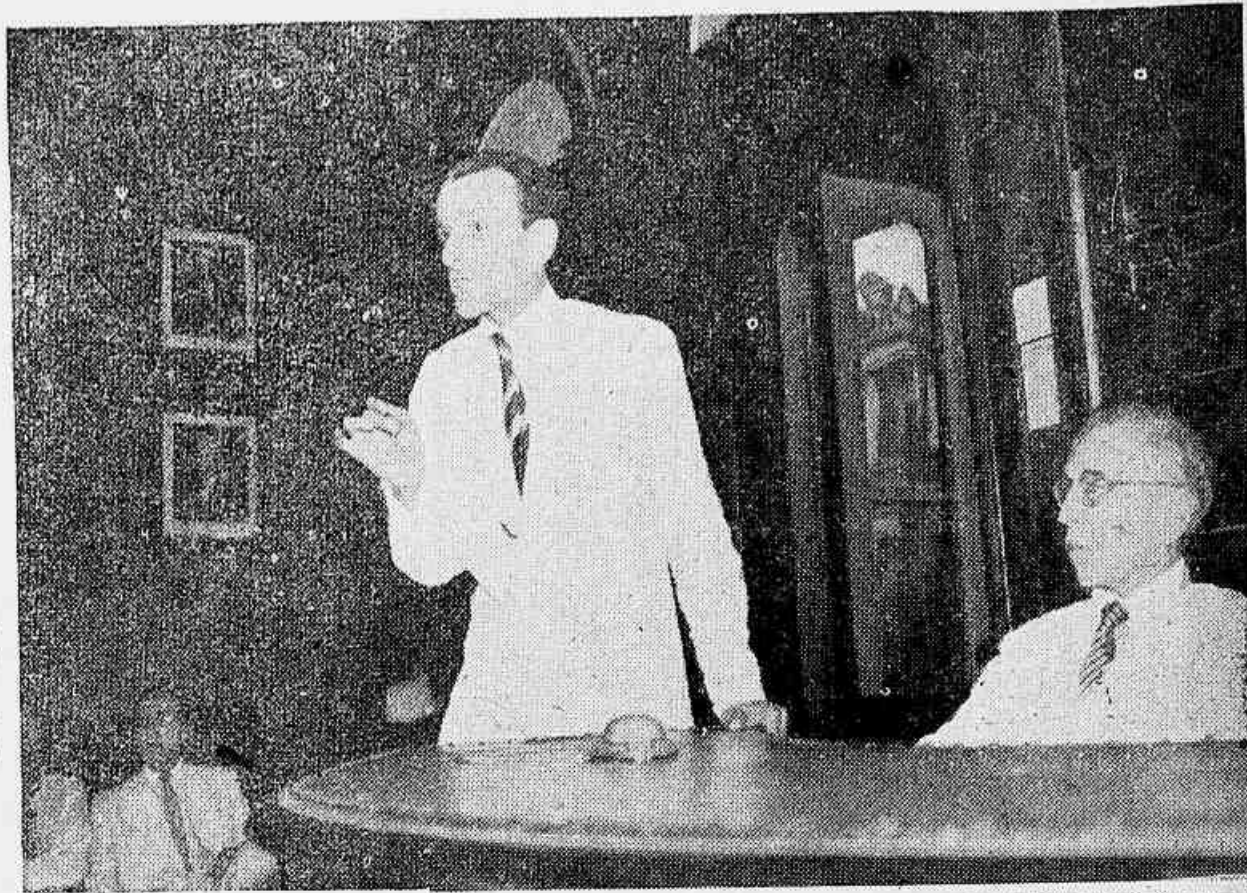
Laboratório do SABÃO RUSSO

FUNDADO EM 1930

MANOEL LUIZ GARCIA

Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares



As duas fotos acima são da aula inaugural dada pelo prof. Flavio Lombardi, na Escola da Medicina e Cirurgia desta Capital, presentes o prof. Augusto Paulino, o dr. César do Val, corpos docente e discente. O tema foi: "Aspectos da Puericultura e da Pediatria". A seguir: Maria Amelia filha do casal Pessoa-Coelho Rodrigues, no baile infantil do Municipal; afinal, Gustavo, filho do casal Silvio-Ligia Hecke neto do Ministro Armando Trompowsky



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

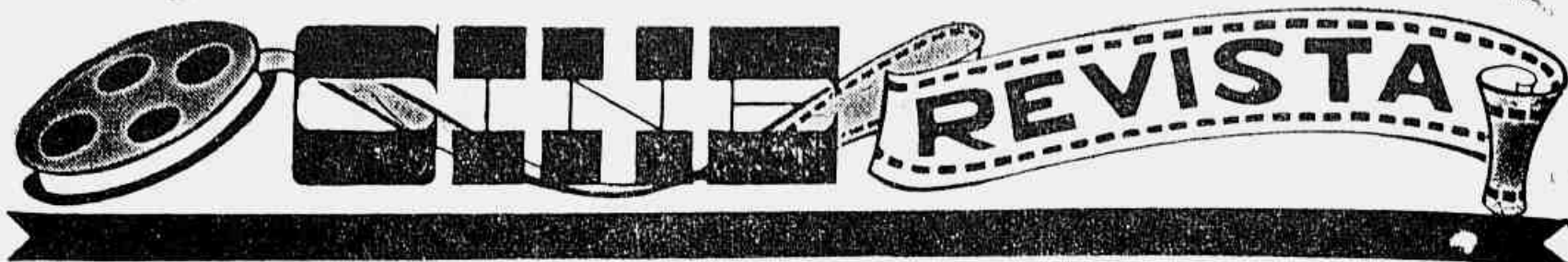
USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECCÕES DO COURO CABELUDO



Por FRANK STEIN

SESSÃO ESPECIAL

"A BELA E A FERA"

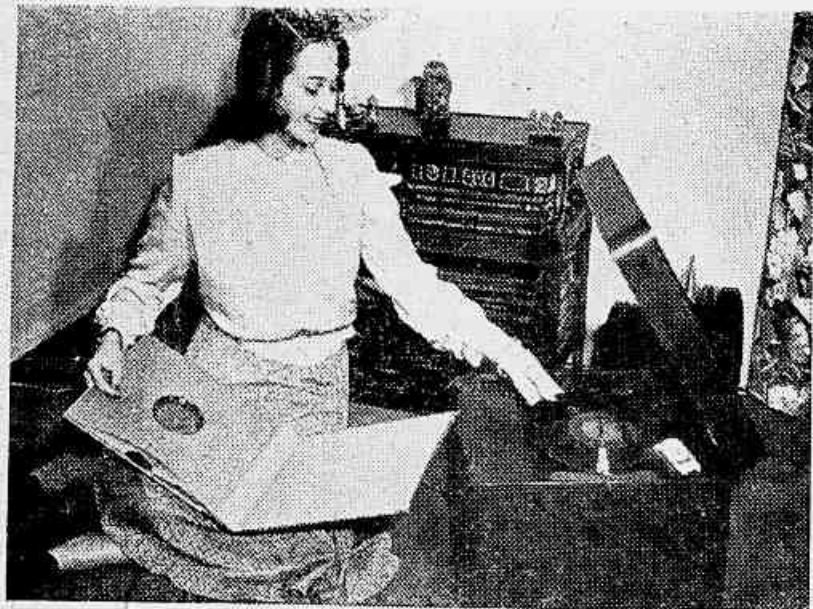
(La Belle et la Bête — Art-Films)



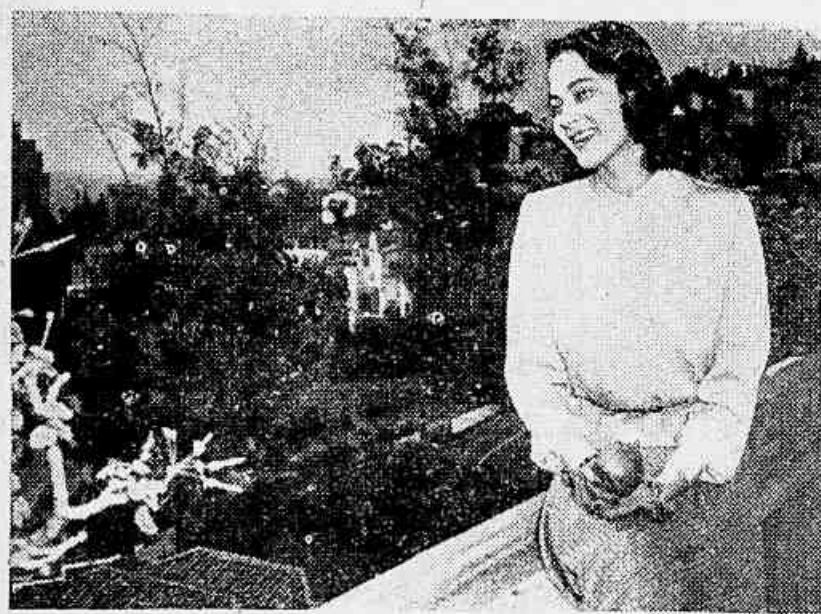
MARTA TOREN

A NOVA SUECA DE HOLLYWOOD

Evidentemente, as suecas têm tido muita sorte em Hollywood. Greta Garbo, Ingrid Bergman, Viveca Lindfors, são "estrelas" que se tornaram conhecidas no mundo inteiro através dos filmes californianos. Todavia, não é só a Suécia que sente essa irresistível atração pelo cinema americano; Hollywood mesmo é quem vai buscar as lindas pequenas da Suécia. E como sabe escolhê-las! Marta Toren foi a última aquisição, feita por intermédio da Universal-International. Seu primeiro filme americano foi "Casbah", onde ela figurou ao lado de Tony Martin, revelando-se uma pequena de beleza invulgar. Seu segundo filme, ainda para a U-I, será "Illegal Entry", com Howard Duff e George Brent. Marta gostou da terra e alugou um apartamento em Hollywood Hills, de onde se pode ver uma vista completa da cidade de Los Angeles. E é ali mesmo que ela pretende ficar muito tempo, de onde apreciará a sua própria glória.



Marta descansa ouvindo música



Tem um apartamento em Hollywood Hills



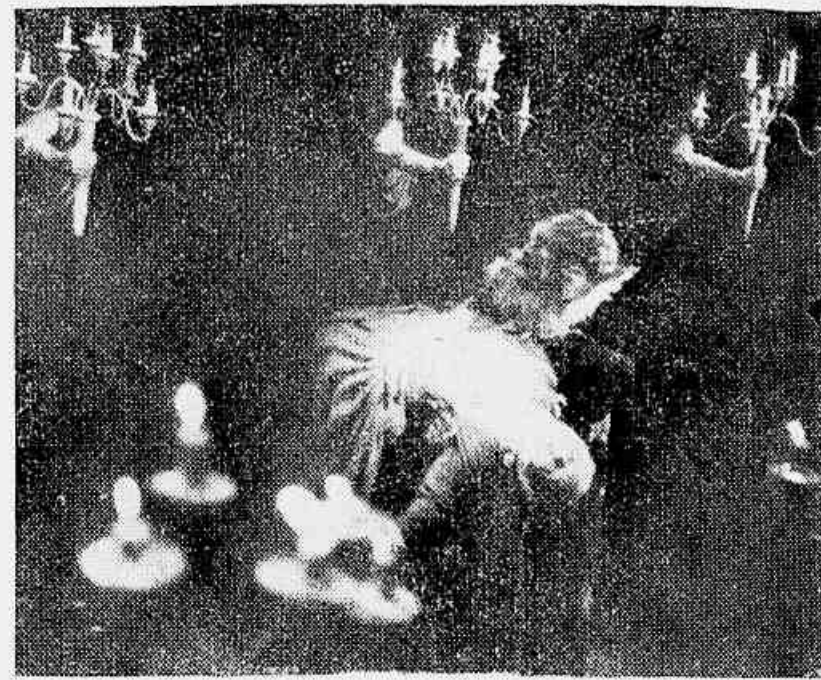
Ela mesma responde sua correspondência

Jean Cocteau, explicando-se a respeito de seu filme, declarou, em artigo recentemente publicado, que teve alegrias e teve decepções, acrescentando que jamais repetiria a experiência, pois experiência igual só se tem uma vez. Talvez tenha razão. Se em França o filme causou controvérsias, apesar de ter recebido o prêmio máximo no Festival de Cannes, o que não dizer no resto do mundo? Porque, em verdade, o filme de Cocteau não foi feito para o grande público — apesar de ele ter feito o possível para conciliar a Arte e a Bilheteria.

DIFICILMENTE empregamos o termo "fantástico" com tanta justeza como ao nos referirmos a esse filme. Cocteau o inicia convidando os espectadores a voltarem ao seu tempo de infância, onde a ingenuidade os fazia crer em tudo. Fazendo essa introdução, ele como que tenta justificar a sua obra, fazendo-nos retroceder à época em que nossos pensamentos inocentes imaginavam as figuras das histórias do tipo "era uma vez...".

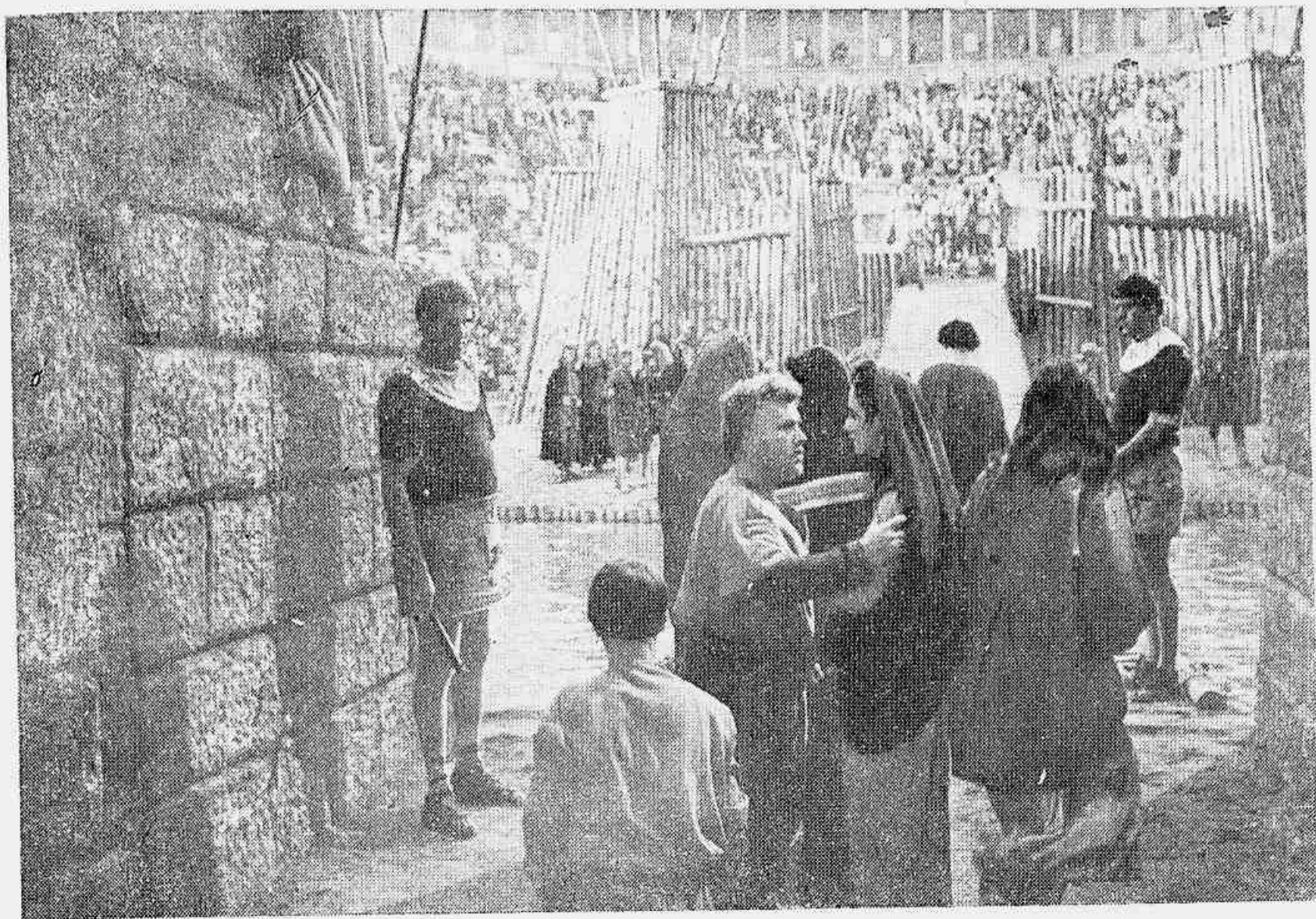
Escolhendo o conto de Madame Leprince de Beaumont, o próprio Cocteau fez a adaptação, os diálogos, e exerceu o cargo de diretor. Como cenarista, Cocteau pôde dar a forma desejada à história original, sem alterar-lhe os fatos, mas imprimindo-lhe um cunho surrealista; como dialoguista, não podia ser melhor, abreviando as palavras ao limite máximo, e como diretor pôde orgulhar-se de ter obtido de seus personagens a vida e o humanismo que lhes imprimiu na história. Esse maravilhoso conto de fadas adquiriu nova expressão. Não é um conto de fadas para crianças; Cocteau transformou-o em um conto de fadas para adultos. Todo o filme, de ponta a ponta, com exceção do final, onde, nos parece, o diretor abriu mão de uma concessão cinematográfica, é simples poesia, da mais pura e elevada poesia. No entanto, a glória, aqui, não cabe exclusivamente a Cocteau — embora seja ele o "águia de duas cabeças". Christian Berard, o planejador, tem grande parte desse crédito, formando um ambiente extraordinário, num misto de realismo e fantasia, especialmente fantasia, onde o fantástico se torna, por vezes, patético, criando aquela atmosfera não propriamente de mistério, mas de medo e pavor, que se transmite diretamente ao espectador. Henri Alekan, o fotógrafo, tem, neste trabalho, o melhor de sua carreira. Seus ângulos e suas lentes são manejadas com segurança e precisão, guiadas por um poeta, por um pintor que dá à sua obra um sentido plástico dos melhores que já vimos. Georges Auric, o responsável pela partitura, transforma em sons toda a reação íntima dos personagens, compondo a música, não só poética, para acompanhar o desenvolvimento da história, mas trágica, por vezes, borbulhante, nervosa, plácida, como se as notas fizessem parte de uma alma humana em decomposição, transformando-se em melodia para continuar, em sons de alta significação, a sua eterna luta do Bem e do Mal.

Voltando a Cocteau, sua narrativa mantém um ritmo sereno, suave. Sua linguagem é a de um poeta. Sente-se a rima em cada cena, em cada passagem, em cada corte. Cocteau não usa frases curtas e frases longas; quase todas as palavras parecem medidas. Cada gesto, cada passo, cada movimento, mantém aquela mesma cadência, deslizando, vagarosamente, quer em palavras, simples, ritmadas também, quer em imagens, banhadas pela suavidade transbordante de sua poesia. Os personagens movem-se na cena, embora construída dentro da fantasia, como personagens humanos, e até nas atitudes mais brutais, nas cenas mais violentas, eles não



Surrealismo e poesia

se desgarram do poema que Cocteau compôs, com a sua inteligência e a sua sensibilidade. Por vezes, sua linguagem é tão brilhante, tão fluida que dispõe apenas das imagens para transmitir toda a beleza de seu pensamento. E é aí onde se revela um cineasta, pois nos convence de que toda aquela fantasia, toda aquela imaginação, é passível de tornar-se real, de adquirir formas próprias. E acreditamos, por exemplo, que as lágrimas da Bela podem, realmente, escorrer por suas faces e transformar-se em brilhantes... Acreditamos também naquela paixão da Fera pela moça, tudo fazendo pelo seu bem-estar... Algumas vezes, Cocteau nos apresenta quadros verdadeiramente surrealistas, como a entrada do pai da Bela no Castelo, o medo estampado em seu rosto, e ele caminhando à medida que uns candelabros, seguros por uns braços que se movem, indicam-lhe o caminho, enquanto as velas vão se acendendo... A refeição que faz, ainda no Castelo, ao tentar segurar uma garrafa para despejar água no copo, e um braço, que sai do centro da mesa, move-se, bruscamente, e toma-lhe a garrafa das mãos para servi-lo. Os movimentos lentos e o silêncio transformam-se em pavor na fisionomia do velho. Por todo o Castelo, as estátuas, cujos olhos acompanham as figuras que passam, dão um aspecto sombrio ao ambiente lúgubre. As lufadas de vento, movendo as cortinas, ao longo do corredor, com movimentos cadenciados, obedecendo sempre ao embalo poético de suas frases. O muito de cinema que existe em "A Bela e a Fera" devemos-lo a Christian Berard; a poesia, a Cocteau. Os truques, que tornam possíveis a realização da fantasia, tomam nova feição, pois são apresentados dentro de uma atmosfera preconcebida, capaz de torná-los aceitáveis aos nossos olhos. Quanto às interpretações, podemos destacar, pela importância dos papéis, de vez que todos estão perfeitamente corretos, Jean Marais, especialmente quando encarna a Fera. A máscara que lhe fizeram, em seu próprio rosto, dá uma impressão perfeita de realidade. É, realmente, impressionante. Sua voz adquire nova tonalidade, e Marais tem apenas os olhos para expressar seus sentimentos. E até do brilho de seus olhos Cocteau arranca poesia. Josette Day, como a Bela, está deliciosamente linda e graciosa, e sua ternura e candidez são espontâneas e convincentes. Marcel André, Michel Aurlair, Mila Parély, Nane Germon completam o "cast" de forma eficiente. Diante disso, não seria necessária aquela advertência de Cocteau, logo no início, solicitando ao público para que se transporte aos tempos de meninos, convidando-o a uma visita no país da fantasia. Porque ele próprio nos conduz até lá.



Sessenta mil figurantes tomam parte em "Fabiola", película histórica dirigida por Alessandro Blasetti (Fotos Art-Films)

RECONSTRUÇÃO DE UMA ÉPOCA NO CINEMA

"Fabiola" nos leva a Roma dos séculos III e IV D.C., revelando em panorama a vida pública e privada dos cidadãos romanos. Foram feitas importantes reconstruções de lugares famosos como o Coliseu, o porto de Ostia, com um farol de 110 metros de altura, uma estátua do imperador Augusto, com 35 metros de alto, e foi construída uma grande basílica. A vila romana dos Fabios foi reconstruída com todos os seus detalhes de antigo esplendor, e os "herres Agrippina" são revividos como eram no Terceiro Século. A fazenda dos trajés, o couro das couraças e os sapatos da época, o cobre dos escudos, tudo foi feito com material de primeira qualidade, reproduzindo com perfeição os modelos romanos. Uma galera romana foi feita nos estaleiros de Ancio. A película compreende 87 decorações exteriores e interiores; os artistas são em número de 86, dentre os quais 25 são de primeira categoria. As cenas foram tomadas nos estúdios da Universal em Roma e Verona, e em locações à boca do rio Pô, em Ancio. Cerca de sessenta mil figurantes tomam parte na película. Oito meses de trabalho assíduo foi quanto durou a filmagem. As cenas desenroladas na fita no Coliseu de Roma foram, em realidade, tomadas nas arenas de Verona, que estão

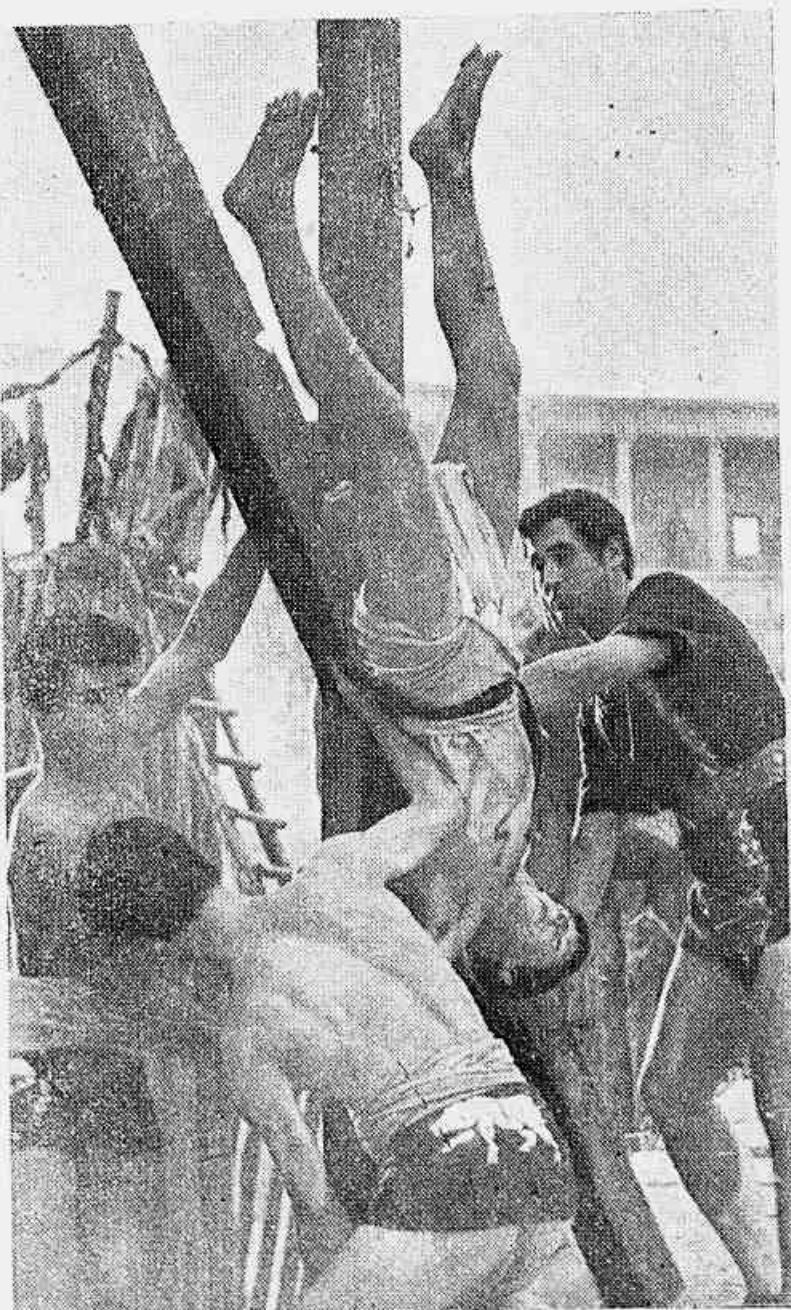
em um estado de conservação infinitamente superior e que podem conter ainda 50.000 espectadores. O cinema já apresentou em filmes inúmeras figurações, mas na Europa o exemplo de "Fabiola" é sem precedente e bate, inclusive, o "record" de comparação de obras bíblicas realizadas em Hollywood: sobre os palcos de produção foram reunidos às vezes 15.000 figurantes que, dispostos nas arquibancadas e tribunas do enorme circo, deram toda amplitude desejável às sequências mais espetaculares do filme.

Alessandro Blasetti, o realizador de "O coração manda" e "Um dia na vida", foi quem dirigiu a película, na qual Michele Morgan tem o papel principal. Henri Vidal encarna o atlético escravo que seduz e converte Fabiola. Michel Simon, o pai aristocrata, e Louis Salou (que faleceu quando eram rodadas as últimas cenas) faz um intrigante, completando o "cast" de primeira plana. Trinta cenaristas trabalharam na adaptação. Os diálogos foram escritos pelo dramaturgo Jean Anouilh. Seu orçamento inicial foi de seiscentas mil libras. Com os aumentos na realização monumental desta película histórica, sua despesa bruta montou a soma de 1 bilhão de libras.

Henri Vidal e Michele Morgan, a dupla central do filme



Cenas de violência são reproduzidas com fidelidade



CINE-DIE

NÃO ACEITAMOS COLABORAÇÕES:
QUEREMOS CONSERVAR O EMPREGO



Eis aí uma pequena capaz de virar a cabeça de qualquer um...

Uma artista célebre é aquela que namora um rapaz num filme, namora outro na vida real, costuma sair com outro, gosta de outro, e casa-se com outro — depois de divorciar-se de outro.

DEFINIÇÕES EM CINECOLOR

"Stand-in" é um indivíduo que ganha 5 dólares para levar um tapa em lugar de um "astro".



"Astro" é um indivíduo que ganha 5.000 dólares para que um "stand-in" leve um tapa em seu lugar.



A vida de Dalton

(Continuação da pág. 52)

Dalton fora eleito para a Real Sociedade da Inglaterra e para a Academia Francesa. Mas naquele mundo ele tinha de usar renda e observar atitudes artificiais. Sir Humphry lhe impusera a medalha real, e ele respondera com um discurso preparado e bombástico. A atmosfera estava sufocante. Os quadros não viam as medalhas com bons olhos. Era um alívio tornar à sua vida anterior.

O mundo entretanto, não queria deixá-lo em paz. Dalton se convertera num peixinho dourado a nadar no vaso transparente da sua fama. Fora de Manchester, toda a gente queria conhecer o "ilustre autor da Teoria Atômica". Os visitantes acorriam em bandos ao seu santuário. Entre esses visitantes estava o sábio M. Pelletier, que com a sua ardente imaginação gaulesa tentara prefigurar o encontro com John Dalton. Sem a menor dúvida, o grande Mr. Dalton devia ser o cidadão mais opulento e conspícuo de Manchester, e ocupar aposentos oficiais numa vasta universidade consagrada à ciência — uma instituição algo parecida com o seu Collège de France, ou com a Sorbonne — um lugar de auditórios apinhados onde Mr. Dalton pronunciava conferências sobre química superior e recebia com uma mesura as sucessivas e tremendas vagas de aplausos. Era assim que M. Pelletier imaginava John Dalton. Chegando a Manchester, ficou assombrado por não poder encontrar o paradeiro de Dalton. Ninguém parecia ter ouvido falar nele. Depois de diligentes indagações, contudo, Pelletier foi levado a uma viela e introduzido na sala dos fundos de uma casa pequena e arruinada. Deu com um homem idoso, a olhar por cima dos ombros de um garoto que "fazia contas" numa ardósia. Os olhos de M. Pelletier quase saltaram das órbitas.

— Tenho a honra de falar a Mr. Dalton? — perguntou.

— Sim — respondeu o honesto quacre. — Tenha a bondade de sentar-se enquanto ensino aritmética a este menino.

VI

Por algum tempo não houve nada que conseguisse afastar Dalton de Manchester. Sir Humphry Davy convidou-o a tomar parte numa expedição ao pólo, patrocinada pela Real Sociedade com o apoio do Almirantado. Essa proposta significava uma bela soma de dinheiro e um acréscimo de fama. Mas Dalton declinou o convite. "A idéia de trocar os hábitos regulares de uma existência sedentária pela vida no mar", escreveu em explicação, "contrabalança qualquer atractivo que o plano me ofereça".

Por fim se deixou atrair mais uma vez pelo mundo. E a tentadora foi a cidade de Paris. Ali conheceu a dois dos mais famosos cientistas do seu tempo, Humboldt e Laplace. Entre as formalidades cortesias dos chás sociais, os três cientistas discutiam os segredos dos céus ou as substâncias da terra. Onde quer que fosse, Dalton era o leão do dia. Quando entrou no sagrado recinto do Instituto, o presidente e todos os membros se levantaram como um só homem e inclinaram-se — honra que não fora concedida nem ao grande Napoleão quando este tomara assento entre os famosos "quarenta". Todos o apontavam quando passava pelas ruas ou entrava num edifício público. E durante a sua passagem triunfal por Paris andou sempre acompanhado por Mlle. Clémentine Cuvier, filha única do eminente cientista. "Ah, era uma linda rapariga!", observava ele muito tempo depois. "Tratava-me como se fosse minha filha".

Voltando do seu triunfo em Paris, Dalton pôs de lado as recordações sentimentais e recomeçou "a perpétua luta do espírito contra a poderosa fortaleza da ignorância". E, à medida que os seus anos e trabalhos se acumulavam, os amigos começavam a notar a semelhança cada vez mais acentuada entre o seu rosto e o de outro grande cientista. Certa noite um conhecido seu, chamado Mr. Ransome, foi visitá-lo e encontrou-o sentado com um gato sobre os joelhos, um jornal sobre a mesa e um busto de gesso ao lado. Mr. Ransome tomou o busto e examinou-o atentamente.

— Estimo que tenha mandado fazer esta reprodução de suas feições, Mr. Dalton. A posteridade nunca deixará de ser-lhe agradecida por esse cuidado de sua parte.

— Mas não é a minha imagem que o senhor está olhando — respondeu o químico, muito divertido. — É a de Sir Isaac Newton.

— Que notável semelhança! — exclamou Mr. Ransome. — Eu diria mesmo que é uma semelhança milagrosa.

— Não há nenhum milagre nisso — tornou Dalton sorrindo. — Pois o senhor vê, meu amigo: foi o mesmo Espírito que modelou as feições de ambos.

VII

Todas as vidas passam com demasiada rapidez. Algumas anedotas, um ou dois momentos de jovialidade, uma revoadada noturna de pesares, e depois o fim. O quacre de meias escuras, sapatos de fiavelas, e lenço branco ao pescoço, seguia lentamente o seu caminho batendo com a bengala no chão, até o fim da rua, até a última e sombria esquina onde termina o futuro na metrópole anônima dos mortos. Tentou deter os seus passos por meio de medicamentos, na esperança de se demorar mais um pouco entre as pessoas a que tanto queria. Mas os remédios de nada lhe valeram. As amizades, e as distinções de um mundo reverente, de nada serviram. Tinham inscrito o seu nome em letras rutilantes nos anais das academias científicas de Berlim, Munich, Moscou. E tinham intercedido junto ao rei da Grã-Bretanha para que lhe concedesse uma pensão. E levantaram-se fundos para lhe "capturar os passos numa armadilha de gesso" e erigir uma estátua de mármore à sua glória eterna. Sombrio gracejo para um mortal em seus últimos dias — uma substância em decomposição, arremedada por sua sombra sólida.

Completaram os planos e escolheram o escultor para fazer a estátua. Tomaram-lhe "o perfil em tamanho natural... e depois esboçaram-lhe o retrato de frente". Fizeram-no andar pelo apartamento do escultor, mostrando-lhe bustos e estátuas sem conta. Deixaram-no descansar na terça-feira dizendo-lhe que na quarta-feira havia de ver a sua cabeça modelada em argila. Dalton já se sentia incorporado às fileiras das múmias ilustres. Terminada a estátua, ele apontou-a tristemente:

— Ali é que está o grande químico Dalton. Quanto a mim, sou apenas a aparência vã de um homem.

Sofreu um ataque de paralisia e restabeleceu-se parcialmente, voltando aos fogos do laboratório. Mas o fogo da sua vida se extinguia lentamente.

E uma noite, pouco depois de terminada a estátua, ele entrou cambaleando no laboratório e procurou, às apalpadelas, o livro em que registrava as observações do tempo. Noite após noite, durante cinquenta anos, a mesma atenção rigorosa a essa humilde tarefa. Perto de 200.000 anotações. Viu a hora — um quarto para as nove. Era precisamente a essa hora que todas as noites ele tomava os seus apontamentos. Agarrou a pena. Sua mão tremia. Anotou o estado do barômetro, consignou a temperatura, e depois escreveu na última coluna: "Pouca chuva esta...". Seu criado permanecia imóvel ao lado, esperando. Dalton cabeceou e principiou a largar a pena. De repente sacudiu-se do seu torpor. Lembrou-se que não havia terminado a frase. Pegando mais uma vez a pena com os dedos trêmulos, escreveu a palavra final: "...noite".

E passou a noite, e veio a manhã. Mas os olhos de Dalton continuavam fechados.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

A decadência...

(Continuação da pág. 55)

tempo. E fechou os olhos, depois de um bocejo...

O repórter pensou em convidá-los a posar para uma chapa, mas resolveu desistir do intento...

Afinal de contas... p'ra quê mais fotografias de quem é considerado, por toda a imprensa mundial, o melhor volante do mundo?...

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÓRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

★

Preço: Cr\$ 25,00 sem mais despesas

★

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA

Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1055 SANTOS (Est. São Paulo)



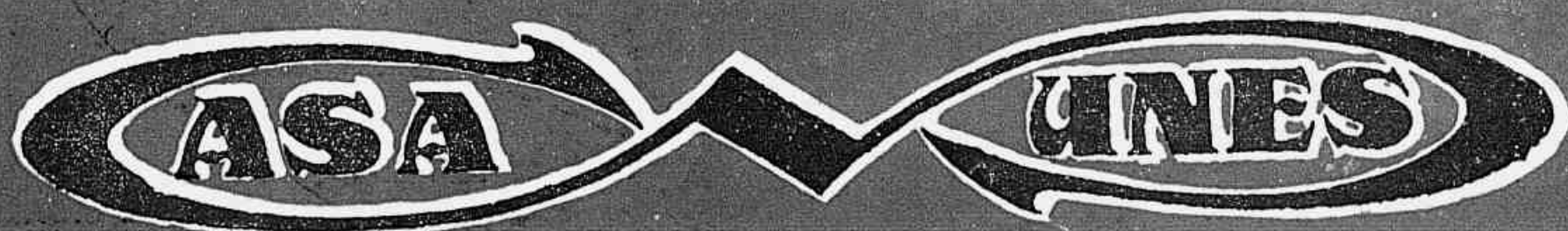
INTERIORES



PARA
DECORAÇÕES DE GOSTO

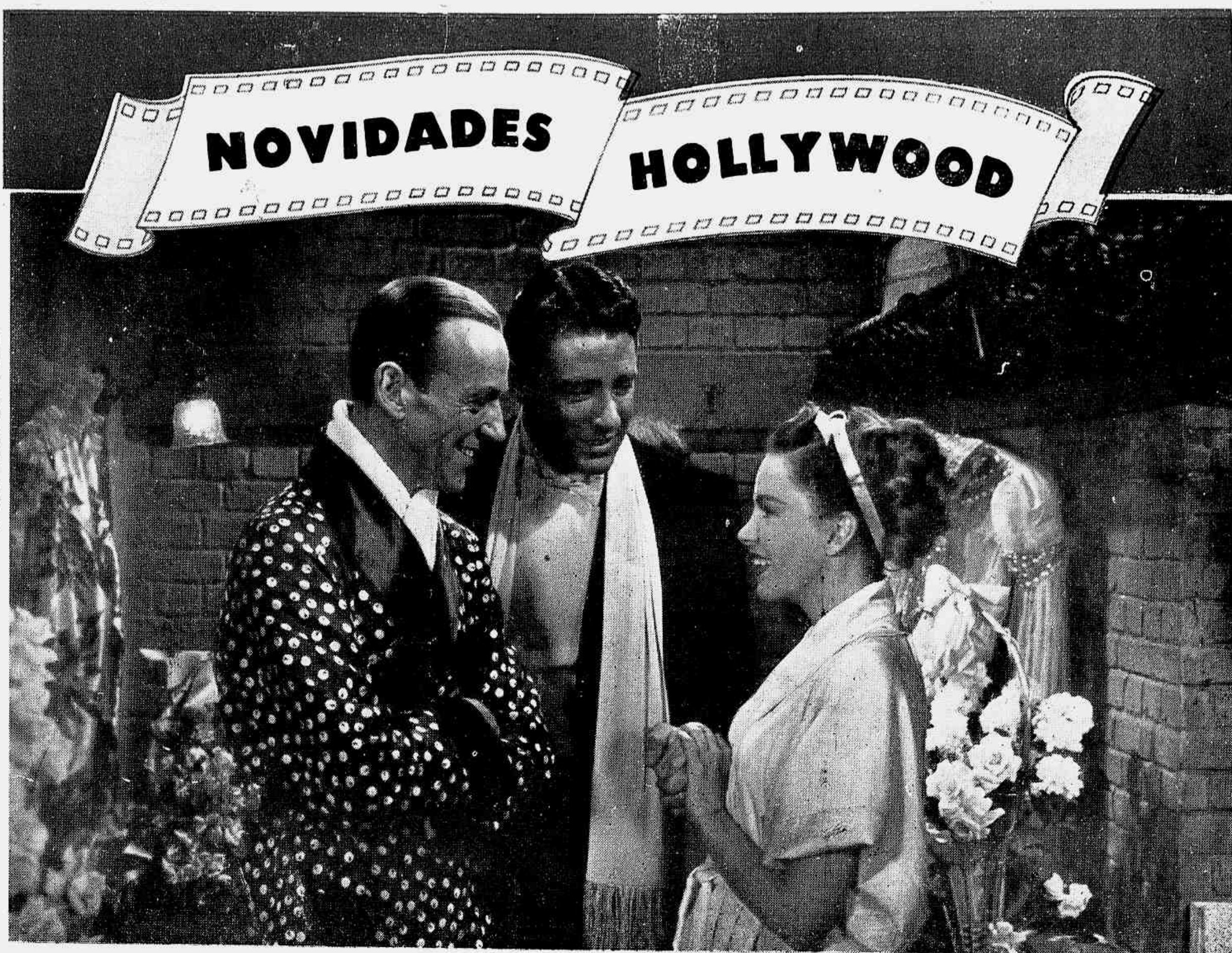
APROVEITE AS SUGESTÕES GRATIS
DOS TÉCNICOS - DECORADORES

DA



65 - RUA DA CARIOCA 67

Orçamentos e Projetos sem Compromisso



Hollywood • Calif. Judy Garland aparece pela primeira vez num filme com Fred Astaire que esteve dois anos afastado "studios". E "Desfile de Páscoa", que apresenta igualmente Ann Miller e Peter Lawford está fazendo furor. Brevemente êsse grande filme da Metro alcançará o mesmo sucesso no Brasil.

Os astros do cinema, e entre eles Judy Garland, Fred Astaire, Ann Miller e Peter Lawford têm a mesma atitude, quando fumam: exigem qualidade. E por isso fumam somente cigarros onde entra a alta qualidade de tabaco que é empregada nos cigarros Hollywood. Preferindo o cigarro Hollywood, você dá igual prova de bom gosto.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz

é sempre o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz